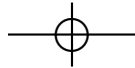
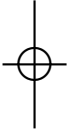


CRÔNICAS E CONTOS



copyright Editora Hedra LTDA
Direitos cedidos à Editora Mais e Melhores
edição brasileira® Mais e melhores 2021
organização® Alexandre Rosa

edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
editor assistente Paulo Henrique Pompermaier
capa e projeto gráfico Lucas Kröeff
ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

AXXX Almeida, Júlia Lopes de (1862–1934)
Contos e novelas / Júlia Lopes de Almeida. Org. de Rodrigo Jorge Ribeiro Neves. – Rio de Janeiro: Mais e melhores, 2021.
204 p.

ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

1. Literatura brasileira. 2. Conto brasileiro. 3. Novela brasileira I. Título. II. Almeida, Júlia Lopes de. III. Neves, Rodrigo Jorge Ribeiro.
CDU XXXXX

CDD XXXXX

Elaborado por Wanda Lucia Schmidt CRB-8-1922

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.



CRÔNICAS E CONTOS

Lima Barreto

Alexandre Rosa
(*organização e prefácio*)

1ª edição

「
hedra

」
São Paulo 2021



Lima Barreto Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.

Crônicas e contos Nam dui ligula, fringilla a, euismod sodales, sollicitudin vel, wisi. Morbi auctor lorem non justo. Nam lacus libero, pretium at, lobortis vitae, ultricies et, tellus. Donec aliquet, tortor sed accumsan bibendum, erat ligula aliquet magna, vitae ornare odio metus a mi. Morbi ac orci et nisl hendrerit mollis. Suspendisse ut massa. Cras nec ante. Pellentesque a nulla. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Aliquam tincidunt urna. Nulla ullamcorper vestibulum turpis. Pellentesque cursus luctus mauris.



Alexandre Rosa Nulla malesuada porttitor diam. Donec felis erat, congue non, volutpat at, tincidunt tristique, libero. Vivamus viverra fermentum felis. Donec nonummy pellentesque ante. Phasellus adipiscing semper elit. Proin fermentum massa ac quam. Sed diam turpis, molestie vitae, placerat a, molestie nec, leo. Maecenas lacinia. Nam ipsum ligula, eleifend at, accumsan nec, suscipit a, ipsum. Morbi blandit ligula feugiat magna. Nunc eleifend consequat lorem. Sed lacinia nulla vitae enim. Pellentesque tincidunt purus vel magna. Integer non enim. Praesent euismod nunc eu purus. Donec bibendum quam in tellus. Nullam cursus pulvinar lectus. Donec et mi. Nam vulputate metus eu enim. Vestibulum pellentesque felis eu massa.





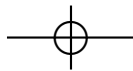
Sumário

Sobre o autor	9
Sobre o livro.	11
 CRÔNICAS	 13
 AUTOBIOGRAFIA.	 15
Maio	17
Esta minha letra	23
Elogio da morte	31
 COTIDIANO E VIDA NOS SUBÚRBIOS	 35
A polícia suburbana	37
O «muambeiro»	39
A carroça dos cachorros	41
Atribulações de um vendeiro.	43
Atribulações de um autor	45
O caso do mendigo	49
Os enterros de Inhaúma	55
Queixa de defunto	61
As enchentes	65
Coisas do jogo do «Bicho»	67
Feiras e «mafuás».	73
No «mafuá» dos padres	83
Paulino e o «mafuá».	85
Coisas de «mafuá»	87

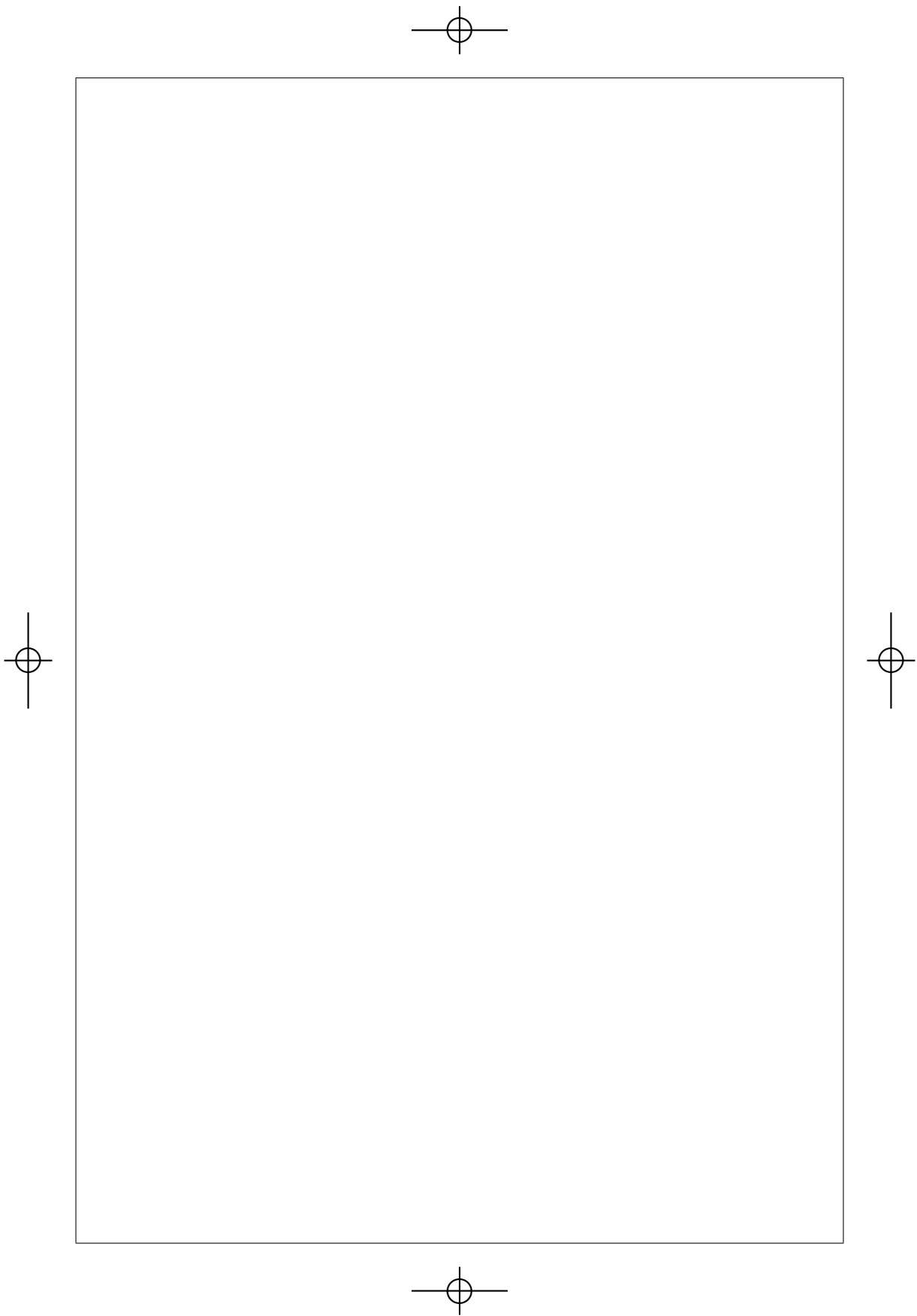




FUTEBOL, O TAL JOGO DE PONTAPÉS	91
Uma partida de <i>football</i>	93
O Haroldo	95
O ideal.	97
Macaquitos	99
 NOSSA POLÍTICA E NOSSOS POLÍTICOS	 101
«Encrenças» nacionais	103
País rico.	107
A política republicana.	109
Os cortes	113
O novo manifesto	115
Um candidato.	117
O café	121
O rico mendigo	123
 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	 125
A lei.	127
Não as matem	129
Lavar a honra, matando?.	133
Os matadores de mulheres	137
Mais uma vez	139
 HUMOR	 145
A cartomante	147
A pescaria	151
Rocha, o guerreiro	153
O Gambá	155
Pedra & Moskowa	159
Percalços da farda.	161



CONTOS.	163
O homem que sabia javanês	165
A nova Califórnia	179
Como o «homem» chegou	193
Hussein Bem-Áli Al-Bálec e Miquéias Habacuc	217
A barganha	235
Cló	245
Clara dos Anjos	263
O Filho de Gabriela.	277
O Pecado	291
O cemitério	295
Milagre do Natal.	299
Quase ela deu o «sim»	309
O Jornalista	315
O Número da Sepultura	323
Numa e a Ninfa	335



Sobre o autor

Afonso Henriques de Lima Barreto, ou simplesmente Lima Barreto, nasceu no simbólico dia 13 de maio de 1881 — sete anos antes da Abolição formal da escravidão no Brasil. Tanto sua avó materna quanto paterna foram mulheres escravizadas. Sua mãe, Amália Augusta Pereira de Carvalho, foi professora de primeiras letras em uma escola que funcionava em sua própria casa. O pai de Lima Barreto, João Henriques de Lima Barreto, conseguiu se destacar como um profissional importante no ramo da imprensa, trabalhando como tipógrafo.

Lima Barreto, graça aos esforços dos pais, recebeu uma educação de ótima qualidade, embora tenha perdido a mãe quando ainda tinha seis anos de idade. Estudou nos melhores colégios do Rio de Janeiro e chegou a cursar a Faculdade de Engenharia da Escola Politécnica, da qual abandonou sem conseguir se formar. Tal abandono se deu em virtude de uma grave doença mental que deixou o pai incapacitado, além de constantes reprovações em algumas disciplinas na Faculdade. A necessidade de assumir a responsabilidade financeira de sua casa — com o pai doente e mais três irmãos para cuidar — pesou definitivamente para desistência do curso.

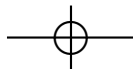
Lima Barreto prestou concurso para a Secretaria do Ministério da Guerra, onde trabalhou até se aposentar por invalidez, com graves problemas psicológicos devidos ao abuso do álcool, que o levou a mais de uma internação no “Hospício”, o Hospital Nacional de Alienados.



Como escritor foi um dos maiores de nossa literatura. Iniciou sua carreira ainda como estudante da Escola Politécnica, publicando pequenos textos nos jornais estudantis. E nunca mais parou. Escreveu romances, contos, crônicas, artigos de jornal, ensaios de crítica literária.

Combateu de frente, com suas palavras e ideias, os desmandos dos poderosos, denunciando a corrupção dos políticos, a ganância dos ricos, a ingerência do Estado frente à miséria do povo, a violência contra as mulheres e o racismo. Este último tema com especial envolvimento, pois, como todo homem negro, sofreu muito com o preconceito expressou tal sofrimento por quase toda sua obra.

Lima Barreto é um autor extremamente necessário nos dias de hoje; um verdadeiro rebelde contra os inimigos do povo. Lendo alguns de seus textos temos a impressão de que foram escritos por um autor nosso contemporâneo, tanto pelo estilo quanto pelos problemas que procura levantar. Desejamos aos leitores e leitoras um ótimo encontro com este escritor tão essencial para se compreender o Brasil.



Sobre o livro

A presente Antologia reúne crônicas e contos de Lima Barreto. A grande maioria desses textos foi publicada em jornais e revistas da época, que posteriormente foram agrupados em livros e coletâneas. A seleção que a leitora e o leitor têm em mãos foi dividida em duas partes — Crônicas e Contos.

A primeira parte, dedicada às crônicas, foi pensada de modo a reunir os textos em pequenos conjuntos temáticos. Tais conjuntos vêm precedidos por subtítulos. A ideia é apresentar o escritor de uma forma mais leve, com textos curtos e linguagem fluída. Ao mesmo tempo, convidando a leitora e o leitor a refletir sobre alguns dos principais temas que Lima Barreto desenvolveu ao longo de sua vida, tanto na atividade jornalística quanto em sua prosa de ficção, além de ir criando intimidade com o estilo do autor.

Alguns temas que organizam essa primeira parte da Antologia são: *Autobiografia*; *Cotidiano e vida nos subúrbios*; *Futebol*; *Nossa Política e nossos políticos*; *Violência contra as mulheres* e *Humor*.

A segunda parte da Antologia reúne o que de mais significativo Lima Barreto escreveu sob o gênero conto. São deste escritor alguns dos principais textos escritos, no Brasil, dentro desta modalidade de narrativa curta: “O homem que sabia javanês”, “A nova Califórnia” e “Como o ‘homem’ chegou” podem ser considerados como grandes realizações do conto brasileiro.



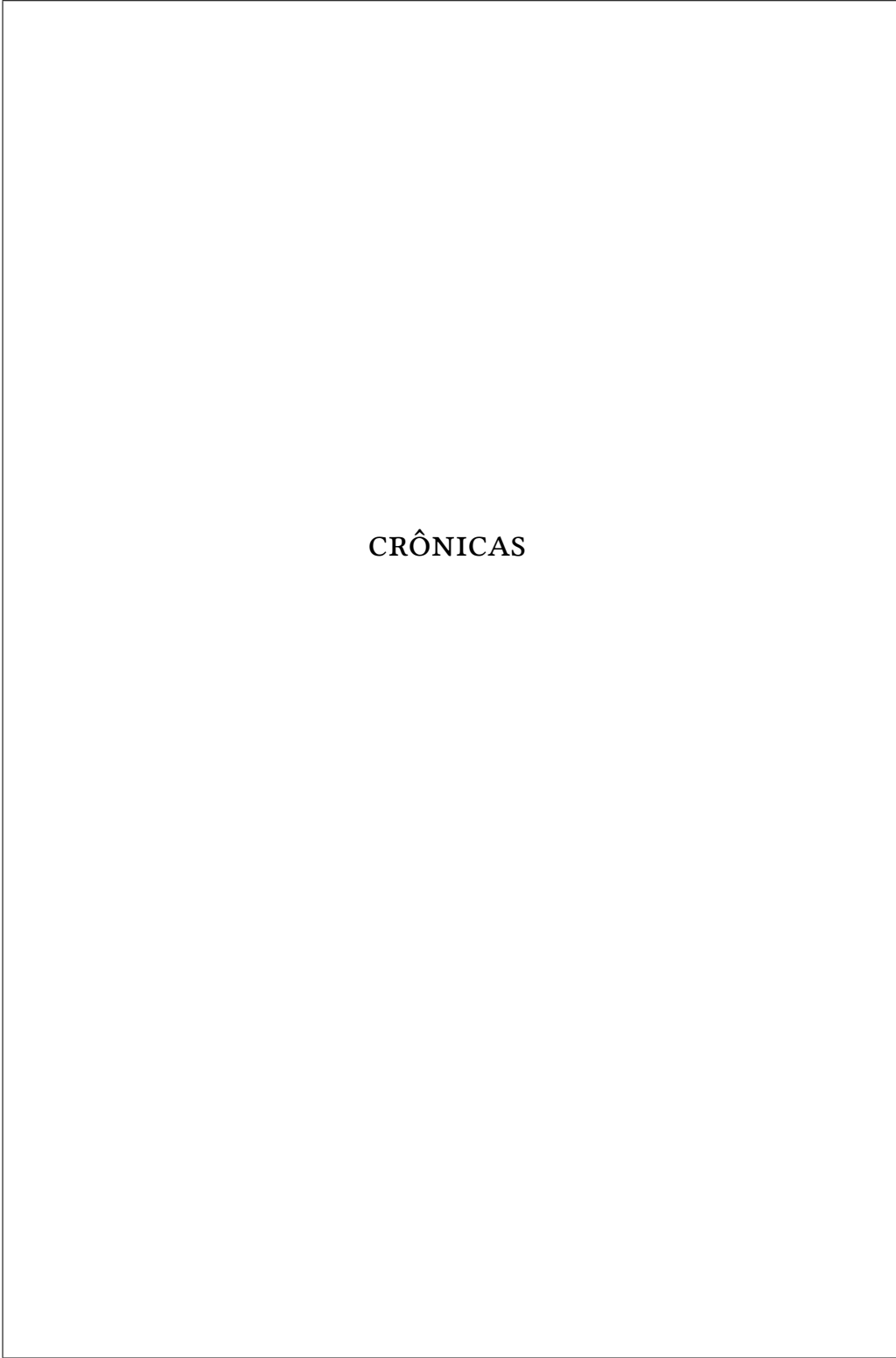
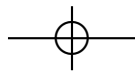
Nessa parte do livro, leitoras e leitores entrarão em contato com a produção ficcional propriamente dita de Lima Barreto; algo para o qual já vinham sendo preparados com a leitura das crônicas e, principalmente, com o conjunto de textos selecionados na categoria *Humor*.

Os contos não precisam ser lidos necessariamente na ordem em que se encontram. Cada um concentra em si um universo particular daquilo que se convencionou chamar de problemas e dilemas da condição humana; e podemos dizer *da condição humana em geral e brasileira em particular*.

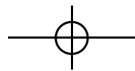
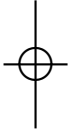
O livro gerou um número grande de notas de rodapé, principalmente para a contextualização de nomes de pessoas, localização geográfica, informações sobre obras literárias e outras obras artísticas, termos antigos ou específicos que não são mais utilizados hoje em dia, etc. Mesmo assim, as e os estudantes encontrarão algumas palavras que vão exigir uma consulta ao dicionário — físico ou virtual. Essa é também uma maneira de se habituar à leitura de textos mais antigos e contemporâneos, para uma melhor compreensão da totalidade daquilo que vai ser lido.

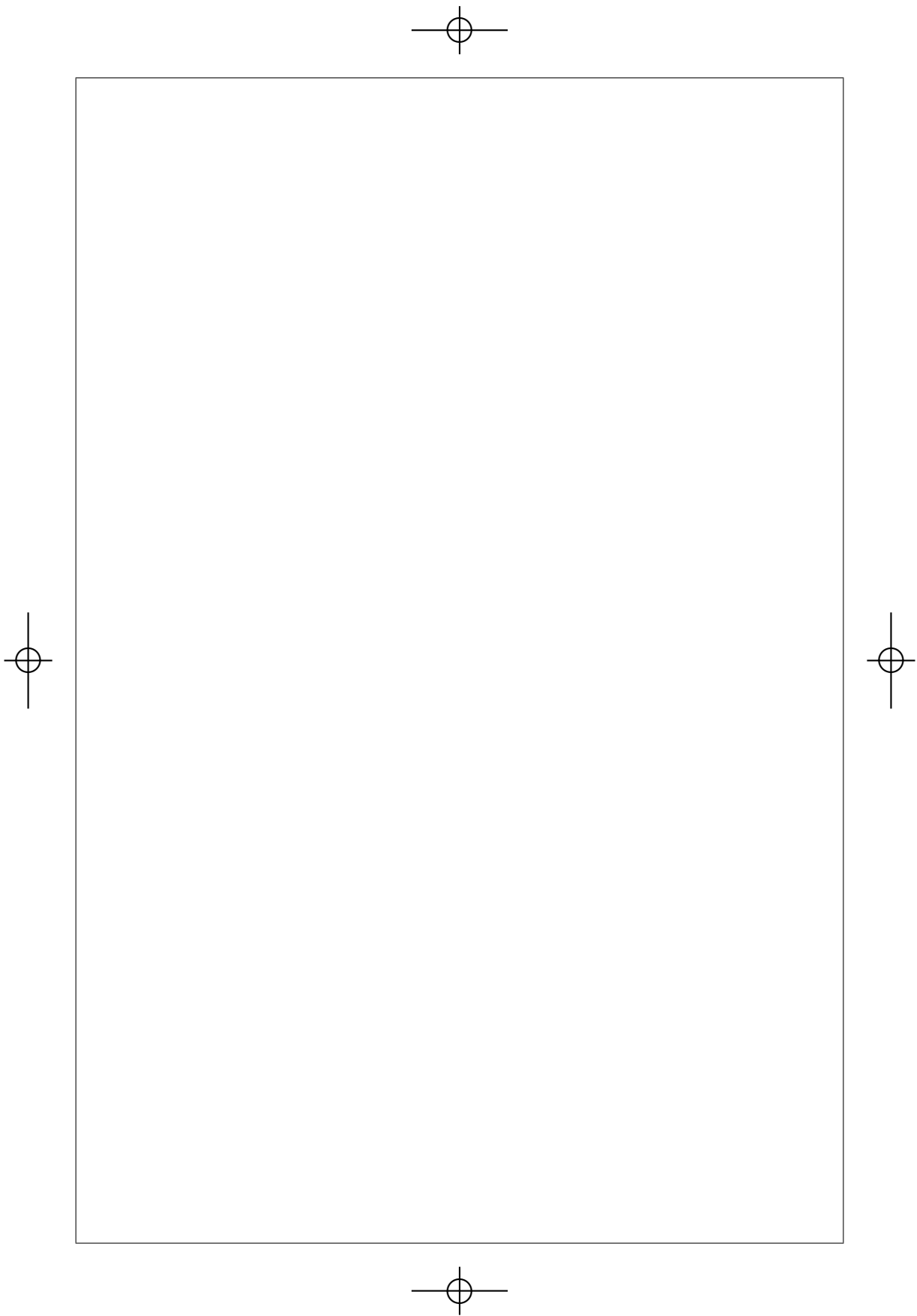
No final da Antologia preparamos outro texto mais extenso, no qual aparecem algumas informações complementares sobre o autor, o tempo em que viveu e uma abordagem sobre os dois gêneros literários que escolhemos para compor o livro: Crônicas e Contos. Desejamos a todas e todos os estudantes uma ótima leitura!

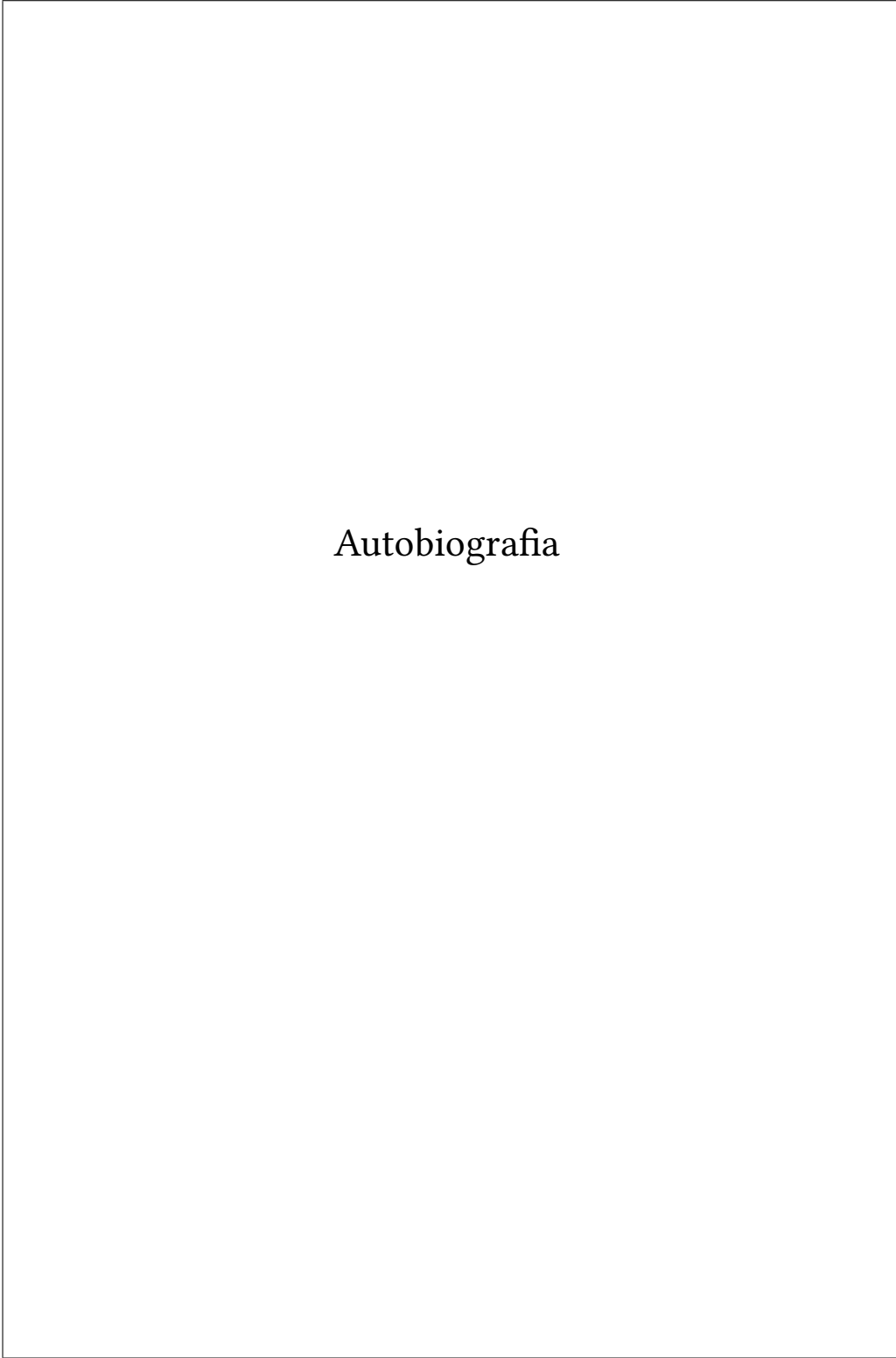
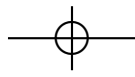




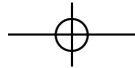
CRÔNICAS

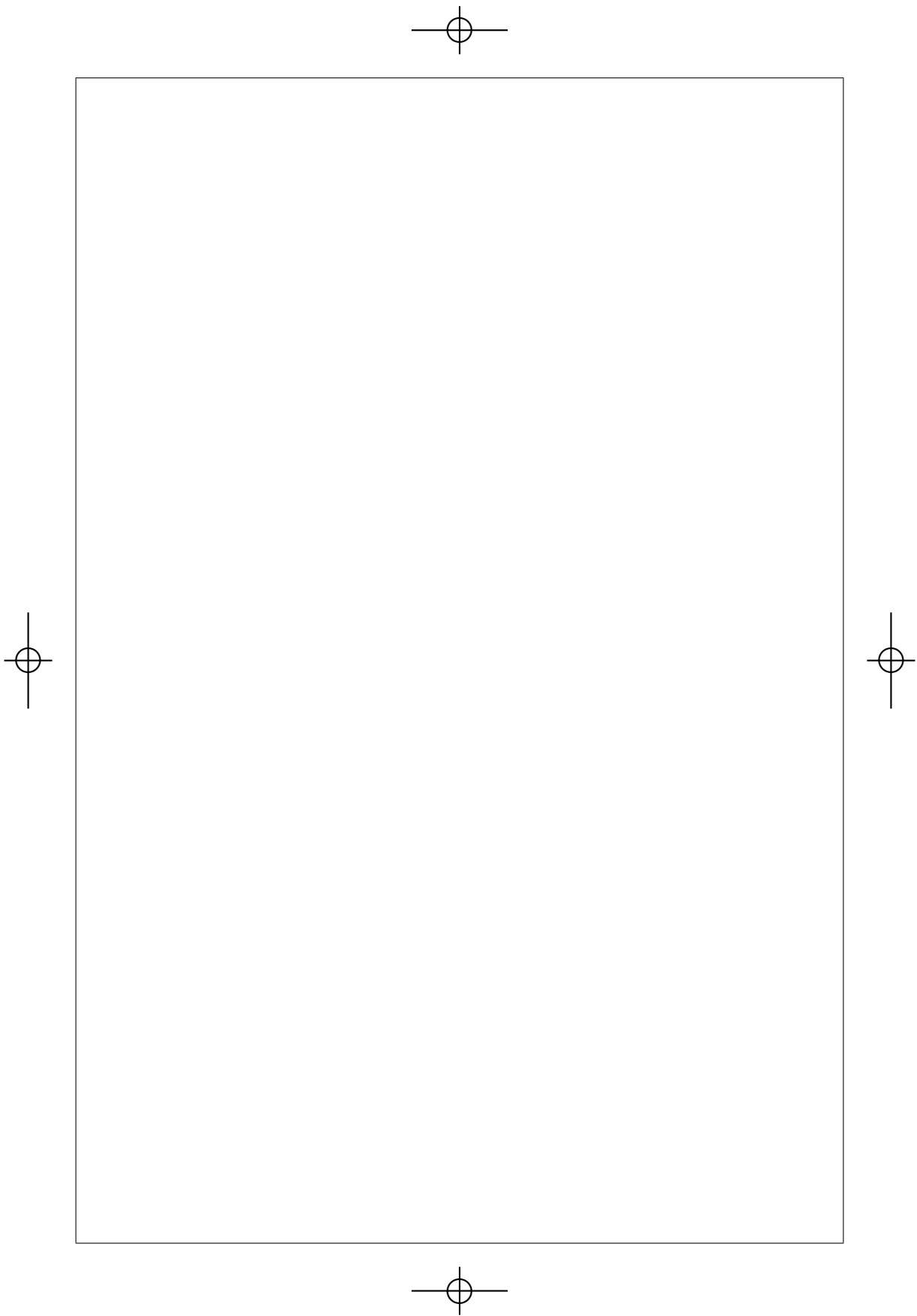






Autobiografia





Maio^{*}

Estamos em maio, o mês das flores, o mês sagrado pela poesia. Não é sem emoção que o vejo entrar. Há em minha alma um renovamento; as ambições desabrocham de novo e, de novo, me chegam revoadas de sonhos. Nasci sob o seu signo, a treze, e creio que em sexta-feira; e, por isso, também à emoção que o mês sagrado me traz, se misturam recordações da minha meninice.

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no largo do Paço.

Na minha lembrança desses acontecimentos, o edifício do antigo paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, um *sky-scraper*¹; e lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo.

Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio².

*. Publicado no jornal *Gazeta da Tarde* em 04/05/1911.

1. Palavra inglesa que significa “arranha-céu”. Na época em que Lima Barreto escreveu, não eram muitos os prédios existentes no Rio de Janeiro e nem tão altos como os de hoje em dia. Para conhecer um pouco dos edifícios e da paisagem urbana da cidade do Rio, consultar o site www.brasilianafotografica.bn.br.

2. Trata-se de José Carlos do Patrocínio, mais conhecido por José do Patrocínio. Foi um dos mais importantes membros do movimento abolicionista, que lutava pelo fim da escravidão no Brasil. De origem humilde, conseguiu se formar farmacêutico, mas fez carreira na imprensa, como jornalista republicano e também como grande orador.



Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas...

Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia.

Houve missa campal, no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a “Primeira Missa”, de Vitor Meireles³. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez... Houve o barulho de bandas de músicas, de bombas e girândolas, indispensável aos nossos regozijos; e houve também préstitos cívicos. Anjos despedaçando grilhões, alegrias toscas passaram lentamente pelas ruas. Construíram-se estrados para bailes populares; houve desfile de batalhões escolares e eu me lembro que vi a Princesa Imperial, na porta da atual Prefeitura, cercada de filhos, assistindo àquela fieira de numerosos soldados desfiar devagar. Devia ser de tarde, ao anoitecer.

3. Referência ao quadro “Primeira Missa no Brasil”, pintado pelo brasileiro Victor Meirelles, sob a técnica óleo sobre tela. Suas dimensões são 270 x 357 cm e demandou cerca de dois anos de trabalho — entre 1858 e 1860. A primeira apresentação do quadro ocorreu no aclamado Salão de Paris, no ano de 1861. Meirelles representa neste quadro aquele que foi considerado o primeiro evento realizado pela Igreja Católica na terra recém conquistada pelos portugueses e que viria a ser conhecida como Brasil. A missa foi celebrada por Frei Francisco Henrique de Coimbra, no dia 26 de abril de 1500. Os relatos estão presentes nas anotações de Pero Vaz de Caminha e serviram de inspiração para Victor Meirelles compor a obra.



Ela me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado. Nunca mais a vi e o Imperador⁴ nunca vi, mas me lembro dos seus carros, aqueles enormes carros dourados, puxados por quatro cavalos, com cocheiros montados e um criado à traseira.

Eu tinha então sete anos e o cativoiro não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.

Era bom saber se a alegria que trouxe à cidade a lei da abolição foi geral pelo país. Havia de ser, porque já tinha entrado na consciência de todos a injustiça originária da escravidão.

Quando fui para o colégio, um colégio público, à Rua do Resende, a alegria entre a criançada era grande. Nós não sabíamos o alcance da lei, mas a alegria ambiente nos tinha tomado.

A professora, Dona Teresa Pimentel do Amaral, uma senhora muito inteligente, a quem muito deve o meu espírito, creio que nos explicou a significação da coisa; mas com aquele feitio mental de criança, só uma coisa me ficou: livre! livre!

Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais limitação aos propósitos da nossa fantasia.

4. Dom Pedro II, aclamado o segundo Imperador do Brasil, só assumiu de fato o trono em 1841. Sua filha, a princesa Isabel, foi quem assinou a “Lei Áurea” em 13 de maio de 1888. Dom Pedro II governou o Brasil até o dia 15 de Novembro de 1889, quando a Monarquia veio a ser derrubada para a proclamação da República.



Parece que essa convicção era geral na meninada, porquanto um colega meu, depois de um castigo, me disse: “Vou dizer a papai que não quero voltar mais ao colégio. Não somos todos livres?”.

Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!

Dos jornais e folhetos distribuídos por aquela ocasião, eu me lembro de um pequeno jornal, publicado pelos tipógrafos da Casa Lombaerts⁵. Estava bem impresso, tinha umas vinhetas elzevirianas⁶, pequenos artigos e sonetos. Desses, dois eram dedicados a José do Patrocínio e o outro à Princesa. Eu me lembro, foi a minha primeira emoção poética a leitura dele. Intitulava-se “Princesa e Mãe” e ainda tenho de memória um dos versos:

“Houve um tempo, senhora, há muito já passado...”

São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo.

Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na alma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo relembrar, porém, traz sempre prazer.

Quanta ambição ele não mata! Primeiro são os sonhos de posição: com os dias e as horas e, a pouco e pouco, a gente vai descendo de ministro a amanuense; depois são os do Amor — oh! como se desce nesses! Os de saber,

5. A Casa Lombaerts & Cia foi uma importante livraria e editora criada no Rio de Janeiro, em 1853, pelo belga Jean-Baptiste Lombaerts e depois continuada por seu filho, Henri Gustave Lombaerts. A empresa funcionou até o ano de 1904, quando entrou em dificuldades financeiras e foi adquirida pela maior livraria da época, a Francisco Alves.

6. Um tipo de letra bastante usada na imprensa da época, também conhecida como “caracteres euzevirianos”



de erudição, vão caindo até ficarem reduzidos ao bondoso Larousse⁷. Viagens... Oh! As viagens! Ficamos a fazê-las nos nossos pobres quartos, com auxílio do Baedeker⁸ e outros livros complacentes.

Obras, satisfações, glórias, tudo se esvai e se esbate. Pelos trinta anos, a gente que se julgava Shakespeare, está rente que não passa de um “Mal das Vinhas”⁹ qualquer; tenazmente, porém, ficamos a viver, — esperando, esperando... o quê? O imprevisto, o que pode acontecer amanhã ou depois. Esperando os milagres do tempo e olhando o céu vazio de Deus ou Deuses, mas sempre olhando para ele, como o filósofo Guyau¹⁰.

Esperando, quem sabe se a sorte grande ou um tesouro oculto no quintal?

E maio volta... Há pelo ar blandícias e afagos; as coisas ligeiras têm mais poesia; os pássaros como que cantam melhor; o verde das encostas é mais macio; um forte fluxo de vida percorre e anima tudo...

7. Referência a Pierre Larousse (1817–1875), pedagogo e enciclopedista francês. Foi o criador do *Grand dictionnaire universel du XIX siècle* (Grande dicionário universal do século XIX), mais conhecido como a Grande Enciclopédia Larousse Cultural. Originalmente publicada na França a partir de 1863, se espalhou por boa parte do ocidente.

8. Karl Baedeker (1801–1859) foi um dos livreiros pioneiros na publicação de guias de viagens. Tornou-se mundialmente famoso após a publicação do “Guia de Viagem Baedeker”, que proporcionava aos turistas um conjunto de informações completas sobre transportes, alojamentos, postos turísticos, etc. Hoje em dia essas informações são facilmente encontradas através da internet e dos incontáveis guias de turismo existentes. Na época, foi uma grande invenção.

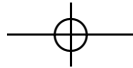
9. O mesmo que “Zé Ninguém” ou “João Ninguém”.

10. Trata-se do filósofo francês Jean-Marie Guyau (1854–1888). Seu livro “A arte do ponto de vista sociológico” exerceu grande influência em Lima Barreto, principalmente no que se diz respeito ao tema da “função da literatura na sociedade”.



O mês agosto e sagrado pela poesia e pela arte, jungido eternamente à marcha da Terra, volta; e os galhos da nossa alma que tinham sido amputados — os sonhos, enchem-se de brotos muito verdes, de um claro e macio verde de pelúcia, reverdecem mais uma vez, para de novo perderem as folhas, secarem, antes mesmo de chegar o tórrido dezembro.

E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixeiras e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados...



Esta minha letra^{*}

A minha letra é um bilhete de loteria. Às vezes ela me dá muito, outras vezes tira-me os últimos tostões da minha inteligência. Eu devia esta explicação aos meus leitores, porque, sob a minha responsabilidade, tem saído cada coisa de se tirar o chapéu. Não há folhetim¹ em que não venham coisas extraordinárias. Se, às vezes, não me põe mal com a gramática, põe-me em hostilidade com o bom senso e arrasta-me a dizer coisas descabidas. Ainda no último folhetim, além de um ou dois períodos completamente truncados e outras coisas, ela levou à compreensão dos meus raros leitores — grandeza — quando se tratava de pândega; num artigo que publiquei há dias na *Estação Teatral*, este então totalmente empastelado², havia coisas do arco-da-velha.

*. Publicado no jornal *Gazeta da Tarde* em 28/06/1911.

1. Na época em que Lima Barreto escrevia, os jornais ainda dedicavam um espaço para a literatura. Tal espaço era o **Folhetim** do jornal. Muitos livros que conhecemos hoje em dia foram publicados “em série” nos folhetins dos jornais. Daí a nomenclatura “romance de folhetim” ser muito utilizada na época. O mais famoso livro de Lima Barreto, “Triste fim de Policarpo Quaresma”, foi publicado nos folhetins do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1911. O autor se refere a alguma parte desse folhetim que, por causa de sua péssima letra, levou à confusão entre a palavra ‘grandeza’ e ‘pândega’.

2. O jornal *A Estação Teatral* circulou no Rio de Janeiro entre 1910 e 1912. Era voltado para as artes do Teatro, Música, Pintura e Cinema (que começava a nascer no Brasil). Lima Barreto colaborou com esse periódico escrevendo alguns artigos sobre teatro e pintura. Chegou a publicar uma peça de teatro, “Casa de Poetas — Comédia em um Ato”, na edição de 27 de maio de 1911. O artigo ao qual o autor se refere,



Aqui já saiu um folhetim meu, aquele que eu mais estimo, “Os galeões do México”, tão truncado, tão doido, que mais parecia delírio que coisa de homem são de espírito. Tive medo de ser recolhido ao hospício...

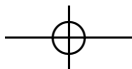
Que ela me levasse a incorrer na crítica gramatical da terra, vá; mas que me leve a dizer coisas contra a clara inteligência das coisas, contra o bom senso e o pensar honesto e com plena consciência do que estou fazendo! E não sei a razão por que a minha letra me trai de maneira tão insólita e inesperada. Não digo que sejam os tipógrafos ou os revisores; eu não digo que sejam eles que me fazem escrever “a exposição de palavras sinistras” quando se tratava de “exposição de projetos sinistros”. Não, não são eles, absolutamente não são eles. Nem eu. É a minha letra.

Estou nesta posição absolutamente inqualificável, original e pouco classificável: um homem que pensa uma coisa, quer ser escritor, mas a letra escreve outra coisa e asnática. Que hei de fazer?

Eu quero ser escritor, porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei os meus navios; deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras.

Não quero aqui fazer a minha biografia; basta, penso eu, que lhes diga que abandonei todos os caminhos, por esse das letras; e o fiz conscientemente, superiormente, sem nada de mais forte que me desviasse de qualquer outra ambição; e agora vem essa coisa de letra, esse último obstáculo, esse premente pesadelo, e não sei que hei de fazer!

muito provavelmente, chama-se “Qualquer coisa”, publicado na edição de 24 de junho de 1911. *A Estação Teatral* deixou de circular no início de 1912, por falta de recursos financeiros. Era costume na época dizer que um jornal foi “empastelado” quando entrava em falência ou quando era fechado pela polícia, algo bastante corriqueiro naquele tempo.



Abandonar o propósito; deixar a estrada desembarçada a todos os gênios explosivos e econômicos de que esses Brasis e os políticos nos abarrotam?

É duro fazê-lo, depois de quase dez anos de trabalho, de esforço contínuo e — por que não dizer? — de estudo, sofrimento e humilhações. Mude de letra, disse-me alguém.

É curioso. Como se eu pudesse ficar bonito, só pelo fato de querer.

Ora, esse meu conselheiro é um dos homens mais simples que eu conheço. Mudar de letra! Onde é que ele viu isso? Com certeza ele não disse isso ao Sr. Alcindo Guanabara³, cuja letra é famosa nos jornais. Que o fizesse, com certeza, ele não diria ao Sr. Machado de Assis também. O motivo é simples: o Sr. Alcindo é o chefe, é príncipe do jornalismo, é deputado; e Machado de Assis era grande chanceler das letras, homem aclamado e considerado; ambos, portanto, não podiam mudar de letra; mas eu, pobre autor de um livresco, eu que não sou nem doutor em qualquer história — eu, decerto, tenho o dever e posso mudar de letra.

Outro conselheiro (são sempre pessoas a quem faço reclamações sobre os erros) disse-me: escreva em máquina⁴. Ponho de parte o custo de um desses desgraciosos aparelhos, e lembro aqui os senhores que aquilo é fatigante, cansa muito e obrigava-me ao trabalho nauseante de fazer um artigo duas vezes: escrever a pena e passar a limpo em máquina.

O mais interessante é que a minha letra, além de me ter emprestado uma razoável estupidez, fez-me arranjar inimigos. Não tenho a indiferença que toda a gente tem

3. Alcindo Guanabara (1865–1918) foi um dos mais importantes jornalistas da época.

4. Referência à máquina de escrever, praticamente inexistente hoje em dia.



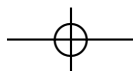
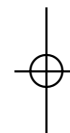
pelos inimigos; se não tenho medo, não sou neutro diante deles; mas isso de ter inimigos só por causa da letra, é de espantar, é de mortificar.

Já não posso entrar na revisão e nas oficinas aqui da casa. Logo na entrada percebo a hostilidade muda contra mim e me apavoro. Se fosse no cenáculo do Garnier⁵ ou em outro qualquer, seria bom; se fosse mesmo no salão literário do Coelho Neto⁶, eu ficaria contente; entre aqueles homens simples, porém, com os quais eu não compito em nada, é para a gente julgar-se um monstro, um peste, um flagelo. E tudo isso por quê? Por causa da minha letra. Desespero decididamente.

De manhã, quando recebo a *Gazeta* ou outra publicação em que haja coisas minhas, eu me encho de medo, e é com medo que começo a ler o artigo que firmo com a responsabilidade do meu humilde nome. A continuação

5. Essa história começa com a migração para o Brasil, em 1844, do livreiro francês Baptiste-Louis Garnier. Habilidoso comerciante de livros, Garnier impulsionou o mercado livreiro ao instalar no Rio de Janeiro uma sede da famosa livraria francesa. Com seu falecimento, em 1893, seu irmão, Hippolyte Garnier, que jamais veio ao Brasil, assumiu a direção comercial da empresa e enviou um sobrinho para cuidar da matriz brasileira. Em 1901, foi inaugurada uma nova e magnífica sede da livraria Garnier, que rapidamente virou o grande ponto de encontro (cenáculo) de escritores e jornalistas. Lima Barreto escreveu um artigo quando da morte de Hippolyte Garnier, em 1911, que se chama “O Garnier Morreu”, publicada no jornal *Gazeta da Tarde*, em 07 de agosto de 1911.

6. Henrique Maximiano Coelho Neto. Nasceu no estado do Maranhão em 1864, mas viveu boa parte de sua vida no Rio de Janeiro. Um dos mais célebres escritores brasileiros do início do século XX. Escreveu dezenas de romances, além de contos, peças teatrais, artigos jornalísticos. Faleceu no Rio de Janeiro em 1934. Lima Barreto não gostava da literatura de Coelho Neto e contra ele escreveu inúmeros textos. Um excelente livro que analisa a relação literária entre os dois escritores é o “Lima Barreto e Coelho Neto: um Fla-Flu literário”, escrito pelo pesquisador Mauro Rosso.



da leitura é então um suplício. Tenho vontade de chorar, de matar, de suicidar-me; todos os desejos me passam pela alma e todas as tragédias vejo diante dos olhos. Salto da cadeira, atiro o jornal ao chão, rasgo-o; é um inferno.

Eu não sei se todos nos jornais têm boa caligrafia. Certamente, hão de ter e os seus originais devem chegar à tipografia quase impressos. Nas letras, porém, não é assim.

Eu não cito autores, porque citar autores só se pode fazer aos ilustres, e seria demasia eu me pôr em paralelo com eles, mesmo sendo em negócio de caligrafia. Deixo-os de parte e só quero lembrar os que escreveram grandes obras, belas, corretas, até ao ponto em que as coisas humanas podem ser perfeitas. Como conseguiram isso?

Não sei; mas há de haver quem o saiba e espero encontrar esse alguém para explicar-me.

De tal modo essa questão de letra está implicando com o meu futuro que eu já penso em casar-me. Hão de surpreender-se em ver estas duas coisas misturadas: boa letra e casamento. O motivo é muito simples e vou explicar a gênese da associação com toda a clareza de detalhes.

Foi um dia destes. Eu vinha de trem muito aborrecido porque saíra o meu folhetim todo errado. O aspecto desordenado dos nossos subúrbios ia se desenrolando aos meus olhos; o trem se enchia da mais fina flor da aristocracia dos subúrbios. Os senhores com certeza não sabiam que os subúrbios têm uma aristocracia.

Pois têm. É uma aristocracia curiosa, em cuja composição entrou uma grande parte dos elementos médios da cidade inteira: funcionários de pequena categoria, chefes de oficinas, pequenos militares, médicos de fracos rendimentos, advogados sem causa etc.

Iam entrando com a “morgue” que caracteriza uma aristocracia de tal antiguidade e tão fortes rendimentos, quando



uma moça, carregada de lápis, penas, réguas, cadernos, livros, entrou também e veio sentar-se a meu lado.

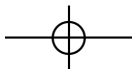
Não era feia, mas não era bela. Tinha umas feições miúdas, um triste olhar pardo de fraco brilho, uns cabelos pouco abundantes, um colo deprimido e pouco cheio. Tudo nela era pequenino, modesto; mas era, afinal, bonitinha, como lá dizem os namorados.

Olhei-a com o temor com que sempre olho as damas e continuei a mastigar as minhas mágoas.

Num dado momento, ela puxou um dos muitos cadernos que trazia, abriu-o, dobrou-o e pôs-se a ler. Que não me levem a mal o *Binóculo* e a *Nota Chic*⁷ e não deitem por isso excomunhão sobre mim! Sei bem que não é de boa educação ler o que os outros estão lendo ao nosso lado; mas não me contive e deitei uma olhadela, tanto mais (notem bem os senhores do *Binóculo* e da *Nota Chic*) que, me pareceu, a moça o fazia para ralar-me de inveja ou encher-me de admiração por ela.

Tratava-se de álgebra, e as mulheres têm pela matemática uma fascinação de ídolo inacessível. Foi, portanto, para mostrar-me que ela o ia atingindo que desdobrou o

7. O *Binóculo* era uma coluna do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Criada pelo jornalista Figueiredo Pimentel e que circulou entre 1907 e 1914. Tratava-se do que conhecemos hoje como “coluna social”, na qual aparecem reportagens sobre as ‘celebridades’. O público mais cativo da coluna era o feminino. Lima Barreto também implicava e criticava muito os jornalistas e as matérias que eram escritas para o *Binóculo*, por considerar que só tratavam de coisas fúteis. A *Nota “chic”* (hoje escreve-se chique), também era uma coluna da *Gazeta de Notícias*, menor e menos importante do que o *Binóculo* e que consistia em parabenizar alguma pessoa ou evento que aconteceu. Basicamente seguia esse esquema: “A nota ‘chic’ de hoje é incontestavelmente a estreia do primeiro tenor da companhia Marchetti — Alessandrini, que nos aparecerá numa opereta nova para o Rio — “Valsa do Amor”, do maestro Ziehrer”. (trecho extraído da edição de 29 de junho de 1910).



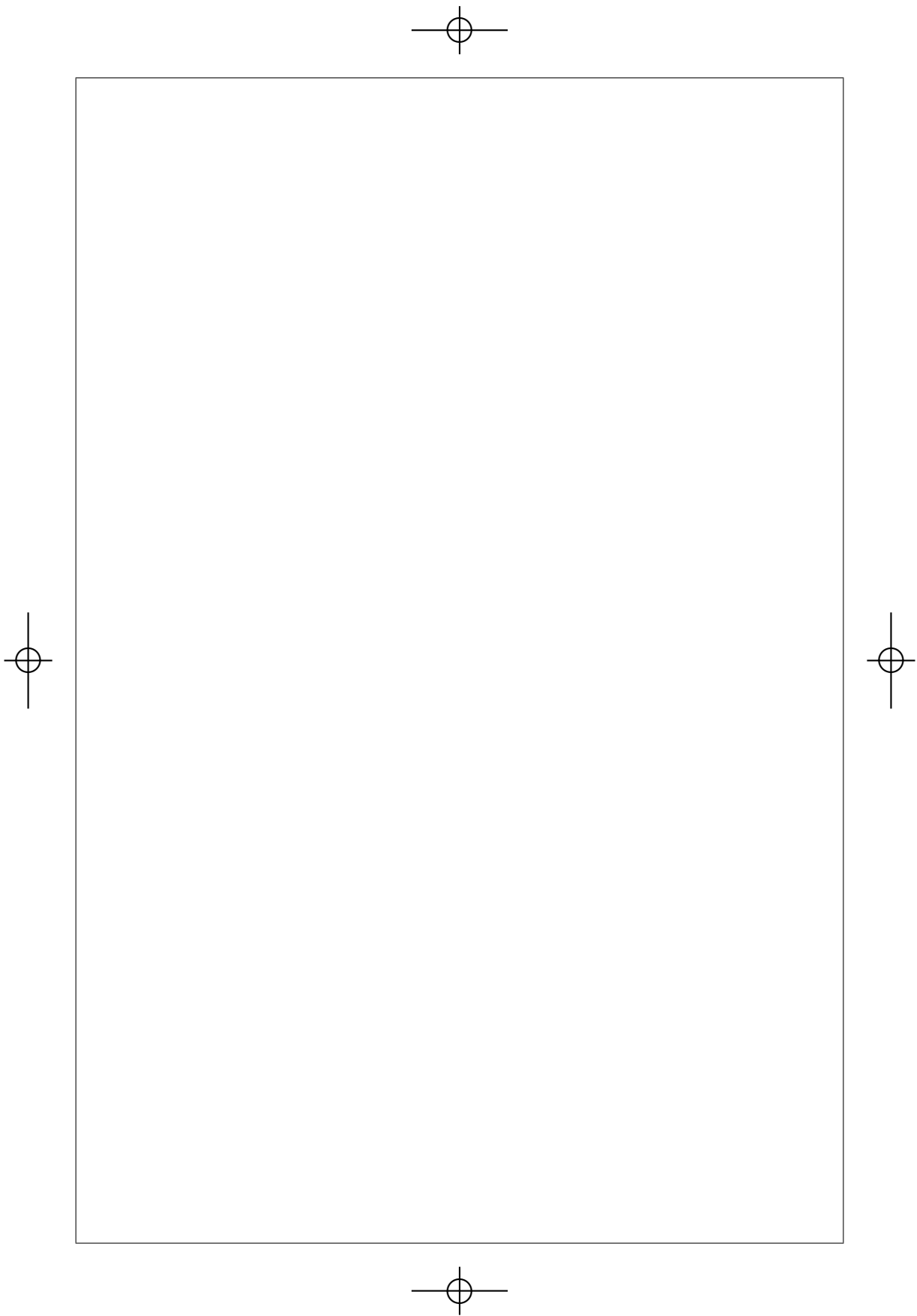
caderno; ou então para dizer-me sem palavras: Veja, você, seu homem! Você anda de calças, mas não sabe isso... Ela se enganava um pouco.

Mas... como dizia: olhei o caderno e o que vi, meu Deus! Uma letra, um cursivo irrepreensível, com todos os tracinhos, com todas as filigranas. Os “tt” muito bem traçados — uma maravilha!

Ah! pensei eu. Se essa moça se quisesse casar comigo, como eu não seria feliz? Como diminuiriam os meus inimigos e as tolices que são escritas por minha conta? Copiava-me os artigos e...

Quis namorá-la, mas não sei namorar, não só porque não sei, como também porque tenho consciência da minha fealdade. Fui, pois, tão canhestro, tão tolo, tão inábil, que ela nem percebeu. Um namoro de... caboclo.

Seria, casar-me com ela, uma solução para esse meu problema da letra, mas nem este mesmo eu posso encontrar e tenho que aguentar esse meu inimigo, essa traição que está nas minhas mãos, esse abutre que me devora diariamente a fraca reputação e apoucada inteligência.



Elogio da morte^{*}

Não sei quem foi que disse que a Vida é feita pela Morte. É a destruição contínua e perene que faz a vida.

A esse respeito, porém, eu quero crer que a Morte mereça maiores encômios.

É ela que faz todas as consolações das nossas desgraças; é dela que nós esperamos a nossa redenção; é ela a quem todos os infelizes pedem socorro e esquecimento.

Gosto da Morte porque ela é o aniquilamento de todos nós; gosto da Morte porque ela nos sagra. Em vida, todos nós só somos conhecidos pela calúnia e maledicência, mas, depois que Ela nos leva, nós somos conhecidos (a repetição é a melhor figura de retórica), pelas nossas boas qualidades.

É inútil estar vivendo, para ser dependente dos outros; é inútil estar vivendo para sofrer os vexames que não merecemos.

A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando, porém, não se pode conseguir isso, a Morte é que deve vir em nosso socorro.

A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nos pareces. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com o dinheiro e

^{*}. Publicado no jornal A. B. C. em 19/10/1918.



os títulos. A agitação de uma ideia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco.

Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo.

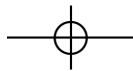
Le Bon¹ dizia isto a propósito de Maomé, nas suas *Civilisation des arabes*, com toda a razão; e não há chanceler falsificado e secretária catita que o possa contestar.

São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes ideias, para melhoria das condições da existência da nossa triste Humanidade.

Nunca foram os homens de bom senso, os honestos burgueses ali da esquina ou das secretárias *chics* que fizeram as grandes reformas no mundo.

Todas elas têm sido feitas por homens, e, às vezes mesmo mulheres, tidos por doidos.

1. Gustave Le Bon (1841–1931) foi um importante pensador social francês. Influenciou bastante o pensamento de Lima Barreto, principalmente através de seus trabalhos sobre psicologia social, como o clássico “Psicologia das Massas”, de 1895. O livro citado pelo autor, “La civilisation des Arabes” (A civilização dos Árabes), de 1884, é um importante estudo de Le Bon acerca da contribuição daquela civilização para o pensamento filosófico, matemático, cultural, etc. e que também traz algumas reflexões sobre o profeta do islamismo, Maomé.



A divisa deles consiste em não ser panurgianos² e seguir a opinião de todos, por isso mesmo podem ver mais longe do que os outros.

Se nós tivéssemos sempre a opinião da maioria, estaríamos ainda no Cro-Magnon³ e não teríamos saído das cavernas.

O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana.

Entretanto, no Brasil, não se quer isto. Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes.

Os órgãos de publicidade por onde se podiam elas revelar são fechados e não aceitam nada que os possa lesar.

2. Adjetivo formado a partir do nome Panúrgio. Trata-se de um personagem do livro “Gangântua e Pantagruel” escrito pelo francês Rabelais (1494–1553). Na história, Panúrgio é humilhado pelo personagem Dindenault durante uma viagem de barco. Para se vingar decide comprar um carneiro de Dindenault, que era um comerciante desse animal e trazia vários na embarcação. Panúrgio, de posse do carneiro, atira-o ao mar. Todos os demais carneiros de Dindenault seguem aquele que foi arremessado do barco. A expressão “carneiros de Panúrgio” é utilizada no sentido de criticar as pessoas que apresentam esse comportamento de rebanho, que seguem o “líder” sem reflexão. Lima Barreto, em vez de utilizar a expressão “carneiros de Panúrgio”, preferiu adjetivá-la usando a palavra panurgiano. Para ele, os doidos são por excelência pessoas não panurgianas, ou seja, jamais agem como bando de carneiros ou boiada.

3. Referência à região localizada no sudoeste da França, conhecida por Cro-Magnon onde, em 1868, uma equipe de arqueólogos encontrou algumas ossadas consideradas de ancestrais do *homo sapiens*. São conhecidos como “homens de Cro-Magnon” e teriam vivido a cerca de 35 mil anos atrás. Muitos pesquisadores atribuem aos “homens de Cro-Magnon” os vestígios conhecidos como “pinturas rupestres” encontradas em vários lugares da Europa.



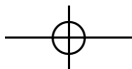
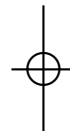
Dessa forma, quem, como eu nasceu pobre e não quer ceder uma linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte.

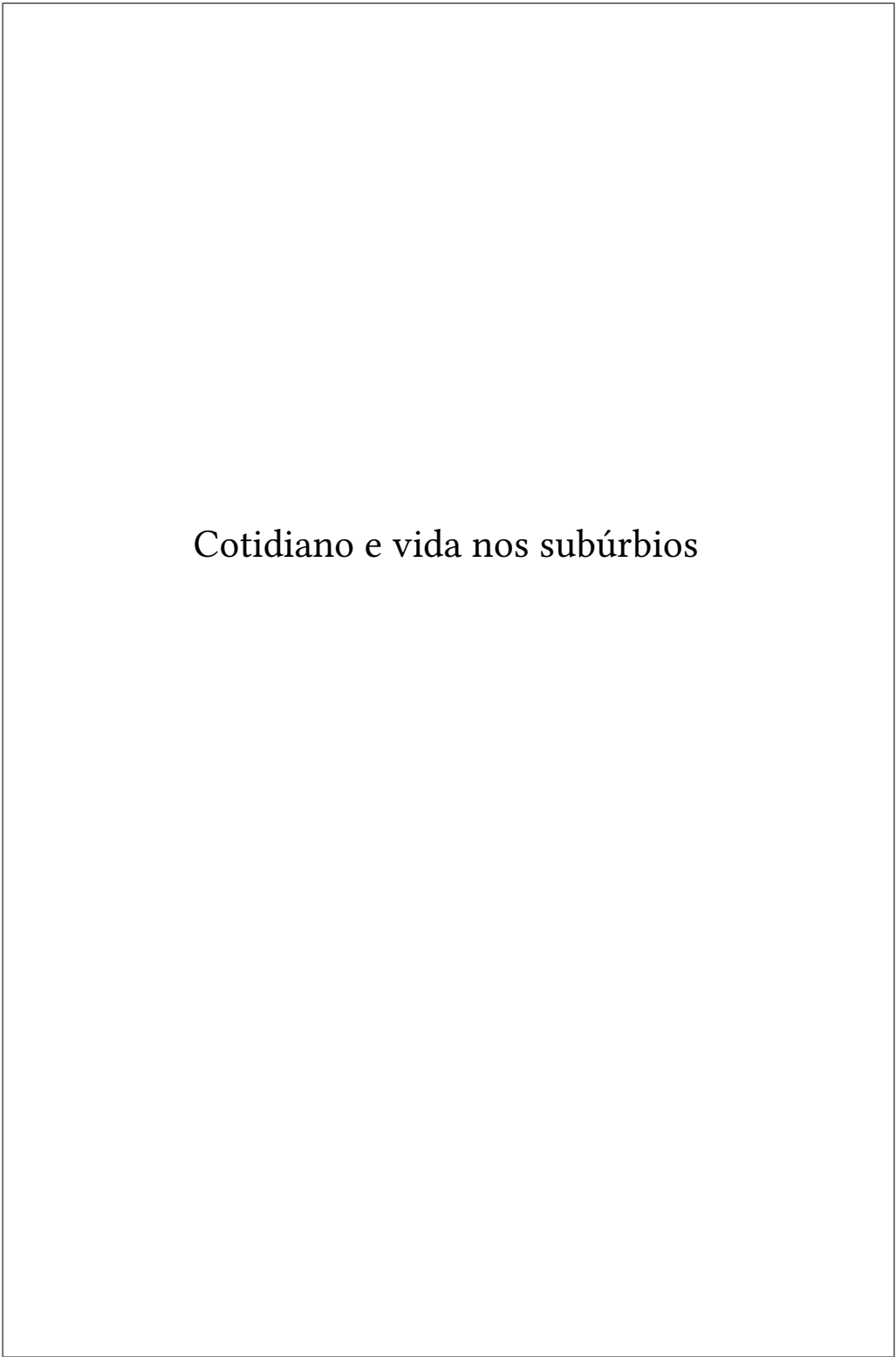
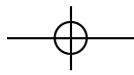
Ela é a grande libertadora que não recusa os seus benefícios a quem lhe pede. Ela nos resgata e nos leva à luz de Deus.

Sendo assim, eu a sagro, antes que ela me sagre na minha pobreza, na minha infelicidade, na minha desgraça e na minha honestidade.

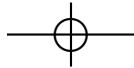
Ao vencedor, as batatas!⁴

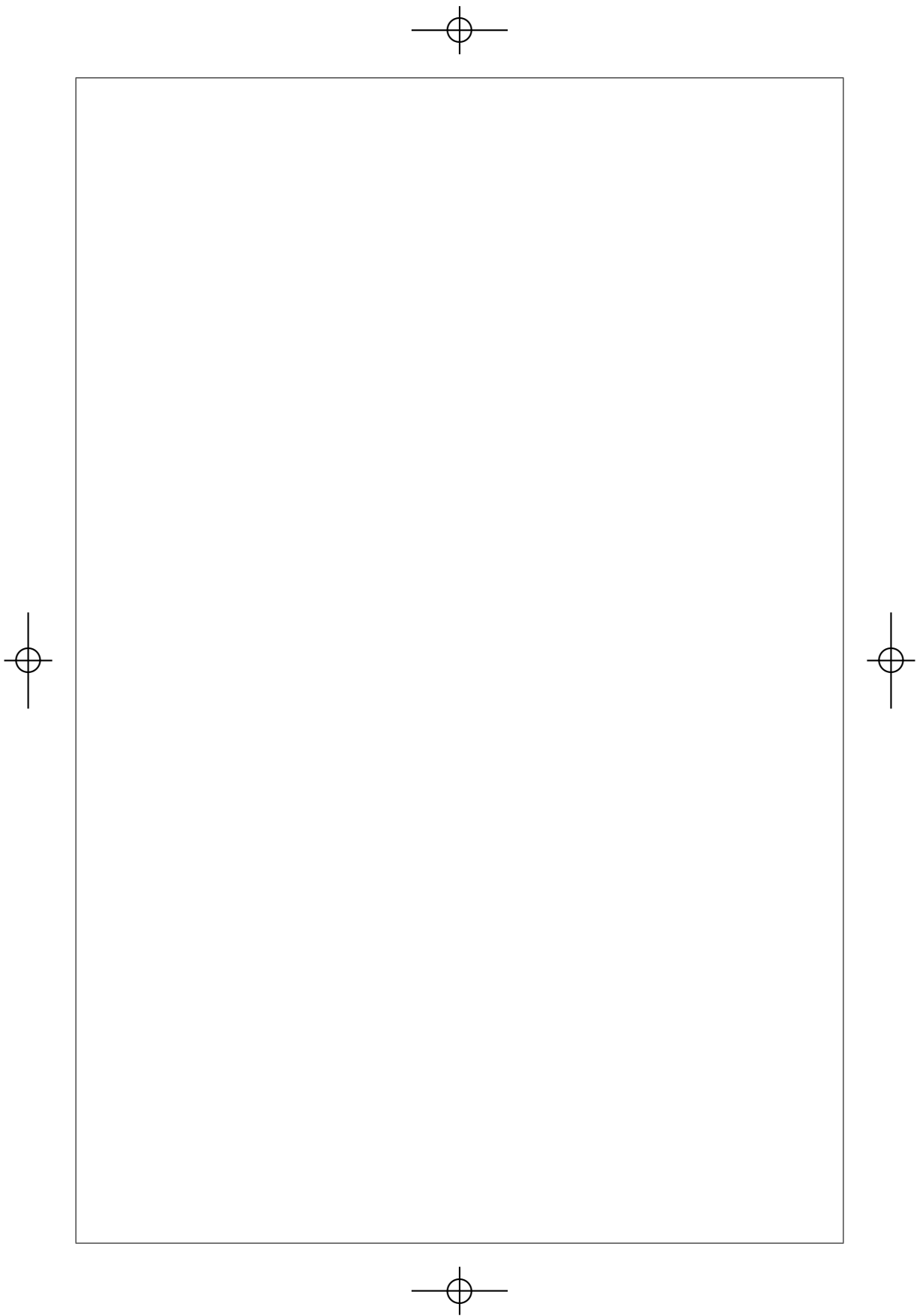
4. Nessa última frase da crônica, Lima Barreto faz referência direta ao livro “Quincas Borba”, do escritor brasileiro Machado de Assis (1839–1908), escrito em folhetins na revista *A Estação*, entre os anos 1886 e 1891, depois publicado em livro neste mesmo ano, pela livraria Garnier. “Ao vencedor as batatas” tornou-se uma das mais célebres frases da literatura brasileira e diz respeito à filosofia do Humanitismo, desenvolvida pelo personagem Quincas Borba, primeiro no romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881) e depois no próprio romance que leva o nome do personagem.





Cotidiano e vida nos subúrbios





A polícia suburbana^{*}

Noticiam os jornais que um delegado inspecionando, durante uma noite destas, algumas delegacias suburbanas, encontrou-as às moscas, comissários a dormir e soldados a sonhar.

Dizem mesmo que o delegado inspetor surriprou objetos para pôr mais à mostra o descaso dos seus subordinados.

Os jornais, com aquele seu louvável bom senso de sempre, aproveitaram a oportunidade para reforçar as suas reclamações contra a falta de policiamento nos subúrbios.

Leio sempre essas reclamações e pasmo. Moro nos subúrbios há muitos anos e tenho o hábito de ir para a casa alta noite.

Uma vez ou outra encontro um vigilante noturno, um policial e muito poucas vezes é-me dado ler notícias de crimes nas ruas que atravesso.

A impressão que tenho é de que a vida e a propriedade daquelas paragens estão entregues aos bons sentimentos dos outros e que os pequenos furtos de galinhas e coradours não exigem um aparelho custoso de patrulhas e apitos.

Aquilo lá vai muito bem, todos se entendem livremente e o Estado não precisa intervir corretivamente para fazer respeitar a propriedade alheia.

^{*}. Publicado no jornal *Correio da Noite* em 28/12/1914.

Penso mesmo que, se as coisas não se passassem assim, os vigilantes, obrigados a mostrar serviço, procurariam meios e modos de efetuar detenções e os notívagos, como eu, ou os pobres-diabos que lá procuram dormida, seriam incomodados, com pouco proveito para a lei e para o Estado.

Os policiais suburbanos têm toda a razão. Devem continuar a dormir. Eles, aos poucos, graças ao calejamento do ofício, se convenceram de que a polícia é inútil.

Ainda bem.

O «muambeiro»^{*}

Quando saio de casa e vou à esquina da Estrada Real de Santa Cruz, esperar o bonde, vejo bem a miséria que vai por este Rio de Janeiro.

Moro há mais de 10 anos naquelas paragens e não sei por que os humildes e os pobres têm-me na conta de pessoa importante, poderosa, capaz de arranjar empregos e solver dificuldades.

Pergunta-me um se deve assentar praça na Brigada, pois há oito meses não trabalha no seu ofício de carpinteiro; pergunta-me outro se deve votar no Senhor Fulano; e, às vezes mesmo, consultam-me sobre casos embaraçosos. Houve um matador de porcos que pediu a minha opinião sobre este caso curioso: se devia aceitar dez mil-réis para matar o cevado do capitão M., o que lhe dava trabalho por três dias, com a salga e o fabrico de linguiças; ou se devia comprar o canastra por cinquenta mil-réis e revendê-lo aos quilos pela redondeza. Eu, que nunca fui versado em coisas de matadouro, olhei os Órgãos¹ ainda fumarentos nestas manhãs de cerração e pensei que o meu destino era ser vigário de uma pequena freguesia.

Ultimamente, na esquina, veio ao meu encontro um homem com quem conversei alguns minutos. Ele me contou a sua desdita com todo o vagar de popular.

*. Publicado na revista *Careta* em 07/08/1915.

1. Referência à Serra dos Órgãos, localizada na região serrana do Rio de Janeiro. Hoje em dia encontra-se sob uma área de proteção ambiental, onde funciona o Parque Nacional da Serra dos Órgãos.



Era operário não sei de que ofício; ficara sem emprego, mas, como tinha um pequeno sítio lá para as bandas do Timbó e algumas economias, não se atrapalhou em começo. As economias foram-se, mas ficou-lhe o sítio, com as suas laranjeiras, com as suas tangerineiras, as suas bananeiras, árvore de futuro com a qual o Senhor Cincinato Braga², depois de salvar o café, vai salvar o Brasil. Notem bem: depois.

Este ano foi particularmente abundante em laranjas e o nosso homem teve a feliz ideia de vendê-las. Vendo, porém, que os compradores na porta não lhe davam o preço devido, tratou de valorizar o produto, mas sem empréstimo a 30%.

Comprou um cesto, encheu-o de laranjas e saiu a gritar:

— Vai laranja boa! Uma a vintém!

Foi feliz e pelo caminho apurou uns dois mil-réis. Quando, porém, chegou a Todos os Santos³, saiu-lhe ao encontro a lei, na pessoa de um guarda municipal:

— Que dê a licença?

— Que licença?

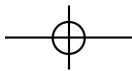
— Já sei, intimou o guarda. Você é “muambeiro”. Vamos para a agência.

Tomaram-lhe o cesto, as laranjas, o dinheiro e, a muito custo, deixaram-no com a roupa do corpo.

Eis aí como se protege a pomicultura.

2. Cincinato Cesar da Silva Braga (1864–1953), advogado e político paulista. Foi Deputado Federal por São Paulo e muito influente na vida republicana do país. Participou ativamente da chamada “política de valorização do café”, na época o principal produto de exportação do Brasil. Lima Barreto fazia severas críticas, através da imprensa, em relação à “política de valorização”, daí a tom de ironia com o qual menciona o nome do político e financista paulista.

3. Bairro localizado no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, onde Lima Barreto morou boa parte da vida.



A carroça dos cachorros^{*}

Quando de manhã cedo, saio da minha casa, triste e saudoso da minha mocidade que se foi fecunda, na rua eu vejo o espetáculo mais engraçado desta vida.

Amo os animais e todos eles me encham do prazer da natureza.

Sozinho, mais ou menos esbodegado, eu, pela manhã desço a rua e vejo.

O espetáculo mais curioso é o da carroça dos cachorros. Ela me lembra a antiga caleça dos ministros de Estado¹, tempo do império, quando eram seguidas por duas praças de cavalaria de polícia.

Era no tempo da minha meninice e eu me lembro disso com as maiores saudades.

— Lá vem a carrocinha! — dizem.

E todos os homens, mulheres e crianças se agitam e tratam de avisar os outros.

Diz Dona Marocas a Dona Eugênia:

— Vizinha! Lá vem a carrocinha! Prenda o Jupi!

E toda a “avenida” se agita e os cachorrinhos vão presos e escondidos. Esse espetáculo tão curioso e especial mostra bem de que forma profunda nós homens nos ligamos aos animais.

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 20/09/1919.

1. Caleça ou caleche era um tipo de carruagem luxuosa puxada por cavalos, muito utilizada pelos membros da família real e por ministros na época do império.



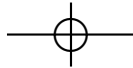
Nada de útil, na verdade, o cão nos dá; entretanto, nós o amamos e nós o queremos.

Quem os ama mais, não somos nós os homens; mas são as mulheres e as mulheres pobres, depositárias por excelência daquilo que faz a felicidade e infelicidade da humanidade — o Amor.

São elas que defendem os cachorros das praças de polícia e dos guardas municipais; são elas que amam os cães sem dono, os tristes e desgraçados cães que andam por aí à toa.

Todas as manhãs, quando vejo semelhante espetáculo, eu bendigo a humanidade em nome daquelas pobres mulheres que se apiedam pelos cães.

A lei, com a sua cavalaria e guardas municipais, está no seu direito em persegui-los; elas, porém, estão no seu dever em acoitá-los.



Atribuições de um vendeiro^{*}

Não há coisa mais interessante de que observar uma venda.

Toda a gente tem mais ou menos escrúpulo em entrar em uma delas. Já o tive também; mas, agora, é um prazer e meu agrado.

Aposentado e satisfeito da vida, logo, nas primeiras horas, a minha satisfação é visitá-las na minha redondeza.

Não me arrependo com isso, porquanto muito observo e adivinho.

Tem meu amigo, o senhor Carlos Ventura, um excelente camarada e discípulo — o Alípio.

Prego-lhe todas as doutrinas subversivas que me vêm à cabeça; e ele me ouve e medita.

Estou emprazado até para ser servente de pedreiro, desde que ele seja chefe da empreitada.

O que quero é que ele me dê o atestado de que eu fui de alguma forma trabalhador manual.

Entretanto, a coisa que mais curiosidade me provoca, é a atitude dos vendedores das casas chamadas atacadistas.

São em geral rapazes finos, limpos e agradáveis. Chegam, sempre com um jornal, mesureiros e delicados e dizem:

— “Seu” Ventura, cá estou! Tenho um arroz finíssimo, Iguape. O senhor quer?

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 27/09/1919.



O Senhor Ventura diz que não quer e o homem insiste. Daqui a instantes, lá vem outro, também fino, delicado e elegante:

— “Seu” Ventura, eu me lembro do senhor.

— Por quê?

— A razão é simples. Tenho uma banha com pouca água.

São todos assim e os varejistas ou, como chama o povo, taverneiros, têm que atendê-los de hora em hora. Já lhes deram um nome muito engraçado; são os tocadores de realejo.

Não há mais essa espécie de necessitados; mas ficaram os caixeiros vendedores para substituí-los e atribular os varejistas, os vendeiros, que, às vezes, são a providência de muita gente pobre.

Entretanto, não são eles só perseguidos por esses rapazes vendedores. Há um flagelo maior; são os almofadinhas do comissariado. Conhecidos são eles por afinadores de piano.

Merecem muito esse apelido, mesmo não trazendo o diapasão.

Para eles não há necessidade disso. Basta para a sua economia política a tabela do comissariado e por parte dos afinadores do comissariado e as ordens do Vieira Souto¹.

Um pobre taverneiro sofre de ambos lados, isto é, por parte dos afinadores do comissariado e por parte dos tocadores de realejo. Eis aí a fortuna de um taverneiro.

1. Luiz Raphael Viera Souto (1849–1922), Engenheiro Civil e Matemático, ficou bastante conhecido por suas atividades industriais e pelo ímpeto modernizador. Entre suas principais atividades estão a presidência da Comissão encarregada da construção do Porto do Rio de Janeiro e a direção da construção da importante avenida Beira Mar.



Atribuições de um autor^{*}

— Vou deixar a literatura.

— Por quê?

— Porque ela nada rende, senão desgostos: além dos que provêm propriamente dela, há outros.

— Quais são?

— Você não imagina como sou assediado no bairro modesto em que moro. As crianças me pedem livros de “histórias”, os marmanjos querem cartas para namoradas; as moças querem versos; os velhos me perguntam se tenho *O judeu errante*¹ ou *Os doze pares de França*².

— Ora, bolas!

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 10/09/1921.

1. Referência ao livro “Le juif errant” (O judeu errante), do escritor francês Eugene Sue (1804–1857), publicado em 1845 e que teve enorme sucesso na França e em diversos outros países, incluindo o Brasil. A história do “judeu errante” é um misto de lenda e mito, que se criou em torno do episódio da “Paixão de Cristo”, a partir de um judeu que teria supostamente zombado de Jesus Cristo, quando percorria o caminho da crucificação. O judeu teria recebido uma maldição perpétua — caminharía errante pela Terra até a volta de Jesus, no final dos tempos. Desse ponto da lenda, várias outras versões da história surgiram, a partir da Idade Média até período do romantismo. Nessas versões, posteriores ao século XVI, o “judeu errante” recebeu o nome de Ahas-verus e geralmente aparece nas narrativas com um viés antissemita.

2. Muito provavelmente, Lima Barreto está se referindo a algum livro que traz a história dos “doze pares de França”, outra história que tem várias versões a partir de uma matriz bastante antiga, neste caso, a “Canção de Rolando”, do século VIII, que narra as batalhas travadas entre o guerreiro Rolando, fiel ao Imperador Carlos Magno, e os povos do norte da África, conhecido como “mouros”. Os “doze pares” fazem



— Não se ria você; é a pura verdade — garanto a você! Já me pediram até uma cantiga de carnaval para um “rancho”³ de moças... Veja você só!

— Que é que você disse?

— Que não sabia fazer versos, sobretudo os de... carnaval.

Os dois amigos conversavam numa sala pobre de casa pobre, cuja única riqueza eram livros. O que acaba de falar, repetiu:

— Vou deixar a literatura; é um aborrecimento...

— Mesmo que você a deixe, eles não acreditarão e continuarão a perseguir você.

— Você tem razão. Qual o remédio?

— É você mudar-se de bairro, ir para outro extremo da cidade.

— A ideia é boa, mas a despesa que tenho que fazer é grande.

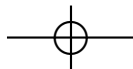
— Não há dúvida; mas é preciso, meu caro.

— De resto, ainda por cima, sou perseguido pelos poetas incipientes. Eles me invadem a casa, com os seus poemas e novelas; convidam-me para isso e para aquilo; e, quando lhes dou uma opinião sincera, zangam-se e me desfeiteiam. Um inferno, Deus dos Céus!

— Por tudo isso, passam os autores célebres — fez o outro rindo-se.

referência aos guerreiros da elite das tropas do imperador, que foram mortos durante uma batalha. A história também é conhecida como “A história de Carlos Magno e os doze pares de França”, que teve muita influência nas composições de cordel no nordeste do Brasil.

3. Os *ranchos* e *cordões* foram os primeiros grupos organizados a desfilar nos dias de Carnaval. São os precursores dos blocos de carnaval que, nos dias de hoje, principalmente no Rio de Janeiro e de Salvador, chegam a contar com milhões de pessoas.



— Mas, eu não sou célebre. Se ainda fosse um acadêmico sisudo — vá! — mas não sou mais nem menos que um autor pobre, modesto e simples.

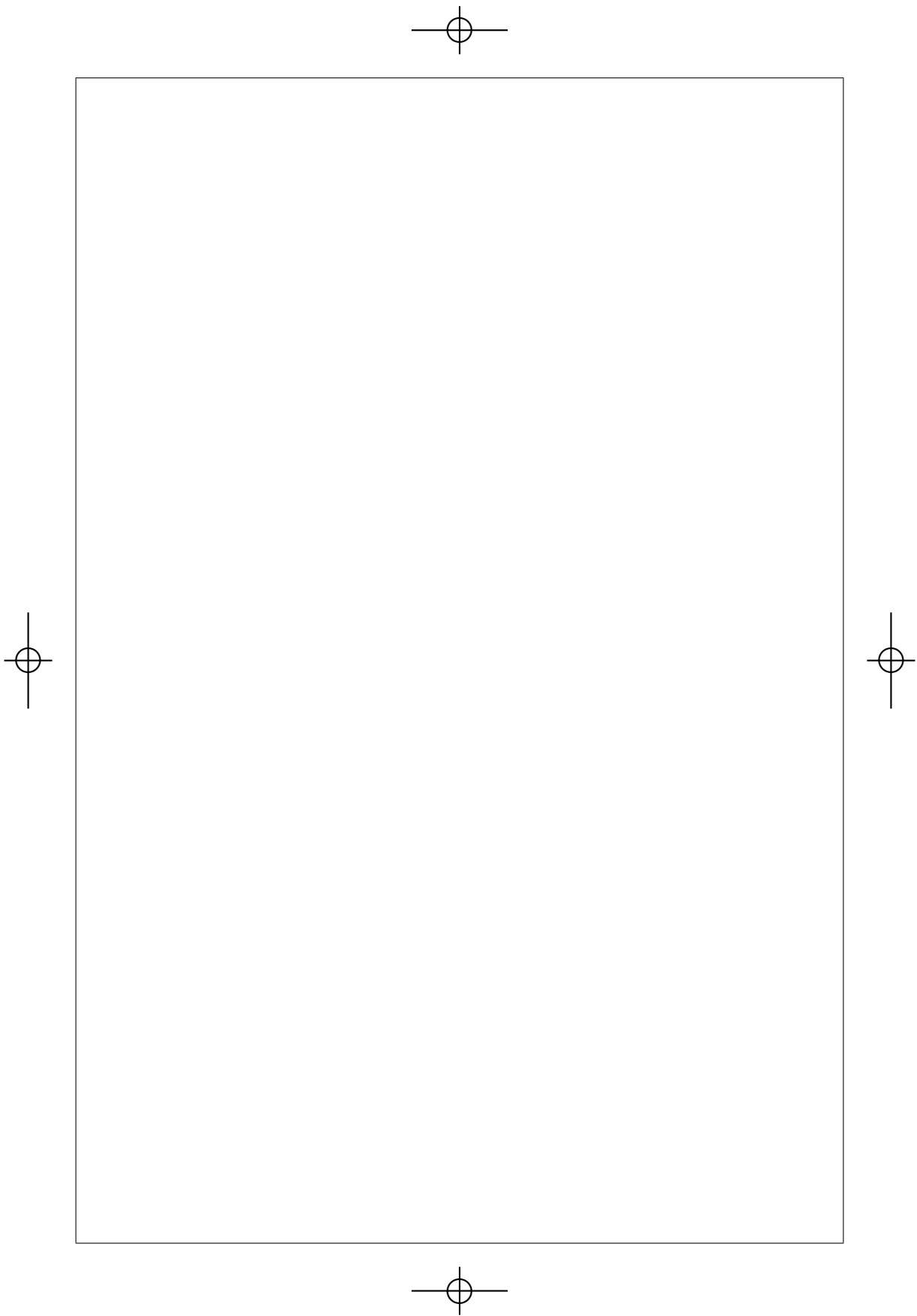
— E por isso mesmo é que eles procuram você. Se você fosse um autor grave, bem posto, que pesasse as palavras e os gestos, eles não procurariam; mas você não é assim, menino... o que se há de fazer?

— Há coisa mais séria que lamento: são os livros de valor que recebo, e sobre os quais não tenho tempo de dar notícia. São tantos que não me é possível atendê-los logo; e os seus autores hão de julgar que não o faço por descaso, desdém ou orgulho. Enfim: essa literatura é para mim um tormento. Vou deixá-la.

— Qual o quê! Você só a deixará com a Morte.

— O queixoso olhou para o céu, através da janela do aposento, e disse com mágoa:

— Talvez nem assim...



O caso do mendigo^{*}

Os jornais anunciaram, entre indignados e jocosos, que um mendigo, preso pela polícia, possuía em seu poder valores que montavam à respeitável quantia de seis contos e pouco¹.

Ouvi mesmo comentários cheios de raiva a tal respeito. O meu amigo X, que é o homem mais esmoler desta terra, declarou-me mesmo que não dará mais esmolos. E não foi só ele a indignar-se. Em casa de família de minhas relações, a dona da casa, senhora compassiva e boa, levou a tal ponto a sua indignação, que propunha se confiscasse o dinheiro ao cego que o ajuntou.

Não sei bem o que fez a polícia com o cego. Creio que fez o que o Código e as leis mandam; e, como sei pouco das leis e dos códigos, não estou certo se ela praticou o alvitre lembrado pela dona da casa de que já falei.

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 20/03/1920.

1. A moeda corrente na época em que Lima Barreto escreveu esse texto era o *Conto de Réis* ou simplesmente *Réis*. Vem justamente daí o nome de nossa moeda atual, o *Real*. O *Réis* era composto a partir de unidades decimais, ou seja, 500 *réis*, 1000 *réis*, 2000 *réis*, etc. Quando se chegava à quantia de um milhão de *réis* (1:000\$000 *réis*) adotava-se a nomenclatura *Conto*. O mendigo que figura como personagem nessa crônica estava com uma quantia de um pouco mais de seis milhões de *réis* ("seis contos e pouco"). Se convertermos essa quantidade em nossa moeda atual, o mendigo estaria com aproximadamente duzentos e cinquenta mil reais! (R\$ 250.000,00). No site acervo.estadao.com.br é possível encontrar um conversor de valores, a partir do qual pode-se fazer as conversões dos valores antigos em estimativas próximas dos valores atuais.



O negócio fez-me pensar e, por pensar, é que cheguei a conclusões diametralmente opostas à opinião geral.

O mendigo não merece censuras, não deve ser perseguido, porque tem todas as justificativas a seu favor. Não há razão para indignação, nem tampouco para perseguição legal ao pobre homem.

Tem ele, em face dos costumes, direito ou não a esmolar? Vejam bem que eu não falo de leis; falo dos costumes. Não há quem não diga: sim. Embora a esmola tenha inimigos, e dos mais conspícuos, entre os quais, creio, está M. Bergeret², ela ainda continua a ser o único meio de manifestação da nossa bondade em face da miséria dos outros. Os séculos a consagraram; e, penso, dada a nossa defeituosa organização social, ela tem grandes justificativas. Mas não é bem disso que eu quero falar. A minha questão é que, em face dos costumes, o homem tinha direito de esmolar. Isto está fora de dúvida.

Naturalmente ele já o fazia há muito tempo, e aquela respeitável quantia de seis contos talvez represente economias de dez ou vinte anos.

Há, pois, ainda esta condição a entender: o tempo em que aquele dinheiro foi junto. Se foi assim num prazo longo, suponhamos dez anos, a coisa é assim de assustar? Não é. Vamos adiante.

2. Trata-se do personagem *Monsieur* Bergeret, professor, mestre de conferências na faculdade de letras, figura central no romance do escritor francês Anatole France (1844–1924), intitulado “M. Bergeret à Paris” (Monsenhor Bergeret em Paris), de 1901. No livro, há uma cena em que o professor Bergeret e sua filha, Pauline, encontram alguns mendigos na rua. A cena apresenta um comentário bastante preconceituoso — e irônico — por parte narrador do livro, que expressa também a ‘visão de mundo’ de M. Bergeret. Anatole France foi um dos escritores mais populares no Brasil na época de Lima Barreto e também muito admirado pelo escritor brasileiro. Existem boas traduções para o português dos livros de Anatole France.



Quem seria esse cego antes de ser mendigo? Certamente um operário, um homem humilde, vivendo de pequenos vencimentos, tendo às vezes falta de trabalho; portanto, pelos seus hábitos anteriores de vida e mesmo pelos meios de que se servia para ganhá-la, estava habituado a economizar. É fácil de ver por quê. Os operários nem sempre têm serviço constante. A não ser os de grandes fábricas do Estado ou de particulares, os outros contam que, mais dias, menos dias, estarão sem trabalhar, portanto sem dinheiro; daí lhes vem a necessidade de economizar, para atender a essas épocas de crise.

Devia ser assim o tal cego, antes de o ser. Cegando, foi esmolar. No primeiro dia, com a falta de prática, o rendimento não foi grande; mas foi o suficiente para pagar um caldo no primeiro frege que encontrou, e uma esteira na mais sórdida das hospedarias da Rua da Misericórdia. Esse primeiro dia teve outros iguais e seguidos; e o homem se habituou a comer com duzentos réis e a dormir com quatrocentos; temos, pois, o orçamento do mendigo feito: seiscentos réis (casa e comida) e, talvez, cem réis de café; são, portanto, setecentos réis por dia.

Roupa, certamente, não comprava: davam-lhe. É bem de crer que assim fosse, porque bem sabemos de que maneira pródiga nós nos desfazemos dos velhos ternos.

Está, portanto, o mendigo fixado na despesa de setecentos réis por dia. Nem mais, nem menos; é o que ele gastava. Certamente não fumava e muito menos bebia, porque as exigências do ofício haviam de afastá-lo da “caninha”. Quem dá esmola a um pobre cheirando a cachaça? Ninguém.

Habitado a esse orçamento, o homenzinho foi se aperfeiçoando no ofício. Aprendeu a pedir mais dramaticamente, a aflautar melhor a voz; arranjou um cachorrinho, e o seu sucesso na profissão veio.



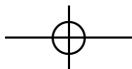
Já de há muito que ganhava mais do que precisava. Os níqueis caíam, e o que ele havia de fazer deles? Dar aos outros? Se ele era pobre, como podia fazer? Pôr fora? Não; dinheiro não se põe fora. Não pedir mais? Aí interveio uma outra consideração.

Estando habituado à previdência e à economia, o mendigo pensou lá consigo: há dias que vem muito; há dias que vem pouco, sendo assim, vou pedindo sempre, porque, pelos dias de muito, tiro os dias de nada. Guardou. Mas a quantia aumentava. No começo eram só vinte mil-réis; mas, em seguida foram quarenta, cinquenta, cem. E isso em notas, frágeis papéis, capazes de se deteriorarem, de perderem o valor ao sabor de uma ordem administrativa, de que talvez não tivesse notícia, pois, era cego e não lia, portanto. Que fazer, em tal emergência, daquelas notas? Trocar em ouro? Pesava, e o tilintar especial dos soberanos, talvez atraísse malfeitores, ladrões. Só havia um caminho: trancafiar o dinheiro no banco. Foi, o que ele fez. Estão aí um cego de juízo e um mendigo rico.

Feito o primeiro depósito, seguiram-se a este outros; e, aos poucos, como hábito é segunda natureza, ele foi encarando a mendicidade não mais como um humilhante imposto voluntário, taxado pelos miseráveis aos ricos e remediados; mas como uma profissão lucrativa, lícita e nada vergonhosa.

Continuou com o seu cãozinho, com a sua voz aflautada, com o seu ar dorido a pedir pelas avenidas, pelas ruas comerciais, pelas casas de famílias, um níquel para um pobre cego. Já não era mais pobre; o hábito e os preceitos da profissão não lhe permitiam que pedisse uma esmola para um cego rico.

O processo por que ele chegou a ajuntar a modesta fortuna de que falam os jornais, é tão natural, é tão simples,



que, julgo eu, não há razão alguma para essa indignação das almas generosas.

Se ainda continuasse a ser operário, nós ficaríamos indignados se ele tivesse juntado o mesmo pecúlio? Não. Por que então ficamos agora?

É porque ele é mendigo, dirão. Mas é um engano. Ninguém mais que um mendigo tem necessidade de previdência. A esmola não é certa; está na dependência da generosidade dos homens, do seu estado moral psicológico. Há uns que só dão esmolas quando estão tristes, há outros que só dão quando estão alegres e assim por diante. Ora, quem tem de obter meios de renda de fonte tão incerta, deve ou não ser providente e econômico?

Não julguem que faço apologia da mendicidade. Não só não faço como não a detrato.

Há ocasiões na vida que a gente pouco tem a escolher; às vezes mesmo nada tem a escolher, pois há um único caminho. É o caso do cego. Que é que ele havia de fazer? Guardar. Mendigar. E, desde que da sua mendicidade veio-lhe mais do que ele precisava, que devia o homem fazer? Positivamente, ele procedeu bem, perfeitamente de acordo com os preceitos sociais, com as regras da moralidade mais comezinha e atendeu às sentenças do *Bom homem Ricardo*, do falecido Benjamin Franklin³.

3. Benjamin Franklin (1706–1790). Um dos mais importantes dentre os pensadores e cientistas dos Estados Unidos da América. O *Bom homem Ricardo* faz referência ao almanaque “Poor Richard’s Almanac” (Almanaque do pobre Ricardo), uma série de publicações que trouxe enorme popularidade a seu autor, principalmente pelos provérbios de cunho financeiro e moral, tais como “*Um tostão poupado é um tostão ganhado*” ou o mundialmente famoso “*tempo é dinheiro*”. As ideias de Franklin influenciaram a criação dos quadrinhos do *Tio Patinhas*, que fez bastante sucesso no Brasil, principalmente através do desenho animado “Duck Tales”, da *Disney*, exibido nos anos 1980 e 90.

As pessoas que se indignaram com o estado próspero da fortuna do cego, penso que não refletiram bem, mas, se o fizerem, hão de ver que o homem merecia figurar no *Poder da vontade*, do conhecidíssimo Smiles⁴.

De resto, ele era espanhol, estrangeiro, e tinha por dever voltar rico. Um acidente qualquer tirou-lhe a vista, mas lhe ficou a obrigação de enriquecer. Era o que estava fazendo, quando a polícia foi perturbá-lo. Sinto muito; e são meus desejos que ele seja absolvido do delito que cometeu, volte à sua gloriosa Espanha, compre uma casa de campo, que tenha um pomar com oliveiras e a vinha generosa; e, se algum dia, no esmaecer do dia, a saudade lhe vier deste Rio de Janeiro, deste Brasil imenso e feio, agarre em uma moeda de cobre nacional e leia o ensinamento que o governo da República dá... aos outros, através dos seus vinténs: “A economia é a base da prosperidade”.

4. Samuel Smiles (1812–1904) um dos mais famosos e lidos escritores escoceses, além de grande e aclamado palestrante e orador. Foi o criador do gênero que conhecemos hoje como “literatura de autoajuda”. Seu livro mais popular, “Self-Help” (Autoajuda), de 1859, foi um enorme sucesso na Inglaterra e principalmente nos Estados Unidos da América. As ideias de Smiles encontraram muitos adeptos entre os estadunidenses, pois já havia uma tradição bastante forte que remontava, principalmente, aos escritos de Benjamin Franklin e dos pregadores protestantes. Outros livros como “Character” (Caráter), de 1871, “Thrift” (Poupança), de 1875, “Duty” (Dever), de 1880 e “Life and Labour” (Vida e Trabalho), de 1887, ajudaram a solidificar a carreira do escritor. O livro “O poder da vontade: caráter, comportamento e perseverança” foi publicado no Brasil no ano de 1880, pela editora Garnier.

Os enterros de Inhaúma^{*}

Certamente há de ser impressão particular minha não encontrar no cemitério municipal de Inhaúma aquele ar de recolhimento, de resignada tristeza, de imponderável poesia do Além, que encontro nos outros. Acho-o feio, sem compunção, com um ar morno de repartição pública; mas se o cemitério me parece assim, e não me interessa, os enterros que lá vão ter, todos eles, aguçam sempre a minha atenção quando os vejo passar, pobres ou não, a pé ou em coche-automóvel¹.

A pobreza da maioria dos habitantes dos subúrbios ainda mantém neles esse costume rural de levar a pé, carregados a braços, os mortos queridos.

É um sacrifício que redunde num penhor de amizade em uma homenagem das mais sinceras e piedosas que um vivo pode prestar a um morto.

Vejo-os passar e calculo que os condutores daquele viajante para tão longínquas paragens, já andaram alguns quilômetros e vão carregar o amigo morto, ainda durante cerca de uma légua. Em geral assisto a passagem desses cortejos fúnebres na Rua José Bonifácio, canto da Estrada Real. Pela manhã gosto de ler os jornais num botequim que há por lá. Vejo os Órgãos², quando as manhãs estão límpidas,

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 26/08/1922.

1. Coche era um dos muitos tipos de veículos não motorizados da época, normalmente puxados por animais, cavalos, burro ou bestas, assim como as carruagens, carroças, caleças, etc.

2. Sobre os “Órgãos”, ver nota 21.



tintos com a sua tinta especial de um profundo azul-ferrete e vejo uma velha casa de fazenda que se ergue bem próximo, no alto de uma meia laranja, passam carros de bois, tropas de mulas com sacas de carvão nas cangalhas, carros de bananas, pequenas manadas de bois, cujo campeiro cavalga atrás sempre com o pé direito embaralhado em panos.

Em certos instantes, suspendo mais demoradamente a leitura do jornal, e espreguiço o olhar por sobre o macio tapete verde do capinzal intermínio que se estende na minha frente.

Sonhos de vida roceira me vêm; suposições do que aquilo havia sido, ponho-me a fazer. Índios, canaviais, escravos, troncos, reis, rainhas, imperadores — tudo isso me acode à vista daquelas coisas mudas que em nada falam do passado.

De repente, tilinta um elétrico³, buzina um automóvel, chega um caminhão carregado de caixas de garrafas de cerveja; então, todo o bucolismo do local se desfaz, a emoção das priscas eras em que os coches de Dom João VI⁴ tran-

3. Eram chamados de “elétricos” os bondes movidos à eletricidade e que circulavam por sobre trilhos. Ainda hoje é possível fazer um passeio de bonde no Rio de Janeiro, no famoso *Bondinho de Santa Teresa*, uma das muitas atrações turísticas da cidade.

4. Dom João VI (1767–1826) chegou ao Brasil junto com a Família Real Portuguesa, em 1808, depois de terem deixado Portugal sob a ameaça dos exércitos franceses de Napoleão Bonaparte. Dom João já era o príncipe regente do reino português desde 1799, em virtude das complicações na saúde mental de sua mãe, Dona Maria I (que foi apelidada de “D. Maria, a louca”). Com a morte da mãe, assumiu oficialmente o Reino de Portugal, Brasil e Algarves, em 1816. A vinda da família real para o Brasil se constitui como um dos fatos mais importante de nossa história. O retorno de D. João VI a Portugal ocorreu em 1821, fato que, entre outros, acelerou o processo de Independência do Brasil e a consequente coroação de seu filho, D. Pedro I, como nosso primeiro monarca. A figura de D. João VI era muito marcante no Rio



sitavam por ali, esvai-se e ponho-me a ouvir o retinir de ferro malhado, uma fábrica que se constrói bem perto.

Vem, porém, o enterro de uma criança; e volto a sonhar.

São moças que carregam o caixão minúsculo; mas assim mesmo, pesa. Percebo-o bem, no esforço que fazem.

Vestem-se de branco e calçam sapatos de salto alto. Sopesando o esquife, pisando o mau calçamento da rua, é com dificuldade que cumprem a sua piedosa missão. E eu me lembro que ainda têm de andar tanto! Contudo, elas vão ficar livres de um suplício; é o do calçamento da Rua do Senador José Bonifácio. É que vão entrar na Estrada Real; e, naquele trecho, a prefeitura só tem feito amontoar pedregulhos, mas tem deixado a vetusta via pública no estado de nudez virginal em que nasceu. Isto há anos que se verifica.

Logo que as portadoras do defunto pisam o barro unido do velho trilho, adivinho que elas sentem um grande alívio dos pés à cabeça. As fisionomias denunciam. Atrás, seguem outras moças que as auxiliarão bem depressa, na sua tocante missão de levar um mortal à sua última morada neste mundo; e, logo após, graves cavalheiros de preto, com o chapéu na mão, carregando palmas de flores naturais, algumas com aspecto silvestre, e baratas e humildes coroas artificiais fecham o cortejo.

Este calçamento da Rua Senador José Bonifácio, que deve datar de uns cinquenta anos é feito de pedacinhos de seixos mal ajustados e está cheio de depressões e elevações imprevistas. É mau para os defuntos; e até já fez um resuscitar.

de Janeiro, principalmente pelo hábito de passear pelos arredores da cidade. Lima Barreto sempre demonstrou simpatia pelo monarca.



Conto-lhes. O enterro era feito em coche puxado por muares. Vinha das bandas do Engenho Novo, e tudo corria bem. O carro mortuário ia na frente, ao trote igual das bestas. Acompanhavam-no seis ou oito caleças, ou meias caleças, com os amigos do defunto. Na altura da estação de Todos os Santos, o cortejo deixa a Rua Arquias Cordeiro e toma perpendicularmente, à direita, a de José Bonifácio. Coche e caleças põem-se logo a jogar como navios em alto mar tempestuoso. Tudo dança dentro deles. O cocheiro do carro fúnebre mal se equilibra na boleia alta. Oscila da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, que nem um mastro de galera debaixo de tempestade braba. Subitamente, antes de chegar aos “Dois Irmãos”, o coche cai num caldeirão, pende violentamente para um lado; o cocheiro é cuspid ao solo, as correias que prendem o caixão ao carro, partem-se, escorregando a jeito e vindo espatifar-se de encontro às pedras; e — oh! terrível surpresa! do interior do esquife, surge de pé — lépido, vivo, vivinho, o defunto que ia sendo levado ao cemitério a enterrar. Quando ele atinou e coordenou os fatos não pôde conter a sua indignação e soltou uma maldição: “Desgraçada municipalidade de minha terra que deixas este calçamento em tão mal estado! Eu que ia afinal descansar, devido ao teu relaxamento volto ao mundo, para ouvir as queixas da minha mulher por causa da carestia da vida, de que não tenho culpa alguma; e sofrer as impertinências do meu chefe Selrão, por causa das suas hemorroidas, pelas quais não me cabe responsabilidade qualquer! Ah! Prefeitura de uma figa, se tivesses uma só cabeça havias de ver as forças das minhas munhecas! Eu te esganava, maldita, que me trazes de novo à vida!”

A este fato, eu não assisti, nem ao menos morava naquelas paragens, quando aconteceu; mas pessoas dignas de toda a confiança me garantem a autenticidade dele. Porém, um outro muito interessante aconteceu com um enterro



quando eu já morava por elas, e dele tive notícias frescas, logo após o sucedido, por pessoas que nele tomaram parte.

Tinha morrido o Felisberto Catarino, operário, lustrador e empalhador numa oficina de móveis de Cascadura⁵. Ele morava no Engenho de Dentro⁶, em casa própria, com razoável quintal, onde havia, além de alguns pés de laranjeiras, uma umbrosa mangueira, debaixo da qual, aos domingos, reunia colegas e amigos para bebericar e jogar a bisca⁷.

Catarino gozava de muita estima, tanto na oficina como na vizinhança.

Como era de esperar, o seu enterro foi muito concorrido e feito a pé, com um denso acompanhamento. De onde ele morava, até ao cemitério de Inhaúma, era um bom pedaço; mas os seus amigos a nada quiseram atender: Resolveram levá-lo mesmo a pé. Lá fora, e no trajeto, por tudo que era botequim e taverna por que passavam, bebiam o seu trago. Quando o caminho se tornou mais deserto até os condutores do esquife deixavam-no na borda da estrada e iam à taverna “desalterar”. Numa das últimas etapas do itinerário, os que carregavam, resolveram de mútuo acordo deixar o pesado fardo para os outros e encaminharam-se sub-repticiamente para a porta do cemitério. Tanto estes como os demais — é de toda a conveniência dizer — já estavam bem transtornados pelo álcool. Outro grupo concordou fazer o mesmo que tinham feito os carregadores dos despojos mortais de Catarino; um outro, idem; e, assim, todo o acompanhamento dividido em grupos, tomou o rumo do portão do campo-santo, deixando o caixão fúnebre com o cadáver de Catarino dentro abandonado à margem da estrada.

5. Bairro localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

6. Outro bairro da zona norte do Rio, próximo a Cascadura.

7. Jogo de cartas.



Na porta do cemitério, cada um esperava ver chegar o esquife pelas mãos de outros que não as deles; mas nada de chegar. Um, mais audaz, após algum tempo de espera, dirigindo-se a todos os companheiros, disse bem alto:

— Querem ver que perdemos o defunto?

— Como? perguntaram os outros, a uma voz.

— Ele não aparece e estamos todos aqui, refletiu o da iniciativa.

— É verdade, fez outro.

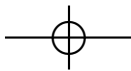
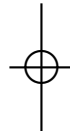
Alguém então aventou:

— Vamos procurá-lo. Não seria melhor?

E todos voltaram sobre os seus passos, para procurar aquela agulha em palheiro...

Tristes enterros de Inhaúma! Não fossem essas tintas pinturescas e pitorescas de que vos revestis de quando em quando de quanta reflexão acabrunhadora não havíeis de sugerir aos que vos veem passar; e como não convenceríeis também a eles que a maior dor desta vida não é morrer...⁸

8. Interessante notar que Lima Barreto muda a *pessoa gramatical* do texto neste último parágrafo. Passa a usar o pronome *vós*, ou seja, a *segunda pessoa do plural*, para se referir aos enterros de Inhaúma. A modulação dos verbos para a segunda pessoa do plural, no caso *revestis*, *havíeis* e *convenceríeis*, indica uma intensão de exaltação e respeito por parte do autor/narrador do texto. O uso poético do pronome “vós” foi uma constante durante muito tempo, sobretudo em sua função vocativa (Ó vós, bondoso e inebriante amor...), mas também no tratamento dispensado a autoridades das mais diversas instituições. É de se notar a data em que foi publicada esta crônica — 26/08/1922. Lima Barreto faleceu em 01/11/1922, pouco mais de dois meses após a saída da crônica.



Queixa de defunto^{*}

Antônio da Conceição, natural desta cidade, residente que foi em vida na Boca do Mato, no Méier¹, onde acaba de morrer, por meios que não posso tornar público, mandou-me a carta abaixo que é endereçada ao prefeito. Ei-la:

“Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Prefeito do Distrito Federal². Sou um pobre homem que em vida nunca deu trabalho às autoridades públicas nem a elas fez reclamação alguma. Nunca exerci ou pretendi exercer isso que se chama os direitos sagrados de cidadão. Nasci, vivi e morri modestamente, julgando sempre que o meu único dever era ser lustrador de móveis e admitir que os outros os tivessem para eu lustrar e eu não.

*. Publicado na revista *Careta* em 20/03/1920.

1. Bairro da zona norte da cidade do Rio.

2. Na época dessa crônica, o estado do Rio de Janeiro era então a capital do Brasil, por isso a denominação de Distrito Federal que a cidade do Rio de Janeiro também recebia.

Não fui republicano³, não fui florianista⁴, não fui custodista⁵, não fui hermistista⁶, não me meti em greves, nem coisa alguma

3. Os *republicanos* formavam um grupo político que ganhou maior visibilidade e influência a partir do ano de 1870. Foram eles os grandes propagandistas da República e críticos da Monarquia. Muitos *republicanos* eram também abolicionistas, que lutavam pelo fim da escravidão. Em 1888 veio a Abolição e em 1889 a proclamação da República. A grande força dos *republicanos* era o Partido Republicano Paulista (PRP) e, principalmente, a imprensa. Mesmo com a proclamação, em 15 de novembro de 1889, os *republicanos* não tiveram vida fácil. A reação pelo retorno da monarquia sempre foi uma constante ao longo dos primeiros anos da vida republicana.

4. Eram chamados de *florianistas* os adeptos e seguidores do vice-presidente da república, o Marechal Floriano Peixoto (1839–1895), que assumiu a presidência após a renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca, em 1891. Floriano foi o segundo presidente da fase republicana do Brasil, entre 1891 e 1894.

5. A renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca, em 23 de novembro de 1891, provocou uma enorme crise política. Muitos acreditavam e defendiam que deveria haver novas eleições, pois não tinham sido decorridos dois anos da posse do presidente. O vice-presidente, Marechal Floriano Peixoto, deveria cumprir um mandato temporário até que um novo presidente fosse eleito. A Constituição, em seu artigo nº 42, estipulava eleições em caso de vacância no cargo antes de decorridos dois anos da posse. Floriano e seus partidários não aceitavam tal solução e o impasse se fez. As tensões explodiram definitivamente em setembro de 1893, quando uma rebelião em alguns navios da Marinha ganhou proporções alarmantes. O conflito reuniu quase que totalmente a Marinha brasileira em torno da liderança do almirante Custódio José de Melo, Ministro da Marinha e da Guerra, que foi o líder da chamada Revolta da Armada. Contra os revoltosos ficou o Exército e apenas algumas unidades da Marinha. O Rio de Janeiro viveu meses de uma guerra cruel e sangrenta. A batalha ganhou um caráter bastante pessoalista, centrada nas figuras do Marechal Floriano versus o Almirante Custódio, daí a ideia de *custodista*, que aparece na crônica, referente aos partidários do almirante Custódio de Melo.

6. Referência aos partidários e apoiadores do General Hermes da Fonseca (1855–1923), sobrinho de Deodoro da Fonseca e que, como o tio, foi presidente do Brasil entre os anos de 1910 e 1914.

de reivindicações e revoltas, mas morri na santa paz do Senhor quase sem pecados e sem agonia.

Toda a minha vida de privações e necessidades era guiada pela esperança de gozar depois de minha morte no sossego, uma calma de vida que não sou capaz de descrever, mas que pressenti pelo pensamento, graças à doutrinação das seções católicas dos jornais.

Nunca fui ao espiritismo, nunca fui aos 'bíblias'⁷, nem a feiticeiros, e apesar de ter tido um filho que penou dez anos nas mãos dos médicos, nunca procurei macumbeiros nem médiuns.

Vivi uma vida santa e obedecendo às prédicas do Padre André do Santuário do Sagrado Coração de Maria, em Todos os Santos, conquanto as não entendesse bem por serem pronunciadas com toda a eloquência em galego ou vasconço⁸.

Segui-as, porém, com todo o rigor e humildade, e esperava gozar da mais dúcida paz depois de minha morte. Morri afinal um dia destes. Não descrevo as cerimônias porque são muito conhecidas e os meus parentes e amigos deixaram-me sinceramente porque eu não deixava dinheiro algum. É bom meu caro Senhor Doutor Prefeito, viver na pobreza, mas muito melhor é morrer nela. Não se levam para a cova maldições dos parentes e amigos deserdados; só carregamos lamentações e bênçãos daqueles a quem não pagamos mais a casa.

Foi o que aconteceu comigo e estava certo de ir direitinho para o Céu, quando, por culpa do Senhor e da Repartição que o Senhor dirige, tive que ir para o inferno penar alguns anos ainda.

Embora a pena seja leve, eu me amolei, por não ter contribuído para ela de forma alguma. A culpa é da Prefeitura Municipi-

7. Forma um tanto quanto pejorativa com a qual os evangélicos eram chamados na época.

8. O *galego* é uma língua muito parecida com o português. Já o termo *vasconço* pode ser uma forma pejorativa de se referir ao idioma falado entre os povos bascos, que habitam o País Basco, região localizada entre o norte da Espanha e o sudoeste da França. O basco (também chamado de *vasco*) é o idioma falado por cerca de 30% daquela população. *Vasconço* ganhou conotação de língua difícil, complicada, incompreensível.

pal do Rio de Janeiro que não cumpre os seus deveres, calçando convenientemente as ruas. Vamos ver por quê. Tendo sido enterado no cemitério de Inhaúma e vindo o meu enterro do Méier, o coche e o acompanhamento tiveram que atravessar em toda a extensão a Rua José Bonifácio, em Todos os Santos.

Esta rua foi calçada há perto de cinquenta anos a macadame e nunca mais foi o seu calçamento substituído. Há caldeirões de todas as profundidades e largura, por ela afora. Dessa forma, um pobre defunto que vai dentro do caixão em cima de um coche que por ela rola, sofre o diabo. De uma feita um até, após um trambolhão do carro mortuário, saltou do esquife, vivinho da silva, tendo ressuscitado com o susto.

Comigo não aconteceu isso, mas o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo. O bom do velho santo interpelou-me logo:

— Que diabo é isto? Você está todo machucado! Tinham-me dito que você era bem comportado — como é então que você arranhou isso? Brigou depois de morto?

Expliquei-lhe, mas não me quis atender e mandou que me fosse purificar um pouco no inferno.

Está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida a mais santa possível. Sou, etc., etc”.

Posso garantir a fidelidade da cópia e aguardar com paciência as providências da municipalidade.

As enchentes^{*}

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos. Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolvível tão simples problema.

O Rio de Janeiro, da avenida, dos *squares*, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral.

Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha! Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão.

O Prefeito Passos¹, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descuroou completamente de solucionar

^{*}. Publicado no jornal *Correio da Noite* em 19/01/1915.

1. Francisco Pereira Passos (1836–1913), Engenheiro Civil, foi prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1902 e 1906. Sob sua administração, a cidade passou por uma de suas maiores reformas. Centenas de casarões antigos, cortiços, pequenos prédios foram derrubados; grandes avenidas foram abertas e palácios luxuosos foram construídos. Tempo de modernização da cidade, que tinha no *slogan* “O Rio civiliza-se” sua grande propaganda. Tal período ficou conhecido como



esse defeito do nosso Rio. Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações. Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.



“bota-abaixo”. Lima Barreto foi um feroz crítico dessas reformas, principalmente pela falta de cuidados com as pessoas mais pobres e sobretudo a população descendente dos ex-escravos, obrigada a abandonar as áreas centrais da cidade em direção aos subúrbios e principalmente aos morros e encostas. Foi justamente nessa época que o processo de favelização do Rio de Janeiro começou.



Coisas do jogo do «Bicho»^{*}

Há alguns anos, mantendo estreitas relações com o proprietário de uma tipografia, na Rua da Alfândega, tinha ocasião de passar por ela toda a tarde, demorar-me, a fazer isto ou aquilo, nas mais das vezes conversar unicamente.

Aos poucos fui tomando conhecimento com o pessoal; e, em breve, era de todos camarada. A tipografia do meu amigo tinha a especialidade de imprimir jornais de “bicho” e ele mesmo editava um — *O Talismã* — que desapareceu.

Era tão rendosa essa parte de sua indústria tipográfica que ele destacava um único tipógrafo para executá-la. O encarregado dessa obra, além de compor os jornais, redigia-os também, com o cuidado indispensável em tais jornais-oráculos de por, sob este ou aquele disfarce de seções, de chapinhas, de palpite deste ou daquela, todos vinte e cinco animais da rifa do Barão.

Conversando mais detalhadamente com o tipógrafo dos jornalecos de bicho, ele me deu inúmeras informações sobre os seus periódicos “zoológicos”. O Bicho, o mais famoso e conhecido, dava de lucro, na média, 50 mil-réis por dia, quase o subsídio diário de um deputado naquele tempo; *A Mascote* e *O Talismã*, se não forneciam um lucro tão avultado, rendiam mais, por mês, que os vencimentos de um chefe de seção de secretaria, naqueles anos, a regular por aí assim, em setecentos e poucos mil-réis.

^{*}. Publicado no periódico *Livros Novos* em abril de 1919.



Solicitado pelas informações do jornalista “animaleiro”, pus-me a observar, nas vendas da minha vizinhança que, pela manhã, o tipo de compras era este: um tostão de café, um ou dois de açúcar e um Bicho ou Mascote.

O tipógrafo tinha razão e ele mesmo se encarregava de fortificar a minha convicção do império excepcional que o “Jogo do Jardim” exercia sobre a população carioca.

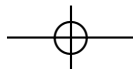
Mostrou-me pacotes de cartas de toda a sorte de gente, o que se via pela redação, de senhoras de todas as condições, de homens em todas as posições.

Li algumas. Todas ressumavam esperança na sua clareza transcendente para dizer o bicho, a dezena e a centena que dariam à tarde deste ou qualquer dia; algumas eram agradecidas e se alongavam em palavras efusivas, em oferecimentos, por terem os missivistas acertado com o auxílio dos “palpites” do Doutor Bico-Doce.

Lembro-me de uma assinada por certa adjunta de um colégio municipal, no Engenho de Dentro, que convidava o pobre tipógrafo, já meio tuberculoso, a ir almoçar ou jantar com ela e a família. Recordo-me ainda do nome da moça, mas não o ponho aqui, por motivos fáceis de adivinhar.

O prestígio da letra de forma, do jornal, e o mistério de que se cercava o “palpitador”, operavam sobre as imaginações de uma forma verdadeiramente inacreditável. Julgavam-no capaz de adivinhar de fato o número a ser premiado na “Loteria”, ou, no mínimo, apalavrado com os homens dela, podendo, portanto, saber de antemão os algarismos da felicidade.

Apesar da relutância do redator-tipógrafo de tão curiosos exemplares da nossa imprensa cotidiana, eu pude conseguir algumas cartas, das quais uma, por me parecer a mais típica e mostrar de que maneira a situação desesperada de um pobre homem, pode reforçar a fé no “Jogo do Bicho”, como salvação, e a ingênua crença de que o redator



do jornaleco de palpites seria capaz de indicar o número a ser premiado, eu a transcrevo aqui, tal e qual, só omitindo a assinatura e o número da residência do signatário.

É um documento humano de impressionar e de como-ver, por todos os aspectos. Ei-lo:

(Clichê de um envelope selado e subscrito: “Ilmo. Dig.mo. Snr. Bico-Doce Muito Dig.mo Redator-Chefe do Jornal O “Talismã” Rua da Alfândega n.o 182 Sobrado”).

“Ilmo. Sr. Dr. Bico-Doce. — Rio de Janeiro, 20-12-911. — Em primeiro que tudo muito estimarei que esta inesperada Carta vos encontrem Com perfeita Saúde Conjuntamente a toda vossa família, e possa fruir os mais esplendorosos gozos.

Enquanto eu minha família, vamos passando uma vida penosa. Senhor, vós que Sois um bondoso, vós que Sois tão caridoso, vós que Deus dotou Com tanta doçura, e que Sois uma alma bem formada!... tenha Compaixão deste pobre Sofredor que a 2 anos está desempregado, e que neste longo período, posso vos dizer que tenho passado os dias bem acerbos, e estou tão oberrado, Com o Quitandeirol, Padeiro, Peixeiro, etc., etc e só neste ou deve 200\$; o meu senhorio já está Com a cara ruvinhaso comigo, peço dinheiro emprestado, e Compro todos os dias: “Mascote”, “Bicho” e o “Talismã” e nunca Sou capaz de acertar em um Bicho ou numa Dezena que me liberte deste jugo que tanto tem me morteficado o espírito e já me acho desanimado da Sorte que me tem Sido tão tirana.

Pois bem, em nome de Deus vos peço Dê-me uma Dezena ou Centena num destes dias em que a Natureza lhe der inspiração, porque aos Espíritos bem formados ele protege a fim de poderem espalhar com aqueles menos favorecidos as Sorte, pode Ser que Se vós Condoer-se das minhas misérias em breve me libertarei desta vergonha que estou passando, pois um pobre que deve 1:000\$600, e sem poder pagar, é muito triste vergonhoso.

E Se vós me libertar deste jugo pode Contar que eu saberei reconhecer o meu bemfeitor, terá vós um Criado para qualquer Serviço que estiver em minhas fracas força e me apresentarei



diante da vossa nobre pessoa, e poder utilizar-se em qualquer mister que vos aprouver.

Deus que lhe queira ajudar, Deus lhe dê Saúde e felicidade pra Si e toda vossa família, e lhe dê boa inspiração e força para minorar as aflições dos pobres. — F..., Vosso humilde Criado e Obrigado, Rua Senador Pompeu...

Aqui aguardo a vossa proteção. — O vosso Abedê...”¹

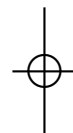
Não era só em cartas que se revelava total e poderosa fé de pessoas de todas as condições nos poderes divinatórios do Dr. Bico-Doce, redator-tipógrafo de *O Talismã*. Nas visitas, também. Ele as recebia a toda a hora do dia e de pessoas de todos os sexos e idade.

Havia uma senhora de Paquetá, bem trajada, joias, plumas, etc., que não vinha ao Rio que não fosse ao Dr. Bico-Doce para obter de viva voz, um palpite, na centena. Se ganhava, era certo, além do fervoroso agradecimento, uma gratificação qualquer.

A mais curiosa e assustadora visita que ele recebeu, foi a de um capoeira da Saúde, um valentão, de chapéu de abas largas, calças bombachas, e navalha a adivinhar-se nas algibeiras ou em qualquer dobra das roupas. O valente falou ao Dr. Bico-Doce meio amigável e meio ameaçador. É fácil de supor a atrapalhão do “profeta-bicheiro”. Para sair-se da entalção, indicou uma centena qualquer e safou-se logo, temendo não acertar e levar uns pescoções.

O bicho deu e a centena também. O destemido não teve o prazer de dar-lhe a propina em mão, mas a deixou com um colega do Dr. Bico-Doce que a entregou no dia seguinte.

1. Reparem que Lima Barreto mantém os supostos erros gramaticais e de escrita (*morteficado*, *proteje*) e a linguagem não muito articulada da pessoa que teria escrito a carta. Este detalhe reforça a ideia segundo a qual o jogo-do-bicho, desde seus primórdios, tem como clientela especial, mas não a única, a gente pobre e necessitada.



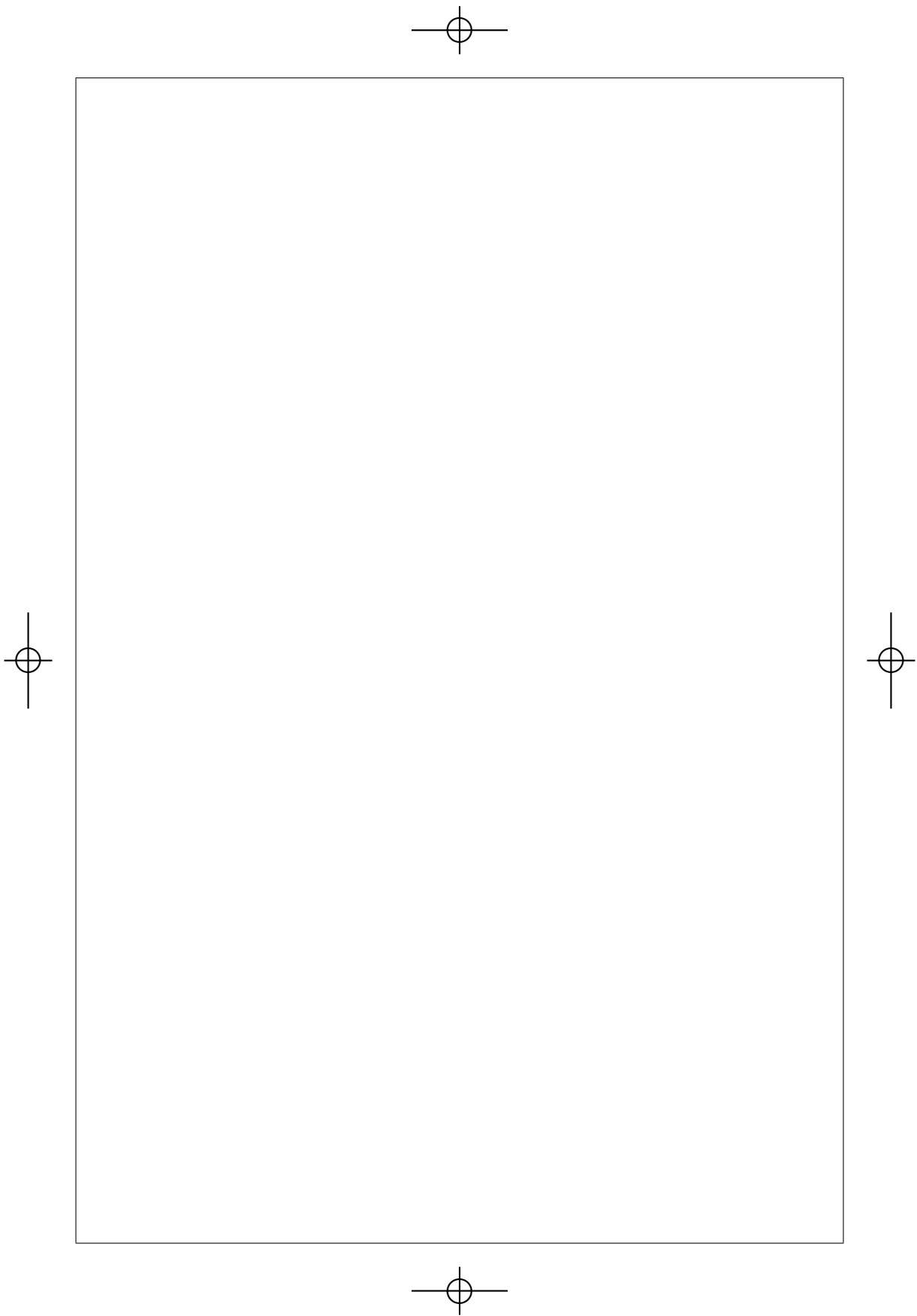
— Felizmente, dizia-me o pobre jornalista do *Talismã*, o homem não quis voltar mais.

Plutarco², ou outro qualquer, conta que Alexandre³, nas vésperas de morrer, distribuiu o seu império entre os seus generais. Um deles lhe perguntou: Que te fica, general? O macedônio logo respondeu: A esperança.

Ai de nós se não fosse assim, mesmo quando a Esperança é representada pelo jogo do bicho e o palpite de um humilde tipógrafo como o Dr. Bico-Doce, que, normalmente, mal ganha para a sua vida! A Esperança... O povo afirma que quem espera sempre alcança. Será verdade? Parece que aí a voz do povo não é a voz de Deus...

2. Historiados, filósofo e principalmente biógrafo, Plutarco nasceu em Queroneia, uma cidade localizada na Grécia, por volta do ano 45 de nossa era. Sua obra principal chama-se “Vidas Paralelas”, onde o escritor traçou diversas biografias de grandes e importantes nomes para a história. As biografias, normalmente, são estruturadas em pares; primeiro um biografado grego, depois um romano, além de uma terceira parte comparando os dois.

3. Alexandre III, Alexandre Magno ou Alexandre, o Grande, imperador da Macedônia, nasceu por volta de 354 a.C. Foi aluno do filósofo grego Aristóteles. Destacou-se na história antiga por ser um dos maiores, senão o maior, dos conquistadores militares. Fundou várias cidades e territórios por onde difundia a cultura grega. Além de ter preparado o caminho para as futuras relações entre as civilizações grega e romana. Foi um dos biografados de Plutarco. A *Vida de Alexandre* é uma das mais importantes biografias do livro “Vidas Paralelas”. O outro biografado foi o romano Júlio César (100–44 a.C.), primeiro Imperador de Roma.



Feiras e «mafuás»^{*}

Ainda é do tempo da minha meninice, as barraquinhas que se armavam no Campo de Santana¹, no largo em frente ao Quartel General, aí pelo mês de junho, por ocasião das festas tradicionais deste mês. Eram as barraquinhas de Santo Antônio ou de Sant'Ana, não me lembro ao certo o nome popular que tinham; mas sei bem que os poderes públicos do tempo toleravam essa espécie de feira, alicerçada em toscas roletas, porque os empresários pretextavam que a renda dela era destinada a acabar as obras da matriz de Sant'Ana, na antiga Rua das Flores.

Os virtuosos jornais da época sempre implicaram com tal coisa. Chamavam e apostrofavam contra a desenfreada jogatina que havia naquelas barraquinhas.

De fato, as prendas eram tiradas à sorte, que corria numa espécie de roleta, pinguelim, ou que outro nome tenha, com um certo número de bilhetes de baixo custo. Em geral, eram aves de galinheiro: perus, galinhas, patos, marrecos, etc.; mas havia outras sortes: leitões, carneiros, cabras, rendas, potes, fitas, etc.

^{*}. Publicado no jornal *Gazeta de Notícias* em 28/07/1921.

1. Localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, hoje é constituído de um parque e uma praça — Praça da República. É considerado um dos lugares históricos mais importantes daquela cidade, referência durante o período Colonial e o Império. Sua importância histórica também se deve ao movimento republicano e à Proclamação da República, que acontecera naquele local.



Fui lá várias vezes, em menino; e a lembrança que dessa curiosa feira tenho, é muito esbatida, diluída. Lembro-me bem dos bichos, e das barracas de tábuas, metim, sarrafos, iluminadas por toscos e fumarentos lampiões de querosene, que bem se pareciam com aqueles elementares a que as cozinheiras chamam “vagabundos”.

Veio a República, e logo as novas autoridades acabaram com aquela folgança de mês. A República chegou austera e ríspida. Ela vinha armada com a Política Positiva, de Comte², e com os seus complementos: Um sabre e uma carabina. Esta, ela deixou no descanso; mas o espadagão, o sabre, ela pôs no seu escudo. Quem quiser que o veja; eu — posso lhes garantir — que já estou cansado de vê-lo nos tímpanos dos portões dos edifícios públicos, ou, então, funcionando aqui, ali ou acolá, por estes Brasis em fora. Quando opera assim, a carabina o segue.

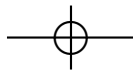
Não se pode dizer muito mal do positivismo. Ele trouxe vantagens à nossa cultura e às nossas instituições políticas.

Quanto à cultura, o comtismo republicano, com todos os seus exageros dogmáticos, mostrou bem que toda aquela que não se baseava no estudo da ciência, tendo por princípio a matemática, era inane e não valia nada.

De resto, apesar das orgulhosas pretensões a cavalo de batalha, como que ele leva, nas suas últimas consequências, a um perfeito ceticismo científico.

De modo que, hoje, qualquer um de nós, sem cultura especial alguma, mas que ouviu o senhor Teixeira Mendes e leu-lhe as brochuras de capa verde, está logo disposto a sorrir, quando vê doutores enxadristas ou arcandristas

2. Referência ao livro *Politique Positive*, do filósofo francês Auguste Comte (1798–1857), um dos mais influentes pensadores do século XIX, com sua filosofia denominada *Positivismo*. Ver mais a respeito na nota 141.



empertigarem-se, encherem as bochechas e dizer com toda a suficiência, a qualquer propósito: “porque a ciência”; a “ciência afirma” e outras frases que tais.

Em nome da religião têm-se praticado muito crimes; em nome da arte têm-se justificado muitas sem-vergonhices; mas, atualmente, é a ciência que justifica crimes e também os assaltos aos minguados orçamentos do país.

Mas, como dizia, a República severamente acabou com aquela folia de barraquinhas, no campo de Santana, por ocasião do mês de São João. Se não me engano elas foram se asilar no adro da igreja de Santana, na rua das Flores.

Também aí, creio que por causa dos rolos e conflitos, a polícia acabou com elas. A matriz ainda está por finalizar, e isto há talvez cinquenta anos.

É pena, porque, segundo parece, o seu projeto é do operoso Manuel de Araújo Porto Alegre³, Barão de Santo Ângelo.

Muito pouca gente, atualmente, se há de lembrar das antigas “barraquinhas” do campo. Eu mesmo já me havia esquecido delas, quando, há pouco, me vieram à lembrança, por causa de coisas congêneres, que, presentemente, há pelos subúrbios. Não sei se há mais; conheço, porém, duas: uma no Méier, em benefício das obras da igreja do Sagrado Coração de Maria; e outra no Engenho de Dentro, em benefício da construção da respectiva matriz.

O povo chama tais coisas de “mafuás”. Não atino qual seja a origem desse termo. Há quem diga que é corruptela do francês; *ma foi* — “minha fé”. Não sei se é isso; mas a etimologia não vem ao caso. Seja como for, “mafuá” é coisa pi-

3. Manuel de Araújo Porto Alegre (1806–1879), nascido no Rio Grande do Sul, foi um importante pintor, arquiteto, historiador de arte, professor e escritor. Responsável pela execução de diversas obras arquitetônicas no tempo do Império. Recebeu, em 1874, do imperador D. Pedro II, o título de Barão de Santo Ângelo.



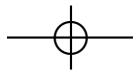
toresca. Funciona aos domingos e é a festa, o passeio domin-
gueiro, por excelência, do povo dos subúrbios. Toda aquela
humilde gente que lá se acantona da melhor maneira possí-
vel, fustigada pelo látego da vida, toda a semana, encontra
no domingo de “mafuá” um derivativo da alegria e consola-
ção para as suas mágoas, necessidades e tormentos morais.

Nas tardes em que eles funcionam, os bondes mastodôn-
ticos da Light chegam nas proximidades deles, apinhados
de passageiros de outros subúrbios, onde não os há; e des-
pejam uma multidão, que se vai colear por entre as bar-
racas, sob a luz firme dos focos elétricos, ao compasso de
uma charanga rouca e estridente, a espaços, olhando avi-
damente para aqueles objetos tentadores das barracas pie-
dosas, na sua primeira tentação.

O branco domina o vestuário das mulheres; e o cin-
zento, os ternos dos homens. Nas barracas há de tudo. Há
leitões, há carneiros, há galinhas, há cabritos, há chapéus,
há bengalas; mas a barraca mais procurada é aquela em
que se extraem por sorte frascos e perfumes. Nela, a com-
petente “roda” gira o dobro de vezes mais do que as outras
em que se vendem coisas mais úteis e proveitosas. Há de
haver quem censure.

Convém, porém, recordar que não é só de pão que vive
o homem, e o *Cântico dos Cânticos*, do grande Salomão⁴,
rescende mirra, a aloés, a sândalo, a nardo... Lá está a
Bíblia sagrada: “Quem é esta, que sobe pelo deserto, como
uma varinha de fumo composta de aromas de mirra, e de
incenso, e de toda a casta de polvilhos odoríferos?” E, por

4. O *Cântico dos Cânticos* é um dos livros que constam tanto na
“Bíblia Hebraica” (Tanakh) e no “Antigo Testamento” cristão. É o único
dos textos bíblicos que trazem o tema do amor erótico. Algumas fontes
dizem ter sido escrito pelo rei Salomão, filho de Davi e Bate-Sabá, e
que teria sido o terceiro a governar Israel.



todo aquele poema bíblico, perpassa um sopro apaixonado de perfumes capitosos...

Em outra parte do mesmo venerável livro, no “Reis”, narrando os presentes que a rainha de Sabá ofereceu ao magnífico Rei Salomão, a santa obra frisa muito bem esse capítulo dos perfumes: “Deu, pois, ao rei cento e vinte talentos d’ouro, e infinitos aromas, e pedra preciosas: desde então não trouxeram a Jerusalém tantos aromas, como os que a rainha de Sabá deu ao Rei Salomão”.

Se o sábio Salomão e a curiosíssima rainha de Sabá eram assim tão amigos de inebriantes aromas, porque os modestos suburbanos, de ambos os sexos e de todas as cores, não o podem ser também a seu modo e conforme as suas fortunas? “Homo sum...”⁵

Em compensação, essas barracas, não a da rainha de Sabá, nem a do Rei Salomão, mas as de perfumes dos “mafuás” suburbanos, são as que pagam mais caro arrendamento às irmandades respectivas.

Essa suburbana folgança domingueira acaba cedo, às dez horas da noite; e, então, é de ver-se o desfile daquela gente, a maioria cheia de decepções, mas uma boa parte carregando despretensiosamente patos, perus, galinhas e leitões que grunhem, enquanto galinhas e galos, mais adiante, cacarejam.

Nos bondes e nos trens, quase sempre, há questões com os condutores, quando estes descobrem “mafuenses”, carregando de contrabando um pato ou uma galinha. Há o que eles chamam o “lelé”: “Para o bonde! Salta! Não salta! Toca esta joça!”. Afinal, o contrabandista apeia,

5. Lima Barreto apenas inicia a famosa frase do filósofo romano Terêncio (185–159 a.C.): *homo sum et nihil humani a me alienum*. Em tradução para o português: “sou humano e nada do que é humano me é estranho”. Trata-se de um princípio de solidariedade e um alerta contra a indiferença entre uma pessoa e outra.

sobraçando o animal em penas, pois o jornal rompera-se e é difícil encontrar outro, naquelas últimas. Apesar de acabar cedo, tem acontecido muitas vezes que certos felizardos, aquinhoados com sortes de galinhas e perus, demoram-se pelo caminho: e, ao tomarem rumo de casa, em ruas escuras e desertas, são presos por uma patrulha excepcional, que os toma como ladrões de galinheiros familiares, e levam-nos para a delegacia.

A ideia eclesiástica dos “mafuás” não deixou de ter a sua repercussão nas concepções sociais dos nossos atuais dirigentes. O parentesco do “mafuá” com a “feiras livre” da superintendência é evidente, é axiomático.

Há, entretanto, pequenas diferenças; o “mafuá” é à noite e a “feira livre” é pela manhã; nesta não há “rodas”, não há “pinguelim”, naquela há. E é só; no mais, ambos têm um constante ar de família. É a mesma coisa, com idêntico aspecto da festa popular, pretexto para passeios e discretos namoros; e, tanto num, como na outra, vende-se de tudo, como diz o povo. É mais outra semelhança. Não afianço; mas espero ver todos dois, daqui em breve, transformados em “carnaval”, com bisnagas, confetes, serpentinas, ranchos e blocos.

O princípio da feira livre é totalmente socialista. Ela visa eliminar o intermediário entre o consumidor e o produtor, mas, para os seus sábios iniciadores, o intermediário só é o varejista, escorchado de impostos, coisas que não acontece com o da feira, que quase não paga nada de emolumentos ao governo.

Há dias, fui a uma delas, na minha vizinhança; e surpreendi-me, vendo aí vender-se açúcar. Cheguei e fiz menção de comprar. Pedi um quilo. O homem passou-me um pacote. Perguntei então:

- O senhor não tem balança?
- Para que? Isto aqui não é feira livre? É livre!

Concordei e, ao pagar o pacote, indaguei do industrial:

— De onde é este açúcar?

— Não sei... Isto é: é de Pernambuco ou de Campos.

Por quê?

— Pensei que fosse da sua usina, aqui, nos arredores.

Afastei-me, deixando o homem espantado, com o espanto de quem acaba de falar com um maluco.

Mais adiante, parei, em face de um mercador que oferecia uma singular mercadoria. Eram sapatinhos de criança, toalhas de crochê, toucas, rendas de bilros, etc. Entre estas últimas havia algumas lindas, bem acabadas, de um desenho feliz, que bem podia rivalizar com aquelas que o Rei Alberto trouxe nos porões do “São Paulo”⁶ e são fabricadas em Bruxelas.⁷

Conquanto o mercador tivesse uma catadura de domador de feras, eu me animei a dirigir-lhe a palavra, nestes termos:

É o senhor mesmo quem faz essas lindas coisas de moças prendadas?

— Que pergunta! Não; é minha mulher!

— Ah!

Encaminhei-me até um sujeito que vendia pintassilgo, canários e papa-capins, lembrando-me Hércules fiando aos pés de Ônfale⁸.

6. “São Paulo” era o nome de um dos mais importantes navios de guerra da Marinha Brasileira na época.

7. Em setembro de 1920, o Brasil recebeu a visita da realeza belga representada pela Rainha Elizabeth, o Rei Alberto I e o filho Leopoldo. Era a primeira vez que acontecia a visita de uma família real europeia ao Brasil republicano. O evento tomou conta do noticiário e foi aclamado pela população onde quer que as autoridades aparecessem.

8. Hércules é o nome que o herói da mitologia grega, Héracles, recebeu na mitologia romana. De acordo com uma das versões do mito, Hércules havia sido castigado por ter matado um homem, e seu castigo foi o de ter sido vendido como escravo para a rainha Ônfale. Como



A feira estava no seu auge. Dos bondes desciam moças e senhoras aos magotes. Todas bem vestidas e agasalhadas convenientemente. Os automóveis chegavam buzinando. Vi descer dele gente que não era positivamente suburbana. Tinham vindo, certamente, do Leme ou Ipanema.

A modesta burguesia suburbana olhava esse pessoal que se diverte, com susto e, ao mesmo tempo, com estranha curiosidade.

Dentre ele, salientava-se uma guapa rapariga, morena, um tanto fanada, mas, assim mesmo, ainda bela com as suas viciosas olheiras roxas.

O cavalheiro que a acompanhava, apesar de ter passado a noite em claro, como era fácil de perceber, tinha ainda o colarinho imaculado e reluzente. Pelos dedos, pelo peito, anéis e brilhantes; a mulher também, tendo ainda por cima brincos, colares e braceletes.

Acompanhei-os com jeito. Dirigiram-se para a tenda do tal domador de feras, que vendia artefatos da feminina indústria doméstica. O domador, vendo a dama, tornou mais firme seu mau olhar esperto. A rapariga disse então para o cavalheiro que ia ao lado:

— Jaime, compra aqueles sapatinhos cor-de-rosa e aquela touca branca, com rendas.

— Para que, Benvinda? — perguntou ele, surpreso.

— Para pôr na Zezé.

— Que Zezé? — expectorou o rapaz.

— Tolo! A boneca, a minha boneca, que está lá no quarto. Não a tens visto?

— Bem, — rematou o tal Jaime; e comprou as prendas domésticas do domador de leões, tigres e panteras.

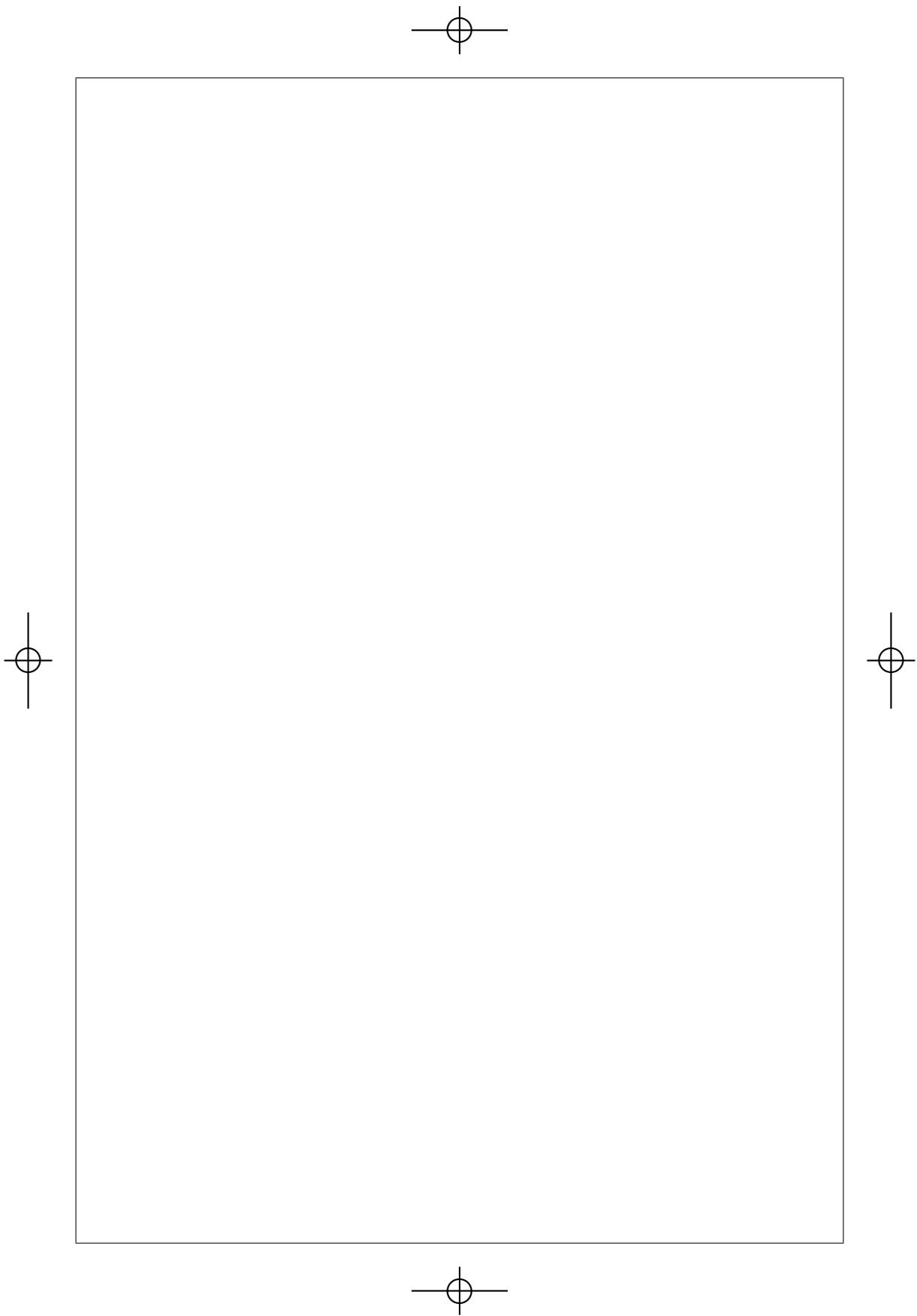
escravo, Hércules era submetido a diversos trabalhos e em muitas ocasiões trocava de papel social com Ônfale. Ela se vestia com roupagens de pele de leão e ele com roupas femininas; ela simulava caça e ele fiava (costurava) aos pés de sua ama.





Está aí uma coisa que não é lá muito suburbana: comprar toucas e sapatinhos para pôr em bonecas. Se fosse para bebês de carne e osso...





No «mafuá» dos padres^{*}

O meu amigo doutor João Ribeiro¹ ainda não me pôde explicar o que quer dizer “mafuá”.

Apesar disso, eu, pela boca do povo, sei que, mais ou menos, tal termo exprime uma barafunda de homens e mulheres de todas as condições.

Não quero contribuir para o dicionário de brasileirismos da Academia; mas o que aprendo ensino.

Ouvi esse termo de “mafuá” no Engenho de Dentro, para designar umas barraquinhas que os padres tinham lá feitas.

Era, como lá diziam, o “mafuá” dos padres. Eles fazem um leilão de prendas, por intermédio de moças mais ou menos decotadas.

Aprecio o aspecto e, domingo último, com o meu amigo Modestino Kanto², fomos até lá.

Havia, como já disse, um leilão de prendas e numa das barracas estava em leilão um carneiro.

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 11/10/1919.

1. João Batista Ribeiro de Andrade (1860–1934), amigo de Lima Barreto, jornalista, crítico literário, historiador. Foi um dos líderes das Comissões do Dicionário e da Gramática, que funcionavam na Academia Brasileira de Letras. Lima Barreto faz menção à vasta erudição do amigo nesta crônica.

2. Modestino Kanto (1889–1967) foi um dos principais escultores brasileiros da primeira metade do século xx.

Surgiram logo como disputantes o Oscar Saião, soldado de linha de tiro, e o João do Norte, alferes de polícia. Ambos queriam dar o carneiro à crioula Candinha, que não se importava com nenhum deles, mas tinha um grande interesse pelo carneiro.

Saião grita:

— Dou mil e quinhentos.

Logo João do Norte berra:

— Ofereço mil e setecentos.

A disputa ia assim, quando aparece o Raul Soares, reservista naval, e dá um lance maior:

— Levo por dois mil-réis.

Todos ficaram atônitos inclusive a Candinha, que logo se embeixou pelo reservista, vendo a sua liberalidade.

Entretanto, estava ela enganada, porquanto, dentro em pouco, chegava o voluntário de manobras Kalogheras e cobria o preço do reservista naval Raul Soares:

— O carneiro me fica por dois mil e quinhentos.

Foi o diabo por aí, porquanto Candinha ficou logo apaixonada pelo voluntário de manobras.

O fato é que se engalfinharam e foi preciso a presença do almirante Epitácio, sendo os feridos pensados anteriormente pelo doutor Ângelo Tavares, clínico muito conhecido no Méier.

O delegado não prendeu Candinha; mas examinou o carneiro.

Era falso e só dizia — “mé” — porque tinha uma gaita no bucho.

Paulino e o «mafuá»^{*}

— Você não sabe, Segadas, este negócio de “mafuá” é um flagelo.

— Como? É uma coisa religiosa, abençoada pela Igreja...

— Eu conto a você: Moro em Todos os Santos, há muitos anos. Naturalmente todos nós, os da minha família, terão conhecimentos e relações. Damo-nos e trocamos favores. Até aí está muito direito, porque isso é cristão e humano. Há meses minha irmã recolheu à nossa casa um pequeno muito pobre e humilde. Embora seja eu nominalmente chefe da casa, não fui consultado nem cheirado; mas concordei que era obra de caridade e uma obra de caridade não se censura.

O pequeno veio tímido; mas, com os dias e graças à bondade com que era tratado, ganhou confiança e ficou sendo o ai-jesus da casa. Níquel daqui e níquel dacolá, ele juntava para ir ao cinema no Méier. Não havia mal nisto e nós gostávamos até do prurido de economia que ele denunciava.

Eu cá dizia comigo: “É assim que se começa; ele economiza para o cinema e mais tarde economizará para os filhos. A economia é a base da prosperidade, sentença que está nos vinténs e, por estar em tão reles moeda, ninguém a cumpre”.

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 11/03/1922.

Neste último carnaval, porém, tive prova que essa história de economia é uma parvoíce. Contra a economia estão armadas uma porção de alçapões que a simplicidade do povo não vê e cai neles com uma facilidade assombrosa.

Um deles é o “mafuá”.

Paulino, sem consentimento de minha irmã, sai de casa para o “mafuá” do Engenho de Dentro. E preciso notar que ele é uma criança de nove anos.

O “mafuá” estava em sessão permanente. Funcionava dia e noite; tinha até um salão de baile, cuja entrada custava simplesmente mil-réis. O povo o chamara, ao salão, “parque das cabras” — não sei por quê.

Pois Paulino lá foi e jogou os dois mil e tantos que tinha, no “jaburu” do tal “mafuá”.

— Daí? — perguntei.

— Daí é que o jogo não deve ser permitido a menores, mesmo que se trate de edificação de igrejas.

Coisas de «mafuá»^{*}

- Mas, onde esteve você, Jaime?
- Onde estive?
- Sim; onde você esteve?
- Estive no “xadrez”.
- Como?
- Por causa de você.
- Por minha causa? Explique-se, vá!
- Desde que você se meteu como barraqueiro do imponente Bento, consultor técnico do “mafuá” do padre A, que o azar me persegue.
- Então eu havia de deixar de ganhar uns “cobres”?
- Não sei; a verdade, porém, é que essas relações entre você, Bento e “mafuá” trouxeram-me urucubaca. Não se lembra você da questão do pau?
- Isto foi há tanto tempo!... Demais o Capitão Bento nada tinha a ver com o caso. Ele só pagou para derrubar a árvore; mas você...
- Vendi o pau, para lenha, é verdade. Uma coisa à toa de que você fez um “lelé” medonho e, por causa, quase nós brigamos.
- Mas o capitão não tinha nada com o caso.
- À vista de todos, não; mas foi o azar dele que envenenou a questão.

*. Publicado na revista *Careta* em 22/01/1921.



— Qual, azar! qual nada! O capitão tem os seus “quandos” e não há negócios que se meta, que não lhe renda bastante.

— Isto é para ele; mas, para os outros que se metem com ele, sempre a roda desanda.

— Comigo não se tem dado isso.

— Como, não?

— Sim. Tenho ganho “algun” — como posso me queixar?

— Grande coisa! O dinheiro que ele te dá, não serve pra nada. Mal vem, logo vai.

— A culpa é minha que o gasto; mas do que não é minha culpa — fique você sabendo — é que você tenha sido metido no “xadrez”.

— Pois foi. Domingo, anteontem, não fui ao “mafuá” de você?

— Meu, não! É do padre ou da irmandade.

— De você, do padre, da irmandade, do Bento ou de quem quer que seja, o certo é que lá fui e caí na asneira de jogar na tua barraca.

— Homessa! Você foi até feliz!... Tirou uma galinha! Não foi?

— Tirei — é verdade; mas a galinha do “mafuá” foi que me levou a visitar o “xadrez”.

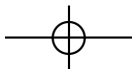
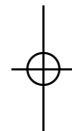
— Qual o quê!

— Foi, Pena! Eu não tirei a “indrômita” à última hora?

— Tirou; e não vi você mais.

— Tentei passá-la ao Bento, por três mil-réis, como era costume; mas ele não quis aceitar.

— Por força! A galinha já tinha sido resgatada três ou quatro vezes, não ficava bem...



— A questão, porém, não é essa. Comprei *A Noite*¹, embrulhei nela a galinha e tomei o bonde para Madureira². No meio da viagem, o bicho começou a cacarejar. Tentei acalmar o animal; ele, porém, não estava pelos autos e continuou: “crá-crá-cá, cró-cró-có”. Os passageiros caem na gargalhada; e o condutor me põe fora do bonde e, tenho eu que acabar a viagem a pé.

— Até aí...

— Espere. O papel estava despedaçado e, também, para maior comodidade, resolvi carregar a galinha pelos pés. Ia assim, quando me surge pela frente a “canao” dos agentes. Suspeitaram da proveniência da galinha; não quiseram acreditar que eu a tivesse tirado do “mafuá”. E, sem mais aquela, fui levado para o distrito e metido no xadrez, como ladrão de galinheiros. Iria para a “central”, para a colônia, se não fosse ter aparecido o caro Bernadino que me conhecia, e afiançou que eu não era vasculhador de quintais, à alta hora da noite.

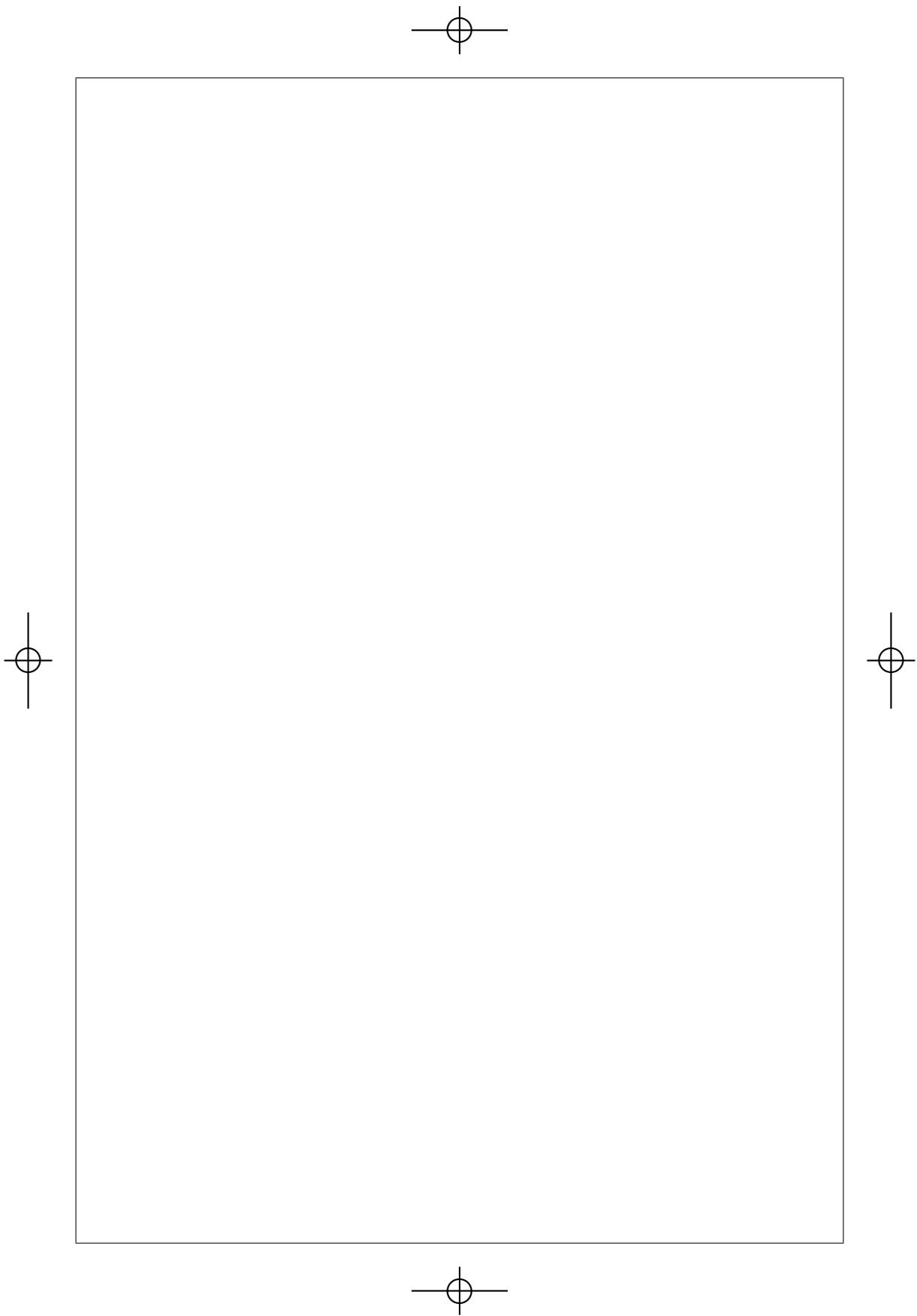
— Mas que tem isso com o “mafuá”?

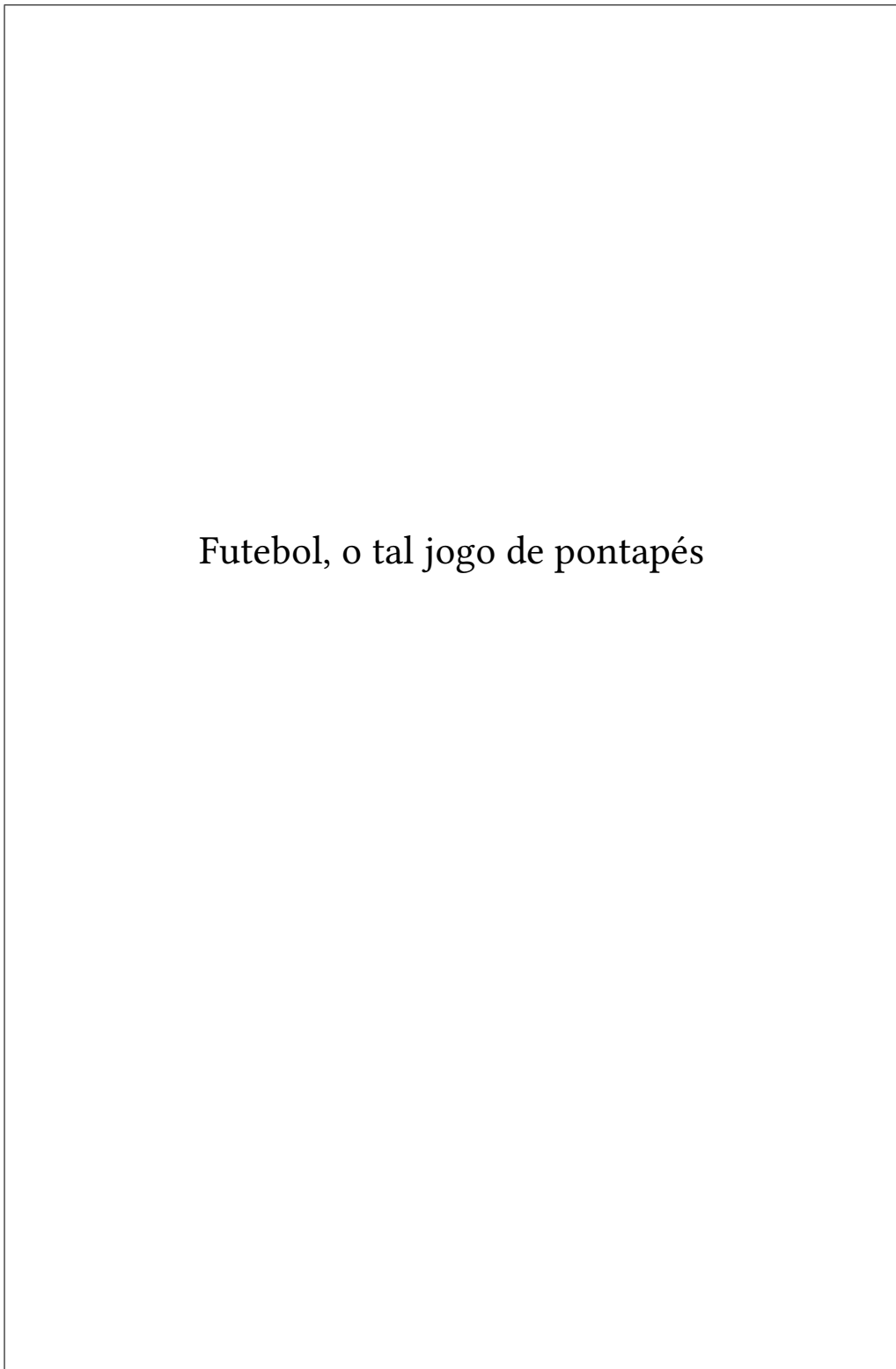
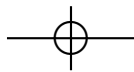
— Muita coisa: vocês deviam fazer a coisa clara; dar logo o dinheiro de prêmio e não galinhas, bodes, carneiros, patos e outros bicharocos que, carregados alta noite, fazem a polícia tome um qualquer por ladrão...

Eis aí.

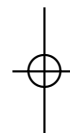
1. Um importante jornal da época.

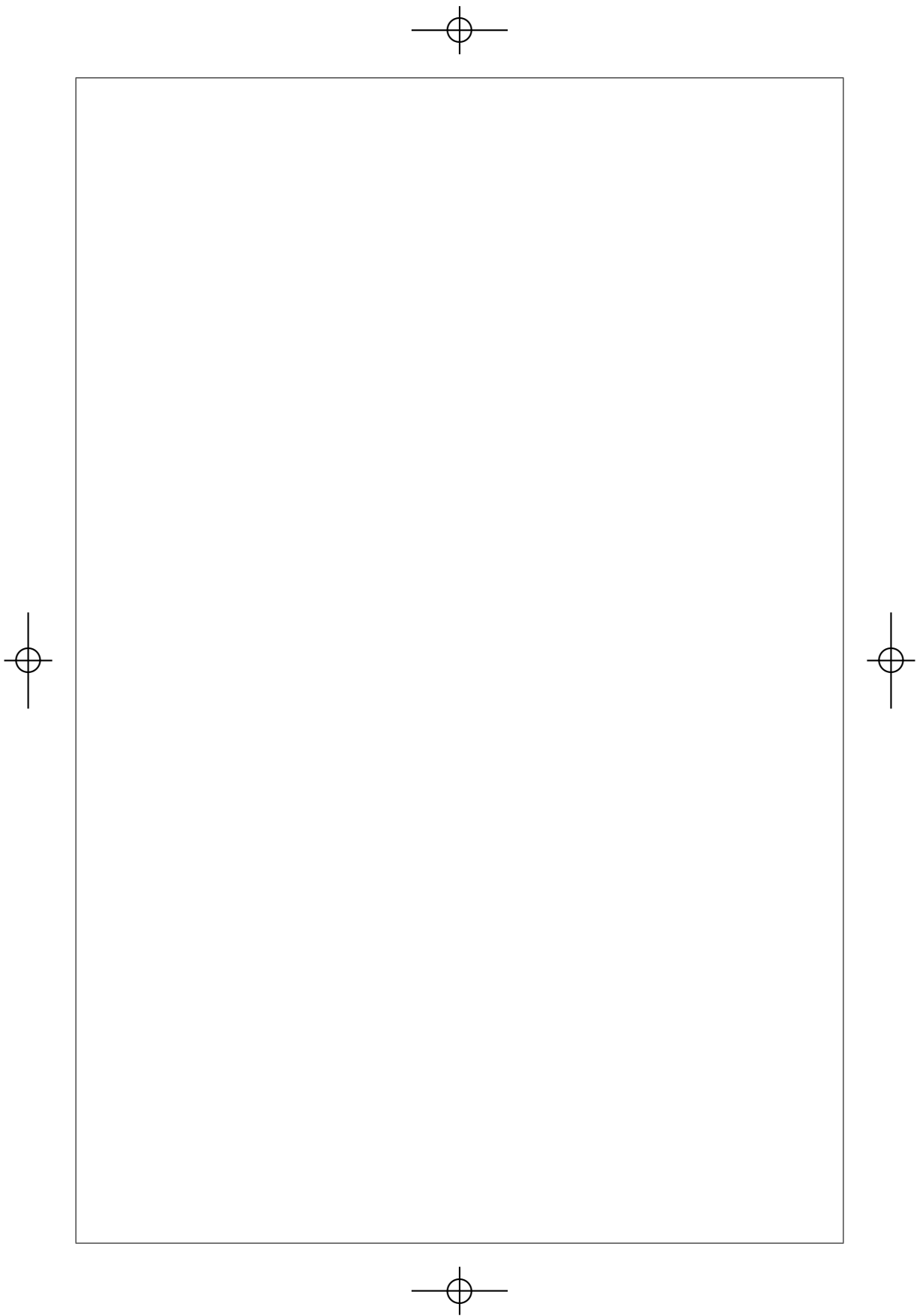
2. Bairro do subúrbio da zona norte do Rio de Janeiro.





Futebol, o tal jogo de pontapés





Uma partida de *football**

Das coisas elegantes que as elegâncias cariocas podem fornecer ao observador imparcial, não há nenhuma tão interessante como uma partida de *football*.

É um espetáculo da maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam a sua cultura e educação.

Num círculo romano, com imperadores, retiários¹, vestais e outros sacerdotes e sacerdotisas, não se poderiam presenciar aspectos tão interessantes, coisas tão inéditas como nas nossas arenas de jogo dos pontapés na bola.

Os gladiadores eram raramente homens de grande beleza física e muito menos intelectual; os nossos jogadores de *football*, porém, são excelentes modelos, em que o crânio alongado e pontiagudo dá um remate de beleza aos seus membros inferiores que muito lembram certos ancestrais do homem.

O senhor Coelho Neto², a quem muito admiro, já fez a apologia desses apolos³, com a força de sua erudição em coisas gregas. Não há, portanto, nos nossos hábitos, fato mais agradável do que assistir uma partida de bolapé⁴.

*. Publicado na revista *Careta* em 04/10/1919.

1. Retiário ou reciário era um tipo ou categoria de gladiador da época do Império Romano.

2. Sobre o escritor Coelho Neto, ver nota 16.

3. Referência a Apolo, um dos principais deuses da mitologia grega, cuja beleza era cultuada como um grande ideal a ser alcançado pelos mortais.

4. Na época em que a crônica foi escrita, o futebol ainda era uma novidade no Brasil, por isso as tentativas de tradução direta do termo

As senhoras que assistem, merecem então todo o nosso respeito. Elas se entusiasma de tal modo que esquecem todas as conveniências. São as chamadas “torcedoras” e o que é mais apreciável nelas, é o vocabulário.

Rico no calão, veemente e colorido, o seu fraseado só pede meças ao dos humildes carroceiros do cais do porto. Poderia dar alguns exemplos, mas tinha que os dar em sânscrito⁵. Em português ou mesmo em latim, eles desafiariam a honestidade: e é, por um, que me abstenho de toda e qualquer citação elucidativa.

O que há, porém, de mais interessante nessas festas esportivas, é o final. Sendo um divertimento ou passatempo, elas acabam sempre em rolo e barulho. Por tal preço, não vale a pena a gente divertir-se. É o que me parece⁶.

inglês *football* por “bolapé”, por exemplo, mas o normal era a grafia em inglês, com algumas variações, como *foot-ball*.

5. Sânscrito é uma das línguas mais antigas a que se tem conhecimento, falada em algumas regiões da Índia.

6. Essa crônica é uma das muitas que Lima Barreto escreveu contra o futebol. O escritor não gostava desse esporte, tanto pela violência quanto, principalmente, pelo racismo praticado pelas equipes e clubes oficiais. Lima Barreto chegou a criar, em 1919, *A Liga contra o Football*, da qual faziam parte alguns intelectuais como Antônio Noronha Santos e Carlos Sussekind de Mendonça; este último escreveu um pequeno trabalho, em 1922, intitulado “O esporte está deseducando a mocidade brasileira”. É importante notar, a partir dessas informações, o forte teor de ironia presente nessa crônica.

O Haroldo^{*}

Haroldo Hartings era descendente de dinamarqueses e seu pai tinha enriquecido no comércio de fazendas¹. A sua loja, com um simples armarinho de arrabalde², com o tempo, aumentara e a sua riqueza crescera com a prosperidade da loja.

Tendo vários filhos e filhas, destinou o Haroldo a ser doutor. O pequeno formou-se em direito e foi uma grande festa na casa do lojista, quando ele recebeu o grau. Houve banquete, discursos e baile. O palacete resplandeceu de luzes e os convidados estavam vestidos com o máximo de rigor e luxo.

Um diz ao pai:

— O Haroldo vai fazer uma bela carreira. O seu curso foi distinto.

Um outro dizia à mãe:

— Seu filho vai ser um grande jurista. É o que dizem os lentes dele.

Assim falavam todos, gabando o talento do rapaz.

O pai, muito contente com tais prognósticos, montou um escritório soberbo para o doutor Haroldo, numa das ruas centrais da cidade.

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 04/12/1920.

1. *Fazenda* era o nome mais utilizado para panos e tecidos, principalmente os utilizados para confecção de roupas.

2. Loja de *armarinhos* é um tipo de comércio voltado para várias espécies de utensílios domésticos, papelaria etc. *Arrabalde* significa lugar afastado do centro, localizado na periferia ou subúrbio.



Os jornais, quase todos, tiveram a renda aumentada com as publicações de anúncios do novel advogado.

Os clientes, porém, não apareciam e um amigo a quem ele se prestou a advogar-lhe uma causa, conseguiu perdê-la redondamente.

Foi uma decepção para o velho mercador. Matutou, matutou muito e disse ao filho:

— Você não dá para advogado; o melhor é você ir para os Estados Unidos estudar eletricidade.

— Pois não, papai.

Doido por isso estava ele. Fez-se de malas e embarcou para New York.

Lá, não estudou eletricidade, nem coisa alguma; tratou de pandegar à vontade.

Voltou e nunca se propôs a montar a mais simples campainha elétrica.

Vendo, entretanto, que muitos dos seus antigos colegas ganhavam nome do foro, nas letras e em outras atividades, teve desejo de ser também notável.

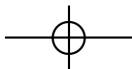
Mas, em quê?

Não tinha jeito para a advocacia, como já experimentara; não tinha jeito para o professorado, pois, após a formatura, não abrira mais livro; não tinha jeito para as letras, embora toda a gente tenha.

Como havia de ser?

Pensou muito e lembrou que, em New York, tinha demonstrado certa habilidade para o jogo de *football*.

Fez-se apóstolo desse jogo de pontapés e, graças à sua fortuna, em breve, era uma celebridade nele.



O ideal*

Assim que Irene soube que a sua amiga Inês se havia casado, imaginou que o tivesse feito com um grande poeta, uma jovem notabilidade.

Irene estava em Paris há muitos anos e raramente se correspondia com sua amiga, de forma que não podia fazer um juízo certo de quem fosse o marido de Inês.

Entretanto, sabia das ideias de casamento de sua antiga colega.

No colégio em que ambas cursaram, quando tratavam desse assunto palpitante para o coração das moças — o casamento — era hábito de Inês dizer à amiga:

— Eu hei de me casar com um grande poeta.

Ao que a amiga respondia:

— Esta gente não serve para marido; são estroinas, volúveis...

— Qual! Nem todos... E mesmo que assim seja, eu quero que o meu nome corra mundo junto ao nome do meu marido...

Moça feita, Inês sempre se interessou por essas coisas de letras e seguia todos os poetas que surgiam, com vagar, com ardor, e uma ingênua admiração.

Conferência deste ou daquele não era anunciada que lá não estivesse; aos salões da literatura elegante e decorativa, estava sempre presente.

*. Publicado na revista *Careta* em 25/09/1915.



Muitos esperavam dela uma literata e houve um ironista que a crismou mesmo de próxima futura poetisa ou... romancista.

Tudo isso fez ver à sua amiga Irene que ela se houvesse casado com um jovem poeta de grande talento.

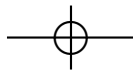
Aconteceu que o marido dessa última, com medo dos azares da guerra¹, deixasse a sua residência em Paris e viesse para o Rio.

Logo que as duas se avistaram, Irene imediatamente perguntou pressurosa:

- Já vi que o teu marido é um grande poeta.
- Não; é campeão do *football*.



1. Referência à Primeira Guerra Mundial, que durou entre julho de 1914 há novembro de 1918.



Macaquitos^{*}

Um jornal ou semanário de Buenos Aires, quando uma *équipe* brasileira de *football*, de volta do Chile, onde fora disputar um campeonato internacional, por lá passou, pintou-a como macacos.

A coisa passou despercebida, devido ao atordoamento das festas do Rei Alberto¹; mas, se assim não fosse, estou certo de que haveria irritação em todos os ânimos.

Precisamos nos convencer de que não há nenhum insulto em chamar-nos de macacos. O macaco, segundo os zoologistas, é um dos mais adiantados exemplares da série animal; e há mesmo competências que o fazem, senão pai, pelo menos primo do homem. Tão digno “totem” não nos pode causar vergonha.

A França, isto é, os franceses são tratados de galos e eles não se zangam com isto; ao contrário: o galo gaulês, o *chantecler*, é motivo de orgulho para eles.

Entretanto, quão longe está o galo, na escala zoológica, do macaco! Nem mamífero é!

Quase todas as nações, segundo lendas e tradições, têm parentesco ou se emblemam com animais. Os russos nunca se zangaram por chamá-los de ursos brancos; e o urso não é um animal tão inteligente e ladino como o macaco.

*. Publicado na revista *Careta* em 23/10/1920.

1. Sobre a visita do Rei Alberto ao Brasil, ver nota 60.

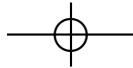


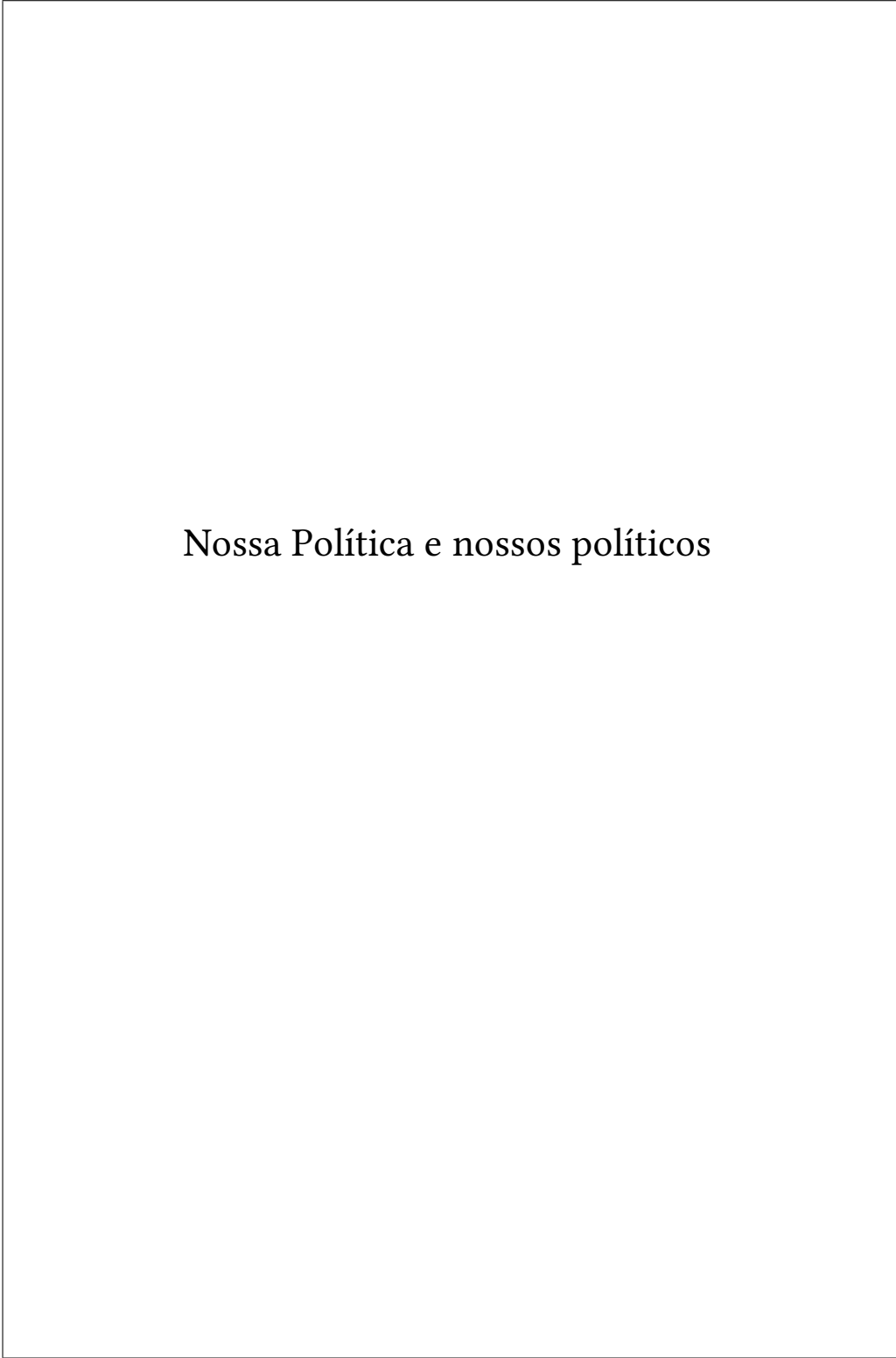
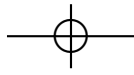
Vários países, como a Prússia e a Áustria, põem nas suas bandeiras águias; entretanto, a águia, desprezando a acepção pejorativa que tomou entre nós, não é lá animal muito simpático.

A Inglaterra tem como insígnias animais o leopardo e o unicórnio. Digam-me agora os senhores: o leopardo é um animal muito digno?

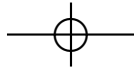
A Bélgica tem leões ou leão nas suas armas; entretanto, o leão é um animal sem préstimo e carniceiro. O macaco — é verdade — não tem préstimo; mas é frugívoro, inteligente e parente próximo do homem.

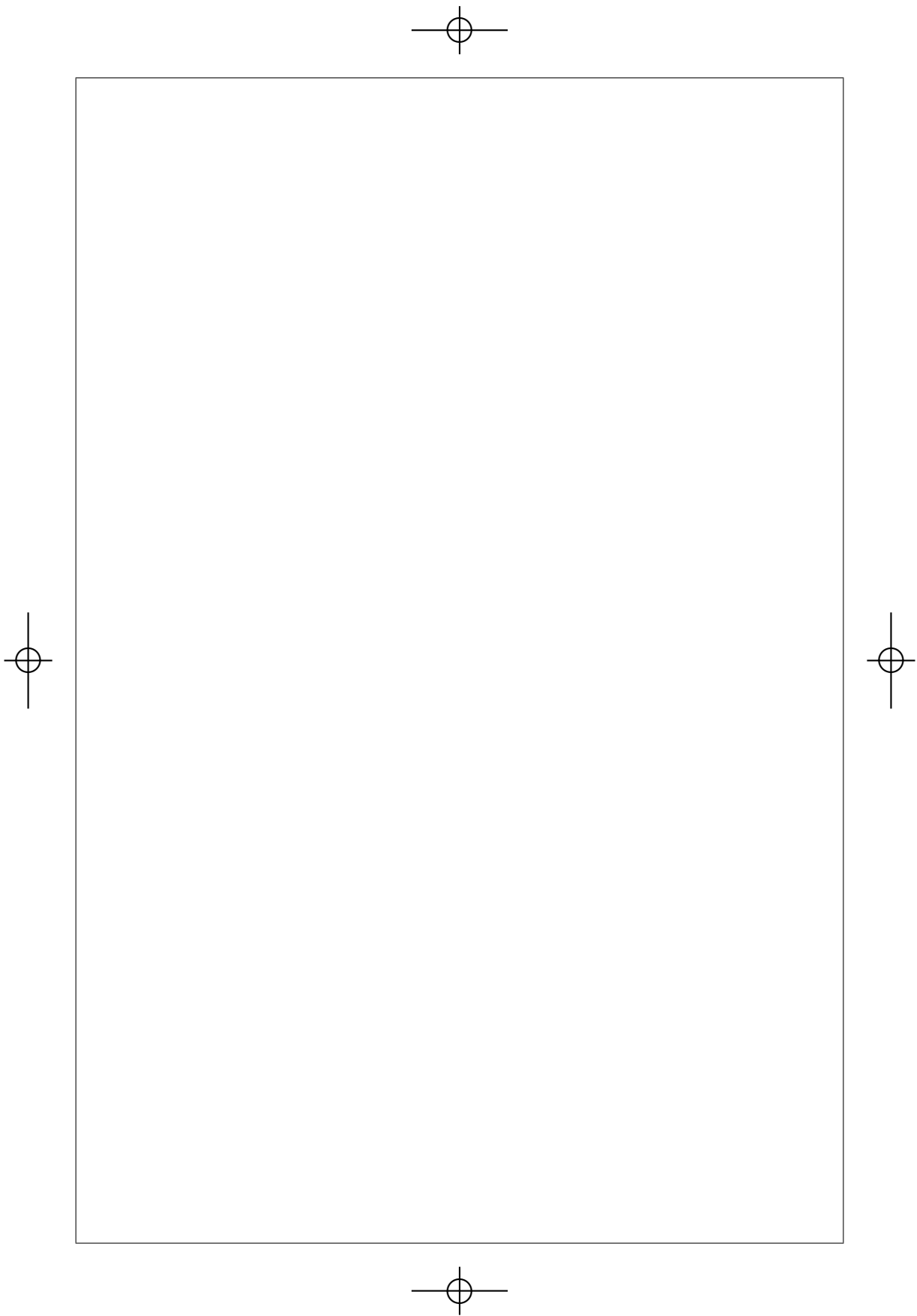
Não vejo motivos para zanga, nessa história dos argentinos chamar-nos de macacos, tanto mais que, nas nossas histórias populares, nós demonstramos muita simpatia por esse endiabrado animal.





Nossa Política e nossos políticos





«Encrencas» nacionais*

Este Brasil é o país das “encrencas”. Não se conhece no mundo nação mais ceia de atrapalhões do que esta.

Todo o ano aparece uma e elas se somam sem que qualquer seja resolvida.

Sobem presidentes, entram ministros, elegem-se deputados e senadores, criam-se repartições e comissões e elas continuam de pé.

Não sei para que há tantos sábios e doutores, no Brasil, se eles não dão solução a tais “encrencas”!

Por exemplo: o *déficit*. Temos entre nós — não há dúvida alguma — financeiros de valor, como o Senhor Cincinato Braga¹, o Senhor Antônio Carlos², o Senhor Nuno de

*. Publicado na revista *Careta* em 04/12/1920.

1. Sobre Cincinato Braga, ver nota 23.

2. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (1870–1946), foi um dos mais importantes políticos mineiros no período da Primeira República. Ocupou cargos de Deputado Federal, Senador, Governador de Minas Gerais, Ministro da Fazenda. É sobre este último cargo que Lima Barreto faz alusão durante a crônica. Considerado grande especialista em finanças públicas, Antônio Carlos ocupou a pasta da Fazenda (hoje, chamada de Ministério da Economia), entre 1917 e 1918, com grande expectativa em relação ao controle do *déficit* público, ou seja, à solução do problema em que os gastos do governo superam as receitas (os ganhos), o que de fato não ocorreu.

Andrade³ e outros muitos — como é que não acabam com ele?

É uma pergunta muito natural que um leigo como eu, em matéria de finanças, faz logo e os entendidos deviam responder cabalmente.

As tais secas do Norte são outra atrapalhação. O Brasil possui celebridades em engenharia hidráulica e, apesar de há tantos anos tratarem elas de acabá-las e se haver gasto rios de dinheiro, até hoje não deram cabo do flagelo que continua a dizimar milhares de pessoas de tempos em tempos.

E o caso do Lloyd⁴?

Há não sei quantos anos vários alvitres são apresentados para que ele dê renda. Mudam os administradores e ele contia a ser um sorvedouro de dinheiros públicos.

3. Nuno Ferreira de Andrade (1851–1922) fez sua carreira como médico e pesquisador. Foi uma das principais referências em saúde pública no final do Império. Com a instauração da República, além de exercer importantes cargos na área da saúde, especializou-se, na Europa, em Finanças e Políticas Públicas, tendo atuado em alguns setores do Ministério da Fazenda, entre os anos 1912–1913.

4. A Companhia de Navegação *Lloyd Brasileiro* foi um grande conglomerado de empresas de navios comerciais e de passageiros, que operavam tanto nacionalmente, quanto internacionalmente, principalmente para a exportação de produtos para a Europa e o transporte de imigrantes para nossas terras. A empresa, no início, era considerada de capital misto, ou seja, empresários e o setor público mantinham aquele empreendimento gigantesco. O *Lloyd Brasileiro* foi à falência no final de 1899, tendo sido adquirido, em leilão, pelo Banco do Brasil, passando a ser considerada patrimônio nacional. A empresa, no entanto, nunca conseguiu gerar os lucros que seus dirigentes e responsáveis sempre previam, para justificar os investimentos estatais cada vez maiores, daí a crítica de Lima Barreto. A companhia funcionou até a década de 1990, quando entrou no programa de desestatização do governo de Fernando Henrique Cardoso.

Por que será que não se encontra um doutor que lhe dê remédio? É incrível que não haja!

Uma outra “encrenca” nacional é o tal do “café”.

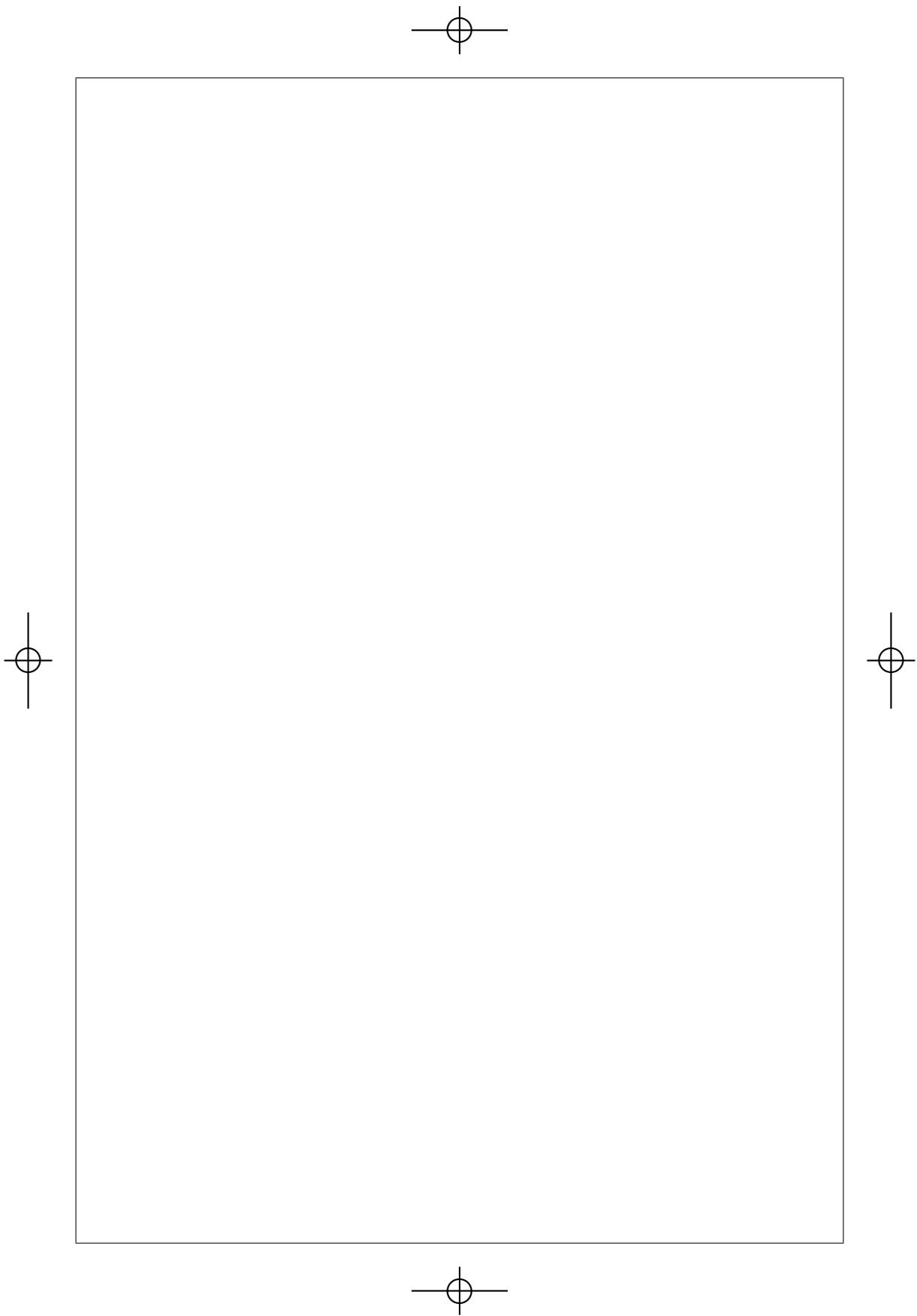
De quando em quando, trata-se de valorizá-lo. Fazem-se comissões, empréstimos vultuosos e nunca ele fica valorizado de vez. É uma pedra de Sísifo⁵.

O carvão nacional também faz parte das complicações nacionais. Dizem uns que ele presta, dizem outros que ele não presta para nada. O governo tem gasto um dinheirão com ele; entretanto uma partida do mesmo que estava no cais do porto, quando há dias houve lá um incêndio, foi a única coisa que não pegou fogo, conforme noticiaram os jornais.

Belo carvão!

Muitas outras “encrencas” nacionais há por aí que deixo de citar por brevidade.

5. Referência ao “mito de Sísifo”, um dos mais famosos da mitologia grega. Muitas pessoas conhecem a história daquele homem que é obrigado a empurrar uma rocha gigante, em formato esférico, por uma montanha acima e, chegando lá, a enorme pedra regressa montanha abaixo e o homem começa a caminhada novamente, infinitamente, pois se trata de uma penitência eterna. Um trabalho que não tem fim é um “trabalho de Sísifo”. Na mitologia grega, Sísifo era um “mortal”, rei da cidade de Corinto, que tinha como diferencial dos outros mortais uma sagacidade enorme, capaz de enganar os próprios deuses. E foi justamente por ter enganado um dos mais poderosos deuses do Olimpo — Júpiter — que teve seu castigo de passar a velhice empurrando aquela enorme pedra para cima da montanha, eternamente.



País rico^{*}

Não há dúvida alguma que o Brasil é um país muito rico. Nós que nele vivemos não nos apercebemos bem disso; e até, ao contrário, o supomos muito pobre, pois a toda hora e a todo instante, estamos vendo o governo lamentar-se que não faz isto ou não faz aquilo por falta de verba.

Nas ruas da cidade, nas mais centrais até, andam pequenos vadios, a cursar a perigosa universidade da calaçaria das sarjetas, aos quais o governo não dá destino, o os mete num asilo, num colégio profissional qualquer, porque não tem verba, não tem dinheiro. É o Brasil rico...

Surgem epidemias pasmosas, a matar e a enfermar milhares de pessoas, que vêm mostrar a falta de hospitais na cidade, a má localização dos existentes. Pede-se à construção de outros bem situados; e o governo responde que não pode fazer porque não tem verba, não tem dinheiro. E o Brasil é um país rico...

Anualmente cerca de duas mil mocinhas procuram uma escola anormal ou anormalizada, para aprender disciplinas úteis. Todos observam o caso e perguntam:

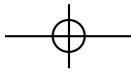
— Se há tantas moças que desejam estudar, por que o governo não aumenta o número de escolas a elas destinadas?

O governo responde:

— Não aumento porque não tenho verba, não tenho dinheiro.

E o Brasil é um país rico, muito rico...

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 08/05/1920.



As notícias que chegam das nossas guarnições fronteiriças são desoladoras. Não há quartéis; os regimentos de cavalaria não têm cavalos, etc., etc.

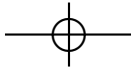
— Mas que faz o governo, raciocina Brás Bocó, que não constrói quartéis e não compra cavahadas?

O doutor Xisto Beldroegas, funcionário respeitável do governo acode logo:

— Não há verba; o governo não tem dinheiro.

— E o Brasil é um país rico; e tão rico é ele, que apesar de não cuidar dessas coisas que vim enumerando, vai dar trezentos contos para alguns latagões irem ao estrangeiro divertir-se com os jogos de bola como se fossem crianças de calças curtas, a brincar nos recreios dos colégios.

O Brasil é um país rico...



A política republicana^{*}

Não gosto, nem trato de política. Não há assunto que mais me repugne do que aquilo que se chama habitualmente política. Eu a encaro, como todo o povo a vê, isto é, um ajuntamento de piratas mais ou menos diplomados que exploram a desgraça e a miséria dos humildes.

Nunca quereria tratar de semelhante assunto, mas a minha obrigação de escritor leva-me a dizer alguma coisa a respeito, a fim de que não pareça que há medo em dar, sobre a questão, qualquer opinião.

No Império¹, apesar de tudo, ela tinha alguma grandeza e beleza. As fórmulas eram mais ou menos respeitadas; os homens tinham elevação moral e mesmo, em alguns, havia desinteresse.

Não é mentira isto, tanto assim, que muitos que passaram pelas maiores posições morreram pobríssimos e a sua descendência só tem de fortuna o nome que recebeu.

O que havia neles, não era a ambição de dinheiro. Era, certamente, a de glória e de nome; e, por isso mesmo, pouco se incomodariam com os proventos da “indústria política”.

A República, porém, trazendo tona dos poderes públicos, a borra do Brasil, transformou completamente os nossos costumes administrativos e todos os “arrivistas” se fizeram políticos para enriquecer.

^{*}. Publicado no jornal *A.B.C.* em 19/10/1918.

1. Período da história brasileira correspondente entre os anos de 1822 e 1889.



Já na Revolução Francesa² a coisa foi a mesma. Fouché³, que era um pobretão, sem ofício nem benefício, atravessando todas as vicissitudes da Grande Crise, acabou morrendo milionário.

Como ele, muitos outros que não cito aqui para não ser fastidioso.

Até este ponto eu perdoo toda a espécie de revolucionários e derrubadores de regimes; mas o que não acho razoável é que eles queiram modelar todas as almas na forma das suas próprias.

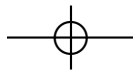
A República no Brasil é o regime da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia. Ninguém admite que se divirja deles e, para que não haja divergências, há a “verba secreta”, os reservados deste ou daquele Ministério e os empreguinhos que os médiocres não sabem conquistar por si e com independência.

A vida, infelizmente, deve ser uma luta; e quem não sabe lutar, não é homem.

A gente do Brasil, entretanto, pensa que a existência nossa deve ser a submissão aos Acácios e Pachecos, para obter ajudas de custo e sinecuras.

2. A Revolução francesa compreende o período de profundas mudanças sócio-políticas, econômicas e culturais ocorridas entre os anos 1789 e 1799. Marcou o fim do absolutismo na França, a declaração dos direitos universais sob o lema liberdade, igualdade e fraternidade. Um grande evento histórico que repercutiu por toda a Europa e em boa parte do mundo.

3. Joseph Fouché (1759–1820) foi um dos principais nomes político na França do período pós Revolução. Ficou conhecido principalmente pela inteligência de ocasião e pelas mudanças radicais em seus posicionamentos políticos, o que lhe valeu a alcunha de “o perfeito traidor” por parte de Napoleão Bonaparte.



Vem disto a nossa esterilidade mental, a nossa falta de originalidade intelectual, a pobreza da nossa paisagem moral e a desgraça que se nota no geral da nossa população.

Ninguém quer discutir; ninguém quer agitar ideias; ninguém quer dar a emoção íntima que tem da vida e das coisas. Todos querem “comer”.

“Comem” os juristas, “comem” os filósofos, “comem” os médicos, “comem” os advogados, “comem” os poetas, “comem” os romancistas, “comem” os engenheiros, “comem” os jornalistas: o Brasil é uma vasta “comilança”.

Esse aspecto da nossa terra para quem analisa o seu estado atual, com toda a independência de espírito, nasceu-lhe depois da República.

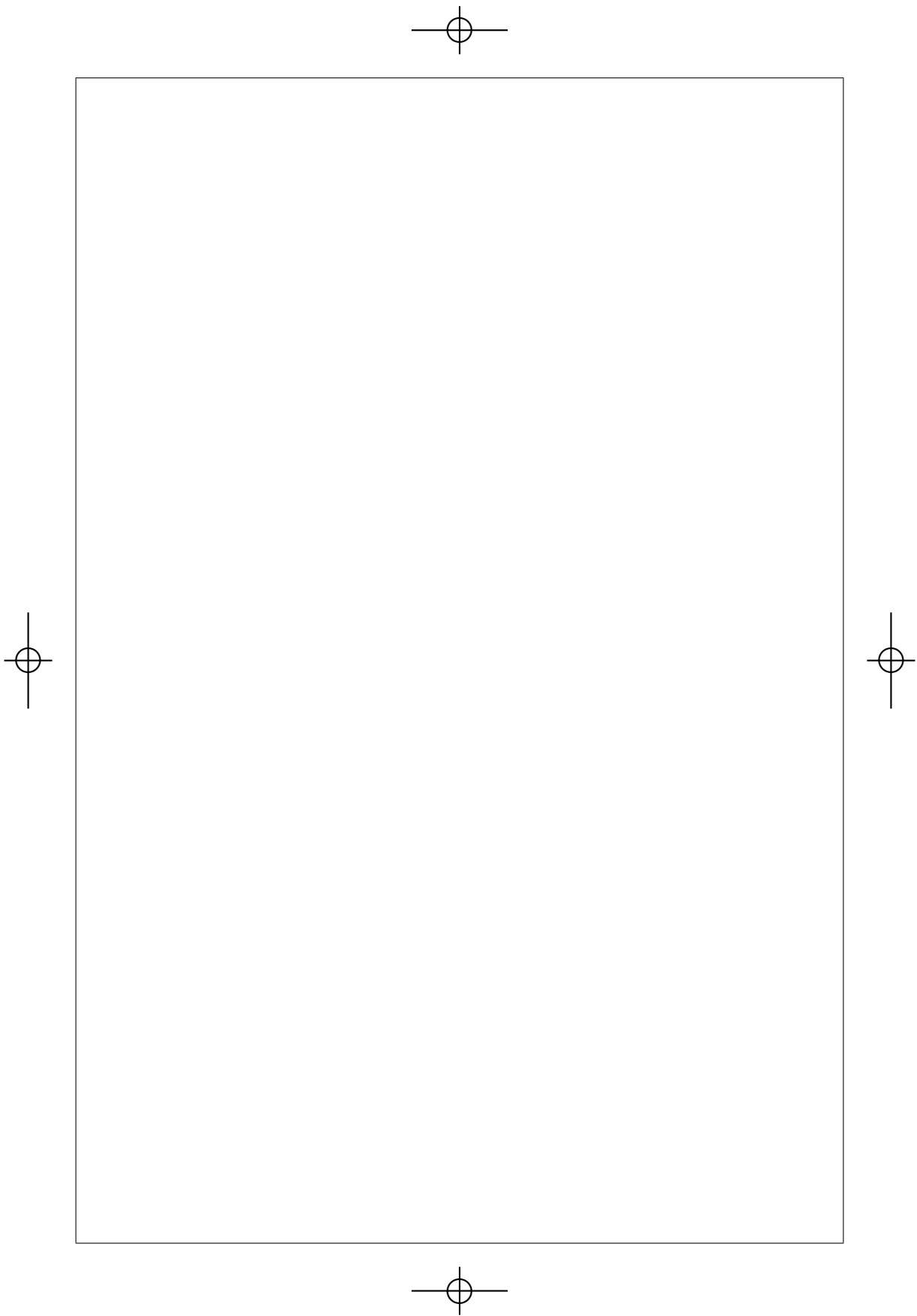
Foi o novo regime que lhe deu tão nojenta feição para os seus homens públicos de todos os matizes.

Parecia que o Império reprimia tanta sordidez nas nossas almas.

Ele tinha a virtude da modéstia e implantou em nós essa mesma virtude; mas, proclamada que foi a República, ali, no Campo de Santana, por três batalhões, o Brasil perdeu a vergonha e os seus filhos ficaram capachos, para sugar os cofres públicos, desta ou daquela forma.

Não se admite mais independência de pensamento ou de espírito. Quando não se consegue, por dinheiro, abafa-se.

É a política da corrupção, quando não é a do arrocho.
Viva a República!



Os cortes^{*}

Nos momentos em que a pátria fica a níqueis¹, a Câmara e o Senado, isto é, os senhores senadores e os senhores deputados, lembram-se logo de diminuir o número de funcionários públicos.

Não digo que se não possa fazê-lo; a tal respeito, não tenho opinião.

Diminuí-los ou não, mesmo que eu entre no corte, é para mim absolutamente indiferente.

Noto, porém, que as duas casas do congresso não se lembram, de forma alguma, do que se passa nelas.

Toda a gente sabe que a Câmara e o Senado, têm cada qual uma secretaria, um serviço de redação de debates, uma legião de auxiliares, de contínuos e serventes, e que esse cardume de empregos aumenta de ano para ano. Porque o congresso não começa cortando nas respectivas secretarias, para dar exemplo?

Nesse ponto não se toca, não se diz nada e os empregados do executivo são os mais culpados do déficit.

É uma verdadeira injustiça, tanto mais que os funcionários da Câmara e do Senado têm, quase sempre, além de bons ordenados legais, consideráveis gratificações, sob este ou aquele pretexto.

O povo diz que macaco não olha para o seu rabo; os parlamentares só olham para os dos outros.

*. Publicado no jornal *A. B.C.* em 14/12/1914.

1. O mesmo que “fica na miséria”.

Não se lembram que, de quando em quando, vão criando lugares nas suas secretarias, absolutamente desnecessários, tão-somente para atender a impulsos de coração.

Homo sum...²

Certamente os senhores devem saber que, antigamente, os atuais diretores de secretarias eram chamados oficiais-maiores.

Pois bem: a Câmara tem na sua secretaria um diretor, um vice-diretor ou dois, e um oficial-maior.

Não é fácil mostrar assim o rol de empregados em duplicata ou triplicata que há por lá. Os regulamentos não falam claro; é preciso combiná-los com indicações, com autorizações camarárias e é trabalho que sempre reputei e reputo enfadonho.

O Diário Oficial foi feito para não ser lido e o congresso não tem mais direitos a melhores atenções.

A observação aí fica, e, enquanto ela quiser imitar qualquer das famosas “secretarias da comissão tal” legisladores extraconstitucionais e sobremodo empertigados nas suas funções, penso, dizia, que os abnegados pais da pátria devem meditar sobre o fato.

Não é só o poder executivo o grande plantador de sincuras; o legislativo colabora na plantação, na colheita; e, na sua própria seara faz das suas.

Cá e lá, más fadas há; e não é a última vez que torto ri-se do aleijado.

2. Sobre esta frase, ver nota 58

O novo manifesto^{*}

Eu também sou candidato a deputado. Nada mais justo. Primeiro: eu não pretendo fazer coisa alguma pela pátria, pela família, pela humanidade.

Um deputado que quisesse fazer qualquer coisa dessas ver-se-ia bambo, pois teria, certamente, os duzentos e tantos espíritos dos seus colegas contra ele.

Contra as suas ideias levantar-se-iam duas centenas de pessoas do mais profundo bom senso.

Assim, para poder fazer alguma coisa útil, não farei coisa alguma, a não ser receber o subsídio.

Eis aí em que vai consistir o máximo da minha ação parlamentar, caso o preclaro eleitorado sufrague o meu nome nas urnas.

Recebendo os três contos mensais, darei mais conforto à mulher e aos filhos, ficando mais generoso nas facadas aos amigos.

Desde que minha mulher e os meus filhos passem melhor de cama, mesa e roupas, a humanidade ganha. Ganha, porque, sendo eles parcelas da humanidade, a sua situação melhorando, essa melhoria reflete sobre o todo de que fazem parte.

Concordarão os nossos leitores e prováveis eleitores, que o meu propósito é lógico e as razões apontadas para justificar a minha candidatura são bastante ponderosas.

^{*}. Publicado no jornal *Correio da Noite* em 16/01/1915.



De resto, acresce que nada sei da história social, política e intelectual do país; que nada sei da sua geografia; que nada entendo de ciências sociais e próximas, para que o no-bre eleitorado veja bem que vou dar um excelente deputado.

Há ainda um poderoso motivo, que, na minha consciência, pesa para dar este cansado passo de vir solicitar dos meus compatriotas atenção para o meu obscuro nome.

Ando mal vestido e tenho uma grande vocação para elegâncias.

O subsídio, meus senhores, viria dar-me elementos para realizar essa minha velha aspiração de emparelhar-me com a deschanelesca¹ elegância do senhor Carlos Peixoto².

Confesso também que, quando passo pela Rua do Passeio e outras do Catete, alta noite, a minha modesta vagabundagem é atraída para certas casas cheias de luzes, com carros e automóveis à porta, janelas com cortinas ricas, de onde jorram gargalhadas femininas, mais ou menos falsas.

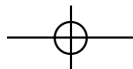
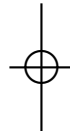
Um tal espetáculo é por demais tentador, para a minha imaginação; e, eu desejo ser deputado para gozar esse paraíso de Maomé sem passar pela algidez da sepultura.

Razões tão ponderosas e justas, creio, até agora, nenhum candidato apresentou, e espero da clarividência dos homens livres e orientados o sufrágio do meu humilde nome, para ocupar uma cadeira de deputado, por qualquer Estado, província, ou emirado, porque, nesse ponto, não faço questão alguma.

Às urnas.

1. O mesmo que extravagante.

2. Carlos Peixoto de Melo Filho (1871–1917), advogado e político mineiro. Foi deputado estadual e federal e teve bastante destaque na política brasileira durante a presidência de Rodrigues Alves (1902–1906).



Um candidato^{*}

Um dia destes, encontrei um senhor vestido de ganga¹, com um chapéu de sol, de cabo de volta, rosto tostado pelo sol, que me perguntou qual o bonde próprio para ir ao morro da Graça². Ouço muito falar em tal morro, mas não sei se há bonde próprio para lá ir. Pelo que tenho ouvido dizer, creio mesmo que o veículo mais próprio são os nossos pés e devemos subi-lo, como os devotos sobem os degraus da Penha³: de joelhos.

É punição bastante digna quando se está diante de Deus, mas pouco decente quando se trata de ir à presença de qualquer mortal por mais poderoso que seja⁴.

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 03/04/1915.

1. Um tipo de tecido bastante resistente, normalmente azul, semelhante ao jeans.

2. Localizado no bairro de Laranjeiras, próximo ao centro da cidade do Rio de Janeiro.

3. Referência aos 382 degraus que levam até à Igreja da Penha, localizada no bairro da Penha, na cidade do Rio de Janeiro. Muitos devotos ainda têm o costume de subir de joelhos a escadaria, normalmente para agradecer uma graça alcançada ou pagar alguma promessa.

4. Muito provavelmente, Lima Barreto estaria se referindo ao Palacete pertencente ao Senador Pinheiro Machado (1851–1915). General do Exército, gaúcho, foi uma figura das mais importantes, poderosas e controversas da política brasileira no início da Primeira República. Sua propriedade, o “Palacete do Pinheiro Machado”, era local de encontro de políticos, fazendeiros poderosos, generais. Muitos acordos, alianças políticas e candidaturas foram tramadas nas reuniões do Morro da Graça. Trata-se, como é de costume, de uma alusão com forte teor irônico de Lima Barreto.

Disse ao matuto isto e ele não se espantou.

Continuou a conversar comigo e notei que aquele candidato à vítima do conto do vigário era um espertalhão de marca. Contou-me que era candidato a deputado. Perguntei:

- Foi diplomado?
- Fui.
- Por que junta?
- Pela minha.
- É a legal?
- A minha junta é sempre legal.

Gostei imensamente do critério de legalidade do futuro legislador e indaguei:

- Que pretende fazer na Câmara?
- Eu? Não pretendo fazer nada, mesmo porque não entendo desses negócios de “falação”, nem de “leizes,” nem de “franciú”. Olhe, menino, quer que lhe conte as coisas tais quais são? Ouça.

Acendeu um enorme cigarro e emendou:

— Eu tinha alguns cobres e sempre trabalhei nas “inleições” pelo senador Chavantes. Trabalho há muitos anos. Ultimamente perdi muito dinheiro na “campista”. Apareceu lá pela terra o demônio de um turco que ganhava a mais não poder. Quero tampar o rombo e só achei um caminho; fazer-me deputado por meu distrito.

- Teve grande votação?
- Que votação, menino! Isso é lá preciso!... Eu tenho atas e atas, livros e livros... Não preciso mais nada⁵.
- Mas o seu rival talvez tivesse eleitores e...

5. As fraudes eleitorais eram frequentes e corriqueiras, além de amplamente reconhecidas durante o período da Primeira República. Lima Barreto sempre denunciou tal prática.

— Que eleitores! Pra quê? Eleitores são as assinaturas dos mesários e arranjei um espanhol que faz “elas” tão bem como cada um deles.

— E o reconhecimento?

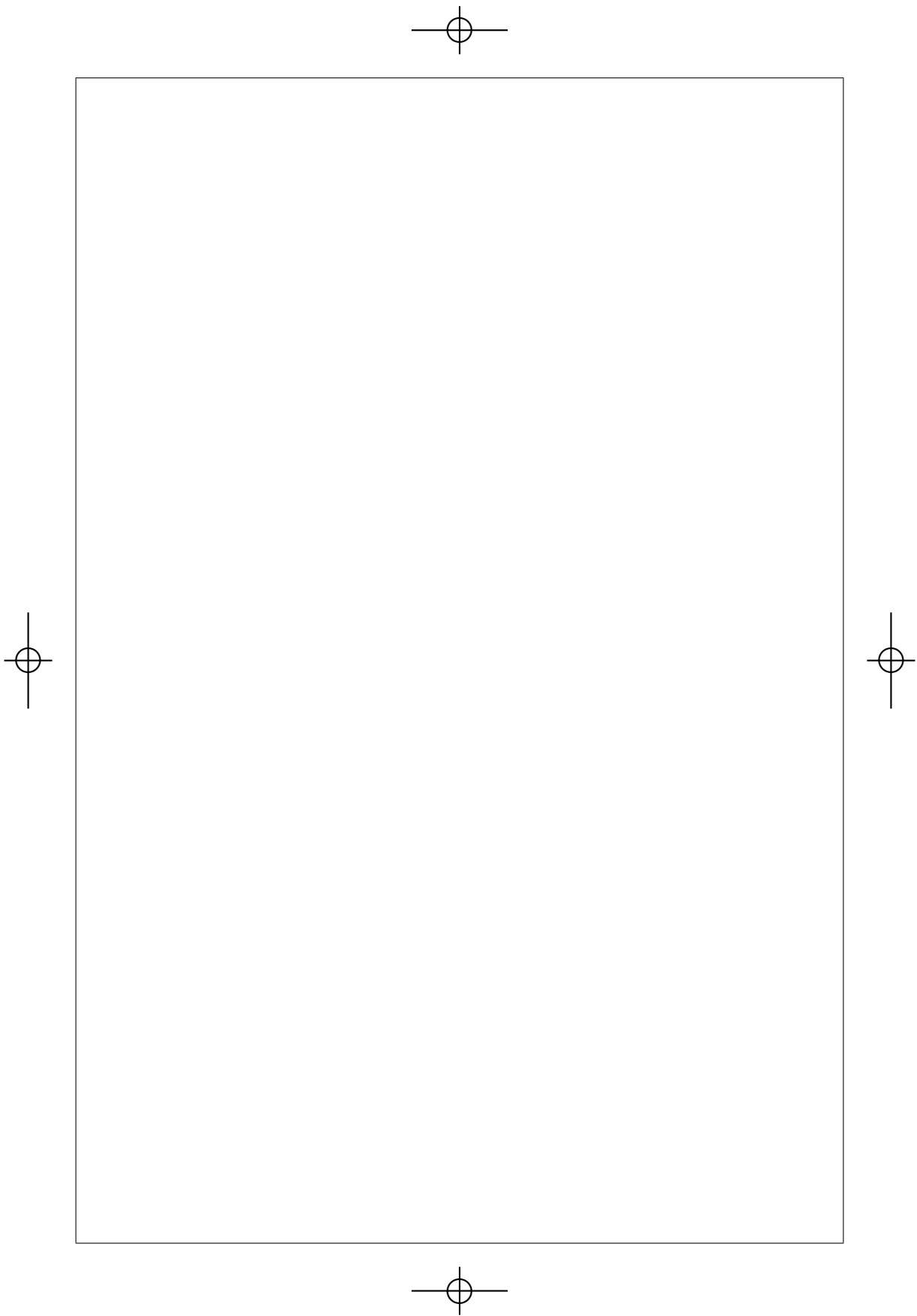
— É disso que vou tratar com o general. Vou lhe dizer que, se ele arranjar o meu reconhecimento, ponho até cabresto e barbicacho.

— Então vai ao morro da Graça?

— Vou.

— A pé e subi-lo-á de joelhos?

— Não. “Inté” o morro, vou de “intumove”, mas para a casa do “home” subo de quatro. “Inté” logo, moço.



O café*

Tenho ouvido dizer que o café é a maior fortuna do Brasil¹; que ele, quase unicamente, contribui para a riqueza orçamentária da nossa pátria. São coisas que andam por aí afirmadas pelos jornais, sobretudo pelos de São Paulo.

Pus-me a verificar e estudar as coisas com todo o método. A história não me pareceu assim tão inconcussa como parece.

Sempre tenho ouvido dizer que quem tem dinheiro, dá dinheiro e não pede dinheiro.

O tal café, porém, só leva a pedir dinheiro. Como é que ele é riqueza do Brasil?

Não se abre um jornal, governista, neutro ou oposicionista, que não se encontre uma lamúria, uma “facada” da lavoura de café!

Um dia é porque os preços estão baixos; outro dia porque o câmbio baixou; outro é porque não pode ser exportado e assim por diante.

*. Publicado na revista *Careta* em 26/06/1915..

1. Desde os anos 1880 o café se transformou no principal produto de exportação do Brasil e o responsável por boa parte das receitas dos governos. Ao longo da Primeira República houve algumas ações governamentais no sentido de socorrer as crises que se abatiam sobre os fazendeiros e barões do café. Lima Barreto veio à imprensa inúmeras vezes criticar a chamada “política de valorização do café”, que consistia na compra de milhões de sacas de café pelo próprio governo. Muitas vezes toneladas de café eram queimadas, para manter o nível competitivo do preço do café brasileiro no mercado mundial.

Urge que se tenha uma explicação satisfatória para um tal estado de coisas.

A economia política, oficial ou oficiosa, deve declarar por que razão tal riqueza anda sempre na pobreza; por que razão São Paulo, o estado mais rico do Brasil, que vive do café, é por isso mesmo o mais rico.

Não sou economista, nem financista, nem juristinista, mas um tal fato me causa pasmo e assombra-me.

Estou, portanto, no meu pleno direito, de pedir aos sábios das escrituras explicação para esses milagres da natureza.

O rico mendigo^{*}

Não sei como vos conte a coisa. A história passou-se em sonho, creio eu.

Sonhei uma noite destas que tinha encontrado na rua um senhor cheio de brilhantes, cheio de roupas, bengala de castão de ouro, botinas das mais finas, que me estendeu a mão:

— Uma esmola, pelo amor de Deus!

Admirei-me de tal fato, espantei-me e lhe dei a esmola. Ia seguir o meu caminho, quando o mendigo bem-vestido me chamou e disse-me:

— Venha cá, por favor.

Voltei e ele me convidou a ir a uma confeitaria. Houve da minha parte novo espanto. Como é que o homem me pedia uma esmola, a mim, de recursos reduzidos, cheio de “encrencas” na vida, e, minutos após, convidava-me a beber em uma confeitaria? Fui ao bar mais próximo e ele, sem mais delongas, explicou-se:

— Deve o senhor admirar-se de que eu, bem-vestido, com joias, com bengala de luxo, com um Patek¹ no bolso, lhe tivesse pedido uma esmola. Eu lhe explico.

Fez uma pausa, sorvemos alguns goles de cerveja e continuou:

^{*}. Publicado na revista *Careta* em 24/07/1915.

1. Famosa marca de relógios. Na época, os relógios ficavam nos bolsos das calças e eram puxados por um cordão. Com o surgimento dos relógios de pulso, os antigos relógios de bolso foram saindo de uso.



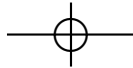
— Sou rico e digo isto a todo o mundo. Moro em uma grande casa, tenho lindos e caros móveis, tenho alfaias, tenho carros, tenho numerosa criadagem, tenho um banheiro que é uma verdadeira terma romana e custeio tudo isto sem o menor esforço; mas peço esmolas.

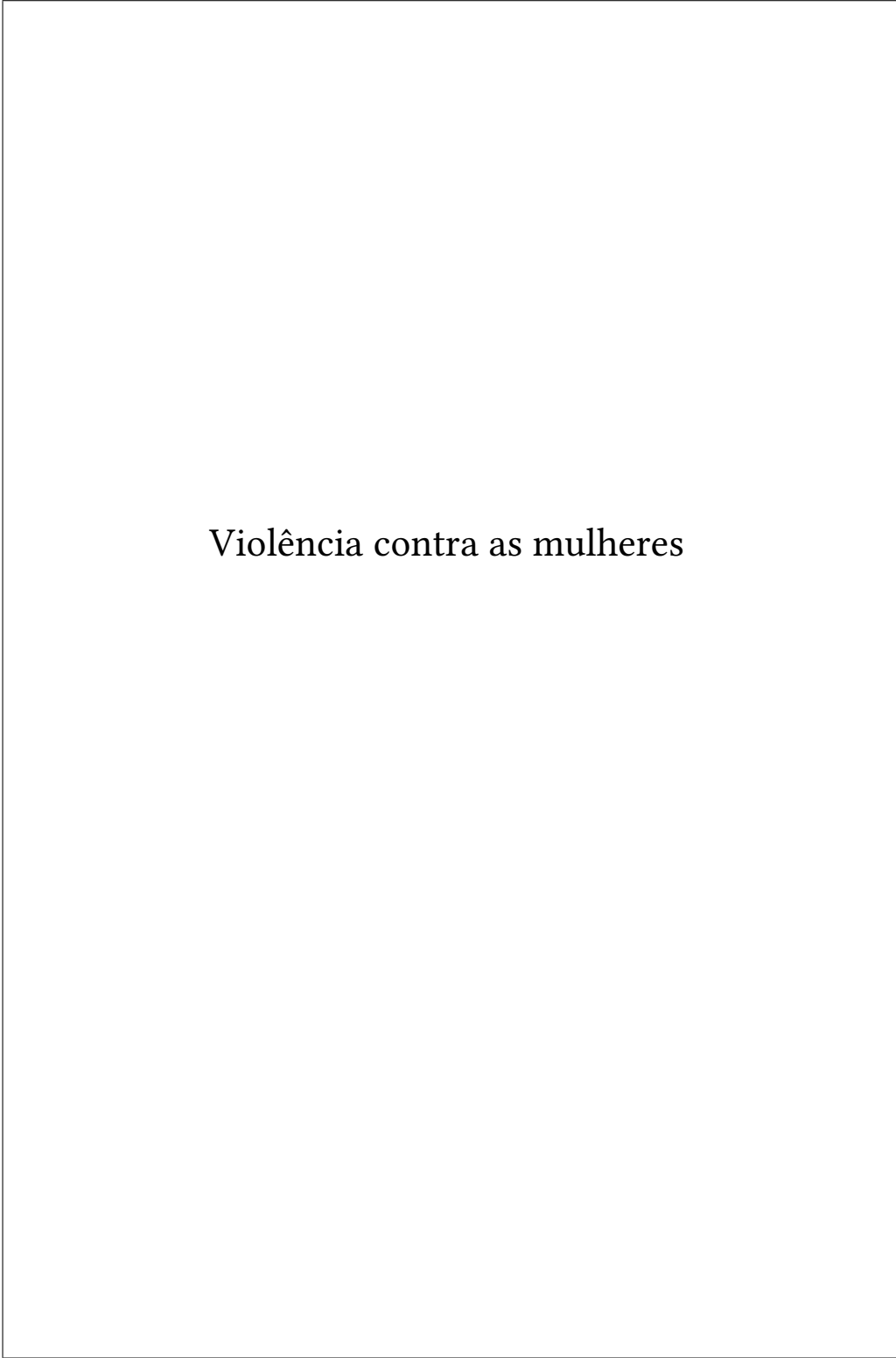
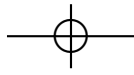
— Por quê?

— Porque quero ganhar mais e mais. Peço até aos meus irmãos mais pobres, mesmo àqueles que vivem com dificuldades. Quero sempre ter mais, ganhar mais, para proclamar a todos a minha riqueza; e as esmolas me servem para as despesas miúdas. Às vezes até, elas me proporcionam especulações felizes.

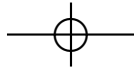
— Mas quem é o senhor?

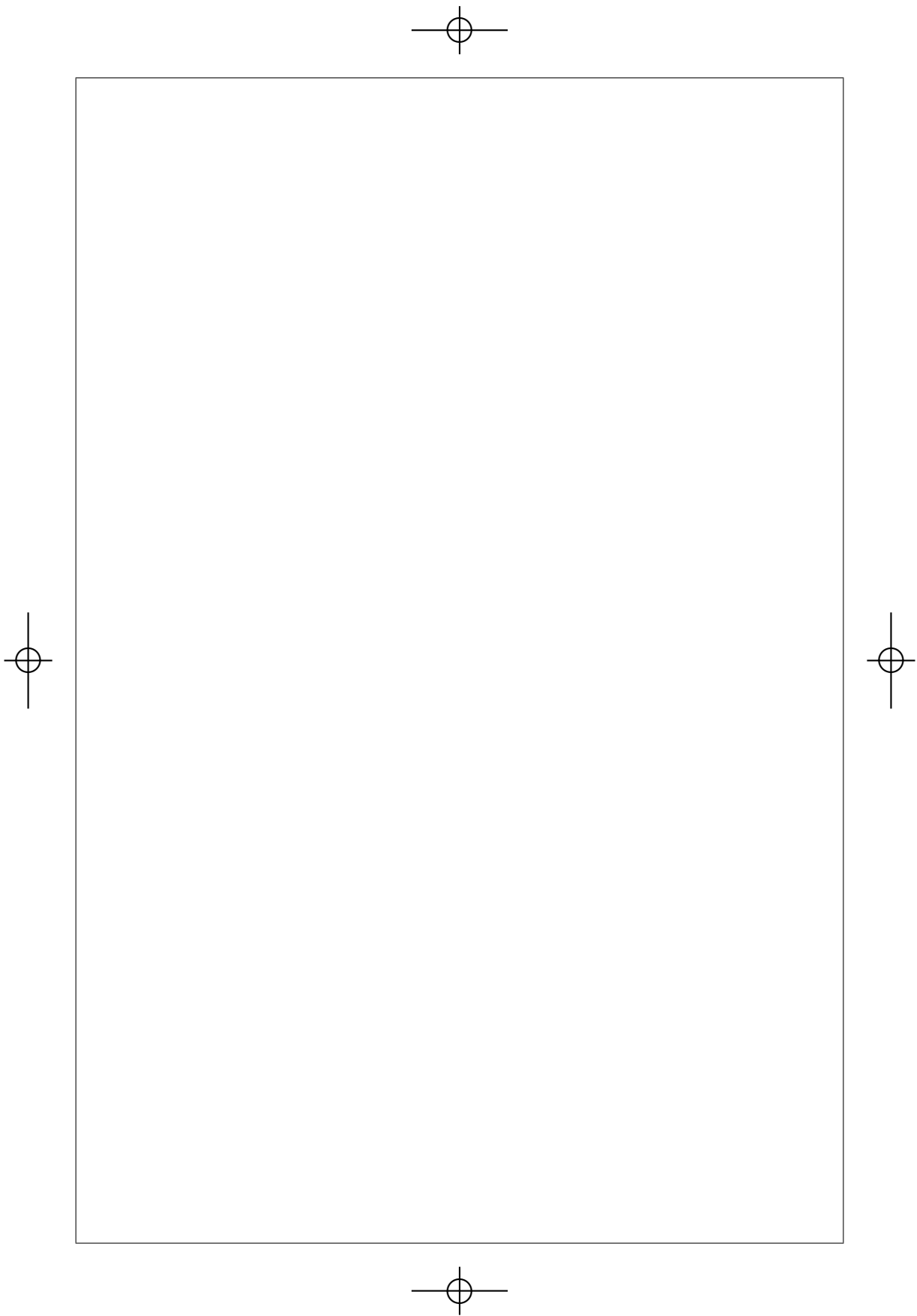
— Não sabe? Eu sou o Café.





Violência contra as mulheres





A lei*

Este caso da parteira merece sérias reflexões que tendem a interrogar sobre a serventia da lei.

Uma senhora, separada do marido, muito naturalmente quer conservar em sua companhia a filha; e muito naturalmente também não quer viver isolada e cede, por isto ou aquilo, a uma inclinação amorosa.

O caso se complica com uma gravidez e para que a lei, baseada em uma moral que já se findou, não lhe tire a filha, procura uma conhecida, sua amiga, a fim de provocar um aborto de forma a não se comprometer.

Vê-se bem que na intromissão da “curiosa” não houve nenhuma espécie de interesse subalterno, não foi questão de dinheiro. O que houve foi simplesmente camaradagem, amizade, vontade de servir a uma amiga, de livrá-la de uma terrível situação.

Aos olhos de todos, é um ato digno, porque, mais do que o amor, a amizade se impõe.

Acontece que a sua intervenção foi desastrosa e lá vem a lei, os regulamentos, a polícia, os inquéritos, os peritos, a faculdade e berram: você é uma criminosa! você quis impedir que nascesse mais um homem para aborrecer-se com a vida!

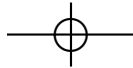
*. Publicado no jornal *Correio da Noite* em 07/01/1915.



Berram e levam a pobre mulher para os autos, para a justiça, para a chicana, para os depoimentos, para essa via-sacra da justiça, que talvez o próprio Cristo não percorresse com resignação.

A parteira, mulher humilde, temerosa das leis, que não conhecia, amedrontada com a prisão, onde nunca esperava parar, mata-se.

Refletamos, agora; não é estúpida a lei que, para proteger uma vida provável, sacrifica duas? Sim, duas porque a outra procurou a morte para que a lei não lhe tirasse a filha. De que vale a lei?



Não as matem^{*}

Esse rapaz que, em Deodoro¹, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida, é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio, *quand même*², sobre a mulher.

O caso não é único. Não há muito tempo, em dias de carnaval, um rapaz atirou sobre a ex-noiva, lá pelas bandas do Estácio³, matando-se em seguida. A moça com a bala na espinha, veio morrer, dias após, entre sofrimentos atrozes.

Um outro, também, pelo carnaval, ali pelas bandas do ex-futuro Hotel Monumental, que substituiu com montões de pedras o vetusto Convento da Ajuda⁴, alvejou a sua ex-noiva e matou-a.

Todos esses senhores, parece, não sabem o que é a vontade dos outros.

*. Publicado no jornal *Correio da Noite* em 27/01/1915.

1. Bairro localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

2. Expressão francesa que quer dizer “mesmo assim”, que pode servir tanto como reforço de uma afirmação, quanto como oposição. Neste caso, o uso que Lima Barreto faz vai no sentido de reafirmar a ideia de dominação.

3. Bairro da região central do município do Rio de Janeiro.

4. O Convento da Ajuda foi uma importante instituição de freiras, construído entre 1745 e 1750 e foi demolido em 1911, para dar lugar ao Hotel Monumental, que passou por grandes dificuldades para ser construído.



Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que é de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão.

O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas.

De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de supor que, quem quer casar, deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa-vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como e então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que se possam fazer, tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição, não devem ser desprezadas.

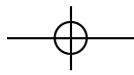
Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação.

O esquecimento de que elas são, como todos nós, sujeitas, a influências várias que fazem flutuar as suas inclinações, as suas amizades, os seus gostos, os seus amores, é coisa tão estúpida, que, só entre selvagens deve ter existido.

Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inanidade de generalizar a eternidade do amor.

Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exigí-las nas leis ou a cano de revólver, é um absurdo tão grande



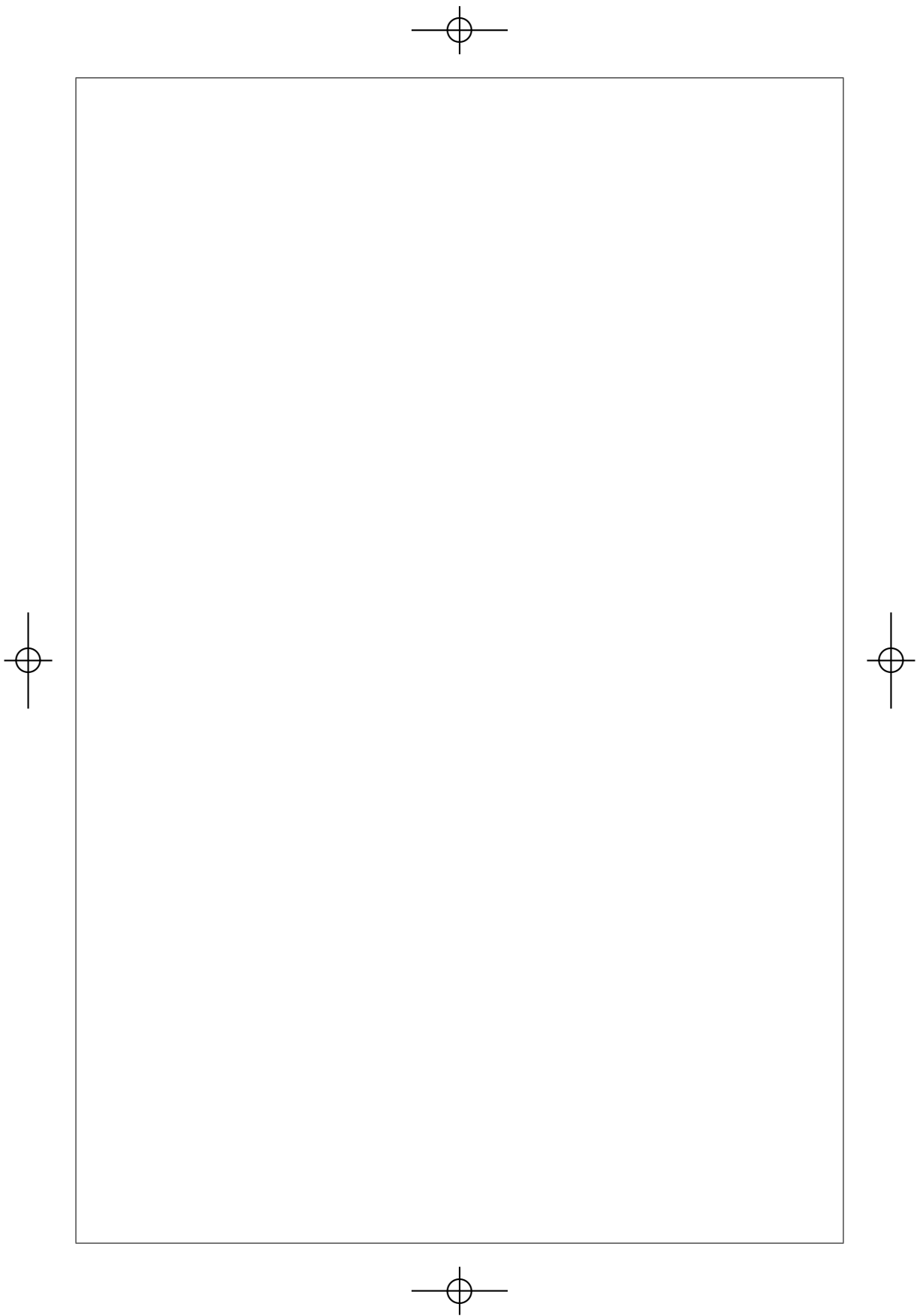


como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.

Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus!





Lavar a honra, matando?*

Dentre as muitas coisas engraçadas que me têm acontecido, uma delas é ter sido jurado, e mais de uma vez. Da venerável instituição, eu tenho notas que me animo qualificá-las de judiciosas e um dia, desta ou daquela maneira, hei de publicá-las.

Antes de tudo, declaro que não tenho sobre o júri a opinião dos jornalistas honestíssimos, nem tampouco a dos bacharéis pedantes. Sou de opinião que ela deve ser mantida, ou por outra, voltar ao que foi. A lei, pela sua generosidade mesmo, não pode prever tais e quais casos, os aspectos particulares de tais e quais crimes; e só um tribunal como o júri, sem peias de praxistas, de autoridades jurídicas, etc., pode julgar com o critério muito racional e concreto da vida que nós vivemos todos os dias, desprezando o rigor abstrato da lei e os preconceitos dos juristas.

A massa dos jurados é de uma mediocridade intelectual pasmosa, mas isto não depõe contra o júri, pois nós sabemos de que força mental são a maioria dos nossos juizes togados.

A burrice nacional julga que deviam ser os formados a compor unicamente o júri. Há nisso somente burrice, e às toneladas. Nas muitas vezes em que servi no tribunal popular, tive como companheiros doutores de todos os matizes. Com raras exceções, todos eles eram excepcionalmente idiotas e os mais perfeitos eram os formados em direito.

*. Publicado no jornal *Lanterna* em 28/01/1918.



Todos eles estavam no mesmo nível mental que o senhor Ramalho, oficial da Secretaria da Viação; que o senhor Sá, escriturário da Intendência; que o senhor Guedes, contramestre do Arsenal de Guerra. Podem objetar que esses doutores todos exerciam cargos burocráticos. É um engano. Havia-os que ganhavam o seu pão dentro das habilitações fornecidas pelo canudo e eram bem tapados.

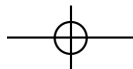
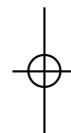
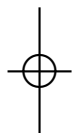
Não há país algum em que, tirando-se à sorte os nomes de doze homens, se encontrem dez de inteligentes; e o Brasil que tem os seus expoentes intelectuais no Aluísio de Castro¹ e no Miguel Calmon², não pode fazer exceção à regra.

O júri, porém, não é negócio de inteligência. O que se exige de inteligência é muito pouco, está ao alcance de qualquer um. O que se exige lá é força de sentimento e firmeza de caráter, e isto não há lata doutoral que dê. Essas considerações vêm ao bico da pena, ao ler que o júri mais uma vez absolveu um marido que matou a mulher, sobre o pretexto de ser ela adúltera.

Eu julguei um crime destes e foi das primeiras vezes que fui sorteado e aceito. O promotor era o doutor Cesário Alvim, que já é juiz de direito. O senhor Cesário Alvim fez uma acusação das mais veementes e perfeitas que eu assisti no meu curso de jurado. O senhor Evaristo de Moraes defendeu, empregando o seu processo predileto de autores, cujos livros ele leva para o tribunal, e referir-se a documentos particulares que, da tribuna mostra aos jurados. A mediocridade de instrução e inteligência dos jurados fica

1. Aluísio de Castro (1881–1959), médico, professor e poeta. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1917. Lima Barreto implicava com a suposta sabedoria do médico.

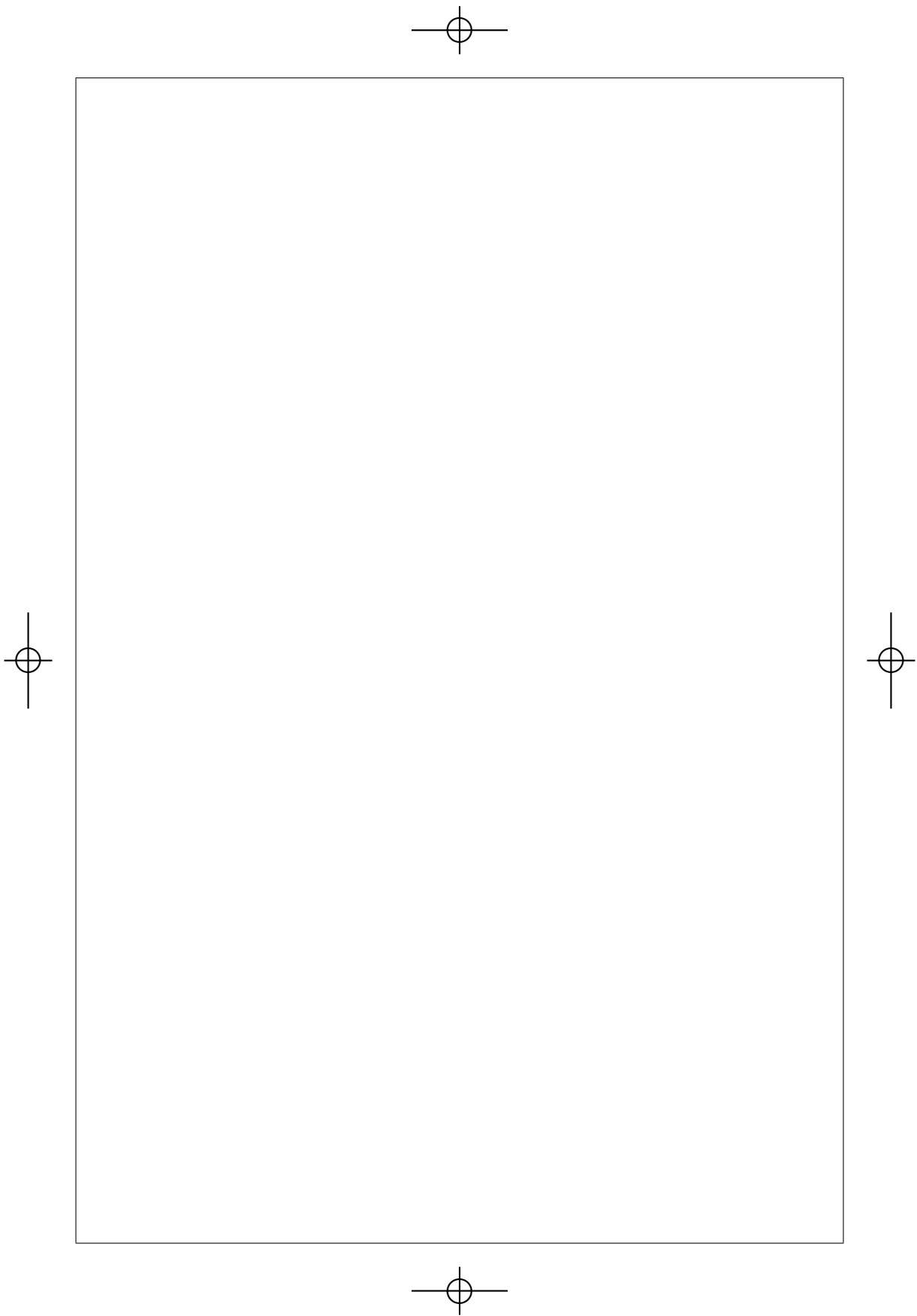
2. Miguel Calmon du Pin e Almeida (1879–1935) foi um engenheiro e político baiano, que fez carreira no Rio de Janeiro, principalmente como Ministro dos Transportes e da Agricultura. Lima Barreto também implicava com a suposta sabedoria deste político.



sempre impressionada com as coisas do livro; e o doutor Evaristo sabe bem disto e nunca deixa de recorrer ao seu predileto processo de defesa.

Mas... Eu julguei um uxoricida³. Entrei no júri com reiterados pedidos de sua própria mãe, que me foi procurar por toda a parte. A minha firme opinião era condenar o tal matador conjugal. Entretanto a mãe... Durante a acusação, fiquei determinado a mandá-lo para o xilindró... Entretanto a mãe... A defesa do doutor Evaristo de Moraes não me abalou... Entretanto a mãe... Indo para a sala secreta, tomar café, o desprezo que um certo Rodrigues, campeão de réu, demonstrava por mim, mais alicerçou a minha convicção de que devia condenar aquele estúpido marido... Entretanto a mãe... Acabando os debates, Rodrigues queria lavrar a ata, sem proceder a votação dos quesitos. Protestei e disse que não a assinaria se assim procedessem. Rodrigues ficou atônito, os outros confabularam com ele. Um veio ter a mim, indagou se eu era casado, disse-lhe que não e ele concluiu: “É por isso. O senhor não sabe o que são essas coisas. Tomem nota desta...”. Afinal cedi... A mãe... Absolvi o imbecil marido que lavou a sua honra, matando uma pobre mulher que tinha todo o direito de não amá-lo, se o amou, algum dia, e amar um outro qualquer... Eu me arrependo profundamente.

3. Termo jurídico para designar o assassinato de uma mulher marido ou ex-marido.



Os matadores de mulheres^{*}

Preocupações de outras ordens, não me têm permitido escrever sobre coisas diárias; mas este caso de Niterói¹, caso do Filadelfo Rocha, fez-me voltar de novo à imprensa quoti-diana.

Eu não me cansarei nunca de protestar e de acusar esses vagabundos matadores de mulheres, sobretudo, como no caso presente, quando não têm nem a coragem do seu crime.

Eu conheço este Filadelfo desde tenente. Sou funcio-nário da Secretaria da Guerra há quinze anos. Ele nunca passou de um tarimbeiro vulgar, feito oficial pelo Floriano². De bajulação em bajulação, foi subindo, até que, com a sua máxima bajulação ao senhor Hermes da Fonseca³ foi levado a ser comandante da polícia de Niterói.

Ele é quase analfabeto, sem nenhuma inteligência, nunca fez o mínimo esforço mental; entretanto, agora, coberto pelo opróbrio de um assassinato, insinua que o fez porque o seu rival era um simples funileiro. Mas onde foi Filadelfo en-contrar superioridade suficiente para julgar-se mais do que o tal bombeiro? Este Filadelfo ignorante, baju-

^{*}. Publicado no jornal *Lanterna* em 18/03/1918.

1. Município vizinho à cidade do Rio de Janeiro, localizado do outro lado da Bahia da Guanabara, que pode ser acessada hoje em dia pela ponte Rio-Niterói, mas que na época de Lima Barreto só era acessível por barco.

2. Referência ao presidente Floriano Peixoto.

3. Sobre Hermes da Fonseca, ver nota 47.

lador, que eu via pelos corredores de Ministério da Guerra a pegar na casaca deste ou daquele graúdo, para não comandar as suas praças, é, por acaso, alguma coisa?

Com essa tatuagem de galões⁴, eles querem fazer das suas, matando as mulheres a torto e a direito. Eu me refiro simplesmente a semelhantes sujeitos. E digo isso, não por covardia, mas em atenção à verdade.

Por exemplo: este senhor Faceiro que, ontem ou anteontem, matou a mulher, porque teve a franca, a franca franqueza orgulhosa de dizer que a sua gravidez era do seu amor e não dele, não me merece a mínima piedade; mas há tantos outros que eu estimo... Adiante.

A mulher não é propriedade nossa e ela está no seu pleno direito de dizer donde lhe vêm os filhos.

Mas a questão não é esta. Eu falava do Filadelfo, do pequenino Filadelfo, a quem eu queria dizer simplesmente que nem ao menos ele teve ou tem coragem do seu crime. Espécie de Mendes Tavares⁵!

Basta.

4. Galões eram chamados os distintivos que os militares usavam nas fardas.

5. Mendes Tavares, médico e sanitarista, ficou marcado na época pelo envolvimento em um assassinato, do qual foi mentor e executante. O caso ocorreu no dia 14 de outubro de 1911 e ficou conhecido como a *Tragédia da Avenida*. Mendes Tavares tinha fama de sedutor de mulheres e não foram poucos os casos em que se envolveu em intrigas amorosas. Uma delas acabou no assassinato do Comandante Lopez da Cruz, oficial da Marinha. Mendes teve um longo caso com a esposa de Lopez, quando este se encontrava no Paraguai. A traição acabou sendo descoberta. O marido, como era costume na época, denunciou o caso à polícia e desafiou Mendes Tavares para um duelo com revólver. O médico não aceitou o desafio, mas tramou o assassinato de Lopez da Cruz. A emboscada ocorreu na Avenida Rio Branco, num sábado à tarde. Mendes Tavares estava acompanhado por mais três homens. Dispararam vários tiros na vítima, que morreu no local. A notícia tomou conta dos noticiários cariocas durante muito tempo.

Mais uma vez^{*}

Este recente crime da Rua da Lapa¹ traz de novo à tona essa questão do adultério da mulher e seu assassinato pelo marido.

Na nossa hipócrita sociedade parece estabelecido como direito, e mesmo dever do marido, o perpetrá-lo.

Não se dá isto nesta ou naquela camada, mas de alto a baixo.

Eu me lembro ainda hoje que, numa tarde de vadiação, há muitos anos, fui parar com o meu amigo, já falecido Ari Toom, no necrotério, no largo do Moura² por aquela época.

Uma rapariga — nós sabíamos isso pelos jornais — creio que espanhola, de nome Combra, havia sido assassinada pelo amante e, suspeitava-se, ao mesmo tempo *marque-reau*³ dela, numa casa da Rua de Sant'Ana.

*. Publicado no jornal *A. B. C.* em 1920.

1. Rua localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro.

2. Localizado na região central da cidade do Rio de Janeiro. Recebeu esse nome em 1794 por ocasião da chegada ao Brasil de um regimento militar vindo da cidade de Moura, em Portugal. Em princípio chamava-se largo de Moura. Neste lugar ficava a forca pública, onde eram executados os condenados à morte. Em 1873 foi construído o necrotério municipal, do qual Lima Barreto faz alusão.

3. Palavra francesa que significa cafetão, homem que vive da prostituição de mulheres.



O crime teve a repercussão que os jornais lhe deram e os arredores do necrotério estavam povoados da população daquelas paragens e das adjacências do Beco da Música⁴ e da Rua da Misericórdia⁵, que o Rio de Janeiro bem conhece. No interior da *morgue*⁶ era a frequência algo diferente sem deixar de ser um pouco semelhante à do exterior, e, talvez mesmo, em substância igual, mas muito bem vestida. Isto quanto às mulheres — bem entendido!

Ari ficou mais tempo a contemplar os cadáveres. Eu saí logo. Lembro-me só do da mulher que estava vestida com um corpete e tinha só a saia de baixo. Não garanto que estivesse calçada com as chinelas, mas me parece hoje que estava. Pouco sangue e um furo bem circular no lado esquerdo, com bordas escuras, na altura do coração.

Escrevi — cadáveres — pois o amante-cáften⁷ se havia suicidado após matar a Combra — o que me havia esquecido de dizer.

Como ia contando, vim para o lado de fora e pus-me a ouvir os comentários daquelas pobres *pierreuses*⁸ de todas as cores, sobre o fato.

Não havia uma que tivesse compaixão da sua colega da aristocrática classe. Todas elas tinham objurgatórias terríveis, condenando-a, julgando o seu assassinio coisa bem feita; e, se fossem homens, diziam, fariam o mesmo — tudo isto entremeado de palavras do calão obsceno próprias

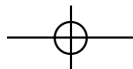
4. Localizado no centro da cidade do Rio. Recebeu esse nome também por conta do regimento vindo de Moura, pois os músicos da banda marcial lá ensaiavam e tocavam.

5. Localizado no centro da cidade, foi uma das primeiras ocupações construídas no Rio de Janeiro, ainda no século XVI.

6. Palavra francesa que significa necrotério.

7. Hoje escreve-se cafetão.

8. Termo francês usado para se referir às prostitutas na época.



para injuriar uma mulher. Admirei-me e continuei a ouvir o que diziam com mais atenção. Sabem por que eram assim tão severas com a morta?

Porque a supunham casada com o matador e ser adúltera.

Documentos tão fortes como este não tenho sobre as outras camadas da sociedade; mas, quando fui jurado e, tive por colegas os médicos da nossa terra, funcionários e doutos de mais de três contos e seiscentos mil-réis de renda anual como manda a lei sejam os juízes de fato escolhidos, verifiquei que todos pensavam da mesma forma que aquelas maltrapilhas *rôdeuses*⁹ do Largo do Moura.

Mesmo eu — já contei isto alhures — servi num conselho de sentença que tinha de julgar um uxoricida e o absolvi. Fui fraco, pois a minha opinião, se não era falhe comer alguns anos de cadeia, era manifestar que havia, e no meu caso completamente incapaz de qualquer conquista, um homem que lhe desaprovava a barbaridade do ato. Cedi a rogos e, até, alguns partidos dos meus colegas de sala secreta.

No caso atual, neste caso da Rua da Lapa, vê-se bem como os defensores do criminoso querem explorar essa estúpida opinião de nosso povo que desculpa o uxoricídio quando há adultério, e parece até impor ao marido ultrajado dever de matar a sua ex-cara metade.

Que um outro qualquer advogado explorasse essa abusão bárbara da nossa gente, vá lá; mas que o Senhor Evaristo de Moraes¹⁰, cuja ilustração, cujo talento e cujo esforço

9. Termo francês que designava as prostitutas.

10. Antônio Evaristo de Moraes (1871–1939) foi um jurista e advogado carioca, muito conhecido na época por participar de casos emblemáticos e de grande repercussão social. Era um grande orador e seus discursos ficaram marcados em inúmeras sessões dos tribunais da época. Publicou uma quantidade enorme de livros, a maioria da área



na vida me causam tanta admiração, endosse, mesmo profissionalmente, semelhante doutrina é que me entristece. O liberal, o socialista Evaristo, quase anarquista, está me parecendo uma dessas engraçadas feministas Brasil, gênero professora Daltro¹¹, que querem a emancipação da mulher unicamente para exercer sinecuras do governo e rendosos cargos políticos; mas que, quando se trata desse absurdo costume nosso de perdoar os maridos assassinos de suas mulheres, por isso ou aquilo, nada dizem e ficam na moita.

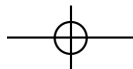
A meu ver, não há degradação maior para a mulher do que semelhante opinião quase geral; nada a degrada mais do que isso, penso eu. Entretanto...

Às vezes mesmo, o adultério é o que se vê e o que não se vê são outros interesses e despeitos que só uma análise mais sutil podia revelar nesses lagos.

No crime da Rua da Lapa, o criminoso, o marido, o interessado no caso, portanto, não alegou quando depôs sozinho que a sua mulher fosse adúltera; entretanto, a defesa, lemos nos jornais, está procurando “justificar” que ela o era.

criminal, mas também de História, Psicologia Social, além de quase duas centenas de artigos em jornais e revistas da época. Envolveu-se também na política, tentando por duas vezes se eleger como deputado, mas não conseguiu. No entanto, fez parte do governo formado por Getúlio Vargas, a partir de 1930, e colaborou no então recém-criado Ministério do Trabalho, principalmente na formulação da primeira legislação trabalhista daquele governo.

11. Leolinda de Figueiredo Daltro (1860–1935), uma das pioneiras no movimento pela reivindicação da cidadania plena para as mulheres. Em 1910 fundou o Partido Republicano Feminino, numa época em que as mulheres não tinham sequer o direito ao voto (que só veio em 1932). Militante pelos direitos das mulheres, incomodou muito os conservadores e avessos à participação feminina na política e no funcionalismo público. Entre os críticos da professora Daltro, como era conhecida, estava Lima Barreto.



O crime em si não me interessa, senão no que toca à minha piedade por ambos; mas, se houvesse de escrever um romance, e não é o caso, explicaria, ainda me louvando nos jornais, a coisa de modo talvez satisfatório.

Não quero, porém, escrever romances e estou mesmo disposto a não escrevê-los mais, se algum dia escrevi um, de acordo com os cânones da nossa crítica; por isso guardo as minhas observações e ilusões para o meu gasto e para o julgamento da nossa atroz sociedade burguesa, cujo espírito, cujos imperativos da nossa ação na vida animaram, o que parece absurdo, mas de que estou absolutamente certo, o protagonista do lamentável drama da rua da Lapa.

Afastei-me do meu objetivo, que era mostrar a grosseria, a barbaridade desse nosso costume de achar justo que o marido mate a mulher adúltera ou que a crê tal.

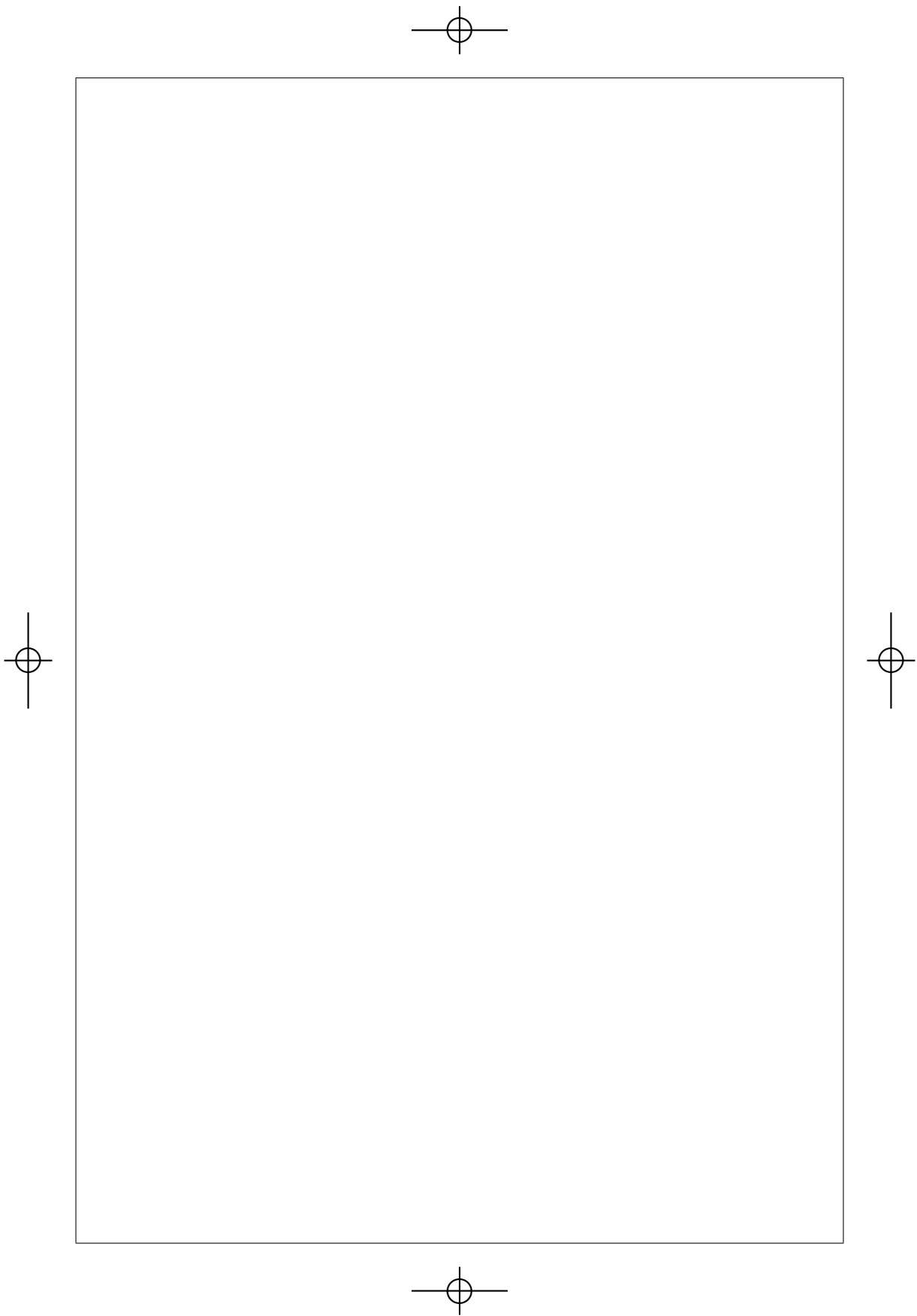
Toda a campanha para mostrar a iniquidade de semelhante julgamento não será perdida; e não deixo passar vaza que não diga algumas toscas palavras, condenando-o.

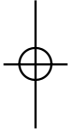
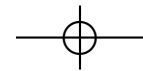
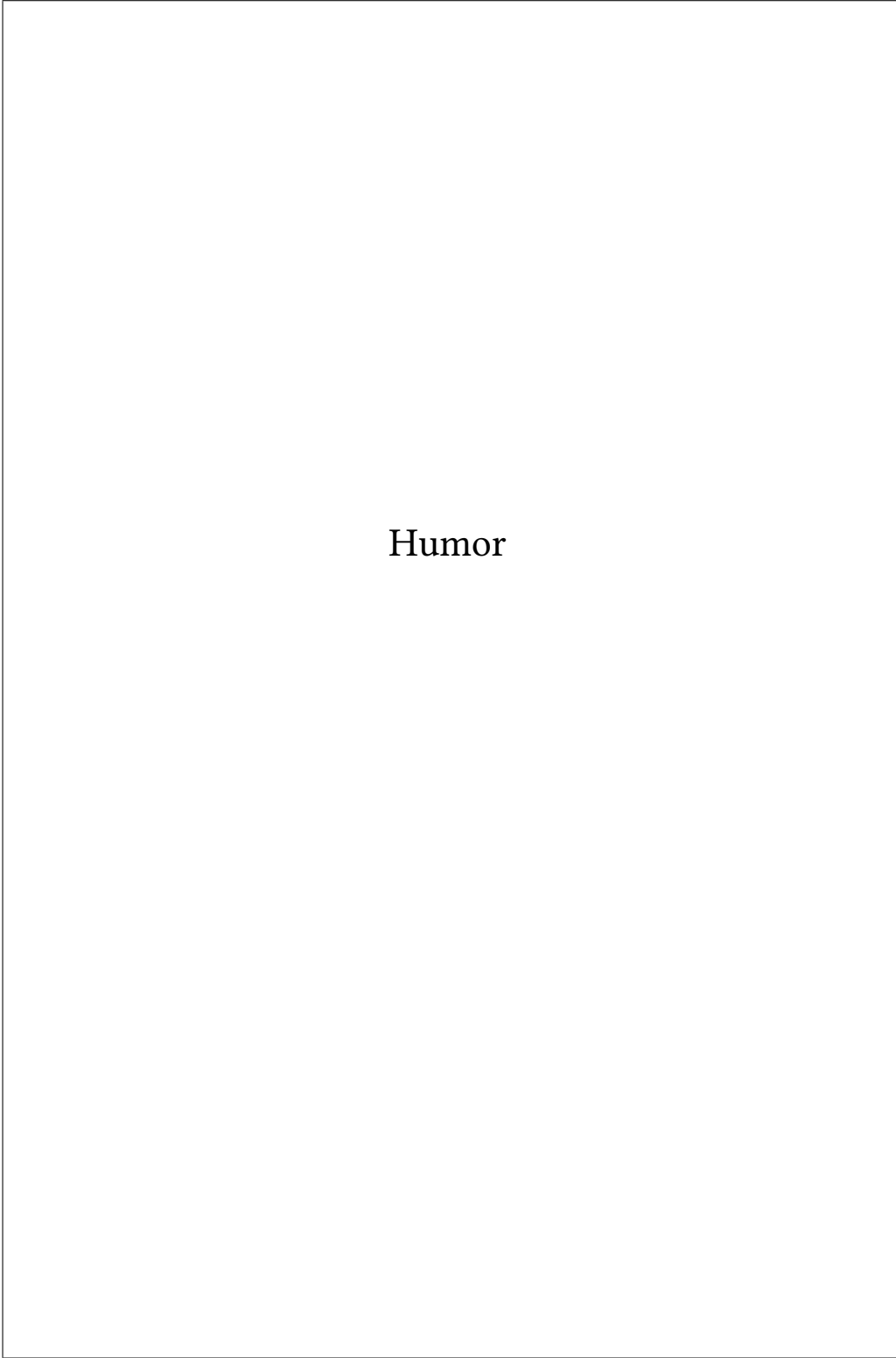
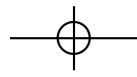
Se a coisa continuar assim, em breve, de lei costumeira, passará a lei escrita e retrogradamos às usanças selvagens que queimavam e enterravam vivas as adúlteras.

Convém, entretanto, lembrar que, nas velhas legislações, havia casos de adultério legal. Creio que Sólon e Licurgo¹² os admitia; creio mesmo ambos. Não tenho aqui o meu Plutarco¹³. Seja, porém, como for, não digo que todos os adultérios são perdoáveis. Pior do que o adultério é o assassinato; e nós queremos criar uma espécie dele baseado na lei.

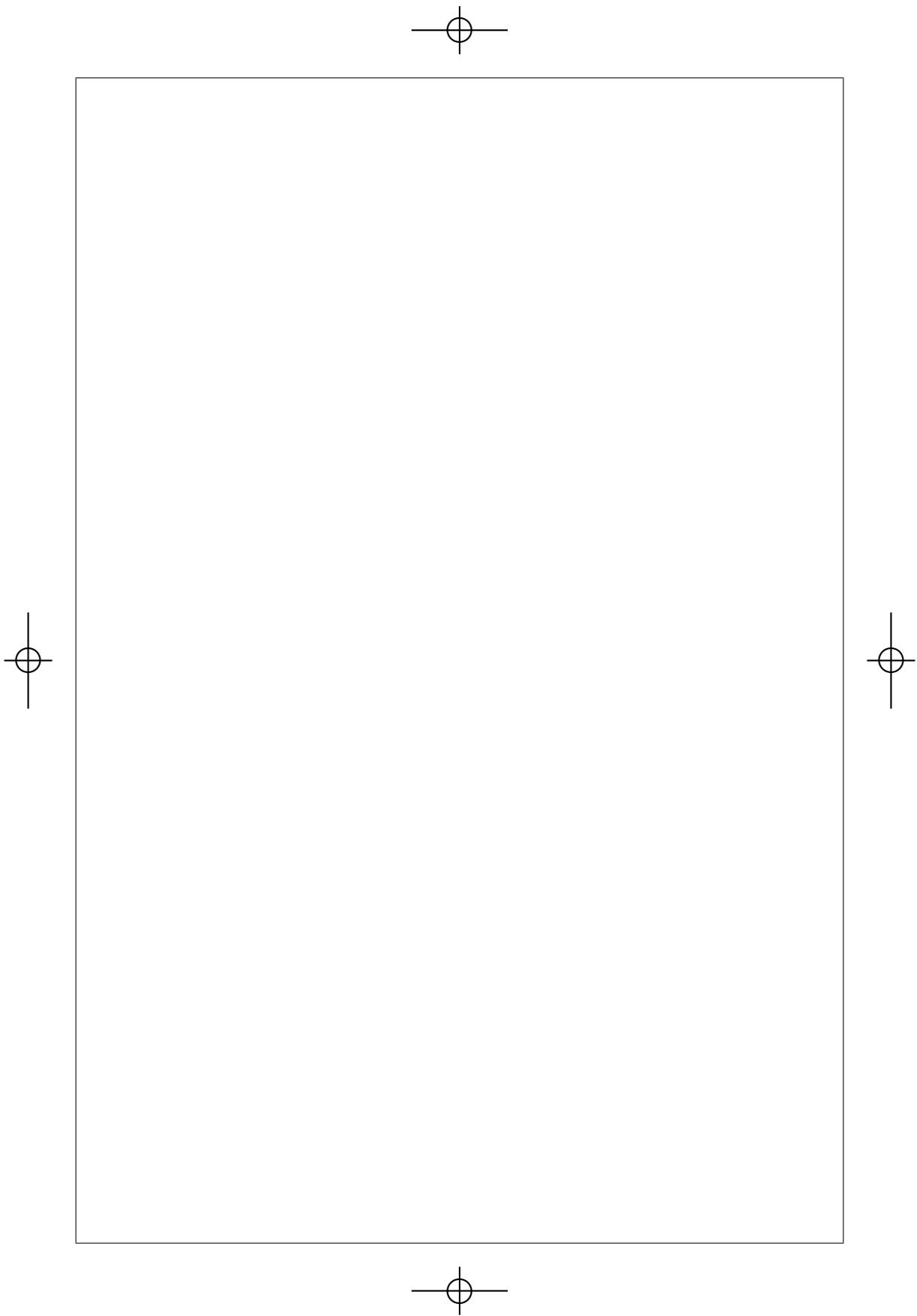
12. Sólon (640–560 a.C.) foi um dos principais legisladores do período clássico da Grécia Antiga. Licurgo, sobre o qual não existem fontes seguras em relação à época em que viveu, também se destacou como um grande legislador de outra cidade-estado, Esparta.

13. Sobre Plutarco, ver nota 52.





Humor



A cartomante^{*}

Não havia dúvida que naqueles atrasos e atrapalhões de sua vida, alguma influência misteriosa preponderava. Era ele tentar qualquer coisa, logo tudo mudava. Esteve quase para arranjar-se na Saúde Pública; mas, assim que obteve um bom “pistolão”¹, toda a política mudou.

Se jogava no bicho, era sempre o grupo seguinte ou o anterior que dava. Tudo parecia mostrar-lhe que ele não devia ir para adiante. Se não fossem as costuras da mulher, não sabia bem como poderia ter vivido até ali.

Há cinco anos que não recebia vintém de seu trabalho. Uma nota de dois mil-réis, se alcançava ter na algibeira por vezes, era obtida com auxílio de não sabia quantas humilhações, apelando para a generosidade dos amigos.

Queria fugir, fugir para bem longe, onde a sua miséria atual não tivesse o realce da prosperidade passada; mas, como fugir? Onde havia de buscar dinheiro que o transportasse, a ele, a mulher e aos filhos?

Viver assim era terrível! Preso à sua vergonha como a uma calceta, sem que nenhum código e juiz tivessem condenado, que martírio! A certeza, porém, de que todas

^{*}. Publicado no *Jornal das moças* em 10/07/1919.

1. Chamava-se *pistolão* a pessoa que tinha influência nas instituições públicas e que conseguia arranjar cargos para parentes e conhecidos. Ter um *pistolão* significava conseguir bons cargos em instituições públicas, que na época não exigiam concursos para funções mais baixas na hierarquia.



as suas infelicidades vinham de uma influência misteriosa, deu-lhe mais alento. Se era “coisa feita”, havia de haver por força quem a desfizesse.

Acordou mais alegre e se não falou à mulher alegremente era porque ela já havia saído. Pobre de sua mulher! Avelhantada precocemente, trabalhando que nem uma moura, doente, entretanto a sua fragilidade transformava-se em energia para manter o casal. Ela saía, virava a cidade, trazia costuras, recebia dinheiro, e aquele angustioso lar ia se arrastando, graças aos esforços da esposa.

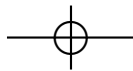
Bem! As coisas iam mudar! Ele iria a uma cartomante e havia de descobrir o que e quem atrasavam a sua vida. Saiu, foi à venda e consultou o jornal. Havia muitos videntes, espíritas, teósofos anunciados; mas simpatizou com uma cartomante, cujo anúncio dizia assim: “Madame Dadá, sonâmbula, extralúcida, deita as cartas e desfaz toda espécie de feitiçaria, principalmente a africana. Rua etc.”.

Não quis procurar outra; era aquela, pois já adquirira a convicção de que aquela sua vida vinha sendo trabalhada pela mandinga de algum preto mina, a soldo do seu cunhado Castrioto, que jamais vira com bons olhos o seu casamento com a irmã.

Arranjou, com o primeiro conhecido que encontrou, o dinheiro necessário, e correu depressa para a casa de Madame Dadá.

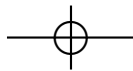
O mistério ia desfazer-se e o malefício ser cortado. A abundância voltaria à casa; compraria um terno para o Zezé, umas botinas para Alice, a filha mais moça; e aquela cruciante vida de cinco anos havia de lhe ficar na memória como passageiro pesadelo.

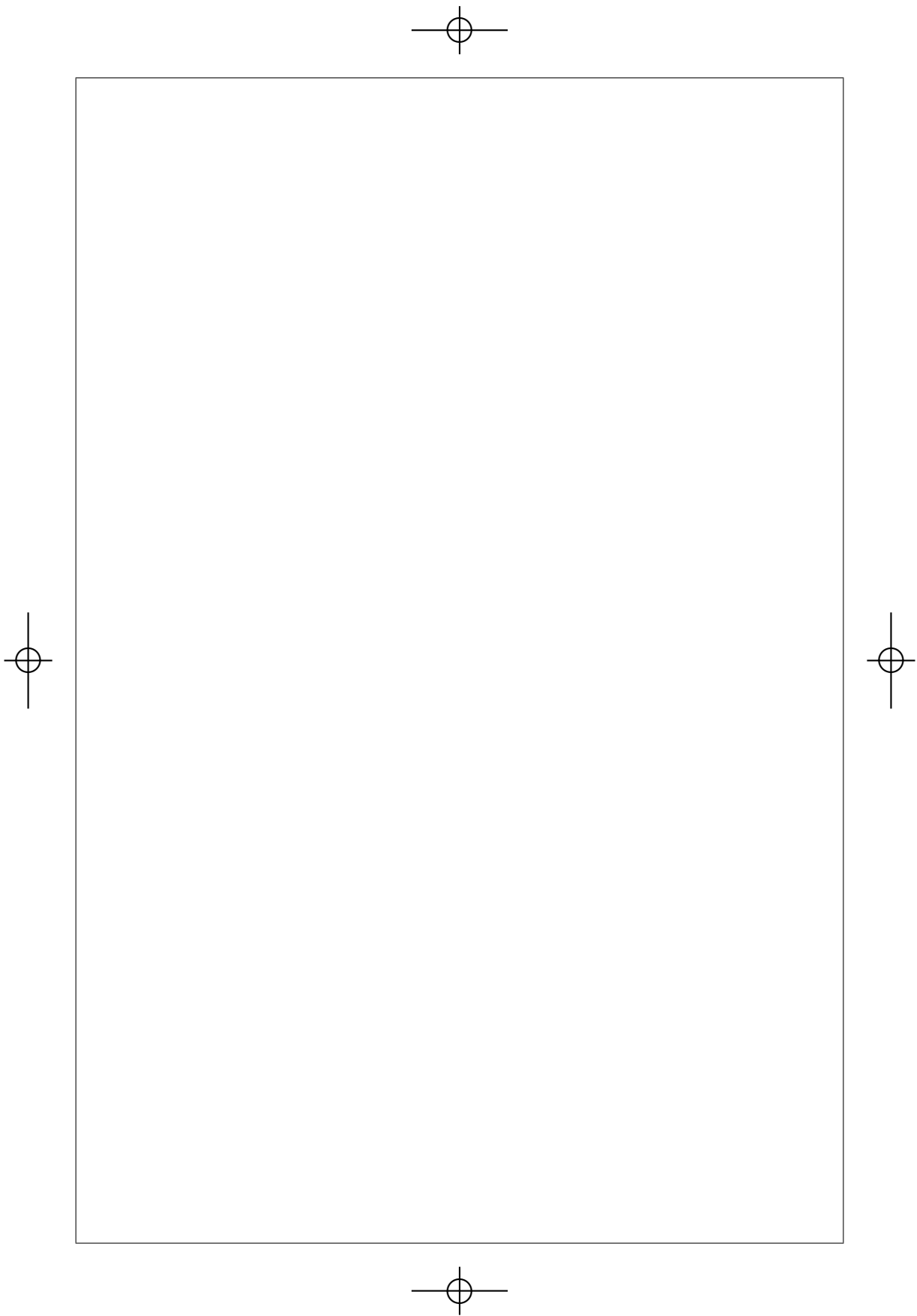
Pelo caminho tudo lhe sorria. Era o sol muito claro e doce, um sol de junho; eram as fisionomias risonhas dos transeuntes; e o mundo, que até ali lhe aparecia mau e turvo, repentinamente lhe surgia claro e doce.





Entrou, esperou um pouco, com o coração a lhe saltar do peito. O consulente saiu e ele foi afinal à presença da pitonisa. Era sua mulher.





A pescaria *

O Jorge era, apesar de boêmio, um bom chefe de família.

A sua mulher que lhe sabia cavalheiro e bom marido não se importava absolutamente com as suas extravagâncias.

Eles viviam na maior paz e harmonia. Chegasse ele às dez, às onze ou às quatro horas da madrugada, a recepção era a mais cordial possível.

Um dia pela semana santa, isto é, na quinta-feira da Paixão, Jorge chegou em casa e disse à mulher:

— Eugênia, amanhã vou pescar e você me acorde cedo.

Dona Eugênia recebeu a recomendação com todo o carinho e, no dia seguinte, logo pela manhã, pela madrugada, despertou o marido.

Jorge saiu lépido e contente com o prazer que ia dar à cara metade.

Em chegando ao primeiro botequim, porém, abancou e pôs-se a beber.

Comer e beber, a questão é começar; e ele tinha começado e continuou.

Quando chegou aí pelo meio dia, lembrou-se da pescaria que tinha prometido à mulher.

— Como havia de ser? pensou ele de si para si.

A canoa e os companheiros já deviam ter partido, e precisava levar os peixes.

*. Publicado na revista *Careta* em 13/08/1921.

Entrou em uma confeitaria e comprou camarões, postas de peixe, siris, ostras, etc. Tomou o bonde e foi para casa. Entregou os embrulhos à mulher e foi dormir, tão cansado estava da pescaria.

Às cinco horas da tarde, Dona Eugênia veio-lhe despertar:

— Jorge! Jorge! Vem jantar.

Ele ergueu-se e foi para a sala de refeições.

Quando lá chegou e viu aqueles primores de confeitaria, perguntou à mulher:

— Que diabo é isso?

Estamos em piquenique?

A mulher acudiu:

— Isto é a pescaria que tu fizeste!

Rocha, o guerreiro^{*}

Este Rocha, quando nasceu, os pais levaram-lhe à pia¹ com o intuito de que ele fosse general.

Ele era descendente de gente brava que se tinha batido valentemente nos campos do Paraguai².

Quiseram meter-lhe na Escola Militar, mas não houve meio de Rocha aprender aritmética.

A mãe, como ele dizia ter vocação militar e ser neto ou bisneto do barão de Jacutinga, herói da guerra do Paraguai, resolveu requerer-lhe praça, a fim de ser reconhecido cadete.

Rocha era medroso que nem um jacu; e quando foi metido num regimento da Quinta da Boa Vista³, ao primeiro trote, pôs-se a chorar. Queixou-se ao capitão de sua companhia, a quem pediu licença para escrever à sua velha mãe. O capitão, atendendo que ele não tinha nenhuma enfibração para a vida militar, consentiu.

A velha veio, e ele, mal ela chegou, disse-lhe:

— Mamãe, quero mamar.

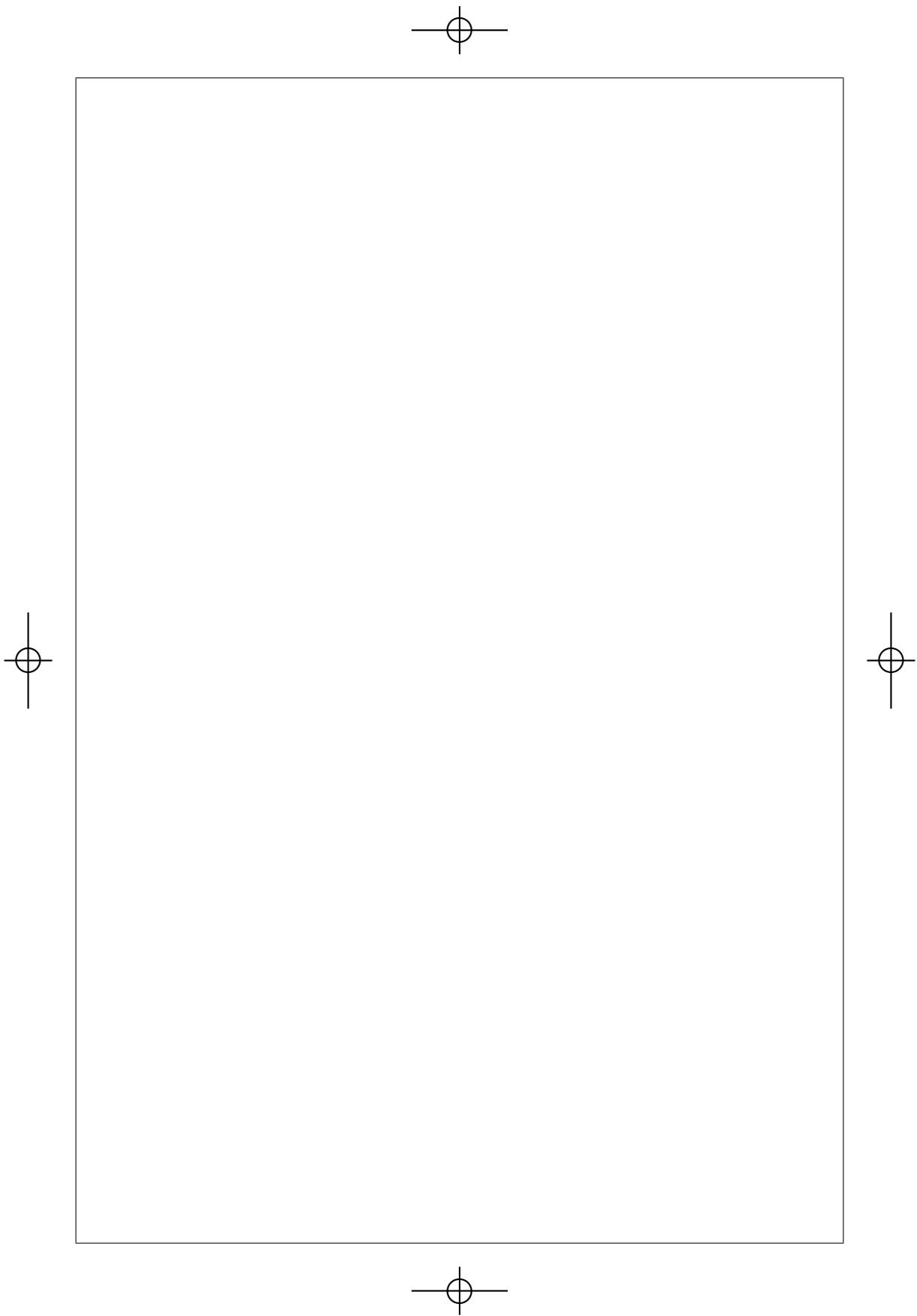
Está aí em que deu o general futuro — o Rocha das Arábias.

*. Publicado na revista *Careta* em 19/08/1922.

1. O mesmo que batizar.

2. Referência à Guerra do Paraguai, o maior conflito armado da história da América do Sul. Durou desde 1864 até 1870 e envolveu o Brasil, Argentina e Uruguai (que formavam a Tríplice Aliança) contra o Paraguai.

3. Região localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão.



O Gambá*

Eram muito amigos, o Jaime e o Pena. Jaime morava nos fundos da chácara de um tio, num barracão de madeira; e ambos trabalhavam, como operários, em uma mesma oficina suburbana.

Saíam juntos, e era raro o dia em que não se encontrassem, opôs o jantar, no botequim do Marques, para beber alguma coisa, indo, certas vezes, mais além.

Eram bem comportados, e as suas “festações” acabavam para sempre em ordem.

Pena morava perto de Jaime, mas, naquele dia, este convidou o amigo para ir dormir no seu barracão, ou melhor: barraco, como se vai agora chamando tais “palacetes” da nossa opulenta pobreza de país opulento.

A coisa deu-se de maneira que vai ser aqui contada.

Era sábado, começo de mês e dia de “mafuá”.

Chama-se isto, nos subúrbios, uma nova edição das “barraquinhas” de Santo Antônio, que, antigamente, em frente ao quartel general, se armavam, para vender “sortes” de leitões, perus, etc., e cujo lucro era em favor de não sei qual irmandade religiosa. Tinham as antigas “barraquinhas” uma época marcada — era em junho; os “mafuás”, porém, funcionavam todo o ano, em dias santificados, feriados, sábados e domingos.

*. Publicado na revista *Careta* em 08/01/1921.



Naquele sábado, dia, portanto, de “mafuá”, após o jantar “à la gondaça” numa casa de pasto, os dois amigos andaram perambulando pelos “mafuás”. Já haviam tratado dormir juntos, para caçar, na chácara do tio de Jaime, um gambá que teimava em dar cabo dos pintos e frangos.

Às armadilhas de toda a ordem, o bicho tinha resistido. Não havia meio de cair em laço, em alçapão, em coisa alguma.

Pena aventou a ideia da “cachaça”.

— Gambá — dizia ele — é havido por parati. Nós compramos um litro da “branquinha”, deitamo-lo numa vasilha, numa cumbuca qualquer; o gambá vem atraído pelo cheiro da “pinga”. Bebe à beça e cai numa bebedeira de não poder voltar para o ninho. De manhã, logo cedo, um de nós vai até o lugar e temos o petisco para almoçar domingo.

O outro concordou e só pôs uma dúvida:

— Tu sabes moquear “elas”?

— Como não sei! Vais ver...

Assim fizeram. No sábado, logo depois de deixarem a oficina, compraram um litro de aguardente, levaram-no para o barraco, jantaram na casa de pasto e puseram-se a passear.

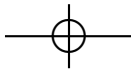
Andaram de botequim para “mafuá” e de “mafuá” para botequim.

No começo, foram “lambadas”; mas, ao chegar a hora da virtuosa temperança policial, entraram pela cerveja afora.

Ambos tinham recebido a quinzena; o sacrifício, portanto, não era grande para casa um.

Jaime, aí pelas onze horas, propôs irem para casa; Pena acedeu. Aquele já estava bem “trincado”, mas, assim mesmo, ao chegar em casa, não se esqueceu de deitar o litro de “cachaça” num longo prato, pouco fundo, de barro vidrado, para, com ela, deitar mão no gambá. Pena estava em melhor estado.





Sorveu um pouco do “malavo” e os dois ainda rebateram o que já haviam bebido por aí, com duas talagadas boas.

Jaime deitou-se e pegou no sono logo. Pena, porém, estranhando a cama, não conciliou o sono imediatamente.

Um dado momento, teve vontade de beber, correu ao litro; mas estava totalmente vazio.

Como havia de ser? Acudiu-lhe uma ideia: ir tirar uma “golada” do recipiente destinado a apanhar o animalejo, pela embriaguez.

Agarrou numa xícara pequena, saiu mansamente e foi até o lugar em que estava o prato com aguardente.

Se bem que não fosse de luar, a noite estava linda, segura e profusamente estrelada.

Pena despediu-se do parati com grande desgosto.

Daí a minutos, voltava com a tal xicarazinha.

Tomou outro gole, furtado ao gambá.

Em meio do caminho, deu-lhe de novo vontade de beber a insidiosa cachaça.

Voltou a terceira vez e pôs-se a pensar: para que gambá?

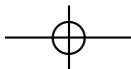
É um bicho imundo, fedorento. Demais, podemos pegá-lo a cacete.

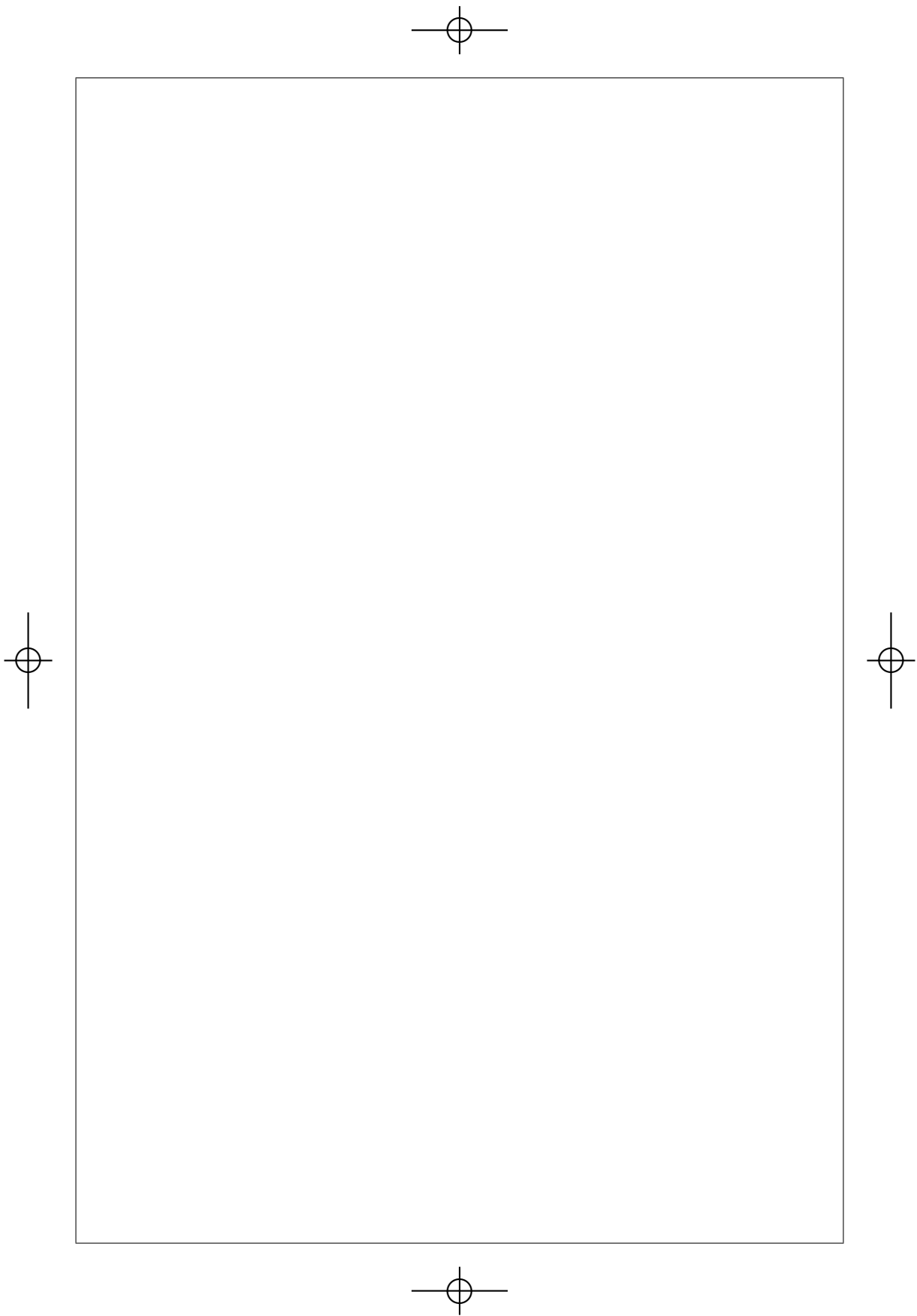
Fico aqui e dou cabo dessa deliciosa “branquinha”

Assim fez.

No dia seguinte, Jaime deu por falta do amigo no barcão. Talvez tivesse ido embora, imaginou.

Lembrou-se do gambá e da cachaça. Correu até lá; e — oh! surpresa — encontrou um enorme gambá de dois pés e duas mãos, roncando ao sol alto. Era o Pena.





Pedra & Moskowa*

Os dois boêmios de tempos já distantes, H. Pedra e Pedro Moskowa, um dia se encontraram e foram tomar café — uma infâmia, verdadeira perfumaria!

Puseram-se, no botequim, a conversar e a palestrar.

Veio a conversa recair sobre a arte de “morder”¹.

Pedro, que era o mais inteligente, disse, num dado momento, ao H. Pedra:

— Pedra, nós somos uns tolos.

— Por quê?

— Não sabemos “morder” cientificamente.

— Não te compreendo.

— Eu te explico.

— Vá lá.

— Nós dispensamos os nossos esforços, quando tudo nos ensina que devemos conjugá-los, articulá-los, encaidéá-los em benefício comum.

— Como é então?

— Olha: vamos organizar uma lista das pessoas “mordíveis”. Tu ficas com uma e eu com outra. Num dia, mordo eu; noutro dia, tu. Ando do almoço, dividimos a féria²; e, antes do jantar, também. Queres?

*. Publicado na revista *Careta* em 24/01/1920.

1. “Morder” era uma gíria usada na época para a prática de pedir dinheiro emprestado a amigos e colegas.

2. Chamava-se féria o nome dado à quantidade de dinheiro que um trabalhador recebia em um dia de trabalho. Neste caso, o “trabalho” seria o de “morder” os amigos.



— Aceito. Mas no domingo?

— Cada um tem liberdade de ação, mas o melhor é não morder nenhuma pessoa da lista.

— Por quê?

— Pode acontecer que nós ambos mordamos, num mesmo domingo, uma delas; e, no dia seguinte, tanto eu quanto tu estaremos atrapalhados para fazê-la “sangrar”. Aceitas?

— Está feito.

Combinado isto, os dois organizaram a relação das pessoas conspícuas que podiam merecer a honra das suas “fascadas” e puseram em prática os fins de sua curiosa associação, que, se fosse registrada na Junta Comercial, teria de girar sob a firma Pedra & Moskowa.

Pedra “mordia” nas segundas, e Moskowa, nas terças; e assim por diante, alternando-se.

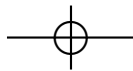
Nas horas marcadas, dividiam irmãmente a fêria, sem que nenhum “refundisse” um níquel, isto é, sonegasse-o ao outro.

Um dia, porém, em uma confeitaria, Pedra viu que o dr. F. C. era da lista, puxava uma nota graúda, para pagar um vermute que tomara no balcão. Não era o seu dia, mas não se conteve e deu o bote. A vítima sangrou e H. Pedra, que recebera uma “forquilha” (2\$000)³, tratou de refestelar-se num angu do Bernardinho; no largo da Sé.

Moskowa, que não sabia da coisa, quando encontrou o doutor F. C. foi cumprir a sua obrigação; qual não foi o seu espanto, porém, quando ele lhe disse:

— “Seu” Moskowa, hoje não é seu dia, pois já dei ao Pedra.

3. Dois mil réis.



Percalços da farda^{*}

O coronel M. morava em uma rua transversal à dos Voluntários¹ há tempos e, durante muitos anos, foi pessoa conceituada no lugar pela sua lisura e ainda por cima por ser coronel da briosa², que naquelas épocas era muito honrada e respeitada.

Tinha boa casa, vasta e antiga, habitação de outros tempos, um jardim na frente e uns restos de chácara nos fundos.

Esquecia-me de dizer que era negociante não sei de quê; mas era negociante forte. Além das criadas de interior, cozinheira, arrumadeira, copeira, tinha também empregados para o jardim e para a chácara.

Aqueles nacionais; e estes eram espanhóis ou portugueses. Durante muito tempo, ele foi o mais exato dos patrões; e todos os começos de mês ele satisfazia os salários dos seus fâmulos com a máxima pontualidade e sem o menor desconto. Era o melhor dos patrões; e as raparigas quebravam a louça e perdiam peças de roupa impune-mente, enquanto os homens da chácara e jardim perdiam

^{*}. Publicado no *Jornal das Moças* em 27/11/1919.

1. Referência à rua Voluntários da Pátria, localizada no bairro de Botafogo, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Até hoje é considerada uma das principais ruas daquele bairro. O nome faz homenagem aos Batalhões dos Voluntários da Pátria, que se formavam para engrossar as fileiras do Exército Brasileiro, que estava enfrentando muitas dificuldades durante a Guerra do Paraguai, ocorrida entre os anos 1864–1870.

2. “Briosa” era um termo informal utilizado para nomear a Guarda Nacional Brasileira, que teve seu auge no período do Império.

ferramentas e vendiam os produtos respectivos como se deles fossem donos. Esta fartura comera muito; mas vieram negócios, e M. perdeu muito arriscando até o negócio, que ficou sob o regime da concordata.

Esperava que, com o tempo, solvesse os seus compromissos e voltasse à fartura antiga. Reduziu as despesas, mas não o pôde fazer totalmente, porquanto perderia de todo o crédito; é preciso sempre apresentar e conservar alguns disfarces, entre os quais o chacareiro, pois a chácara era a menina dos seus olhos.

Enquanto foi o antigo, ele se atrasava alguns meses, não causando a menor ira ao velho serviçal; mas, adoecendo este, despediu-se para ir para a terra. Estava velho e queria morrer lá. M. despediu-se do velho Manuel cheio de mágoa, mas não havia remédio.

Admitiu em substituição um espanhol a quem durante alguns meses pagou pontualmente. Um mês, porém, não pôde pagar; no seguinte, também não, mas pelo terceiro o espanhol não continuou e despediu-se amuado. Voltou ao mês seguinte, e o Iglesias não se conteve com a negativa:

— Ou tu me dás ou por *Dios*...

E fechou a mão cerrada de raiva. Vendo a atitude do espanhol, o coronel disse:

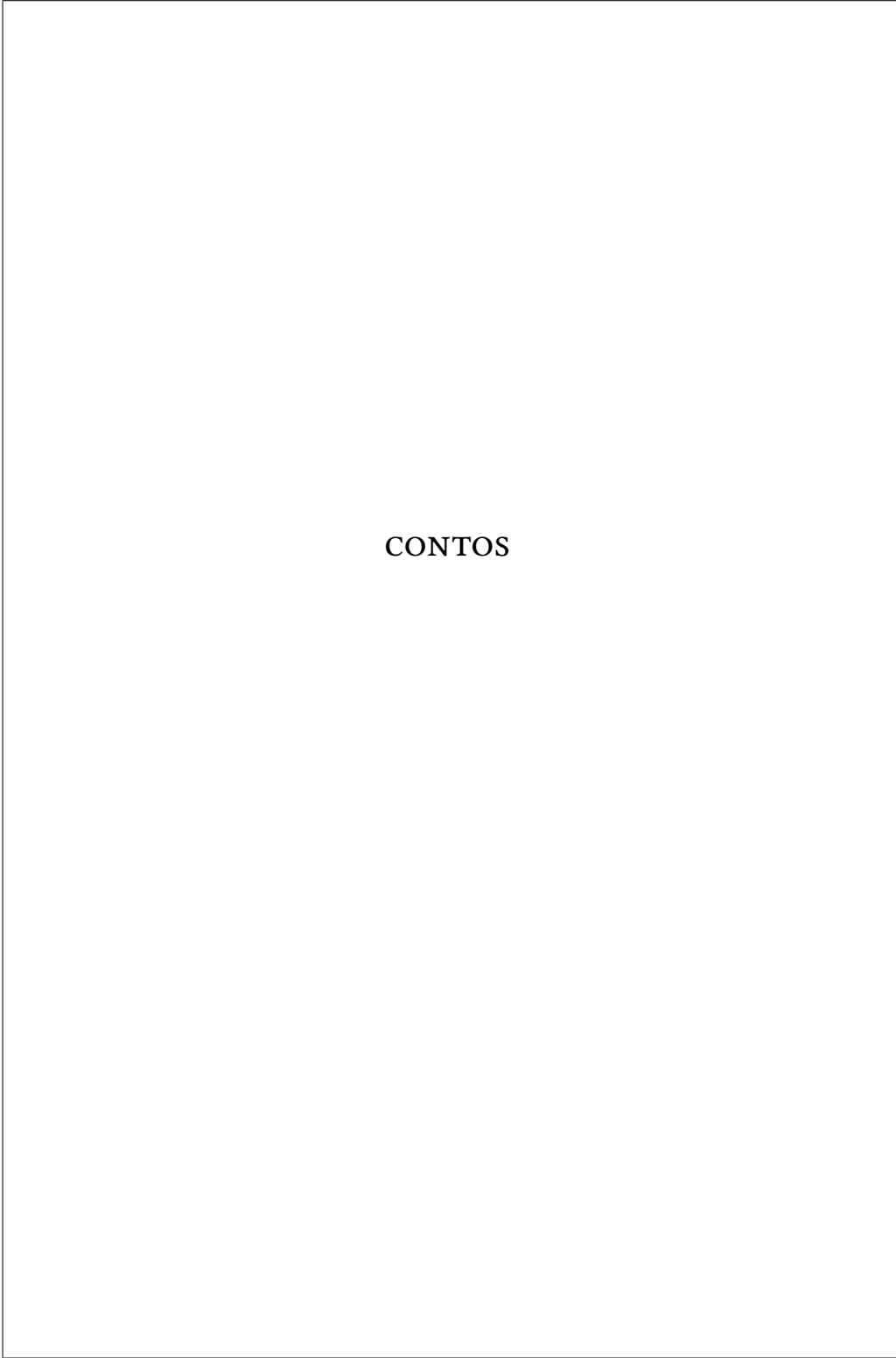
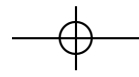
— Espera aí que já volto.

O campeador esperou enquanto M dirigia-se ao interior da casa.

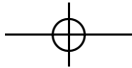
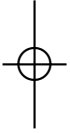
Não tardou muito que de novo visse-o, fardado de ponto em branco de coronel, brandindo um espadagão:

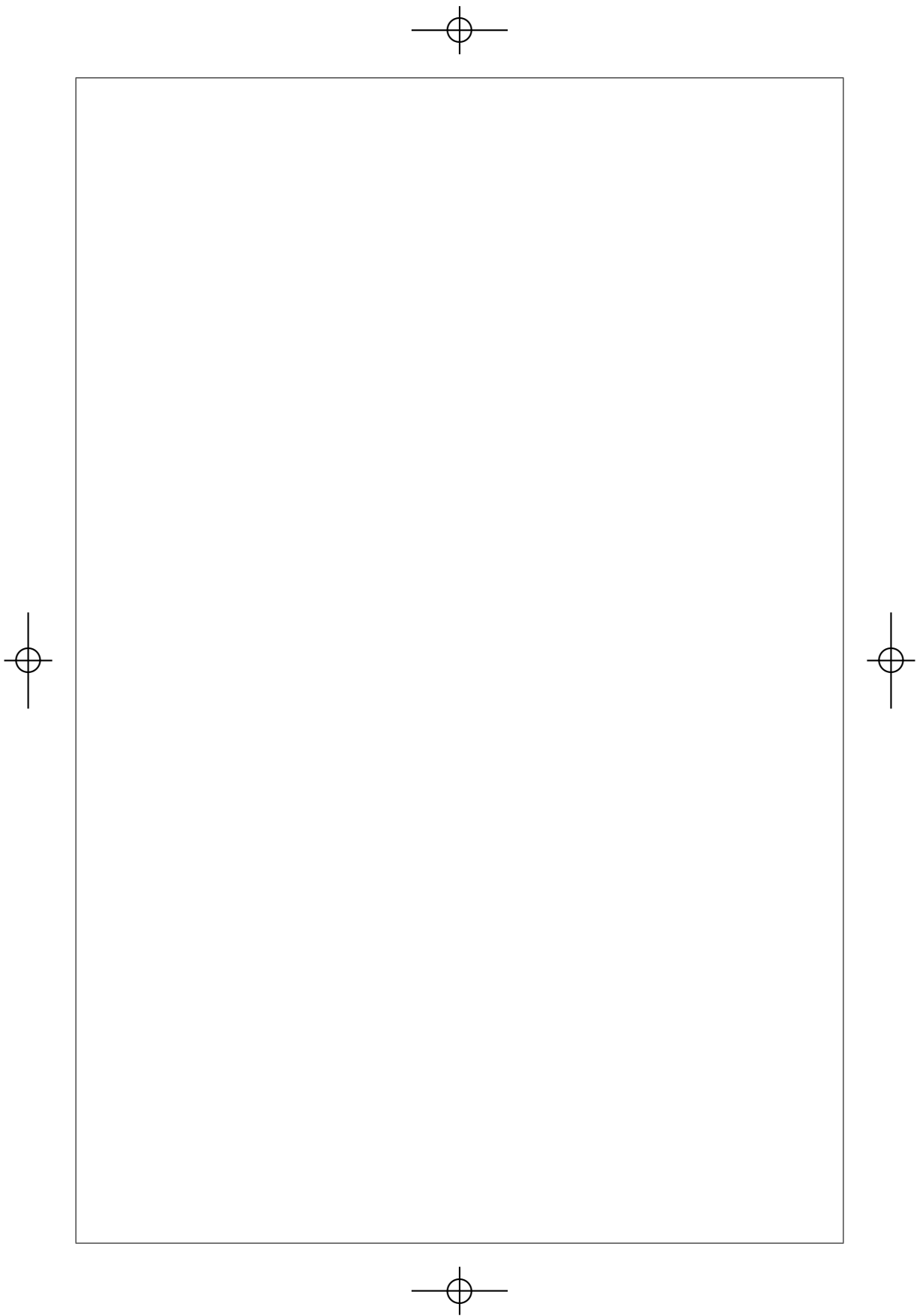
— Então, seu cão?

O espanhol, não esperando por essa, recuou, tirou um revólver, despejou sobre M., que quase morreu dos ferimentos.



CONTOS





O homem que sabia javanês^{*}

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas¹ vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

— Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

— Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá, no consulado!

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

^{*}. Publicado na edição de 20 de abril de 1911 no jornal *Gazeta da Tarde*.

1. Referência ao personagem do livro “História de Gil Blas de Santilana”, escrito pelo francês Alain-René Lesage, durante cerca de vinte anos (1715–1735). Gil Blas é um tipo de herói conhecido como *pícaro*, de longa tradição na literatura espanhola. Gil Blas, na qualidade de personagem-pícaro, vive uma vida de aventuras, sem residência fixa, aplicando diversas artimanhas para conseguir sobreviver.



— Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?
— Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.
— Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?
— Bebo. Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

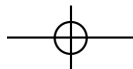
— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Comércio* o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc.”

Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os “cadáveres”. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a Grande Encyclopédie², letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo malaio-polinésio, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A Enciclopédia dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí.

2. Referência à “Enciclopédia: dicionário racional das ciências, artes e profissões”, publicada na França na segunda metade do século XVIII pelos filósofos iluministas Jean le Rond d’Alembert, em parceria com Denis Diderot. Considerada uma das primeiras e o modelo a partir do qual todas as demais Enciclopédias foram criadas no Ocidente.



Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras. Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu “a-b-c” malaio, e, com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas, não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:

— Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

— Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e... Por aí o homem interrompeu-me:

— Que diabo vem a ser isso, senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

— É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

— Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe isso, senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por



julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, barão de Jacu-canga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. É preciso não te esqueceres que entrementes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder “como está o senhor?” — e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico. Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil — podes ficar certo — aprender o javanês...

Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou malcuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortíferas. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.



Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

— Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

— Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

— Não, sou de Canavieiras.

— Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo,

— Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu.

— Onde fez os seus estudos?

— Em São Salvador.

— Em onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos. Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Con-tei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio



mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

— E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

— Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele basané³ podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaio, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

— Bem, fez o meu amigo, continua.

— O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

— Então está disposto a ensinar-me javanês?

— A resposta saiu-me sem querer:

— Pois não.

— O senhor há de ficar admirado, aduziu o barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

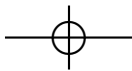
— Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...

— O que eu quero, meu caro senhor...

— Castelo, adiantei eu.

— O que eu quero, meu caro senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou

3. Palavra francesa que significa bronzeada.



Pedro I, quando abdicou.⁴ Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que dera a ele, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse:

“Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem me deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faz com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz”.

Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele entregou-me e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o cri-

4. Dom Pedro I, o primeiro Imperador do Brasil, abdicou (desistiu) do Trono no dia 07 de abril de 1831. O sucessor legal do Trono, Dom Pedro II, tinha apenas cinco anos. Esse fato gerou uma enorme crise política na recente nação brasileira. O país passou a ser governado pelas Regências, período conhecido como Período Regencial, que durou até 1840, quando foi decretada a maioridade antecipada de Pedro II, que se tornou Imperador antes de completar quinze anos. Esse episódio ficou conhecido como o “golpe da maioridade”.



ado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o senhor barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa Única! Ele não se cansava de repetir: “É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!”.



O marido de dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon.

Como ele ouvia aquelas bobagens!... Ficava estático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos!

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regada. Contribuiu muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a coisa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo.

— “Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!”

Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

O diretor chamou os chefes de secção: “Vejam só, um homem que sabe javanês — que portento!”.



Os chefes de secção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: “Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!”.

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: “É verdade, mas eu sei canaque. O senhor sabe?”. Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

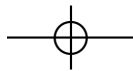
A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o *pince-nez*⁵ no nariz e perguntou: “Então, sabe javanês?”. Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. “Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para ano, parta para Bale⁶, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque⁷, o Max Müller⁸, e outros!”.

5. *Pince-nez* é um termo francês para um modelo de óculos utilizado por séculos, até a invenção das armações com haste, no início do século xx. O *pince-nez* não tem haste e as lentes são presas nos aros e estes ligados por uma “ponte” flexível, que faz pressão sobre o nariz. A palavra se encontra aportuguesada para pincenê.

6. Hoje em dia se escreve Bali. Trata-se de uma ilha pertencente a Indonésia.

7. Abel Hovelacque (1843–1896), foi um importante linguista francês. Seus estudos sobre a linguagem estão reunidos principalmente no livro “La Linguistique” (A Linguística), de 1887. Também participou da política do tempo, como um dos fundadores do Partido Radical, Conselheiro Municipal de Paris e Deputado.

8. O Alemão Friedrich Max Müller (1823–1900) estudou por toda sua vida a história das religiões, principalmente as orientais. Se destacou também como linguista e estudioso da mitologia.



Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas malaio-polinésicas; mas não havia meio! Bem jantado, bem-vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English-Oceanic Association*, *Archivo Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia.

Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: “Lá vai o sujeito que sabe javanês”. Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês.

A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comércio* um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

— Como, se tu nada sabias?, interrompeu-me o atento Castro.

— Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas publicações de geografias, e depois citei a mais não poder.

— E nunca duvidaram?, perguntou-me ainda o meu amigo.

— Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos



os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês — uf!

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na secção do tupi-guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no *Mensageiro de Bali* o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela secção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção do tupi-guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do *Mensageiro de Bali*, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no Cais Pharoux⁹, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da República, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

9. O Cais Pharoux foi um importante porto de embarque e desembarque de pequenas embarcações na cidade do Rio de Janeiro. Recebeu esse nome por conta da proximidade que ficava do Hotel Pharoux, de propriedade do francês Luís Adolfo Pharoux, considerado o primeiro grande hotel de luxo do Brasil. Desembarcar e embarcar no Cais Pharoux era símbolo de importância e distinção para as pessoas na época.



Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

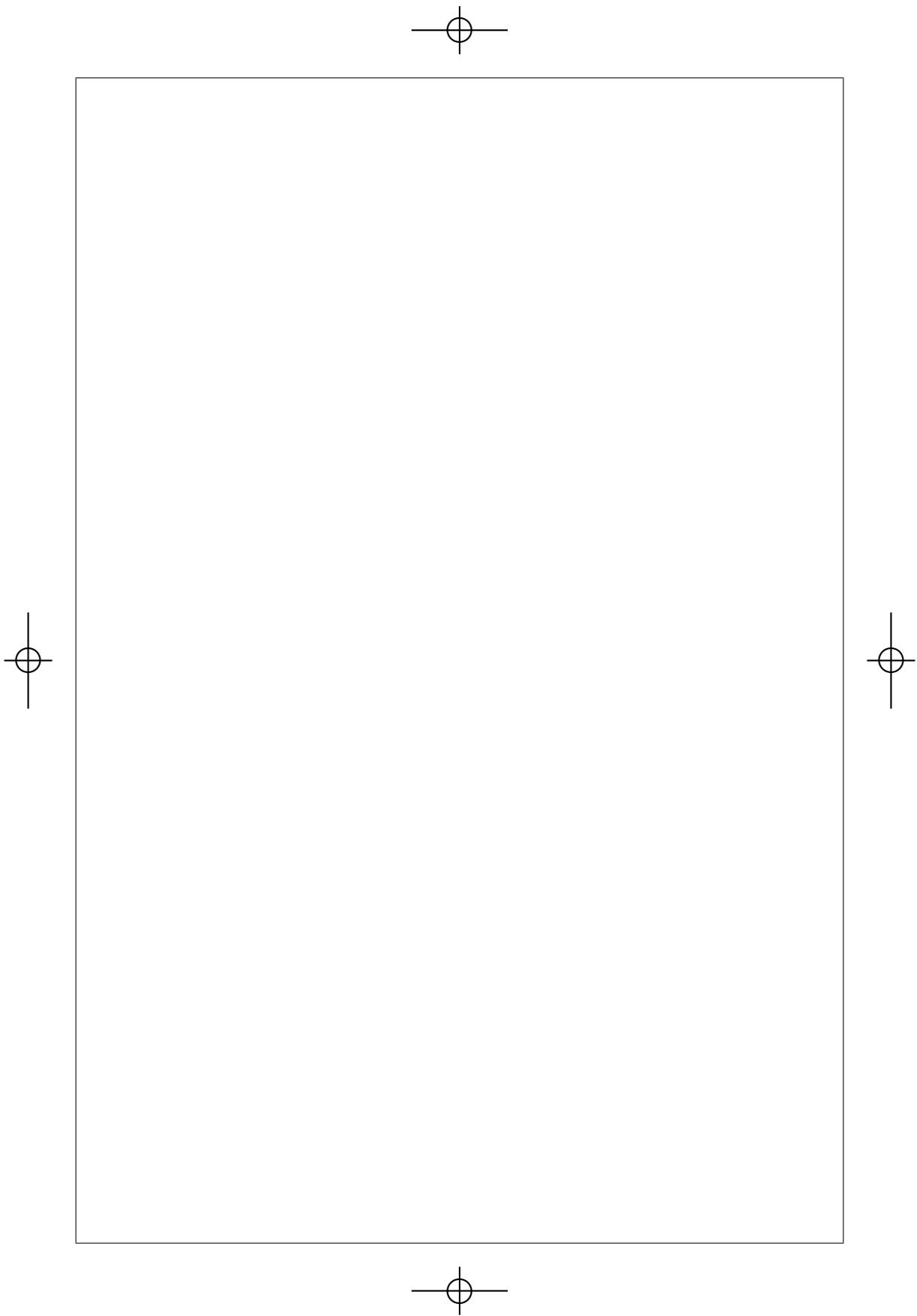
— É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

— Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?

— Que?

— Bacteriologista eminente. Vamos?

— Vamos.



A nova Califórnia^{*}

CAPÍTULO 1

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do Correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel, pois assim era subscrita a correspondência que recebia. E era grande. Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

— Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.

Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia — um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

O alarme se fez na vila. Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os crentes e simples, um tipo que tinha parte com o tihoso.

^{*}. Publicado na edição de março de 1911 da *Revista Americana*.



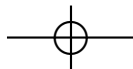
Chico da Tirana, o carreiro, quando passava em frente da casa do homem misterioso, ao lado do carro a chiar, e olhava a chaminé da sala de jantar a fumegar, não deixava de persignar-se e rezar um “credo” em voz baixa; e, não fora a intervenção do farmacêutico, o subdelegado teria ido dar um cerco a casa daquele indivíduo suspeito, que inquietava a imaginação de toda uma população.

Tomando em consideração as informações de Fabrício, o boticário Bastos concluíra que o desconhecido devia ser um sábio, um grande químico, refugiado ali para mais sossegadamente levar avante os seus trabalhos científicos.

Homem formado e respeitado na cidade, vereador, médico também, porque o doutor Jerônimo não gostava de rejeitar e se fizera sócio da farmácia para mais em paz viver, a opinião de Bastos levou tranquilidade a todas as consciências e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração a pessoa do grande químico, que viera habitar a cidade.

De tarde, se o viam a passear pela margem do Tubiacanga, sentando-se aqui e ali, olhando perdidamente as águas claras do riacho, cismando diante da penetrante melancolia do crepúsculo, todos se descobriam e não era raro que às “boas noites” acrescentassem “doutor”. E tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças, a maneira pela qual as contemplava, parecendo apiedar-se de que elas tivessem nascido para sofrer e morrer.

Na verdade, era de se ver, sob a doçura suave da tarde, a bondade de Messias com que ele afagava aquelas crianças pretas, tão lisas de pele e tão tristes de modos, mergulhadas no seu cativeiro moral, e também as brancas, de pele baça, gretada e áspera, vivendo amparadas na necessária caquexia dos trópicos.



Por vezes, vinha-lhe vontade de pensar qual a razão de ter Bernardin de Saint-Pierre gasto toda a sua ternura com Paulo e Virgínia¹ e esquecer-se dos escravos que os cercavam... Em poucos dias a admiração pelo sábio era quase geral, e não o era unicamente porque havia alguém que não tinha em grande conta os méritos do novo habitante. Capitão Pelino, mestre-escola e redator da *Gazeta de Tubiacanga*, órgão local e filiado ao partido situacionista, embirrava com o sábio. “Vocês hão de ver, dizia ele, quem é esse tipo... Um caloteiro, um aventureiro ou talvez um ladrão fugido do Rio”.

A sua opinião em nada se baseava, ou antes, baseava-se no seu oculto despeito vendo na terra um rival para a fama de sábio de que gozava. Não que Pelino fosse químico, longe disso; mas era sábio, era gramático. Ninguém escrevia em Tubiacanga que não levasse bordoadas do Capitão Pelino, e mesmo quando se falava em algum homem notável lá no Rio, ele não deixava de dizer: “Não há dúvida! O homem tem talento, mas escreve: ‘um outro’, ‘de resto’...” E contraía os lábios como se tivesse engolido alguma coisa amarga.

Toda a vila de Tubiacanga acostumou-se a respeitar o solene Pelino, que corrigia e emendava as maiores glórias nacionais. Um sábio...

Ao entardecer, depois de ler um pouco o Sotero, o Candido de Figueiredo ou o Castro Lopes², e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos, o velho mestre-escola saía va-

1. *Paul et Virginie* (Paulo e Virgínea) foi um dos romances mais famosos do final do século XVIII. Escrito em 1788 pelo francês Jacques-Henri Bernardin de Saint Pierre (1737–1814), o livro continuou como um dos mais lidos na Europa ao longo de quase todo o século XIX.

2. Francisco Sotero dos Reis (1800–1871), brasileiro, Antônio Pereira Cândido de Figueiredo (1846–1925), português e Antônio de Castro Lopes (1827–1901), também brasileiro, foram importantes estudiosos da língua portuguesa. Escreveram livros que se tornaram referência, principalmente para o estudo e compreensão da gramática da língua portuguesa.



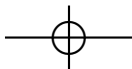
garosamente de casa, muito abotoado no seu paletó de brim mineiro, e encaminhava-se para a botica do Bastos a dar dois dedos de prosa. Conversar é um modo de dizer, porque era Pelino avaro de palavras, limitando-se tão-somente a ouvir. Quando, porém, dos lábios de alguém escapava a menor incorreção de linguagem, intervinha e emendava. “Eu asseguro, dizia o agente do Correio, que...”. Por aí, o mestre-escola intervinha com mansuetude evangélica: “Não diga ‘asseguro’ Senhor Bernardes; em português é garanto”.

E a conversa continuava depois da emenda, para ser de novo interrompida por uma outra. Por essas e outras, houve muitos palestradores que se afastaram, mas Pelino, indiferente, seguro dos seus deveres, continuava o seu apostolado de vernaculismo. A chegada do sábio veio distraí-lo um pouco da sua missão. Todo o seu esforço voltava-se agora para combater aquele rival, que surgia tão inopinadamente.

Foram vãs as suas palavras e a sua eloquência: não só Raimundo Flamel pagava em dia as suas contas, como era generoso — pai da pobreza — e o farmacêutico vira numa revista de específicos seu nome citado como químico de valor.

CAPÍTULO 2

Havia já anos que o químico vivia em Tubiacanga, quando, uma bela manhã, Bastos o viu entrar pela botica adentro. O prazer do farmacêutico foi imenso. O sábio não se dignara até aí visitar fosse quem fosse e, certo dia, quando o sacristão Orestes ousou penetrar em sua casa, pedindo-lhe uma esmola para a futura festa de Nossa Senhora da Conceição, foi com visível enfado que ele o recebeu e atendeu.



Vendo-o, Bastos saiu de detrás do balcão, correu a recebê-lo com a mais perfeita demonstração de quem sabia com quem tratava e foi quase em uma exclamação que disse:

— Doutor, seja bem-vindo.

O sábio pareceu não se surpreender nem com a demonstração de respeito do farmacêutico, nem com o tratamento universitário. Docemente, olhou um instante a armação cheia de medicamentos e respondeu:

— Desejava falar-lhe em particular, Senhor Bastos.

O espanto do farmacêutico foi grande. Em que poderia ele ser útil ao homem, cujo nome corria mundo e de quem os jornais falavam com tão acendrado respeito? Seria dinheiro? Talvez... Um atraso no pagamento das rendas, quem sabe? E foi conduzindo o químico para o interior da casa, sob o olhar espantado do aprendiz que, por um momento, deixou a “mão” descansar no gral, onde macerava uma tisana qualquer.

Por fim, achou ao fundo, bem no fundo, o quartinho que lhe servia para exames médicos mais detidos ou para as pequenas operações, porque Bastos também operava. Sentaram-se e Flamel não tardou a expor:

— Como o senhor deve saber, dedico-me à química, tenho mesmo um nome respeitado no mundo sábio...

— Sei perfeitamente, doutor, mesmo tenho disso informado, aqui, aos meus amigos.

— Obrigado. Pois bem: fiz uma grande descoberta, extraordinária. . .

Envergonhado com o seu entusiasmo, o sábio fez uma pausa e depois continuou:

— Uma descoberta... Mas não me convém, por ora, comunicar ao mundo sábio, compreende?

— Perfeitamente.



— Por isso precisava de três pessoas conceituadas que fossem testemunhas de uma experiência dela e me dessem um atestado em forma, para resguardar a prioridade da minha invenção... O senhor sabe: há acontecimentos imprevisíveis e...

— Certamente! Não há dúvida!

— Imagine o senhor que se trata de fazer ouro...

— Como? O quê?, fez Bastos, arregalando os olhos.

— Sim! Ouro!, disse, com firmeza, Flamel.

— Como?

— O senhor saberá, disse o químico secamente. A questão do momento são as pessoas que devem assistir à experiência, não acha?

— Com certeza, é preciso que os seus direitos fiquem resguardados, porquanto...

— Uma delas, interrompeu o sábio, é o senhor; as outras duas, o Senhor Bastos fará o favor de indicar-me.

O boticário esteve um instante a pensar, passando em revista os seus conhecimentos e, ao fim de uns três minutos, perguntou:

— O Coronel Bentes lhe serve? Conhece?

— Não. O senhor sabe que não me dou com ninguém aqui.

— Posso garantir-lhe que é homem sério, rico e muito discreto.

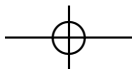
— E religioso? Faça-lhe esta pergunta, acrescentou Flamel logo, porque temos que lidar com ossos de defunto e só estes servem...

— Qual! E quase ateu...

— Bem! Aceito. E o outro? Bastos voltou a pensar e dessa vez demorou-se um pouco mais consultando a sua memória... Por fim, falou:

— Será o Tenente Carvalhais, o coletor, conhece?

— Como já lhe disse...



- E verdade. E homem de confiança, sério, mas...
- Que é que tem?
- É maçom.³
- Melhor.
- E quando é?
- Domingo. Domingo, os três irão lá em casa assistir à experiência e espero que não me recusarão as suas firmas para autenticar a minha descoberta.
- Está tratado.

Domingo, conforme prometeram, as três pessoas respeitáveis de Tubiacanga foram à casa de Flamel, e, dias depois, misteriosamente, ele desaparecia sem deixar vestígios ou explicação para o seu desaparecimento.

CAPÍTULO 3

Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar. Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo. As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava.

O único crime notado em seu pobre cadastro fora um assassinato por ocasião das eleições municipais; mas, atendendo que o assassino era do partido do governo, e a vítima da oposição, o acontecimento em nada alterou os há-

3. Maçom é o termo que identifica as pessoas que pertencem à maçonaria. Surgida na Europa, no período da Idade Média, a maçonaria por muito tempo foi considerada uma das organizações mais secretas do mundo. Seus membros não podem contar para os não maçons o conteúdo do que foi discutido nas reuniões e encontros. A maçonaria teve um papel importante nos bastidores da política desde pelo menos a Revolução Francesa, por contar com a participação de pessoas influentes neste meio. Um bom resumo das principais características da maçonaria pode ser encontrado a partir desse link: <https://super.abril.com.br/historia/o-que-e-e-como-surgiu-a-maçonaria/>.



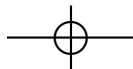
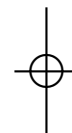
bitos da cidade, continuando ela a exportar o seu café e a mirar as suas casas baixas e acanhadas nas escassas águas do pequeno rio que a batizara.

Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos repugnantes crimes de que se tem memória! Não se tratava de um esquartejamento ou parricídio; não era o assassinato de uma família inteira ou um assalto à coletoria; era cousa pior, sacrílega aos olhos de todas as religiões e consciências: violavam-se as sepulturas do “Sossego”, do seu cemitério, do seu campo-santo.

Em começo, o coveiro julgou que fossem cães, mas, revistando bem o muro, não encontrou senão pequenos buracos. Fechou-os; foi inútil. No dia seguinte, um jazigo perpétuo arrombado e os ossos saqueados; no outro, um carneiro e uma sepultura rasa. Era gente ou demônio. O coveiro não quis mais continuar as pesquisas por sua conta, foi ao subdelegado e a notícia espalhou-se pela cidade.

A indignação na cidade tomou todas as feições e todas as vontades. A religião da morte precede todas e certamente será a última a morrer nas consciências. Contra a profanação, clamaram os seis presbiterianos do lugar — os bíblicos, como lhes chama o povo; clamava o agrimensor Nicolau, antigo cadete, e positivista do rito Teixeira Mendes⁴; clamava o Major Camanho, presidente da Loja Nova

4. O “Apostolado Positivista” foi uma associação criada no Rio de Janeiro no final do século XIX e que tinha como missão a difusão da filosofia positivista no Brasil. O positivismo foi um dos mais importantes movimentos do pensamento filosófico do início do século XX no Ocidente. Teve como seu fundador o filósofo francês Augusto Comte (1798–1857). No Brasil, o positivismo se desenvolveu principalmente no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Seus principais expoentes foram Raimundo Teixeira Mendes (1855–1927), Miguel Lemos (1854–1917) e Benjamin Constant (1836–1891). A doutrina positivista teve forte influência nos meios políticos e militares no início do século XX. O lema do positivismo — Ordem e Progresso — acabou indo parar na



Esperança; clamavam o turco Miguel Abudala, negociante de armarinho, e o céptico Belmiro, antigo estudante, que vivia ao deus-dará, bebericando parati nas tavernas.

A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo, sem notar sequer os suspiros dos apaixonados locais, sempre esperando que o expresso trouxesse um príncipe a desposá-la, a linda e desdenhosa Cora não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo. Que tinha ela com o túmulo de antigos escravos e humildes roceiros? Em que podia interessar aos seus lindos olhos pardos o destino de tão humildes ossos? Porventura o furto deles perturbaria o seu sonho de fazer radiar a beleza de sua boca, dos seus olhos e do seu busto nas calçadas do Rio?

Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de que ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério. Aí Cora queria os seus ossos sossegados, quietos e comodamente descansando num caixão bem feito e num túmulo seguro, depois de ter sido a sua carne encanto e prazer dos vermes...

O mais indignado, porém, era Pelino. O professor deitara artigo de fundo, imprecando, bramindo, gritando: “Na estória do crime, dizia ele, já bastante rica de fatos repugnantes, como sejam: o esquartejamento de Maria de Macedo, o estrangulamento dos irmãos Fuoco, não se registra um que o seja tanto como o saque às sepulturas do ‘Sossego’”.

bandeira do Brasil. Há um documentário sobre o positivismo no Brasil, chamado “A última Religião”, disponível no YouTube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=aHpG-crieMg>.



E a Vila vivia em sobressalto. Nas faces não se lia mais paz; os negócios estavam paralisados; os namoros suspensos. Dias e dias por sobre as casas pairavam nuvens negras e, à noite, todos ouviam ruídos, gemidos, barulhos sobrenaturais... Parecia que os mortos pediam vingança...

O saque, porém, continuava. Toda noite eram duas, três sepulturas abertas e esvaziadas de seu fúnebre conteúdo. Toda a população resolveu ir em massa guardar os ossos dos seus maiores. Foram cedo, mas, em breve, cedendo à fadiga e ao sono, retirou-se um, depois outro e, pela madrugada, já não havia nenhum vigilante. Ainda nesse dia o coveiro verificou que duas sepulturas tinham sido abertas e os ossos levados para destino misterioso.

Organizaram então uma guarda. Dez homens decididos juraram perante o subdelegado vigiar durante a noite a mansão dos mortos.

Nada houve de anormal na primeira noite, na segunda e na terceira; mas, na quarta, quando os vigias já se dispunham a cochilar, um deles julgou lobrigar um vulto esgueirando-se por entre a quadra dos carneiros. Correram e conseguiram apanhar dois dos vampiros. A raiva e a indignação, até aí sopitadas no animo deles, não se contiveram mais e deram tanta bordoadada nos macabros ladrões, que os deixaram estendidos como mortos.

A notícia correu logo de casa em casa e, quando, de manhã, se tratou de estabelecer a identidade dos dois malfeitores, foi diante da população inteira que foram neles reconhecidos o Coletor Carvalhais e o Coronel Bentes, rico fazendeiro e presidente da Câmara. Este último ainda vivia e, a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico.

Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível? Mas aquele homem rico, res-



peitado, como desceria ao papel de ladrão de mortos se a cousa não fosse verdade!

Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!

O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que no ano passado conseguiu comprar uma casa, mas ainda não a pudera cercar, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, que andava desde anos atrapalhado para arranjar um pasto, pensou logo no prado verde do Costa, onde os seus bois engordariam e ganhariam forças...

Às necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro viriam atender, satisfazer e felicitá-los; e aqueles dois ou três milhares de pessoas, homens, crianças, mulheres, moços e velhos, como se fossem uma só pessoa, correram à casa do farmacêutico.

A custo, o subdelegado pôde impedir que varejassem a botica e conseguir que ficassem na praça, à espera do homem que tinha o segredo de todo um Potosi⁵. Ele não tardou a aparecer. Trepado a uma cadeira, tendo na mão uma pequena barra de ouro que reluzia ao forte sol da manhã, Bastos pediu graça, prometendo que ensinaria o segredo, se lhe poupassem a vida. “Queremos já sabê-lo,” gritaram. Ele então explicou que era preciso redigir a receita, indicar a marcha do processo, os reativos — trabalho longo que só poderia ser entregue impresso no dia seguinte. Houve um murmúrio, alguns chegaram a gritar, mas o subdelegado falou e responsabilizou-se pelo resultado.

5. Referência à cidade de Potosí, na Bolívia, uma das mais antigas da América do Sul e que teve muita importância no período colonial daquele país, por conta de suas minas de prata.



Docilmente, com aquela doçura particular às multidões furiosas, cada qual se encaminhou para casa, tendo na cabeça um único pensamento: arranjar imediatamente a maior porção de ossos de defunto que pudesse.

O sucesso chegou à casa do engenheiro residente da estrada de ferro. Ao jantar, não se falou em outra coisa. O doutor concatenou o que ainda sabia do seu curso, e afirmou que era impossível. Isto era alquimia, coisa morta: ouro é ouro, corpo simples, e osso é osso, um composto, fosfato de cal. Pensar que se podia fazer de uma coisa outra era “besteira”. Cora aproveitou o caso para rir-se petropolimente da crueldade daqueles botocudos; mas sua mãe, Dona Emitia, tinha fé que a coisa era possível.

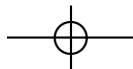
À noite, porém, o doutor percebendo que a mulher dormia, saltou a janela e correu em direitura ao cemitério; Cora, de pés nus, com as chinelas nas mãos, procurou a criada para irem juntas à colheita de ossos. Não a encontrou, foi sozinha; e Dona Emília, vendo-se só, adivinhou o passeio e lá foi também.

E assim aconteceu na cidade inteira.

O pai, sem dizer nada ao filho, saía; a mulher, julgando enganar o marido, saía; os filhos, as filhas, os criados — toda a população, sob a luz das estrelas assombradas, correu ao satânico rendez-vous⁶ no “Sossego”.

E ninguém faltou. O mais rico e o mais pobre lá estavam. Era o turco Miguel, era o professor Pelino, o doutor Jerônimo, o Major Camanho, Cora, a linda e deslumbrante Cora, com os seus lindos dedos de alabastro, revolvía a sânie das sepulturas, arrancava as carnes, ainda podres agarradas tenazmente aos ossos e deles enchia o seu regaço até ali inútil. Era o dote que colhia e as suas narinas, que se

6. Palavra francesa que significa “encontro”.



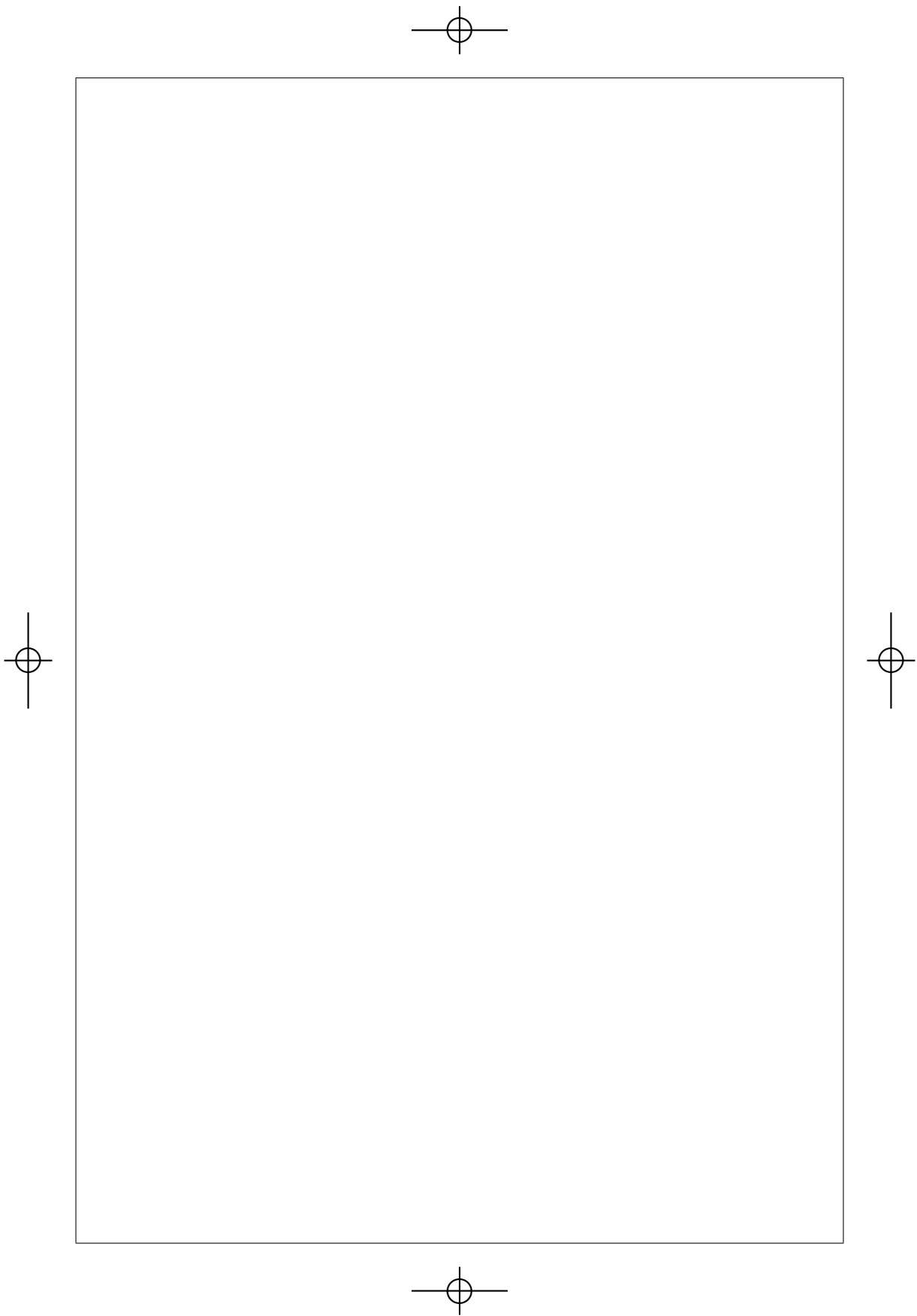
abriam em asas rosadas e quase transparentes, não sentiam o fétido dos tecidos apodrecidos em lama fedorenta...

A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações. Pelino esfaqueou o turco por causa de um fêmur e mesmo entre as famílias questões surgiram.

Unicamente, o carteiro e o filho não brigaram. Andaram juntos e de acordo e houve uma vez que o pequeno, uma esperta criança de onze anos, até aconselhou ao pai: “Papai vamos aonde está mamãe; ela era tão gorda...”

De manhã, o cemitério tinha mais mortos do que aqueles que recebera em trinta anos de existência. Uma única pessoa lá não estivera, não matara nem profanara sepulturas: fora o bêbedo Belmiro.

Entrando numa venda, meio aberta, e nela não encontrando ninguém, enchera uma garrafa de parati e se deixara ficar a beber sentado na margem do Tubiacanga, vendo escorrer mansamente as suas águas sobre o áspero leito de granito — ambos, ele e o rio, indiferentes ao que já viram, mesmo à fuga do farmacêutico, com o seu Potosi e o seu segredo, sob o dossel eterno das estrelas.



Como o «homem» chegou *

Deus está morto; a sua piedade pelos homens
matou-o.

NIETZSCHE

I

A polícia da república, como toda a gente sabe, é paternal e compassiva no tratamento das pessoas humildes que dela necessitam; e sempre, quer se trate de humildes, quer de poderosos, a velha instituição cumpre religiosamente a lei. Vem-lhe daí o respeito que aos políticos os seus empregados tributam e a procura que ela merece desses homens, quase sempre interessados no cumprimento das leis que discutem e votam.

O caso que vamos narrar não chegou ao conhecimento do público, certamente devido a pouca atenção que lhe deram os repórteres; e é pena, pois, se assim não fosse, teriam nele encontrado pretexto para clichés bem macabramente mortuários que alegrassem as páginas de suas folhas volantes.

*. Publicado em duas partes, nas edições de abril e março de 1915 da *Revista Águia*.



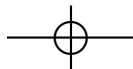
O delegado que funcionou na questão talvez não tivesse notado o grande alcance de sua obra; e tanto isso é de admirar quanto as consequências do fato concordam com luxuriantes sorites de um filósofo sempre capaz de sugerir, do pé para a mão, novíssimas estéticas aos necessitados de apresentá-las ao público bem informado.

Sabedores de acontecimento de tal monta, não nos era possível deixar de narrá-lo com alguma minudência, para edificação dos delegados passados, presentes e futuros.

Naquela manhã, tinha a delegacia um movimento desusado. Passavam-se semanas sem que houvesse uma simples prisão, uma pequena admoestação. A circunscrição era pacata e ordeira. Pobre, não havia furtos; sem comércio, não havia gatunos; sem indústria, não havia vagabundos, graças à sua extensão e aos capoeirões que lá havia; os que não tinham domicílio arranjavam-no facilmente em chocas ligeiras sobre chãos de outros donos mal conhecidos.

Os regulamentos policiais não encontravam emprego; os funcionários do distrito viviam descansados e, sem desconfiança, olhavam a população do lugarejo. Compunha-se o destacamento de um cabo e três soldados; todos os quatro, gente simples, esquecida de sua condição de sustentáculos do Estado.

O comandante, um cabo gordo que falava arrastando a voz, com a cantante preguiça de um carro de bois a chiar, habitava com a família um rancho próximo e plantava ao redor melancias, colhendo-as de polpa bem rosada e doce, pelo verão inflexível da nossa terra. Um dos soldados tecia redes de pescaria, chumbava-as com cuidado para dar cerco às tainhas; e era de vê-las saltar por cima do fruto de sua indústria com a agilidade de acrobatas, agilidade surpreendente naqueles entes sem mãos e pernas diferenciadas. Um outro camarada matava o ócio pescando de caniço e quase nunca pescava crocorocas, pois diante do mar, da



sua infinita grandeza, distraía-se, lembrando-se das quadri-
nhas que vinha compondo em louvor de uma beleza local.

Tinham também os inspetores de polícia essa concep-
ção idílica, e não se aborreciam no morno vilarejo. Con-
ceição, um deles, fabricava carvão e os plantões os faziam
junto às caieiras, bem protegidas por cruzeiros toscos para
que o tinoso não entrasse nelas e fabricasse cinza em vez
do combustível das engomadeiras. Um seu colega, de nome
Nunes, aborrecido com o ar elísico daquela delegacia, ima-
ginou quebrá-lo e lançou o jogo do bicho. Era uma coisa
inocente: o mínimo da pule, um vintém; o máximo, duzen-
tos réis, mas, ao chegar a riqueza do lugar, aí pelo tempo
do caju, quando o sol saudoso da tarde dourava as areias e
os frutos amarelos e vermelhos mais se intumesciam nos
cagueiros frágeis, jogavam-se pules de dez tostões.

Vivia tudo em paz; o delegado não aparecia. Se o fa-
zia de mês em mês, de semestre em semestre, de ano em
ano, logo perguntava: houve alguma prisão? Respondiam
alvissareiros: não, doutor; e a frente do doutor se anuvi-
ava, como se sentisse naquele desuso do xadrez a morte
próxima do Estado, da Civilização e do Progresso.

De onde em onde, porém, havia um caso de deflora-
mento e este era o delito, o crime, a infração do lugarejo.
Um crime, uma infração, um delito muito próprio do Pa-
raíso, que o tempo, porém, levou a ser julgado pelos polici-
ais, quando, nas primeiras eras das nossas origens bíblicas,
o fora pelo próprio Deus.

Em geral, os inspetores por eles mesmos resolviam o
caso; davam paternos conselhos suasórios e a lei sagrava
o que já havia sido abençoado pelas prateadas folhas das
imbaúbas, nos capoeirões cerrados.

Não quis, porém, o delegado deixar que os seus subor-
dinados liquidassem aquele caso. A paciente era filha do
Sambabaia, chefe político do partido do Senador Melaço; e

o agente era eleitor do partido contrário a Melaço. O programa do partido de Melaço era não fazer coisa alguma e o do contrário tinha o mesmo ideal; ambos, porém, se diziam adversários de morte e essa oposição, refletindo-se no caso, embaraçada sobremodo o subdelegado.

Interrogado, confessara-se o agente pronto a reparar o mal; e, desde há muito, a paciente dera a tal respeito a sua indispensável opinião. A autoridade, entretanto, hesitava, por causa da incompatibilidade política do casal. As audiências se sucediam e aquela era já a quarta. Estavam os soldados atônitos com tanta demora, provinda de não saber bem o delegado se, unindo mais uma vez o par, não iria o caso desgostar Melaço e mesmo o seu adversário Jati — ambos Senadores poderosos, aquele do governo e este da oposição; e, desgostar qualquer dele punha em perigo o seu emprego porque, quase sempre entre nós, a oposição passa a ser governo e o governo oposição instantaneamente. O consentimento dos rapazes não bastava ao caso; era preciso, além, uma reconciliação ou uma simples adesão política.

Naquela manhã, o delegado tomava mais uma vez o depoimento do agente, inquirindo-o desta forma:

- Já se resolveu?
- Pois não, doutor. Estou inteiramente a seu dispor...
- Não é bem ao meu. Quero saber se o senhor tem tenção?
- De que, doutor? De casar? Pois não, doutor.
- Não é de casar... Isto já sei... E...
- Mas de que deve ser então, doutor?
- De entrar para o partido do doutor Melaço.
- Eu sempre, doutor, fui pelo doutor Jati. Não posso...
- Que tem uma coisa com a outra? O senhor divide o seu voto: a metade dá para um e a outra metade para outro. Está aí!
- Mas como?

— Ora! O senhor saberá arranjar as coisas da melhor forma; e, se o fizer com habilidade, ficarei contente e o senhor será feliz, porquanto pode arranjar tanto com um como com outro, conforme andar a política no próximo quadriênio, um lugar de guarda dos mangues.

— Não há vaga, doutor.

— Qual! Há sempre vaga, meu caro. O Felizardo não se tem querido alistar, não nasceu aqui, é de fora, é “estrangeiro”; e, dessa maneira, não pode continuar a fiscalizar os mangues. E vaga certa. O senhor adere ou antes: divide a votação?

— Divido então...

Por aí, um dos inspetores veio avisar de que o guarda civil de nome Hane lhe queria falar. O doutor Cunsono estremeceu. Era cousa do chefe, do geral lá de baixo; e, de relance, viu o seu hábil trabalho de harmonizar Jati e Melaço perdido inteiramente, talvez por causa de não ter, naquele ano, efetuado sequer uma prisão. Estava na rua, suspendeu o interrogatório e veio receber o visitador com muita angústia no coração. Que seria?

— Doutor, foi logo dizendo o guarda, temos um louco.

Diante daquele caso novo, o delegado quis refletir, mas logo o guarda emendou:

— O doutor Silly...

Era assim o nome do ajudante do geral inacessível; e dele, os delegados têm mais medo do que do chefe supremo todo poderoso. Hane continuou:

— O doutor Silly mandou dizer que o senhor o prendesse e o enviasse à Central.

Cunsono pensou bem que esse negócio de reclusão de loucos é por demais grave e delicado e não era propriamente da sua competência fazê-lo, a menos que fossem sem eira nem beira ou ameaçassem a segurança pública. Pediu a Hane que o esperasse e foi consultar o escrivão.



Este serventuário vivia ali de mau humor. O sossego da delegacia o aborrecia, não porque gostasse da agitação pela agitação, mas pelo simples fato de não perceber emolumentos ou quer que seja, tendo que viver de seus vencimentos. Aconselhou-se com ele o delegado e ficou perfeitamente informado do que dispunham a lei e a praxe. Mas Silly...

Voltando à sala, o guarda reiterou as ordens do auxiliar, contando também que o louco estava em Manaus. Se o próprio Silly não o mandava buscar, elucidou o guarda, era porque competia a Cunsono deter o “homem”, porquanto a sua delegacia tinha costas do oceano e de Manaus se vinha por mar.

— É muito longe, objetou o delegado.

O guarda teve o cuidado de explicar que Silly já vira a distancia no mapa e era bem reduzida: obra de palmo e meio. Cunsono perguntou ainda:

— Qual a profissão do “homem”?

— É empregado da delegacia fiscal.

— Tem pai?

— Tem.

Pensou o delegado que competia ao pai o pedido de internação, mas o guarda adivinhou-lhe o pensamento e afirmou:

— Eu conheço muito e meu primo é cunhado dele.

Estava já Cunsono irritado com as objeções do escrivão e desejava servir a Silly, tanto mais que o caso desafiava a sua competência policial. A lei era ele; e mandou fazer o expediente.

Após o que, tratou Cunsono de ultimar o enlace de Melaço e Jati, por intermédio do casamento da filha do Sambabaia. Tudo ficou assentado da melhor forma; e, em pequena hora, voltava o delegado para as ruas onde não



policiava, satisfeito consigo mesmo e com a sua tríplice obra, pois não convém esquecer a sua caridosa intervenção no caso do louco de Manaus.

Tomava a condução que devia trazer à cidade, quando a lembrança do meio de transporte do dementado lhe foi presente. Ao guarda-civil, ao representante de Silly na zona, perguntou por esse instante:

— Como há de vir o “sujeito”?

O guarda, sem atender diretamente à pergunta, disse:

— É... É, doutor; ele está muito furioso.

Cunsono pensou um instante, lembrou-se dos seus estudos e acudiu:

— Talvez um couraçado... O “Minas Gerais”¹ não serve? Vou requisitá-lo.

Hane, que tinha prática do serviço e conhecimento dos compassivos processos policiais, refletiu:

— Doutor: não é preciso tanto. O “carro-forte” basta para trazer o “homem”.

Concordou Cunsono e olhou as alturas um instante sem notar as nuvens que vagavam sem rumo certo, entre o céu e a terra.

II

Silly, o doutor Silly, bem como Cunsono, graças à prática que tinham do ofício, dispunham da liberdade dos seus pares com a maior facilidade. Tinham substituído os graves exames íntimos provocados pelos deveres de seus cargos, as perigosas responsabilidades que lhes são próprias, pelo automático ato de uma assinatura rápida. Era um contínuo trazer um ofício, logo, sem bem pensar no que faziam, sem

1. Referência ao navio de guerra “Minas Gerais” que, junto com outro, de nome “São Paulo”, eram as duas embarcações com mais poder militar com que contava a Marinha do Brasil na época.



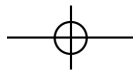
lê-lo até, assinavam e ia com essa assinatura um sujeito para a cadeia, onde ficava aguardando que se lembrasse de retirá-lo de lá a sua mão distraída e ligeira.

Assim era; e foi sem dificuldade que atendeu ao pedido de Cunsono no que toca ao carro-forte. Prontamente deu as ordens para que fosse fornecida a seu colega a masmorra ambulante, pior do que masmorra, do que solitária, pois nessas prisões sente-se ainda a algidez da pedra, alguma coisa ainda de meiguice de sepultura, mas ainda assim meiguice; mas, no tal carro feroz, é tudo ferro, há inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados uma igaçaba de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. É blindada e quem vai nela, levado aos trancos e barrancos de seu respeitável peso e do calçamento das vias públicas, tem a impressão de que se lhe quer poupar a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de um sultão. Um requinte de potentado asiático.

Essa prisão de Calístenes², blindada, chapeada, couraçada, foi posta em movimento; e saiu, abalando o calçamento, a chocalhar ferragens, a trovejar pelas ruas afora em busca de um inofensivo.

O “homem”, como dizem eles, era um ente pacato, lá dos confins de Manaus, que tinha a mania da Astronomia e abandonara, não de todo, mas quase totalmente, a terra pelo céu inacessível. Vivia com o pai velho nos arrabaldes da cidade e construía na chácara de sua residência um pequeno

2. Referência a Calístenes de Olinto, que viveu aproximadamente entre os anos 360 a.C. a 328 a.C. Foi um historiador grego, sobrinho do filósofo Aristóteles. Alguns estudos apontam um fim trágico para Calístenes, que foi condenado à prisão por não ter se ajoelhado diante da presença do imperador Alexandre, o Grande. Algumas versões da história sustentam que sua morte tenha ocorrido por fome, tão severa se tornou a sua pena.



observatório, onde montou lunetas que lhe davam pasto à inocente mania. Julgando insuficientes o olhar e as lentes, para chegar ao perfeito conhecimento da Aldebarã longínqua, atirou-se ao cálculo, à inteligência pura, à Matemática e a estudar com afínco e fúria de um doido ou de um gênio.

Em uma terra inteiramente entregue à chatinagem e à veniaga, Fernando foi tomando a fama de louco, e não era ela sem algum motivo. Certos gestos, certas despreocupações e mesmo outras manifestações mais palpáveis pareciam justificar o julgamento comum; entretanto, ele vivia bem com o pai e cumpria os seus deveres razoavelmente. Porém, parentes oficiosos e outros longínquos aderentes entenderam curá-lo, como se se curassem assomos de alma e anseios de pensamento.

Não lhes vinha tal propósito de perversidade inata, mas de estultice congênita, juntamente com a comisseração explicável em parentes. Julgavam que o ser descompassado envergonhava a família e esse julgamento era reforçado pelos cochichos que ouviam de alguns homens esforçados por parecerem inteligentes.

O mais célebre deles era o doutor Barrado, um catita do lugar, cheiroso e apurado no corte das calças. Possuía esse doutor a obsessão das coisas extraordinárias, transcendentes, sem-par, originais; e, como sabia Fernando simples e desdenhoso pelos mandões, supôs que ele, com esse procedimento, censurava Barrado por demais mesureiro com os magnates. Começou, então, Barrado a dizer que Fernando não sabia astronomia; ora, este último não afirmava semelhante coisa. Lia, estudava e contava o que lia, mais ou menos o que aquele fazia nas salas, com os ditos e opiniões dos outros.

Houve quem o desmentisse; teimava, no entanto, Barrado no propósito. Entendeu também de estudar uma astronomia e bem oposta à de Fernando: a astronomia do



centro da Terra. O seu compêndio favorito era *A morgadinha de Valflor*³ e os livros auxiliares: *A dama de Monso-reau*⁴ e *O rei dos grilhetas*, numa biblioteca de Herschell.⁵

Com isto, e cantando, e espalhando que Fernando vivia nas tascas com vagabundos, auxiliado pelo poeta Machino, o jornalista Cosmético e o antropologista Tucolas, que fazia sábias mensurações nos crânios das formigas, conseguiu remover os simplórios parentes de Fernando, e foi bastante que, de parente para conhecido, de conhecido para Hane, de Hane, para Silly e Cunsono, as coisas se encadeassem e fosse obtida a ordem de partida daquela fortaleza couraçada, roncando pelas ruas, chocalhando ferragens, abalando calçadas, para ponto tão longínquo.

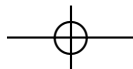
Quando, porém, o carro chegou à praça mais próxima, foi que o cocheiro lembrou-se de que não lhe tinham ensinado onde ficava Manaus. Voltou e Silly, com a energia de sua origem britânica, determinou que fretassem uma falua e fossem a reboque do primeiro paquete.

Sabedor do caso e como tivesse conhecimento de que Fernando era desafeto do poderoso chefe político Sofonias, Barrado que, desde muito, lhe queria ser agradável, calou o seu despeito, apresentou-se pronto para auxiliar a diligência. Esse chefe político dispunha de um prestígio imenso e

3. “A morgadinha de Valflor” é uma peça de teatro criada pelo escritor português Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1841–1845). Sua estreia ocorreu em abril de 1869 e logo se tornou um grande sucesso de público.

4. Referência ao romance do escritor francês Alexandre Dumas (1802–1860), lançado em 1846.

5. Referência ao romance escrito pelo francês François-Pierre-Ernest Capendu (1825–1868), datado de 1861. Capendu, ao lado de Alexandre Dumas, foi um dos escritores mais populares de sua época até meados do século xx. Seus livros eram muito publicados no Brasil e alcançavam bastante sucesso. Lima Barreto usa sua ironia nesta passagem, ao apontar que os estudos de astronomia do doutor Barrado eram adquiridos em obras romanescas populares.



nada entendia de astronomia; mas, naquele tempo, era a ciência da moda e tinham em grande consideração os membros da Sociedade Astronômica, da qual Barrado queria fazer parte.

Sofonias influía nas eleições da Sociedade, como em todas as outras, e podia determinar que Barrado fosse escolhido. Andava, portanto, o doutor captando a boa vontade da potente influência eleitoral, esperando obter, depois de eleito, o lugar de Diretor Geral das Estrelas de Segunda Grandeza.

Não é de estranhar, pois, que aceitasse tão árdua incumbência e, com Hane e carrião, veio até à praia; mas não havia canoa, caíque, bote, jangada, catraia, chalana, falua, lancha, calunga, poveiro, peru, macacuano, pontão, alvarenga, saveiro que os quisesse levar a tais alturas.

Hane desesperava, mas o companheiro, lembrando-se dos seus conhecimentos de Astronomia, indicou um alvitre:

— O carro pode ir boiando.

— Como, doutor? É de ferro... muito pesado, doutor!

— Qual o quê! O “Minas”, o “Aragón”, o “São Paulo” não boiam? Ele vai, sim!

— E os burros?

— Irão a nadar, rebocando o carro.

Curvou-se o guarda diante do saber do doutor e deixou-lhe a missão confiada, conforme as ordens terminantes que recebera.

A calistênica entrou pela água adentro, consoante as ordens promanadas do saber de Barrado e, logo que achou água suficiente, foi ao fundo com grande desprezo pela hidrostática do doutor. Os burros, que tinham sempre protestado contra a física do jovem sábio, partiram os arreios e salvaram-se; e graças a uma poderosa cábrea, pôde a almanjarra ser salva também.



Havia poucos paquetes para Manaus e o tempo urgia. Barrado tinha ordem franca de fazer o que quisesse. Não hesitou e, energicamente, fez reparar as avarias e tratou de embarcar num paquete todo o trem, fosse como fosse.

Ao embarcá-lo, porém, surgiu uma dúvida entre ele e o pessoal de bordo. Teimava Barrado que o carro merecia ir para um camarote de primeira classe, teimavam os marítimos que isso não era próprio, tanto mais que ele não indicava o lugar dos burros. Era difícil essa questão da colocação dos burros.

Os homens de bordo queriam que fossem para o interior do navio; mas, objetava o doutor:

— Morrem asfixiados, tanto mais que são burros e mesmo por isso.

De comum acordo, resolveram telegrafar a Silly para resolver a curiosa contenda. Não tardou viesse a resposta, que foi clara e precisa: “Burros sempre em cima. Silly”.

Opinião como esta, tão sábia e tão verdadeira, tão cheia de filosofia e sagacidade da vida, aliviou todos os corações e abraços fraternais foram trocados entre conhecidos e inimigos, entre amigos e desconhecidos.

A sentença era de Salomão e houve mesmo quem quisesse aproveitar o apotegma para construir uma nova ordem social.

Restava a pequena dificuldade de fazer entrar o carro para o camarote do doutor Barrado. O convés foi aberto convenientemente, teve a sala de jantar mesas arrancadas e o bendengó ficou no centro dela, em exposição, feio e brutal, estúpido e inútil, como um monstro de museu.

O paquete moveu-se lentamente em demanda da barra. Antes fez uma doce curva, longa, muito suave, lentamente, como se, ao despedir-se, cumprimentasse reverente a beleza da Guanabara. As gaivotas voavam tranquilas, cansavam-se, pousavam na água — não precisavam de terra...



A cidade sumia-se vagarosamente e o carro foi atraindo a atenção de bordo.

— O que vem a ser isto?

Diante da almanjarra, muitos viajantes murmuravam protestos contra a presença daquele estafermo ali; outras pessoas diziam que se destinava a encarcerar um bandoleiro da Paraíba; outras que era um salva-vidas; mas, quando alguém disse que aquilo ia acompanhando um recomendado de Sofonias, a admiração foi geral e imprecisa.

Um oficial disse:

— Que construção engenhosa!

Um médico afirmou:

— Que linhas elegantes!

Um advogado refletiu:

— Que soberba criação mental!

Um literato sustentou:

— Parece um mármore de Fídias⁶!

Um sicofanta berrou:

— É obra mesmo de Sofonias! Que republicano!

Uma moça adiantou:

— Deve ter sons magníficos!

Houve mesmo escala para dar ração aos burros, pois os mais graduados se disputavam a honraria. Um criado, porém, por ter passado junto ao monstro e o olhado com desdém, quase foi duramente castigado pelos passageiros. O ergástulo ambulante vingou-se do serviçal; durante todo o trajeto perturbou-lhe o serviço.

6. Referência a Fídias, um dos maiores escultores da Grécia antiga.



Apesar de ir correndo a viagem sem mais incidentes, quis ao meio dela Barrado desembarcar e continuá-la por terra. Consultou, nestes termos, Silly: “Melhor carro ir terra faltam três dedos mar longa caminho”; e a resposta veio depois de alguns dias: “Não convém desembarque embora mais curto carro chega sujo. Siga”.

Obedeceu e o meteorito, durante duas semanas, foi objeto da adoração do pacote. Nos últimos dias, quando um qualquer dos passageiros dele se acercava, passava-lhe pelo dorso negro a mão espalmada com a contrição religiosa de um maometano ao tocar na pedra negra da Caaba.

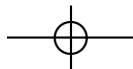
Sofonias, que nada tinha com o caso, não teve nunca notícia dessa tocante adoração.

III

Muito rica é Manaus, mas, como em todo o Amazonas, nela é vulgar a moeda de cobre. É um singular traço de riqueza que muito impressiona o viajante, tanto mais que não se quer outra e as rendas do Estado são avultadas. O Eldorado não conhece o ouro, nem o estima.

Outro traço de sua riqueza é o jogo. Lá, não é divertimento nem vício: é para quase todos profissão. O valor dos noivos, segundo dizem, é avaliado pela média das paradas felizes que fazem, e o das noivas pelo mesmo processo no tocante aos pais.

Chegou o navio a tão curiosa cidade quinze dias após fazendo uma plácida viagem, com o fetiche a bordo. Desembarcá-lo foi motivo de absorvente cogitação para o doutor Barrado. Temia que fosse de novo ao fundo, não porque o quisesse encaminhá-lo por sobre as águas do rio Negro; mas, pelo simples motivo de que, sendo o cais flutuante, o peso do carrião talvez trouxesse desastrosas consequências para ambos, cais e carro.



O capataz não encontrava perigo algum, pois desembarcavam e embarcavam pelos flutuantes volumes pesadíssimos, toneladas até.

Barrado, porém, que era observador, lembrava-se da aventura do rio, e objetou:

— Mas não são de ferro.

— Que tem isso? fez o capataz.

Barrado, que era observador e inteligente, afinal compreendeu que um quilo de ferro pesa tanto quanto um de algodão; e só se convenceu inteiramente disso, como observador que era, quando viu o ergástulo em salvamento, rolando pelas ruas da cidade.

Continuou a ser ídolo e o doutor agastou-se deveras porque o governador visitou a caranguejola, antes que ele o fizesse. Como não tivesse completas as instruções para detenção de Fernando, pediu-as a Silly. A resposta veio num longo telegrama, minucioso e elucidativo. Devia requisitar força ao governador, arregimentar capangas e não desprezar as balas de alteia. Assim fez o comissário. Pediu uma companhia de soldados, foi às alfurjas da cidade catar bravos e adquirir uma confeitaria de alteia. Partiu em demanda do “homem” com esse trem de guerra; e, pondo-se cautelosamente em observação, lobrigou os óculos do observatório, donde concluiu que a sua força era insuficiente. Normas para o seu procedimento requereu a Silly. Vieram secas e peremptórias: “Empregue também artilharia”.

De novo pôs-se em marcha com um parque do Krupp⁷. Desgraçadamente, não encontrou o homem perigoso. Recolheu a expedição a quartéis; e, certo dia, quando de passeio, por acaso, foi parar a um café do centro comercial. Todas as mesas estavam ocupadas; e só em uma delas ha-

7. Referência ao canhão Krupp, muito utilizado pelas forças armadas no período.



via um único consumidor. A esta ele sentou-se. Travou por qualquer motivo conversa com o mazombo; e, durante alguns minutos, aprendeu com o solitário alguma coisa.

Ao despedirem-se, foi que ligou o nome à pessoa, e ficou atarantado sem saber como proceder no momento. A ação, porém, lhe veio prontamente; e, sem dificuldade, falando em nome da lei e da autoridade, deteve o pacífico ferrabrás em um dos bailéus do cárcere ambulante.

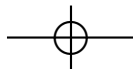
Não havia pacote naquele dia e Silly havia recomendado que o trouxessem imediatamente. “Venha por terra”, disse ele; e Barrado, lembrado do conselho, tratou de segui-lo. Procurou quem o guiasse até ao Rio, embora lhe parecesse curta e fácil a viagem. Examinou bem o mapa e, vendo que a distância era de palmo e meio, considerou que dentro dela não lhe cabia o carro. Por este e aquele, soube que os fabricantes de mapas não têm critério seguro: era fazer uns muito grandes, ou muito pequenos, conforme são para enfeitar livros ou adornar paredes. Sendo assim, a tal distância de doze polegadas bem podia esconder viagem de um dia e mais.

Aconselhado pelo cocheiro, tomou um guia e encontrou-o no seu antigo conhecido Tucolas, sabedor como ninguém do interior do Brasil, pois o palmilhara à cata de formigas para bem firmar documentos às suas investigações antropológicas.

Aceitou a incumbência o curioso antropologista de himenópteros, aconselhando, entretanto, a modificação do itinerário.

— Não me parece, senhor Barrado, que devamos atravessar o Amazonas. Melhor seria, senhor Barrado, irmos até a Venezuela, alcançar as Guianas e descermos, senhor Barrado.

— Não teremos rios a atravessar, Tucolas?



— Homem! Meu caro senhor, eu não sei bem; mas, senhor Barrado me parece que não, e sabe por quê?

— Por quê?

— Por quê? Porque este Amazonas, senhor Barrado, não pode ir até lá, ao Norte, pois só corre de oeste para leste...

Discutiram assim sabiamente o caminho; e, à proporção que manifestava o seu profundo trato com a geografia da América do Sul, mais Tucolas passava a mão pela cabeleira de inspirado.

Achou que os conselhos do doutor eram justos, mas temia as surpresas do carrião. Ora, ia ao fundo, por ser pesado; ora, sendo pesado, não fazia ir ao fundo frágeis flutuantes. Não fosse ele estranhar o chão estrangeiro e pregar-lhe alguma peça? O cocheiro não queria também ir pela Venezuela, temia pisar em terra de gringos e encarregou-se da travessia do Amazonas — o que foi feito em paz e salvamento, com a máxima simplicidade.

Logo que foi ultimada, Tucolas tratou de guiar a caravana. Prometeu que o faria com muito acerto e contentamento geral, pois aproveitá-la-ia, dilatando as suas pesquisas antropológicas aos moluscos dos nossos rios. Era sábio naturalista, e antropologista, e etnografista da novíssima escola do conde de Gobineau⁸, novidade de uns sessenta anos atrás; e, desde muito, desejava fazer uma viagem daquelas para completar os seus estudos antropológicos nas formigas e nas ostras dos nossos rios.

8. Arthur de Gobineau (1816–1882) foi um escritor e filósofo francês. Ganhou notoriedade após publicar, em 1855, o livro “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas”, que defendia a tese segundo a qual a miscigenação, ou seja, a mistura de raças, era responsável pela degeneração de um povo, tanto física quanto intelectualmente. É considerado um precursor do racismo científico. Sua teoria ganhou muitos adeptos no Brasil e Lima Barreto foi um grande opositor a estas ideias.

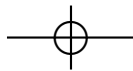


A viagem correu maravilhosamente durante as primeiras horas. Sob um sol de fogo, o carro solavancava pelos maus caminhos; e o doente, à míngua de não ter onde se agarrar, ia ao encontro de uma e outra parede de sua prisão couraçada. Os burros, impelidos pelas violentas oscilações dos varais, encontravam-se e repeliam-se, ainda mais aumentando os ásperos solavancos da traquitana; e o cocheiro, na boleia, oscilava de lá para cá, de cá para lá, marcando o compasso da música chocalhante daquela marcha vagarosa.

Na primeira venda que passaram, uma dessas vendas perdidas, quase isoladas, dos caminhos desertos, onde o viajante se abastece e os vagabundos descansam de sua errância pelos descambados e montanhas, o encarcerado foi saudado com uma vaia: ó maluco! ó maluco!

Andava Tucolas distraído a fossar e cavoucar, catando formigas; e, mal encontrava uma mais assim, logo examinava bem o crânio do inseto, procurava-lhe os ossos componentes, enquanto não fazia uma mensuração cuidadosa do ângulo de Camper ou mesmo de Cloquet⁹. Barrado, cuja

9. Ângulo de Camper ou Plano de Camper é uma medida anatômica realizada no crânio humano, que mede desde a borda inferior das narinas até o lóbulo da orelha correspondente ao mesmo lado da face. Já o ângulo de Cloquet é a medida que vai desde a ponta do lábio superior até o lóbulo da orelha. As teorias do racismo científico se baseavam nas medidas dos crânios das “diferentes raças” que supostamente constituíam os seres humanos. A partir do formato do crânio era possível “medir” o nível de desenvolvimento de um ser humano, tanto físico quanto mental. De acordo com tais teorias, a raça negra seria aquela mais degenerada e inferior, e a raça ariana a mais evoluída e superior. A mestiçagem era responsável pela degeneração, o que resultaria em maior propensão para o crime, a delinquência, o vício em álcool ou em jogos. Essa técnica era conhecida como *antropomorfia* e foi muito utilizada na medicina criminal e psiquiátrica do período compreendido entre a segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Mais uma vez, Lima Barreto está fazendo uma crítica às teorias do racismo científico.



preocupação era ser êmulo do Padre Vieira¹⁰, aproveitara o tempo para firmar bem as regras de colocação de pronomes, sobretudo a que manda que o “que” atraia o pronome complemento.

E assim andando foi o carro, após dias de viagem, até chegar a uma aldeia pobre, à margem de um rio, onde chalanas e naviecos a vapor tocavam de quando em quando.

Cuidaram imediatamente de obter hospedagem e alimentação no lugarejo. O cocheiro lembrou o “homem” que traziam. Barrado, a respeito, não tinha com segurança uma norma de proceder. Não sabia mesmo se essa espécie de doentes comia e consultou Silly, por telegrama. Respondeu-lhe a autoridade, com a energia britânica que tinha no sangue, que não era do regulamento retirar aquela espécie de enfermos do carro, o “ar” sempre lhes fazia mal. De resto, era curta a viagem e tão sábia recomendação foi cegamente obedecida.

Em pequena hora, Barrado e o guia sentavam-se à mesa do professor público, que lhes oferecera de jantar. O ágape ia fraternal e alegre, quando houve a visita da Discórdia¹¹, a visita da Gramática.

O ingênuo professor não tinha conhecimento do pichoso saber gramatical do doutor Barrado e expunha candidamente os usos e costumes do lugar com a sua linguagem roceira:

10. Referência ao padre Antônio Vieira (1608–1697), que viveu a maior parte de sua vida no Brasil, onde foi membro da Companhia de Jesus e atuou na catequização dos indígenas. Além de suas funções como padre, Vieira se destacou como grande orador, conhecedor profundo e divulgador da língua portuguesa clássica no Brasil. Por isso, mais uma vez, a ironia de Lima Barreto ao apresentar o doutor Barrado como êmulo (rival) do Padre Vieira.

11. Nesse sentido, Lima Barreto faz referência à Discórdia, como deusa, que na mitologia grega é conhecida por Éris.



— Há aqui entre nós muito pouco caso pelo estudo, doutor. Meus filhos mesmo e todos quase não querem saber de livros. Tirante este defeito, doutor, a gente quer mesmo o progresso.

Barrado implicou com o “tirante” e o “a gente”, e tentou ironizar. Sorriu e observou:

— Fala-se mal, estou vendo.

O matuto percebeu que o doutor se referia a ele. Indagou mansamente:

— Por que o doutor diz isso?

— Por nada, professor. Por nada!

— Creio, aduziu o sertanejo, que, tirante eu, o doutor aqui não falou com mais ninguém.

Barrado notou ainda o “tirante” e olhou com inteligência para Tucolas, que se distraía com um naco de tartaruga.

Observou o caipira, momentaneamente, o afã de comer do antropologista e disse, meigamente:

— Aqui, a gente come muito isso. Tirante a caça e a pesca, nós raramente temos carne fresca.

A insistência do professor sertanejo irritava sobremaneira o doutor inigualável. Sempre aquele “tirante”, sempre o tal “a gente, a gente, a gente” — um falar de preto mina!

O professor, porém, continuou a informar calmamente:

— A gente aqui planta pouco, mesmo não vale a pena. Felizardo do Catolé plantou uns leirões de horta, há anos, e quando veio o calor e a enchente...

— É demais! É demais! exclamou Barrado.

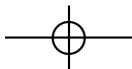
Docemente, o pedagogo indagou:

— Por quê? Por quê, doutor?

Estava o doutor sinistramente raivoso e explicou-se a custo:

— Então, não sabe? Não sabe?

— Não, doutor. Eu não sei, fez o professor, com segurança e mansuetude.



Tucolas tinha parado de saborear a tartaruga, a fim de atinar com a origem da disputa.

— Não sabe, então, rematou Barrado, não sabe que até agora o senhor não tem feito outra coisa senão errar em português?

— Como, doutor?

— É “tirante”, é “a gente, a gente, a gente”; e, por cima de tudo, um solecismo!

— Onde, doutor?

— Veio o calor e a chuva — é português?

— É, doutor, é, doutor!

Veja o doutor João Ribeiro¹²! Tudo isso está lá. Quer ver?

O professor levantou-se, apanhou sobre a mesa próxima uma velha gramática ensebada e mostrou a respeitável autoridade ao sábio doutor Barrado. Sem saber desdêns simular, ordenou:

— Tucolas, vamo-nos embora.

— E a tartaruga? diz o outro.

O hóspede ofereceu-a, o original antropologista embrulhou-a e saiu com o companheiro. Cá fora, tudo era silêncio e o céu estava negro. As estrelas pequeninas piscavam sem cessar o seu olhar eterno para a Terra muito grande. O doutor foi ao encontro da curiosidade recalcada de Tucolas:

— Vê, Tucolas, como anda o nosso ensino? Os professores não sabem os elementos de gramática, e falam como negros de senzala.

— Senhor Barrado, julgo que o senhor deve a esse respeito chamar a atenção do ministro competente, pois me parece que o país, atualmente, possui um dos mais autorizados na matéria.

12. Sobre João Ribeiro, ver nota 62.



— Vou tratar, Tucolas, tanto mais que o Semicas é amigo do Sofonias.

— Senhor Barrado, uma coisa...

— Que é?

— Já falou, senhor Barrado, a meu respeito com o senhor Sofonias?

— Desde muito, meu caro Tucolas. Está à espera da reforma do museu e tu vais para lá direitinho. É o teu lugar.

— Obrigado, senhor Barrado. Obrigado.

A viagem continuou monotonamente. Transmontaram serras, vadearam rios e, num deles, houve um ataque de jacarés, dos quais se salvou Barrado graças à sua pele muito dura. Entretanto, um dos animais de tiro perdeu uma das patas dianteiras e mesmo assim conseguiu pôr-se a salvo na margem oposta.

Sarou-lhe a ferida não se sabe como e o animal não deixou de acompanhar a caravana. Às vezes, distanciava-se; às vezes, aproximava-se; e sempre a pobre alimária olhava longamente, demoradamente, aquele forno ambulante, manquejando sempre, impotente para a carreira, e como se se lastimasse de não poder auxiliar eficazmente o lento reboque daquela almanjarra pesadona.

Em dado momento, o cocheiro avisa Barrado de que o “homem” parecia estar morto; havia até um mau cheiro indicador. O regulamento não permitia a abertura da prisão e o doutor não quis verificar o que havia de verdade no caso. Comia aqui, dormia ali, Tucolas também e os burros também — que mais era preciso para ser agradável a Sofonias? Nada, ou antes: trazer o “homem” até ao Rio de Janeiro. As doze polegadas da sua cartografia desdobravam-se em um infinito número de quilômetros. Tucolas que conhecia o caminho, dizia sempre: estamos a chegar, senhor Barrado! Estamos a chegar! Assim levaram meses andando, com o



burro aleijado a manquejar atrás do ergástulo ambulante, olhando-o docemente, cheio de piedade impotente.

Os urubus crocitavam por sobre a caravana, estreitavam o voo, desciam mais, mais, mais, até quase debicar no carro-forte. Barrado punha-se furioso a enxotá-los a pedradas; Tucolas imaginava aparelhos para examinar a caixa craniana das ostras de que andava à caça; o cocheiro obedecia.

Mais ou menos assim, levaram dois anos e foram chegar à aldeia dos Serradores, margem do Tocantins.

Quando aportaram, havia na praça principal uma grande disputa, tendo por motivo o preenchimento de uma vaga na Academia dos Lambrequins¹³.

Logo que Barrado soube do que se tratava, meteu-se na disputa e foi gritando lá a seu jeito e sacudindo as perninhas:

— Eu também sou candidato! Eu também sou candidato!

Um dos circunstantes perguntou-lhe a tempo, com toda a paciência:

— Moço: o senhor sabe fazer lambrequins?

— Não sei, não sei, mas aprendo na academia e é para isso que quero entrar.

A eleição teve lugar e a escolha recaiu sobre um outro mais hábil no uso da serra que o doutor recém-chegado.

Precipitou-se por isso a partida e o carro continuou a sua odisseia, com o acompanhamento do burro, sempre a olhá-lo longamente, infinitamente, demoradamente, cheio de piedade impotente.

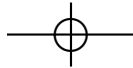
13. Lambrequim normalmente é um item decorativo utilizado em beirais e telhados. Assume o aspecto de uma franja, se visto por fora das residências. Mais uma ironia de Lima Barreto, mostrando que o doutor Barrado é fortemente atraído por alguma disputa, não importa qual, desde que resulte uma vaga em alguma “Academia”.



Aos poucos os urubus se despediram; e, no fim de quatro anos, o carrião entrou pelo Rio adentro, a roncar pelas calçadas, chocalhando duramente as ferragens, com o seu manco e compassivo burro a manquejar-lhe à sirga.

Logo que foi chegado, um hábil serralheiro veio abri-lo, pois a fechadura desarranjara-se devido aos trancos e às intempéries da viagem, e desobedecia à chave competente. Silly determinou que os médicos examinassem o doente, exame que, mergulhados numa atmosfera de desinfetantes, foi feito no necrotério público.

Foi este o destino do enfermo pelo qual o delegado Cunsono se interessou com tanta solicitude.



Hussein Bem-Áli Al-Bálec e Miquéias
Habacuc
(*Conto argelino*)*

Ao senhor Cincinato Braga

Antes da conquista francesa, havia, na Argélia, uma família composta de um velho pai doente e seis filhos varões. Desde muito que o pai, devido aos achaques da idade, não se entregava diretamente aos trabalhos da sua lavoura; mas, sempre que o seu estado de saúde lhe permitia, tinha o cuidado de correr as suas terras com plantações, que eram de tâmaras, alfa, oliveiras, laranjeiras, havendo somente uma parte que era destinada à criação de ovelhas, cabras e bezerros. As plantações e a criação estavam entregues a cinco dos seus filhos, pois o mais velho, ele o tinha mandado ao Cairo, para estudar profundamente, na respectiva universidade, a lei do Profeta e vir a ser um ulemá digno e sábio no Corão¹.

Áli Bálec Al-Bálec era o nome desse filho do velho árabe e esteve de fato no Cairo; mas, bem depressa, abandonou o estudo das santas leis de Alá e do Profeta e procurou a sociedade dos infieis.

*. Publicado na coletânea de contos *Histórias e Sonhos*, de 1920.

1. Ulemá é um título recebido pelos estudiosos dos textos e da tradição da religião muçulmana, que tem Maomé como seu grande Profeta. Um tipo de teólogo.



Foi ter nas suas aventuras à Grécia, onde se demorou muito tempo e adquiriu dos gregos muitos hábitos, costumes e vícios. Não se pode em confiança dizer que os atuais sejam bem netos dos antigos; mas são aparentados. A finura e sagacidade dos últimos para abstrações filosóficas, para especulações científicas, para a análise dos sentimentos e paixões, do que dão provas as suas obras de filosofia, as suas criações científicas e as suas grandes obras literárias, empregam nos nossos dias os atuais na mercancia, no tráfico, no escambo, em que sempre procuram, com a máxima habilidade e sabedoria enganar não só os estrangeiros, como os seus próprios patrícios.

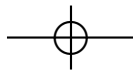
No Oriente, só há um traficante que não seja enganado pelo grego: é o armênio. Diz-se mesmo lá: o judeu é enganado pelo grego, mas o armênio engana ambos.

Os turcos, de onde em onde, matam estes últimos aos milhares, não tanto por motivos religiosos, mas por ódio do comprador cavalheiresco, do homem leal e crédulo, que se vê enganado despudoradamente, e sente que não há, no outro que o ludibriou, nenhum princípio de honra, de lealdade, de honestidade, que as relações entre os homens o exigem.

Áli Bálec Al-Bálec, apesar de ser muçulmano, foi atraído para o meio dos gregos e, com eles, aprendeu as suas espeztezas, maroscas e habilidades para enganar os outros.

E assim foi que ele andou fora da casa paterna, fazendo o escambo dos mares do Levante, indo de Alexandria para Constantinopla, daí para Jafa, deste porto para Salônica, desta cidade para Corfu², perlustrando todos aqueles mares azuis, cheios de história, de lenda, de sangue e piratas,

2. Regiões localizadas no Oriente Médio e nas proximidades do Mar Mediterrâneo.



comerciando e mesmo pirateando quando a ocasião se lhe oferecia.

Ao saber da morte do pai, vendeu logo a faluca³ que possuía e correu a receber a herança. Coube-lhe uma grande data de terra, coberta de pés de tâmaras, enquanto os irmãos tinham as suas cultivadas com alfa, com laranjeiras, oliveiras e um mesmo recebeu a sua parte em terrenos de pastagens magras, onde pasciam rebanhos enfezados de ovelhas e cabras.

Todos, porém, ficaram contentes com a partilha e iam vivendo.

Áli Bálec Al-Bálec trouxera como sua mulher uma israelita que renegara o Talmude pelo Corão⁴, mas, apesar disso, tinha o maior desprezo pelos muçulmanos, aos quais considerava grosseiros, convencendo de tal coisa o marido a ponto dele não dar mais importância aos seus próprios irmãos.

Logo ao voltar ainda os atendia e os visitava; mas a mulher lhe dizia sempre:

— Esses teus irmãos são uns brutos! Parecem mochos! Uns bobos! Que sandálias! O pano das suas chéchias⁵ é barato e sempre está sujo! Deixa-os lá!

Aos poucos, devido aos conselhos de sua mulher, Salisa, da sua insistência, ele deixou de procurar os irmãos, fez-lhes má cara, embora os filhos deles viessem de quando em quando, à casa do tio, para ver o primo Hussein, que se ia criando mais pérfido que o pai e mais orgulhoso que a mãe.

3. Uma pequena embarcação a vela utilizada no mar Mediterrâneo, em sua parte oriental.

4. Ou seja, trocou a religião judaica, que tem o Talmude como um de seus principais livros religiosos, pela religião muçulmana, representada nos escritos presentes no Corão.

5. Um chapéu tradicional usado pelos seguidores do islamismo.

Em pouco, Âli ficou inteiramente convencido da sua imensa superioridade sobre os seus humildes e resignados irmãos.

Por ter na sua sala um tapete de Esmirna⁶, serem as suas armas de aço de Damasco⁷, tauxiadas de ouro, julgava os seus manos, que se tinham habituado à simplicidade e à modéstia, como inferiores, iguais aos das tribos negras que viviam para além do deserto. Julgando-os assim, esquecia-se que, enquanto ele viajava, enquanto ele aprendia aquelas coisas finais, os irmãos plantavam, ceifavam e colhiam, para ele aprender.

Além disso, Âli, como falasse alguns patoás levantinos⁸, julgava-se muito mais que todos os do vilaiete⁹ e também, por possuir joias de ouro e pedras caras, valendo muitas piastras¹⁰, imaginava que tudo podia.

Por esse tempo, chegaram os franceses e o caide¹¹ apelou para todos, a fim de socorrer o bei¹² com homens e va-

6. Esmirna é uma importante cidade da Turquia, famosa pela qualidade de seus tapetes.

7. Capital da Síria.

8. O autor se refere a algumas línguas da região conhecida como Levante, na região asiática composta por países como Israel, Jordânia, Síria, Palestina, Líbano.

9. Pequena vila.

10. Um tipo de moeda comum, que circulava em países como Egito, Líbano, Síria, entre outros.

11. O termo *caide* significa um título hierárquico e administrativo em algumas regiões da Ásia central. É um tipo de chefe militar ou de algum território.

12. *Bei* era a denominação que recebia o rei, na época em que o Império Turco-Otomano dominava toda aquela região da Ásia. O termo *bei* deixou de ser usado e em seu lugar a designação *sultão* passou a ser utilizada. No entanto, em muitas localidades o *bei*, assim como o *caide*, continuaram a ser utilizados para identificar os líderes e chefes de localidades e territórios. Os franceses, no final do século XIX, se lançaram à colonização de diversos países daquela região. Esse período

lores. Áli ofereceu uma das joias do seu tesouro e quase por isso foi empalado. O joalheiro do palácio verificou que as joias eram inteiramente falsas e, vindo o bei a saber disso, tomou a coisa como afronta e mandou castigar severamente o doador.

Salisa, sua mulher, ficou, ao conhecer a notícia, no mais completo desespero, não porque o marido estivesse em risco de vida, mas pelo fato que a fortuna representada por aquelas joias não era mais que fumaça.

Áli foi solto e jurou que havia de enriquecer de novo. Aceitou sem resistência a dominação francesa e, com alegria, viu que essa dominação trazia uma grande alta para as tâmaras que o seu terreno produzia prodigiosamente.

Seus irmãos, a seu exemplo, aceitaram os francos e continuaram na sua modéstia, observando muito religiosamente as leis do Corão.

Áli, já habituado, em pouco se misturou com os infiéis a quem vendia as tâmaras por bom preço e gastava o grosso do rendimento que ia tendo em bebidas, apesar da proibição do Corão, em orgias com os oficiais e funcionários franceses. Construiu um palácio que ele pretendia parecido com aquele do grande califa Harum Al-Raxid, em Bagdá, conforme é descrito no livro de histórias da princesa Xerazade¹³.

Vendo que as tâmaras eram muito procuradas pelos francos que, por elas, pagavam bom dinheiro, por toda a

histórico ficou conhecido como neocolonialismo e foi um dos principais responsáveis pelo início da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

13. Referência ao livro "As mil e uma noites", de autoria desconhecida, escrito em árabe e que passou a circular na região do Oriente Médio e sul da Ásia por volta dos séculos VIII e IX. Trata-se de uma série de histórias contadas pela princesa Xerazade. No começo do século XVIII surgiu uma tradução para o francês e então as histórias das "Mil e uma noites" passaram a fazer parte da cultura letrada do ocidente.



parte começaram a plantar tâmaras; os irmãos de Áli, porém, não quiseram fazer tal, pois sabiam por experiência de seu pai, que, desde que houvesse muitas tâmaras para vender e, não se precisando desse fruto para o nosso comer diário, não era possível que muita gente as quisesse comprar tão caro. Abundando tinham que vendê-las mais barato, para atingir e provocar os compradores mais pobres.

Continuaram com a sua alfa, as suas laranjeiras, a pacer os seus rebanhos, sem nenhuma inveja do irmão que parecia rico e os desprezava.

Os seus sobrinhos, de quando em quando, iam às terras do tio e ele, por ostentação, por vaidade e para mostrar riqueza, lhes dava uma libra turca e as crianças voltavam para casa dos pais, dizendo:

— Tio Áli é que é gente! Tem tudo! Como ele é rico, por Alá!

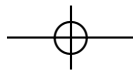
Os seus pais respondiam:

— Cada um se deve conformar com o que Alá lhe dá! É bom que prospere, pois tem família... Deus é Deus e Maomé é seu profeta.

Veio a morrer Áli, quando as tâmaras começaram a cair de preço. Herdou-lhe os bens, além da mulher, o seu único filho Hussein Ben-Áli Al-Bálec que tinha todos os defeitos do pai aumentados com os de sua mãe.

Era vaidoso, presunçoso, ávido, desprezando os parentes, para os quais era somítico e avaro, desprezando-os como se fossem animais imundos e tidos em maldição pelas Leis do Profeta. Com os franceses, entretanto, era mais pródigo do que o pai e fingia ter as suas maneiras e usos.

Nas gazetas que começaram a aparecer em Argel, Hussein Ben-Áli Al-Bálec era gabado e, apesar das leis do Corão proibirem a reprodução da figura humana, uma delas lhe publicou o retrato. As tâmaras começaram a descer; e, como



Hussein tivesse notícias que, duas léguas próximas, um outro muçulmano possuía uma grande plantação delas, começou a pensar que era esta que fazia descer o preço das suas.

Em Argel¹⁴, sobretudo no vilaiete de Hussein, personificam-se sempre os fenômenos e a sutileza que um plantador de tâmaras não pode bem conhecer, apesar de raça árabe, o filigranado das induções da economia política...

Imaginou logo destruir a plantação e mesmo toda aquela que aparecesse na redondeza. Supôs de bom alvitre ir com alguns homens e queimar os coqueiros. O dono certamente queixar-se-ia ao caide, às autoridades francas; e seria uma complicação. Homem de expedientes, lembrou-se de conseguir do capitão francês da guarnição, Al-Durand ou Al-Burhant, a destruição do plantio rival. Habitualmente, fez-se amigo do rume¹⁵, encheu-o de presentes, de festas, de bebidas, pois seguia o exemplo de seu pai nesse tocante; e o “cão do cristão” se fez afinal seu amigo. Um dia, depois de uma festa, o militar, que pisava indignamente a terra onde estavam os ossos do seu pai, após muitas queixas de Áli, apiedado do árabe, apressou-se em ir à plantação do vizinho e castigá-lo. Assim fez, com os seus soldados e os feroces serviçais de Hussein. Houve queixa; o capitão foi punido; mas o saas¹⁶ de tâmaras não subiu nem meio *gourde*¹⁷.

As suas finanças iam de mal a pior, a casa magnífica ia dando mostras de ruína e os seus móveis e alfaias deteriora-

14. Argel era uma das formas de se pronunciar da Argélia, país do norte da África, principal colônia francesa no período do neocolonialismo.

15. Rume era um termo genérico utilizado pelos portugueses para se referir aos turcos ou os habitantes da região do norte da África e do Oriente Médio.

16. Medida utilizada pelos árabes, algo equivalente a uma saca.

17. Um tipo de unidade monetária. Hoje em dia é o nome da moeda oficial do Haiti.



vam-se com o tempo. Sua mãe não cessava de censurar-lhe pelas faltas que não lhe cabiam. Ela, com aquela arrogância muito sua e inveja também muito sua, repreendia-o:

— Vês: as tâmaras caem de preço e tu não tomas providência alguma. Os meus não são assim... Mas tens o sangue de teu pai... É verdade que teus tios estão vendendo alfa, oliveiras, gado e laranjas e ganham... Se tu não fizeres esforço algum, ficarás como eles, uns macacos a viver em tocas e a dormir em pelegos de carneiro... Xmed, o teu segundo tio, ganhou duzentas piastras em azeitonas e ficou contente. Queres ser como ele?

— Que hei de fazer, mãe?

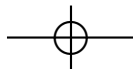
— Pensa; e não fiques aí a chorar como mulher. Saul chorou? Davi chorou? Só o Deus dos cristãos chorou: Jeová não ama o choro. Ele ama a guerra e o combate, até o extermínio. Lê os livros, os que foram os meus e os teus que são também agora os meus. Lembra-te de Débora e de Judite¹⁸ e eram mulheres!

Hussein Ben-Áli Al-Bálec não podia dormir com a impressão das palavras de sua mãe. O saas de tâmaras continuava a descer de *gourde* em *gourde*, e ele só se lembrava de Áli, de Ornar, de todos aqueles de sua raça que as tinham levado em meio século, do Ganges ao Ebro¹⁹. Mas o saas de tâmaras parecia não temer aquelas sombras augustas e ferozes. Descia sempre.

Certo dia, apareceu-lhe um homem que queria falar a sua mãe, Salisa. Era o irmão dela, Miqueias Habacuc. A irmã e o sobrinho acolheram muito bem tão próximo pa-

18. Personagens presentes na Bíblia cristã.

19. Ganges, o maior rio da Índia e um dos maiores do mundo. Já o Ebro, o maior rio da Espanha. Por essa citação percebe-se o tamanho do esforço que os antepassados de Hussein empreenderam para construir uma pequena fortuna, que ele ia, a exemplo do pai, aniquilando completamente.



rente e lhe falaram na baixa das tâmaras que os atormentava. Miqueias, que era homem esperto em negócios, disse para o sobrinho:

— Filho de minha irmã, tens meu sangue, mas não a minha fé nos livros santos da sinagoga; mas teus avós Isaque, Baruque, Daniel, Azaf, Etã, Zabulon, Neftali e tantos outros mandam que eu te auxilie nesse transe da tua vida que é preciosa a eles e a mim, pois ela é deles e também minha. Portanto, tais forem os presentes que tu me fizeres, eu posso purificar-me de ter socorrido um ente que não é de Israel. Dize-o que o rabino me perdoará.

Hussein ficou de pensar e, à noite, conferenciou com sua mãe Salisa.

— Filho, dá-lhe alguns cequins turcos²⁰ e aquelas joias falsas que quase custaram a morte de teu pai. Porque — ouve bem — o conselho dele pode ser falaz.

Despertando Miqueias, logo Hussein foi ter com ele e propôs-lhe o escambo. O israelita, ao ver as joias, nem olhou mais os cequins. Ficou com os olhinhos fosforescentes de tigre na escuridão. Era como se fosse dar um salto de felino. Contou então ao sobrinho como devia proceder.

— Tu que tens o sangue de minha avó Micaia, que era da tribo de Jeroboão, e de Azarela, que era da casa de Leedã, ouve, comprarás todas as tâmaras que houver na redondeza, mesmo antes de amadurecerem, ficando elas nos pés. Quando for época de colhê-las, colhê-las-ás todas, guardando em surrões nos armazéns de tua casa e não venderás senão quando te oferecerem um lucro que dê a fartar para gastares...

— Tio amado e sábio: elas não apodrecerão?

20. Nome de uma antiga moeda, fabricada na Itália, mas que circulava pela região do Oriente Médio e Mediterrâneo.



— Não importa. As poucas “medidas” em que isto acontecer darão prejuízo, mas tu marcarás o lucro de modo que o cubras. Hussein Ben-Áli Al-Bálec descansou um instante a cabeça sobre o peito, depois a ergueu de repente e exclamou:

— Falas com a sabedoria do Profeta, Miqueias Habacuc. Que Alá seja contigo!

Miqueias Habacuc, filho de Uriel de Sepetai, não se quis demorar mais e partiu despedindo-se da irmã Salisa e do sobrinho Hussein Ben-Áli Al-Bálec com lágrimas nos olhos, canastras pesadas com os cequins turcos e as joias falsas com que o sobrinho lhe pagara o seu profundo conselho de economia política hebraica.

Hussein fez o que lhe foi aconselhado; e as tâmaras começaram a ter mais oferta de preço. Vendeu-as com grande lucro no primeiro ano; no segundo, se sentia uma certa resistência no mercado, ele as reteve em grande parte; mas, no terceiro ano, ele teve que comprar a produção e viu que ia aumentando o estoque do que se pode chamar de valorização das tâmaras. Viu bem que se continuasse a comprar a produção, ficaria com ele demasiado aumentado, a sua fortuna comprometida e que fez? Cedeu. As tâmaras começaram a descer *gourde* a *gourde*. Teve uma ideia que um sargento francês lhe indicou. Vendo que elas encalhavam nos seus armazéns e os pedidos cresciam lentamente; vendo, pouco a pouco, os seus coquinhos perdendo o valor, alugou alguns gritadores que berrassem, nas ruas de Argel, a guerreira:

— Vivam as tâmaras! Não há coisa melhor que as tâmaras de Hussein Bem Áli Al-Bálec!

Nas gazetas, ele pagava anúncios das suas tâmaras, mas não vendia mais que dantes. Deu-as de graça e, como toda coisa dada de graça, elas só agradavam desse modo.



Em se tratando de vendê-las, nada! Os surrões de tâmaras aumentavam nos seus armazéns, pois teimava em comprá-las e guardá-las, para que elas não viessem afinal a não valer nada.

O tapete de Esmirna que o pai lhe deixara desfiava-se, empenhou as armas preciosas, também a herança do pai, para comprar mais sacas de tâmaras. Comprou um tapete falso e umas armas vagabundas de um cabila²¹ mais vagabundo ainda, para pôr no lugar das antigas preciosidades. Os outros plantadores, que se tinham limitado a colher e vender, iam vivendo das suas modestas plantações; ele, Hussein Ben-Áli Al-Bálec, corria para a ruína certa.

Foi por aí que, novamente, lhe apareceu Miqueias Habacuc, seu tio, homem hábil e esperto nos negócios. Hussein ficou espantado, mas o tio lhe disse:

— Rebento da minha querida irmã, pelo Deus de Abraão, de Israel e de Jacó, não te amedrontes: vendi as joias por um bom preço a um grego, com o que ganhei duas coisas: dinheiro e a glória de ter enganado um cão dessa espécie. Mas, pelo Eterno! Esta ideia de pagar-me o conselho em joias falsas não é tua... Isto tem dedo de pessoa inteiramente da minha raça de Mardoc e Malaquias... Isto é de minha irmã! Não foi tua mãe quem...

— Foi. E que fizeste do dinheiro, tio amado da minha alma; socorro da minha vida?

— Emprestei-o aos turcos com bons juros e quando os cobreí, quase me esfolaram. Muito tem sofrido a raça de Israel; mas o que sofri deles, nem contar te posso — ó descendente do grande Al-Bálec, companheiro de Muça — conquistador das Espanhas!²²

21. Os *cabilas*, ou *cabildas* constituem um povo habitante da Cabila, região montanhosa localizada a noroeste da Argélia.

22. No início do século VIII, aproximadamente entre 710 a 730, vários grupos da região do norte da África, principalmente seguidores



Acabava de dizer estas palavras, quando entra no aposento em que estavam Salisa, a feroz Judite, a eloquente Débora — que, ao dar com o irmão, se põe em prantos, exclamando:

— Irmão do coração, sábio Miqueias! Tu que descendes como eu de Micaia, da tribo de Jeroboão, e de Azarela, que era da casa de Leedã, salva-me pelo nosso Deus de Abraão, de Israel e de Jacó — salva-me!

E a feroz Judite e eloquente Débora chorou não a sua dor, nem a dos outros, mas o dinheiro que se sumia.

Contou, então, Hussein ao tio, como a ruína se aproximava; como a valorização das tâmaras²³, no começo dando tão bom resultado, viera a acabar, no fim, em desastre completo.

O velho Miqueias, filho de Uriel de Sepetai, coçou as barbas hirsutas; os seus olhinhos luziram naquele quadro de pelos cerdosos; depois, faiscando-os malignamente, perguntou ao sobrinho:

— Com que dinheiro tu, sobrinho meu; com que dinheiro fizeste a operação?

Hussein disse-lhe que fora com o dinheiro dele e o da sua mãe.

do islamismo, conquistaram a península ibérica, região em que hoje se encontram Portugal e Espanha. Neste primeiro movimento de expansão árabe na península ibérica, um dos principais responsáveis pela conquista do território que hoje conhecemos como Espanha, foi justamente o líder Muça Ibne Noçair.

23. Importante notar que Lima Barreto também está contando, de maneira crítica, a história do Brasil, justamente na época da chamada “valorização do café”, no período da Primeira República (1889–1930). Ver mais a respeito consultando as notas 23 e 93. Vale a pena indicar que o conto é “dedicado” ao Senhor Cincinato Braga, um dos grandes incentivadores de tal política. Trata-se de uma “dedicatória irônica”, visto que Lima Barreto foi um dos grandes críticos dessas maracutaia econômicas.



Miqueias Habacuc, judeu de Salônica, homem esperto e hábil em negócios, sorriu com gosto e demora, dizendo após:

— Tolo que és!

— Por quê?

Habacuc assim falou de súbito, logo imediatamente à pergunta:

— Que me darás em troca pela explicação?

— A última bolsa de cequins de ouro que me resta.

— És generoso e grande, sobrinho meu, filho de Salisa, minha irmã, guarda-a. Ganharemos mais. Fizeste mal em empregar o teu dinheiro e o da tua mãe. Devias empregar o dos outros.

— Como, tio Miqueias?

— Tu não sabes, meu sobrinho, essas operações de câmbio e de banco. Eu as sei. Nós agora vamos organizar a defesa das tâmaras, isto é, impedir que especuladores reduzam à miséria e à desolação esta rica região do Magreb²⁴, como dizia o teu grande avô, Al-Bálec. Vamos pedir dinheiro aos seus habitantes, para que não morram de fome e não pereçam à míngua por falta de trabalho.

— Não me darão, tio.

— Dar-te-ão, sobrinho do meu coração; dar-te-ão. Chama teus tios, irmãos de teu pai, e os filhos, e convence-os que devem dar as economias que têm, em moeda, para poderem lutar com os que querem acabar com as plantações de tâmaras do vilaiete. Dize-lhes que se não o fizerem as plantações morrerão, os habitantes fugirão, aqui ficará tudo deserto, sem água e sem pastagens; e os bens deles nada valerão e serão também eles obrigados a fugir, perdendo muito, senão tudo.

24. Magreb é uma das mais importantes regiões do noroeste da África e que abrange diversos países, Marrocos, Tunísia, Argélia, entre outros.



— E em troca?

— Tu lhes darás vales que vencerão juros e pagarás os vales em certo prazo.

— Mas...

— Nada objetes, meio do meu sangue de Sepetai, mas meu sobrinho inteiramente. Não sabes o que é a cobiça; não sabes o que é querer ter dinheiro sem trabalhar. Eles aceitarão na certa e, não sendo ricos em breve precisarão de dinheiro. Eu vou pôr um “bazar” com o saco de cequins de ouro que te resta e farei saber que desconte esses vales teus, em dinheiro ou em mercadoria. O pouco dinheiro que tens atrairá o deles, tu comprarás tâmaras, mas pagarás em vales que vencerão o juro de dois por cento, mas que eu descontarei a vinte, trinta e mais por cento.

— Se não quiserem descontar, tio que és sábio como o mais sábio dos ulemás, como há de ser?

— Tens o dinheiro dos teus parentes. Em começo, pagarás tudo em dinheiro. Mas teus parentes, precisando de dinheiro, irão, como te disse, procurar-me. Eu os atenderei imediatamente. A fama correrá e ninguém temerá receber os teus vales.

— Compreendo. E as tâmaras?

— Irás vendendo a bom preço e guardando o dinheiro, deixando que uma grande parte apodreça. Tu viverás na pompa, na grandeza, e um belo dia, em vez de eu descontar vales, adquiero-os com ágio. Toda a gente quererá os teus vales e encheremos as arcas de dinheiro.

— E no fim, no pagamento, como será?

— Marcarás um prazo longo, pela festa do Beirão, e daqui até lá teremos tempo de agir.

Hussein Ben-Áli Al-Bálec empregou todas as lábias que lhe ensinou Miqueias Habacuc. Seus tios e primos entregaram-lhe as economias, pois ficaram muito contentes que ele se lembrasse de defendê-los, de impedir a ser completa



a miséria. Tio e sobrinho encheram os simplórios homens de todos os afagos, de todas as blandícias, e iniciaram a defesa das tâmaras, que era a própria defesa do vilaiete.

Um único não quis entregar as terras de pastagem. Foi o tio que herdara as terras de pastagem. Dissera o velho:

— As tâmaras não são do gosto de todo o mundo e as que se colhem são de sobra para os que gostam delas. Não de se as vender barato por força, pois são demais.

Hussein Ben-Áli Al-Bálec, porém, deu início à sua obra de grande eficácia para todo o vilaiete, ostentando uma riqueza, um luxo e uma magnificência que reduziram, fascinaram a imaginação do povo do lugar e das circunvizinhanças.

O seu palácio foi aumentado; as suas estrebarias ficaram cheias de soberbos ginetes do Hedjaz, nas suas piscinas só corriam águas perfumadas — tudo ficou sendo um encanto no seu alcáçar e dependências.

A fama de sua riqueza corria por toda a parte e até, em Argel, a branca, a guerreira, seu nome era falado. Dizia a boca do povo:

— Se todos fossem como Hussein Ben-Áli Al-Bálec conquistaríamos todo o Magreb, expulsando os rumes.

O seu crédito ficou sendo tal que todo o dinheiro que havia naquelas terras entrou para as suas arcas. As tâmaras subiram de preço, de fato; mas pouco.

Entretanto, enquanto vendia um terço, guardava dois. Miqueias Habacuc exultava, com os descontos que fazia e com o dinheiro que era trazido para as mãos do sobrinho.

Só a irmã, a feroz Salisa, temia o fim e perguntava ao irmão:

— Como pagaremos tantos vales, se já gastamos o dinheiro deles e temos mais tâmaras guardadas que vendidas?

— Cala-te, irmã que és minha. Aí é que está a minha grande sabedoria.

O dinheiro amoedado desapareceu e os vales de Hussein corriam como moeda. No começo equivaliam ao seu valor em cequins; mas, bem depressa, para se comprar com eles um saas de trigo, tinha-se de gastar o duplo do que se gastava antigamente. O povo começava a desconfiar, quando veio rebentar a guerra de Abdelcáder²⁵, emir de Mascara. Andava ele precisando de homens e víveres. O emir, que sabia do prestígio de Hussein naquele vilaiete, oferece-lhe alguns milhares de libras turcas, para que mandasse homens.

Miqueias, que sabe do caso, intervém, e propõe que o sobrinho aceite, contanto que o emir lhe compre as tâmaras. O emir acede, paga as mil libras turcas, compra as tâmaras de que não precisava.

E Hussein convence os parentes que devem partir para os *goums*²⁶. Para isso falou como um santo marabuto.

Antes da festa do Beirão, época que era marcada para o vencimento dos vales, fugia, com a mãe, a feroz Salisa, o tio Miqueias Habacuc, homem hábil e esperto em negócios — cheios todos de ouro, ricos de apodrecer.

No vilaiete a população caiu na miséria, menos aquele tio de Hussein Bem-Áli Al-Bálec, que não quis entrar na defesa das tâmaras.

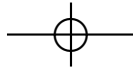
Durante muito tempo, pastoreou as suas ovelhas e tosou os seus carneiros. Os seus netos ainda hoje fazem a mesma coisa naquele lugarejo argelino, onde as inocentes

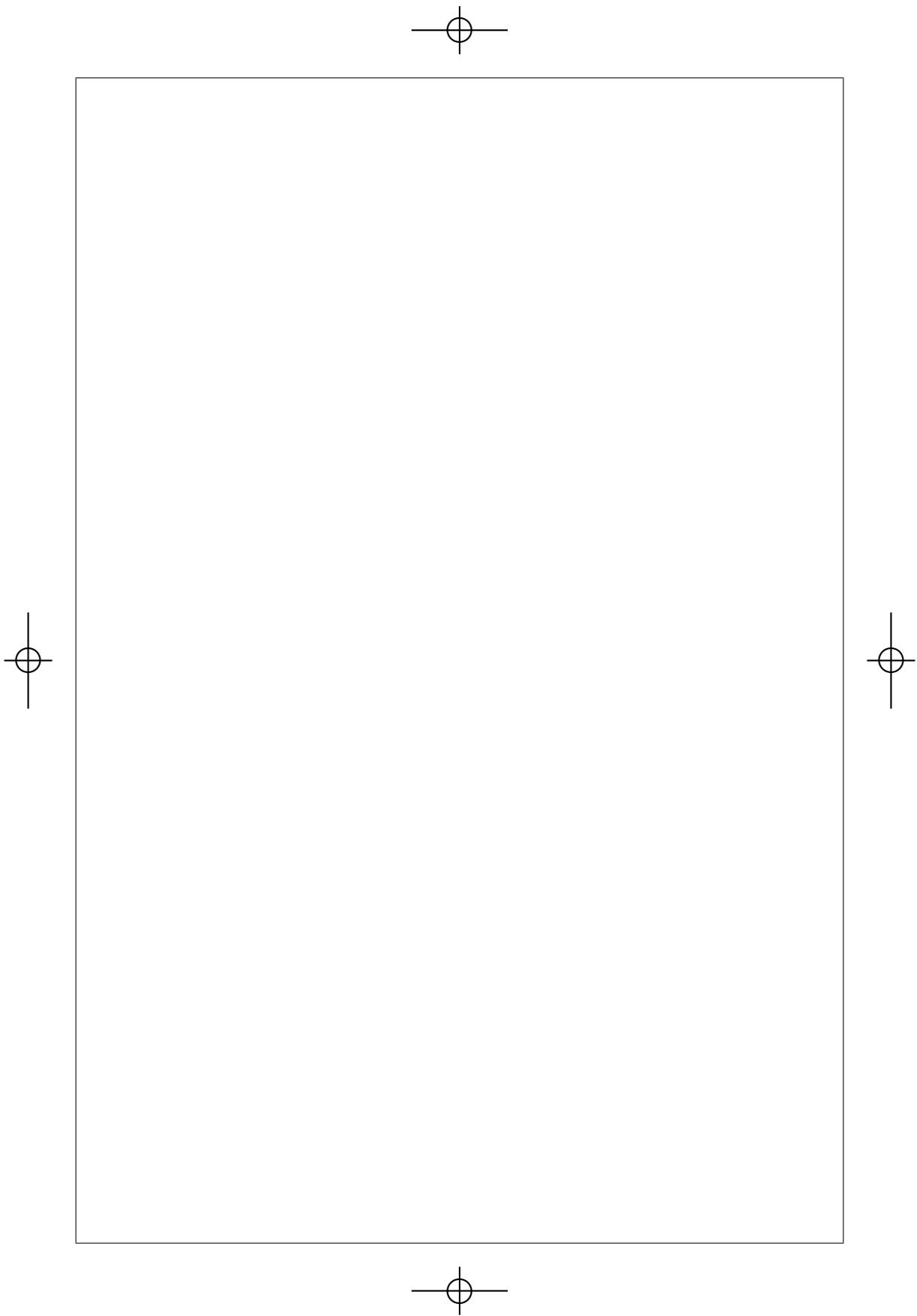
25. Referência à guerra comandada por Abdelcáder (1808–1883), líder político e militar (emir) da cidade de Mascara, na Argélia. Abdelcáder foi um dos principais comandantes dos levantes argelinos contra a ocupação francesa, sobretudo nos anos de 1830. É referenciado como um grande mártir naquele país até os dias de hoje.

26. Os *goums* eram formados por grupos de guerrilheiros árabes que partiam em colunas e marchas pelas colinas e desertos. Chegavam a caminhar mais de cem quilômetros em uma semana.



tamareiras, se não constituem objeto de maldição, são tidas como simples árvores de adorno.





A barganha*

E o “turco”, desde muito cedo, andava pelos subúrbios a mercar aqueles coloridos registros de santos. Havia um São João Batista, com a sua tanga, o seu bordão de pastor e o seu inocente carneiro que olhava doce tudo o que via fora da estampa; havia um Cristo com o coração muito rubro à mostra, coroado de espinhos, e os olhos revirados para o Céu que naquele dia estava lindo, de um profundo azul cobalto; havia uma Ceia em que Jesus presidia, mansueto e resignado, apesar de se saber traído, e havia muitos outros santos e santas que o “turco” levava, alguns enrolados, mas outros diante do seu peito arquejante das suas caminhadas de humilde bufarinheiro¹, daquelas modestas paragens da cidade.

E ele ia:

— Compra, senhor! Muita bonita!

Das casas, às vezes, lá saía uma mulher ou outra, de cores as mais variadas, e indagava com desprezo:

— Olá! O que é que você leva aí?

Miguel José parava, aproximava-se da porteira e respondia:

— Santa, senhora! Muita bonita!

— Que santos tem?

— Muitas, senhora. Tuda bonita.

*. Publicado na edição de junho de 1920 da *Revista Souza Cruz*.

1. Vendedor ambulante. O “turco” é vendedor de quadros com figuras de santos.

Desenrolava os registros e a rapariga começava a examinar. De repente, à vista de uma daquelas oleogravuras, ela gritava:

— Leocádia! Leocádia!

Lá do interior da casa respondiam:

— Que é?

A outra acudia:

— Vem cá. Vem ver uma coisa.

Vinha uma outra rapariga e a que estava, recomendava, mostrando um dos quadros do “turco”:

— Vê só como é lindo este Menino Jesus.

A outra examinava e concordava. O “turco” se animava e perguntava:

— Não quer compra ele?

Uma delas ia ao encontro da pergunta do bufarinheiro:

— Quanto é?

— Barata, senhora.

— Quanto?

— Dois mil-réis.

— Chi, meu Deus!

É caro, muito mesmo.

O pobre ambulante não fazia negócio algum; e continuava com a sua carga sagrada a palmilhar aquelas ruas que são mais propriamente veredas.

Ainda se houvesse árvores, sombra que amaciasse aquela manhã quente, embora linda e cristalina, o seu ofício seria suportável; mas não as havia. Tudo era descampado e as ruas eram batidas pelo sol em chapa. Lá ia ele. As calças ficavam-lhe pelos tornozelos; o chapéu era de feltro, mas não se sabia se era preto, azul, cinzento. Tinha todas as cores próprias a chapéus dessa espécie. Em um pé calçava uma botina amarela; em outro, um sapato preto.

— Cumpra, senhor! Coisa bonita de Deus! Cumpra.

Foi dizendo isto a um petulante crioulo, muito preto, de um preto fosco e desagradável, cabeleira grande, gordurosa, repartida ao alto, e o chapéu a dançar-lhe em cima dela; foi dizendo isto a ele que lhe ia acontecendo uma grande desgraça naquela manhã. O negro, ao ouvi-lo, chegou-se muito junto ao “turco” e indagou com um ar autoritário:

— Que é que você está dizendo?

O humilde armênio pensou logo que tratava com um soldado de polícia à paisana, pois lhe parecia que, na terra em que estava, todos os pretos são soldados e podem prender todos os armênios.

Com essa convicção, Miguel José respondeu cheio de respeito e acatamento:

— Dizia, senhor: cumpra santo muita bonita.

O negro perfilou-se todo, tomou uns ares judiciais ou policiais, chegou o chapéu de palha para a testa e disse:

— Você parece que não é civilizado.

— Cumo, senhor?

— Sim, você é herege, inimigo de Nosso Senhor.

— Não, senhor.

O preto desarmou-se um pouco de seus ares judiciais ou policiais, tornou-se mais suave, quis fazer de penetrante e sagaz. Perguntou:

— Você come carne de porco?

E Miguel José olhou as montanhas pedregosas que ele via lá, longe, esbatidas no azul profundo da manhã, ressaltando quase inteiramente na ambiência translúcida do dia, e lembrou-se da sua aldeia armênia, das suas cabras, das suas ovelhas, dos seus porcos.

A sua fisionomia dura contraiu-se um pouco e os seus olhos de carneiro quiseram chorar de recordação, de sofrimento, de mágoa.

Ele se encheu todo de uma pesada tristeza; mas pôde responder:

— Sim, senhor, eu coma.
— Então você é cristão? insistiu o preto.
— Sim, senhor; diga a senhor sou cristão.
— Admira.
— Por quê, senhor?
— Porque você diz “vender”, “comprar” santos.
— Cuma se diz então?
— Troca-se. Aprenda — está ouvindo! É falta de respeito, é sacrilégio dizer comprar ou vender santos. Aprende?

— Sim, senhor. Obrigada, senhor.

E o crioulo se foi, deixando o pobre armênio arrasado por mais aquele déspota que passava sobre a sua pobre raça; mas mesmo assim, continuou na sua mercancia.

Lá se foi ele por aquelas ruas de tão caprichoso nivelamento que permite as carroças que por lá se arriscam andarem no ar com burros e tudo. Lá ia ele:

— Cumpra, senhor! Muita bonita.

Subia, descia ladeiras; parava nas portas; mas não fazia negócio algum.

Num pequeno campo, encontrou uma porção de crianças a empinar papagaios. Parou um pouco para ver aquele divertimento interessante que as crianças da sua terra não conheciam. Veio um pequenote:

— Ô Zé! O que é que você leva aí?

— Santo, menina. Pede mamãe compra uma.

— Ora, esta! Lá em casa tem tanto santo — para que mais um? Vende ali, aos “bíblias”.

Miguel José percebeu bem a malícia da criança, pois de uma feita caíra na tolice de oferecer um registro a essa espécie de religiosos e se vira atrapalhado. Não que o tivessem maltratado, mas um deles, baixinho, com um *pince-nez*

muito puro de vidros cristalinos, o levava para o interior da casa, lera-lhe uma porção de coisas de um livro e depois quisera que ele se ajoelhasse e abandonasse os registros.

Noutra não cairia ele...

Continuou o caminho, mas estava cansado. Ansiava por uma sombra, onde repousasse um pouco. Havia muitas árvores, mas todas no interior das casas, nas chácaras, nos quintais ou nos jardins. Uma assim pública, na margem da rua, em terreno abandonado que o abrigasse aí, por uns dez minutos, ele não encontrava.

E seria tão bom descansar assim fazendo o seu minguido almoço, para continuar até à tarde a sua faina, vendo se ganhava pelo menos uns dez ou cinco tostões de comissão com a venda daquelas coisas sagradas.

E continuou o seu caminho, tendo sempre exposta diante do peito a imagem de Cristo, coroado de espinhos, a mostrar o coração muito rubro, com os seus misericordiosos olhos a procurar o Céu, naquela manhã muito linda, de um profundo azul-cobalto...

Afinal, achou uma mangueira, maltratada, cheia de ervas parasitas, a crescer na borda do caminho, num terreno desocupado.

Sentou-se, tirou da algibeira um naco de pão dormido, uma cebola e pôs-se a comer, olhando as montanhas pedroucentas que assomavam ao longe e lhe faziam lembrar a terra natal. Ele não tinha nenhum nítido pensamento sobre a vida, a natureza e a sociedade...

Não tardou que se lhe viesse juntar um companheiro. Era também um “volante” como ele; mas a sua mercancia era outra, menos espiritual. Vendia sardinhas, de que trazia um cesto cheio. Era um português, cheio de saúde, de força, de audácia. Vinha suado, mais do que o armênio; entretanto, não dava mostras de ter ressentimentos nem do

sol nem da dureza do seu ofício. O armênio olhou-o com inveja e pensou de si para si:

— Como é que esse homem pode ser alegre, pode ter esperanças?

O português, sem auxílio, arriou o grande cesto na sombra e sentou-se também cheio de confiança e desembaraço. Foi logo dizendo:

— Bons dias, patrício.

Miguel José fez uma voz sumida:

— Bom dia, senhor. O português, sem mais aquela, observou:

— Qual senhor! Qual nada! Cá entre nós, é você pra baixo. Isto de senhor é lá pros doutores, não é para nós que andamos aqui aos tombos. E emendou comunicativo:

— Que diabo — ó patrício! — que tu comes pra aí?

O “turco” disse-lhe e o Manuel da Silva considerou:

— Lá na minha terra, há quem goste disto; mas eu nunca me acostumei. Cebola pra mim, só na comida. Numa bacalhoadá, ah!...

Miguel José continuava a mastigar sua cebola com pão, enquanto Manuel da Silva contava a fêria². Contada que ela foi, disse bem alto:

— Pela hora que é, as coisas não vão mal. Até o meio-dia vendo tudo... Guardou o dinheiro na bolsa que tinha a tiracolo e perguntou subitamente ao companheiro de acaso:

— Você já vendeu muito hoje, patrício?

— Nada, senhor.

— Está você a dar com o tal de senhor! Pergunto se você já vendeu alguma coisa hoje, homem!

— Nada.

— O que é que você vende?

— Santo, senhor.

2. Ver nora 125.

— Santo?

— Sim; santo.

— Deixa ver isto, como é? — fez o português curioso.

O armênio passou-lhe os registros coloridos e o vendedor de sardinhas pôs-se a olhá-los com espanto e deslumbramento artístico de aldeão simplório. Achou tudo aquilo bonito: aquele Jesus, mostrando o coração; São João, com o carneirinho; o Menino Jesus — tudo muito lindo aos seus olhos maravilhados de camponês cândido e enfeitado pelas coisas do senhor vigário.

Refletiu de si para si: “Coisas tão bonitas, se não as vendeu, é porque este ‘turco’ é mesmo burro. Comigo, já as tinha vendido, ganhado dinheiro e ficado com algumas, pra pôr lá no quarto”.

Veio-lhe uma ideia.

— Patrício! Você quer fazer um negócio?

Os olhos de carneiro do armênio luziram mais forte e com mais esperança.

— Qual é? perguntou ele.

— Tenho ali na cesta cerca de vinte mil-réis de sardinhas, vendidas a duas por um vintém. Se você vendê-las a vinte, ganha o dobro. Quer você trocar estes santos pelo cesto de sardinhas?

Miguel José rapidamente pesou os prós e contras da operação comercial. Sabia bem, por experiência própria, que a população, até as crianças, se mostrava refratária à mercadoria espiritual de que ele era portador; e, pelo que lhe vira ainda agora nas mãos, a do seu companheiro não se portava da mesma forma.

Em se tratando de sardinhas, as coisas não corriam da mesma maneira como no tocante a santos. Considerou bem e logo respondeu:

— Tá feita, senhor.

Os dois se despediram e trocaram de carga. Miguel José voltou a passar pelos mesmos lugares em que oferecera os registros, sem nenhum resultado; mas, quando apregooou as sardinhas, não teve mãos a medir. Vendeu-as a vintém, então fez escambos de compensação e, de tal forma correram-lhe as coisas que, dentro de três horas, tinha vendido tudo, podia pagar os registros à loja e lucrava cinco mil e tanto.

Manuel da Silva, o alegre português das sardinhas, saiu muito ancho com os seus registros; mas não foi logo vendê-los.

A frugalidade do “turco” tinha-lhe dado uma fome extraordinária. Procurou uma casa de pasto e comeu a faltar, acompanhado de um bom martelo de verdasco³.

Bem alimentado, satisfeito, dispôs-se a “trocar” o são João Batista, Menino Jesus, correndo a sua freguesia de peixes e crustáceos.

Batia as portas:

— Mamãe, dizia uma criança, está aí o seu Manuel.

A mãe perguntava lá de dentro:

— Ele traz camarão?

— Não, mamãe; quer vender santos.

— Para que deu agora, seu Manuel!

Ora, vejam só! Vender santos. Diga a ele que não quero.

Dessa e de outra maneira, ele foi percorrendo em vão sua freguesia das sardinhas, sem mercar uma única estampa religiosa.

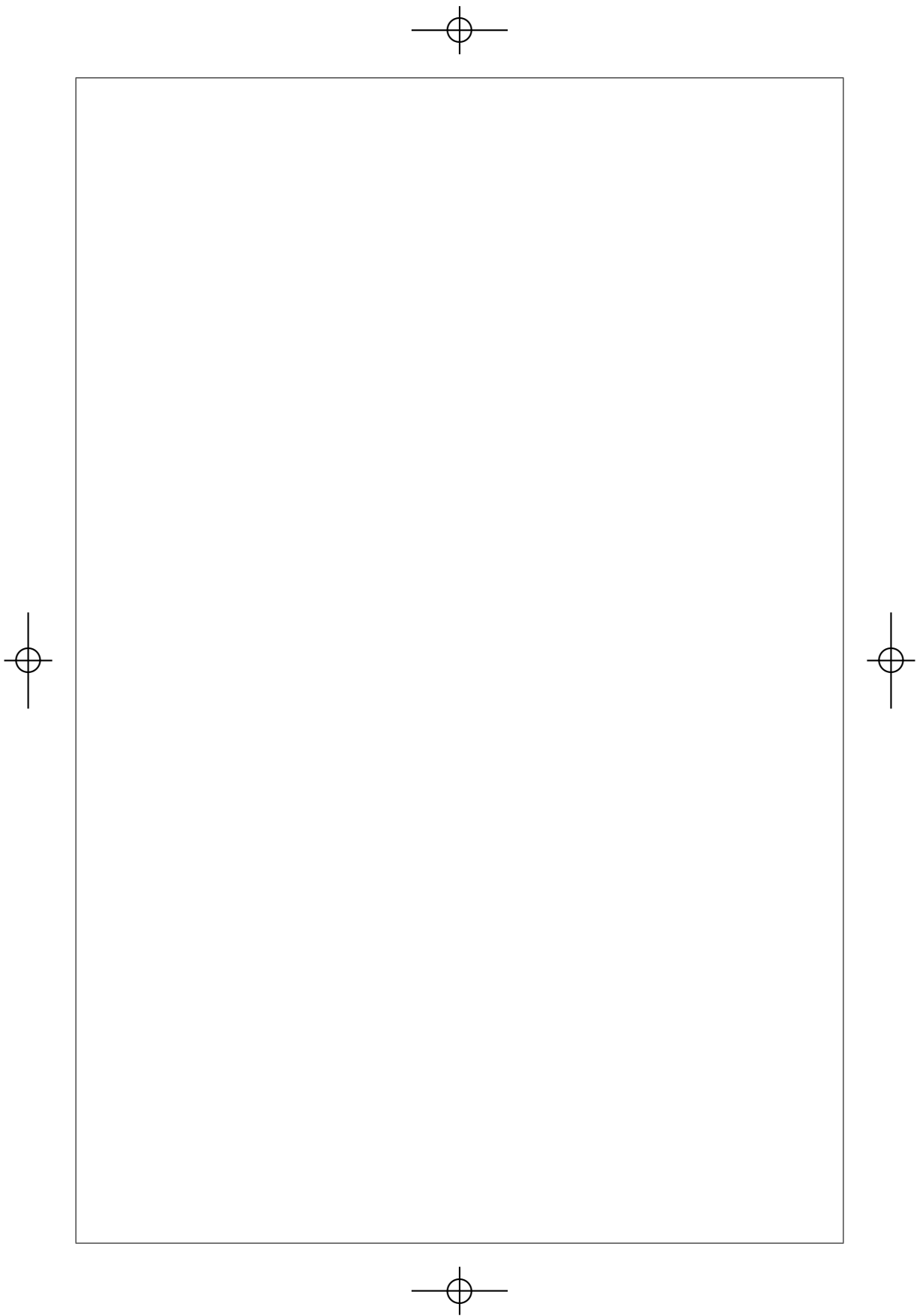
3. A expressão *martelo* era utilizada como se utiliza hoje a palavra dose. *Verdasco* é um tipo de vinho verde, de baixa qualidade e bastante ácido.

A sua alegria matinal se ia e todo o seu desgosto se voltava terrível contra ele mesmo. Não fora o “turco” que o embrulhara; fora ele mesmo que propusera aquele negócio. Era castigo. Ia tão bem com as sardinhas, para que fizera aquela barganha?

Andou até quase a noitinha e nada vendeu. Ao recolher-se, ainda quis ver as oleogravuras que o haviam deslumbrado.

Mirou uma, mirou outra e, olhando-as firmemente, refletiu:

— Se não fosse por faltar o respeito devido a Nosso Senhor Jesus Cristo, que aí está, eu havia de dizer que tudo isso são coisas do diabo que aquele “turco” me impingiu. Nunca mais! Tarrenego!



Cló^{*}*A Alexandre Valentim Magalhães*

Devia ser já a terceira pessoa que lhe sentava à mesa.

Não lhe era agradável aquela sociedade com desconhecidos; mas que fazer naquela segunda-feira de Carnaval, quando as confeitarias têm todas as mesas ocupadas e as cerimônias dos outros dias desfazem-se, dissolvem-se?

Se as duas primeiras pessoas eram desajeitados sujeitos sem atrativos, o terceiro conviva resgatava todo o desgosto causado pelos outros. Uma mulher formosa e bem tratada é sempre bom ter-se à vista, embora sendo desconhecida, ou, talvez, por isso mesmo...

Estava ali o velho Maximiliano esquecido, só moendo cismas, bebendo cerveja, obediente ao seu velho hábito. Se fosse um dia comum, estaria cercado de amigos; mas, os homens populares, como ele, nunca o são nas festas populares. São populares a seu jeito, para os frequentadores das ruas célebres, cafés e confeitarias, nos dias comuns; mas nunca para a multidão que desce dos arrabaldes, dos subúrbios, das províncias vizinhas, abafa aqueles e como que os afugenta. Contudo não se sentia deslocado...

*. Publicado na edição de 05 de março de 1918, do jornal *A.B.C.*.



A quinta garrafa já se esvaziara e a sala continuava a encher-se e a esvaziar-se, a esvaziar-se e a encher-se. Lá fora, o falsete dos mascarados em trote¹, as longas cantilenas dos cordões², os risos e as músicas lascivas enchiam a rua de sons e ruídos desencontrados e, dela, vinha à sala uma satisfação de viver, um frêmito de vida e de luxúria que convidava o velho professor a ficar durante mais tempo bebendo, afastando o momento de entrar em casa.

E esse frêmito de vida e luxúria que faz estremecer a cidade nos três dias de sua festa clássica, naquele momento, diminuía-lhe muito as grandes mágoas de sempre e, sobretudo, aquela teimosia e pequenina de hoje. Ela o pusera assim macambúzio e isolado, embora mergulhado no turbilhão de riso, de alegria, de rumor, de embriaguez e luxúria dos outros, em segunda-feira gorda. O “jacaré” não dera e muito menos a centena³. Esse capricho da sorte tirava-lhe a esperança de um conto e pouco⁴ — doce esperança que se esvaía amargosamente naquele crepúsculo de galhofa e prazer.

E que trabalho não tivera ele, doutor Maximiliano, para fazê-la brotar no seu peito, logo nas primeiras horas do dia! Que chusmas de interpretações, de palpites, de exames cabalísticos! Ele bem parecia um áugure romano que vem dizer ao cônsul se deve ou não oferecer batalha...⁵

1. Referência às cantigas de carnaval que chegavam até o bar (confeitaria) onde o personagem Maximiliano se encontrava. O *falsete* é um tipo de entonação vocal que permite às pessoas com voz grossa, principalmente os homens, produzirem sons agudos, neste caso, dos homens “mascarados” que vinham desfilando em trote.

2. Sobre os “cordões”, ver nota 29.

3. Referência ao “jogo do bicho”, que tem o jacaré com um de seus animais da sorte.

4. Um conto de réis. Sobre o dinheiro da época, ver nota 30.

5. Os *augures* eram, na Grécia e Roma antigas, os adivinhos que previam o futuro e que participavam dos grupos que ofereciam conselhos



Logo que ela lhe assomou aos olhos, como não lhe pareceu certo aquele navegar precavido dentro do nevoento mar do Mistério, marcando rumo para aquele ponto — o “jacaré” — onde encontraria sossego, abrigo, durante alguns dias!

E agora, passado o nevoeiro, onde estava?... Estava ainda em mar alto, já sem provisões quase, e com débeis energias para levar o barco a salvamento... Como havia de comprar bisnagas, confetes, serpentinas, alugar automóvel? E — o que era mais grave — como havia de pagar o vestido de que a filha andava precisada, para se mostrar sábado próximo, na rua do Ouvidor, em toda a plenitude de sua beleza, feita (e ele não sabia como) da rija carnadura de Itália e de uma forte e exótica exalação sexual... Como havia de dar-lhe o vestido?

Com aquele seu olhar calmo em que não havia mais nem espanto, nem reprovação, nem esperança, o velho professor olhou ainda a sala tão cheia, por aquelas horas, tão povoada e animada de mocidade, de talento e de beleza. Ele viu alguns poetas conhecidos, quis chamá-los, mas, pensando melhor, resolveu continuar só.

O velho doutor Maximiliano não cansou de observar, um por um, aqueles homens e aquelas mulheres, homens e mulheres cheios de vícios e aleijões morais; e ficou um instante a pensar se a nossa vida total, geral, seria possível sem os vícios que a estimulavam, embora a degradem também.

Por esse tempo, então, notou ele a curiosidade e a inveja com que um grupo, de modestas meninas dos arra-

aos cônsules, reis, imperadores e comandantes militares. Em vésperas de batalhas importantes, um *áugure* era consultado para prever os possíveis resultados dos confrontos.

baldes, examinava a *toilette*⁶ e os ademanos das mundanas presentes.

Na sua mesa, atraindo-lhe os olhares, lá estava aquela formosa e famosa Eponina⁷, a mais linda mulher pública da cidade, produto combinado das imigrações italiana e espanhola, extraordinariamente estúpida, mas com um olhar de abismo, cheio de atrações, de promessas e de volúpia.

E o velho lente olhava tudo aquilo pausadamente, com a sua indulgência de infeliz, quando lhe veio o pensar na casa, naquele seu lar, onde o luxo era uma agrura, uma dor, amaciada pela música, pelo canto, pelo riso e pelo álcool.

Pensou, então, em sua filha, Clódia — a Cló, em família — em cujo temperamento e feitio de espírito havia estofo de uma grande hetaira⁸. Lembrou-se com casta admiração

6. Palavra francesa que significa o conjunto dos trajes, vestimentas, acessórios, principalmente os femininos. A palavra foi aportuguesada para *toalete* e ganhou novos significados, como banheiro — ir ao toalete.

7. *Epônima* é forma feminina do substantivo *epônimo*, que significa o ato de nomear um local, coisa, época, um grupo humano, uma cidade e até uma nação. Normalmente um *epônimo* é identificado por uma personalidade histórica ou por algum animal. O estado de São Paulo, por exemplo, recebeu o seu nome de forma *eponímica*, ou seja, uma localidade geográfica que ganhou o nome de um dos primeiros escritores do novo testamento, Paulo de Tarso, que depois foi canonizado como São Paulo. Muitos times de futebol também fazem uso de *epônimos* animais, como o “galo”, que nomeia *eponimicamente* o Atlético Mineiro, a “raposa” que é o *epônimo* do Cruzeiro, o “peixe” para o Santos, etc. Nessa passagem, Lima Barreto está se referindo à alguma “garota de programa” — *a mais linda mulher pública da cidade*, tão deslumbrante que poderia servir de “Epônima” para alguma localidade do Rio de Janeiro.

8. “Estofo” é um tipo de enchimento, normalmente de algodão, usado para acentos de cadeiras, sofás, etc., daí o nome “estofados”. Lima Barreto usa a palavra no sentido de “recheio” para uma *grande hetaira*. Esse era o nome pelo qual eram conhecidas, na Grécia antiga, as prostitutas que frequentavam a elite da sociedade, muito famosas nas cortes, por isso também chamadas de cortesãs. Uma das mais famosas *hetairas* da Grécia antiga chamava-se Aspasia, da cidade de Mileto.

de sua carne veludosa e palpitante, do seu amor às danças lúbricas, do seu culto à *toilette* e ao perfume, do seu fraco senso moral, do seu gosto pelos licores fortes; e, de repente e por instantes, ele a viu coroada de hera, cobrindo mal a sua magnífica nudez, com uma pele mosqueada, o ramo de tirso erguido, dançando, religiosamente bêbeda, cheia de fúria sagrada de bacante: “Evoé! Baco!”⁹

E essa visão antiga lhe passou pelos olhos, quando a Eponina ergueu-se da mesa, tilintando as pulseiras e berloques caros, chamando muito a atenção de Mme. Rego da Silva que, em companhia do marido e da sua extremosa amiga Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade, tomavam sorvetes, numa mesa ao longe.

O doutor Maximiliano, ao ver aquelas joias e aquele vestido, voltou a lembrar-se de que o “jacaré” não dera; e refletiu, talvez com profundidade, mas certo com muita amargura, sobre a má organização da nossa sociedade. Mas não foi adiante e procurou decifrar o problema da sua multiplicação em Cló, tão maravilhosa e tão rara. Como é que ele tinha posto no mundo um exemplar de mulher assaz vicioso e delicado como era a filha? De que misteriosa célula sua saíra aquela floração exuberante de fêmea humana? Vinha dele ou da mulher? De ambos?

Ou de sua mulher só, daquela sua carne apaixonada e sedenta que trepidava quando lhe recebia as lições de piano, na casa dos pais?

9. Toda essa passagem é descrita como se o velho professor Maximiliano estivesse visualizando sua filha Cló em uma cerimônia ritualística em homenagem ao deus grego Dioniso. Na mitologia romana, Dioniso recebeu o nome Baco. Era conhecido como a divindade das festas, das bebidas, da volúpia e sensualidade. As *bacantes* “adoradoras de baco”, eram as dançarinas dos rituais.



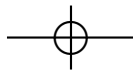
Não pôde, porém, resolver o caso. Aproximava-se o doutor André, com o seu rosto de ídolo peruano¹⁰, duro, sem mobilidade alguma na fisionomia, acobreada, onde o ouro do aro do *pince-nez* reluzia fortemente e iluminava a barba cerdosa.

Era um homem forte, de largos ombros, musculoso, tórax saliente, saltando; e, se bem tivesse as pernas arqueadas, era assim mesmo um belo exemplar da raça humana.

Lamentava-se que ele fosse um bacharel vulgar e um deputado obscuro. A sua falta de agilidade intelectual, de maleabilidade, de ductilidade, a sua fraca capacidade de abstração e débil poder de associar ideias não impediam fosse ele deputado e bacharel. Ele seria rei, estaria no seu quadro natural, não na câmara, mas remando em ubás ou igaras nos nossos grandes rios ou distendendo aqueles fortes arcos de iri que despejam frechas ervadas com curare¹¹.

10. Lima Barreto quer dizer com “ídolo peruano” as pequenas estátuas esculpidas em madeira e que representavam as divindades ou os reis que existiram antes da chegada dos conquistadores europeus. No caso do Peru, os espanhóis foram os conquistadores no início do século XVI. Os espanhóis destruíam os santuários onde se encontravam os *ídolos*, que eram substituídos por cruzeiros, marcando assim o início da dominação da igreja católica. Alguns *ídolos* frequentemente são descobertos por arqueólogos, como no caso do “Ídolo inca de Pachamac”, que tem mais de dois metros de altura e teria sido venerado sete séculos antes da chegada dos espanhóis.

11. Esta passagem mostra como Lima Barreto ironiza a pretensão dos brasileiros em seguir os padrões culturais que foram impostos pela colonização europeia — Deputado, Bacharel, etc. O personagem André combinaria mais, por seus aspectos físicos — rosto de ídolo peruano, pernas arqueadas — com aqueles reis que viviam entre os povos ameríndios antes da chegada dos europeus, pois estaria “no seu quadro natural”, ao invés de estar na câmara dos deputados. Interessante notar os termos tupi-guarani usados pelo escritor: ubás (pequenas canoas); igaras (canoas feitas em apenas um único tronco de árvore); arcos de iri (arcos utilizados pelos povos originários da Amazônia, feitos a par-



Era o seu último amigo, entretanto o mais constante comensal de sua mesa *luculesca*¹².

Deputado, como já ficou dito, e rico, representava, com muita galhardia e liberalidade, uma feitoria¹³ mansa do Norte, nas salas burguesas; e, apesar de casado, a filha do antigo professor, a lasciva Cló, esperava casar-se com ele, pela religião do Sol, um novo culto recentemente fundado por um agrimensor ilustrado e sem emprego.

O velho Maximiliano nada de definitivo pensava sobre tais projetos; não os aprovava, nem os reprovava. Limitava-se a pequenas reprimendas sem convicção, para que o casamento não fosse efetuado sem a bênção do sacerdote do Sol ou de outro qualquer.

E se isto fazia, era para não precipitar as cousas; ele gostava dos desdobramentos naturais e encadeados, das passagens suaves, das inflexões doces, e detestava os saltos bruscos de um estado para o outro.

— Então, doutor, ainda por aqui? fez o rico parlamentar sentando-se.

— É verdade, respondeu-lhe o velho. Estou fazendo o meu sacrifício, rezando a minha missa... É a quinta... Que toma, doutor?

tir dos galhos da brejaúva, um tipo de palmeira encontrada naquela região, também conhecida como iri); ervadas com curare (curare é o nome de um composto venenoso feito a partir de várias ervas da flora amazônica, utilizado nas pontas das flechas).

12. *Luculesca* ou *luculenta*, significa uma coisa que esbanja luxo, esplendor, riqueza.

13. É de se notar, mais uma vez, a ironia do autor. Ele usa o termo *feitoria*, que era uma localidade construída para servir de entreposto comercial entre as colônias e as metrópoles. As feitorias eram de responsabilidade dos feitores e muitas delas foram as matrizes de pequenas cidades e vilarejos. Com o avanço da colonização e depois da urbanização e estruturação das vilas e cidades, perderam a antiga importância que tinham.

— Um “madeira”¹⁴... Que tal o Carnaval?

— Como sempre.

E, depois, voltando-se para o caixeiro¹⁵:

— Outra cerveja e um “madeira”, aqui, para o doutor.

Olha: leva a garrafa.

O caixeiro afastou-se, levando a garrafa vazia e o doutor André perguntou:

— Dona Isabel não veio?

— Não. Minha mulher não gosta das segundas-feiras de Carnaval. Acha-as desenxabidas... Ficaram, ela e a Cló, em casa a se prepararem para o baile á fantasia na casa dos Silvas... Quer ir?

— O senhor vai?

— Não, meu caro senhor; do Carnaval, eu só gosto dessa barulhada da rua, dessa música selvagem e sincopada de recos-recos, de pandeiros, de bombos, desse estridulo de fanhosos instrumentos de metais... Até do bombo gosto, mais nada! Essa barulhada faz-me bem à alma. Não irei... Agora, se o doutor quer ir... Cló vai de preta mina¹⁶.

— Deve-lhe ficar muito bem... Não posso ir; entretanto, irei à sua casa para ver a sua senhora e a sua filha fantasiadas. O senhor devia também ir...

— Fantasiado?

— Que tinha?

14. Um tipo de vinho português bastante amargo.

15. *Caixeiro* era o nome que os trabalhadores do comércio recebiam. Hoje em dia usa-se “atendente” para lojas e “garçom” para bares, lanchonetes e restaurantes.

16. O termo “preta mina” surgiu em função de uma localidade conhecida como Costa da Mina, que se estende pelo litoral dos países como o Benin, Togo e Nigéria, no continente africano. Neste lugar funcionava a feitoria “São Jorge da Mina”, lugar de onde vieram muitos escravizados e escravizadas para o Brasil. Mais uma vez Lima Barreto toca em um lugar sensível, ao apresentar a fantasia de carnaval de Cló como a de uma “preta mina”.

— Ora, doutor! eu ando sempre com a máscara no rosto. E sorriu leve com amargura; o deputado pareceu não compreender e observou:

— Mas, a sua fisionomia não é tão decrépita assim...

Maximiliano ia objetar qualquer coisa quando o caixeiro chegou com as bebidas, ao tempo em que Mme. Rego da Silva e o marido levantaram-se com a pequena Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade em peso.

O parlamentar olhou-os bastante com o seu seguro ar de quem tudo pode. Ouviu que ao lado diziam — à passagem dos três: *ménage à trois*¹⁷. A sua simplicidade provinciana não compreendeu a maldade e logo dirigiu-se ao velho professor:

— Jantam em casa?

— Jantamos; e o doutor não quer jantar conosco?

— Obrigado. Não me é possível ir hoje... Tenho um compromisso sério... Mas fique certo que, antes de saírem, lá irei tomar um uisquezinho... Se me permite?

— Oh! doutor! O senhor é nosso melhor amigo. Não imagina como todos lá falam no senhor. Isabel levanta-se a pensar no doutor André; Cló, essa, nem se fala! Até o Caçula quando o vê, não late; faz-lhe festas, não é?

— Como isso me cumula de...

— Ainda há dias, Isabel me disse: Maximiliano, eu nunca bebi um *Chambertin*¹⁸ como esse que o doutor André nos mandou... O meu filho, o Fred, sabe até um dos seus discursos de cor; e, de tanto repeti-lo, creio que sei de memória vários trechos dele.

A face rígida do ídolo, com grande esforço, abriu-se um pouco; e ele disse, ao jeito de quem quer o contrário:

— Não vá agora recitá-lo.

17. Termo francês que significa “um trio de amantes”.

18. Um tipo de vinho francês.



— Certo que não. Seria inconveniente; mas não estou impedido de dizer, aqui, que o senhor tem muita imaginação, belas imagens e uma forma magnífica.

— Sou principiante ainda, por isso não me fica mal aceitar o elogio e agradecer a animação.

Fez uma pausa, tomou um pouco de vinho e continuou em tom conveniente:

— O senhor sabe perfeitamente que espécie de força me prende aos seus... Um sentimento acima de mim, uma solicitação, alguma cousa a mais que os senhores puseram na minha vida...

— Pois então, interrompeu cheio de comoção o doutor Maximiliano: à nossa!

Ergueu o copo e ambos tocaram os seus, reatando o parlamentar a conversa desta maneira:

— Deu aula hoje?

— Não. Desci para espremer e “cavar”¹⁹. É dura esta vida... “cavar”! Como é triste dizer-se isto! Mas que se há de fazer? Ganha-se uma miséria... Um professor com oitocentos mil-réis o que é? Tem-se a família, representação... uma miséria! Ainda agora, com tantas dificuldades, é que Cló deu em tomar banhos de leite...

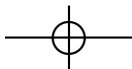
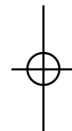
— Que ideia! Onde aprendeu isso?

— Sei lá! Ela diz que tem não sei que propriedades, certas virtudes... O diabo é que tenho de pagar uma conta estúpida no leiteiro... São banhos de ouro, é que são! Jogo nos bichos... Hoje tinha tanta fé no “jacaré”...

O caixeiro passava e ele recomendou:

— Baldomero, outra cerveja. O doutor não toma mais um “madeira”?

19. *Cavar* ou fazer *cavação* era um termo utilizado quando as pessoas estavam à procura de algum tipo de trabalho, um rendimento extra, ou mesmo para conseguir amizades ou “contatos” influentes que ajudassem a conseguir tais objetivos.



— Vá lá. Ganhou, doutor?

— Qual! E não imagina que falta me fez!

— Se quer?...

— Por quem é, meu caro; deixe-se disso! Então há de ser assim todo o dia?

— Que tem!... Ora!... Nada de cerimônias; é como se recebesse de um filho...

— Nada disso... Nada disso...

Fingindo que não entendia a recusa, o doutor André foi retirando da carteira uma bela nota, cujo valor nas algibeiras do doutor Maximiliano fez-lhe esquecer em muito a sua desdita no “jacaré”.

O deputado ainda esteve um pouco; em breve, porém, se despediu, reiterando a promessa de que iria até à casa do professor, para ver as duas senhoras fantasiadas.

O doutor Maximiliano bebeu ainda uma cerveja e, acabada que foi a cerveja, saiu vagarosamente um tanto trôpego.

A noite já tinha caído de há muito. Era já noite fechada. Os cordões e os bandos carnavalescos continuavam a passar, rufando, batendo, gritando desesperadamente. Homens e mulheres de todas as cores — os alicerces do país — vestidos de meia, canitares²⁰ e enduapes²¹ de penas multicores, fingindo índios, dançavam na frente ao som de uma zabumbada africana, tangida com fúria em instrumentos selvagens, roufenhos, uns, estridentes, outros. As danças tinham luxuriosos requebros de quadris, uns caprichosos trocar de pernas, umas quedas imprevistas.

20. Coroas de penas, penachos.

21. Um tipo de tanga, utilizada pelos índios tupinambá, com penas multicoloridas de pássaros.



Aqueles fantasiados tinham guardado na memória muscular velhos gestos dos avoengos, mas não mais sabiam coordená-los nem a explicação deles. Eram restos de danças guerreiras ou religiosas dos selvagens de onde a maioria deles provinha, que o tempo e outras influências tinham transformado em palhaçadas carnavalescas...

Certamente, durante os séculos de escravidão, nas cidades, os seus antepassados só se podiam lembrar daquelas cerimônias de suas aringas ou tabas, pelo carnaval. A tradição passou aos filhos, aos netos, e estes estavam ali a observá-la com as inevitáveis deturpações.

Ele, o doutor Maximiliano, apaixonado amador de música, antigo professor de piano, para poder viver e formar-se, deteve-se um pouco, para ouvir aquelas bizarras e bárbaras cantorias, pensando na pobreza de invenção melódica daquela gente. A frase, mal desenhada, era curta, logo cortada, interrompida, sacudida pelos rufos, pelo ranger, pelos guinchos de instrumentos selvagens e ingênuos. Um instante, ele pensou em continuar uma daquelas cantigas, em completá-la; e a ária²² veio-lhe inteira, ao ouvido, provocando o antigo professor de música a fazer parar o “Chuveiro de Ouro”²³, a fim de ensinar-lhes, aos cantores, o que a imaginação lhe havia trazido à cabeça naquele momento.

Arrependeu-se que tivesse fito gostar daquela barulhada; porém, o amador de música vencia o homem desgos-

22. Um tipo de música orquestrada, erudita, composta para ser cantada por uma só voz e acompanhada por instrumentos. Pode ser também um andamento orquestral, sem canto, uma melodia sinfônica.

23. Referência ao “Club Recreativo Chuveiro de Ouro”, cuja sede era localizada no bairro da Gávea. Foi um dos primeiros clubes a organizar festejos e cortejos de carnaval, com carros alegóricos, bandas e desfiles de fantasias. Muitos compositores de canções carnavalescas participavam de concursos para terem suas letras cantadas durante os dias de desfile, o que trazia muito prestígio aos letristas, a maioria anônimos.



tosos. Ele queria que aquela gente entoasse um hino, uma cantiga, um canto com qualquer nome, mas que tivesse regra e beleza. Mas — logo imaginou — para quê? Corresponderia a música mais ou menos artística aos pensamentos íntimos deles? Seria mesmo a expansão dos seus sonhos, fantasias e dores?²⁴

E, devagar, se foi indo pela rua em fora, cobrindo de simpatia toda a puerilidade aparente daqueles esgares e berros, que bem sentia profundos e próprios daquelas criaturas grosseiras e de raças tão várias, mas que encontravam naquele vozerio bárbaro e ensurdecido meio de fazer porejar os seus sofrimentos de raça e de indivíduo e exprimir também as suas ânsias de felicidade.

Encaminhou-se direto para a casa. Estava fechada; mas havia luzes na sala principal, onde tocavam e dançavam.

Atravessou o pequeno jardim, ouvindo o piano. Era sua mulher quem tocava; ele o adivinhava pelo seu *velouté*²⁵, pela maneira de ferir as notas, muito docemente, sem deixar quase perceber a impulsão que os dedos levavam. Como ela tocava aquele tango! Que paixão punha naquela música inferior!

Lembrou-se então dos “cordões”, dos “ranchos”, das suas cantilenas ingênuas e bárbaras, daquele ritmo especial a elas que também perturbava sua mulher e abrasava sua filha. Por que caminho lhes tinha chegado ao sangue

24. Note-se, mais uma vez, que Lima Barreto trabalha as contradições entre a cultura “importada” — pois a ária é um tipo de música erudita europeia, trazida para o Brasil pelos portugueses — e as manifestações genuinamente populares e brasileiras.

25. Palavra francesa que significa “tempero”, “molho”. Aqui, o autor faz uso metafórico do termo, indicando que o professor Maximiliano reconheceu ser a esposa quem estava ao piano, pelo seu *velouté*, por seu jeito próprio, seu “tempero”.



e à carne aquele gosto, aquele pendor por tais músicas? Como havia correlação entre elas e as almas daquelas duas mulheres?

Não sabia ao certo; mas viu em toda a sociedade complicados movimentos de trocas e influências — trocas de ideias e sentimentos, de influências e paixões, de gostos e inclinações.

Quando entrou, o piano cessava e a filha descansava, no sofá, a fadiga da dança lúbrica que estivera ensaiando com o irmão. O velho ainda ouviu indulgentemente o filho dizer:

— É assim que se dança nos Democráticos²⁶.

Cló, logo que o viu, correu a abraçá-lo e, abraçada ao pai, perguntou:

— André não vem?

— Virá.

Mas, logo, em tom severo, acrescentou:

— Que tem você com André?

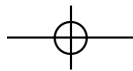
— Nada, papai; mas ele é tão bom...

Quis Maximiliano ser severo; quis apossar-se da sua respeitável autoridade de pai de família; quis exercer o velho sacerdócio de sacrificador aos deuses penates²⁷; mas era céptico demais, duvidava, não acreditava mais nem no seu sacerdócio nem no fundamento da sua autoridade. Ralhou, entretanto, frouxamente:

— Você precisa ter mais compostura, Cló. Veja que o doutor André é casado e isto não fica bem.

26. Uma das mais antigas agremiações carnavalescas do Brasil, fundada em 1867 e até hoje em funcionamento. Na época em que se passa o conto de Lima Barreto, os bailes de carnaval do “Club dos Democráticos” eram os mais concorridos e badalados da sociedade carioca. Para saber um pouco mais sobre os Democráticos, acessar o site: <https://www.clubedosedemocraticos.com.br/historia/>.

27. Os “penates”, na mitologia romana, são os deuses do lar.



A isto, todos entraram em explicações. O respeitável professor foi vencido e convencido de que a afeição da filha pelo deputado era a cousa mais inocente e natural deste mundo. Foram jantar. A refeição foi tomada rapidamente. Fred, contudo, pôde dar algumas informações sobre os préstitos carnavalescos do dia seguinte. Os Fenianos²⁸ perderiam na certa. Os Democráticos tinham gastado mais de sessenta contos e iriam pôr na rua uma cousa nunca vista. O carro do estandarte, que era um templo japonês, havia de fazer um “bruto sucesso”. Demais, as mulheres eram as mais lindas, as mais bonitas... Estariam a Alice, a Charlotte, a Lolita, a Cármen...

— Ainda toma muito cloral? perguntou Cló.

— Ainda, retrucou o irmão; e emendou: vai ser uma lindeza, um triunfo, à noite, com luz elétrica, nas ruas largas...

E Cló, por instantes, mordeu os lábios, suspendeu um pouco o corpo e viu-se também, no alto de um daqueles carros, iluminada pelos fogos-de-bengala, recebida com palmas, pelos meninos, pelos rapazes, pelas moças, pelas burguesas e burgueses da cidade. Era o seu triunfo a meta de sua vida; era a proliferação imponderável de sua beleza em sonhos, em anseios, em ideias, em violentos desejos naquelas almas pequenas, sujeitas ao império da convenção, da regra e da moral. Tomou a cerveja, todo o copo de um hausto, limpou a espuma dos lábios e o seu ligeiro buço surgiu lindo sobre os breves lábios vermelhos. Em seguida, perguntou ao irmão:

— E essas mulheres ganham?

28. Referência ao “Club dos Fenianos”, outra importante agremiação carnavalesca do Rio de Janeiro. Na época já existiam disputas entre desfiles organizados pelos clubes ou organizações carnavalescas.



— Qual! Você não vê que é uma honra? respondeu-lhe o irmão.

E o jantar acabou sério e familiar, embora a cerveja e o vinho não tivessem faltado aos devotos de cada uma das duas bebidas.

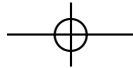
Logo que a refeição acabou, talvez uns vinte minutos após, o doutor André se fazia anunciar. Desculpou-se com as senhoras; não pudera vir jantar, questões políticas, uma conferência... Pedia licença para oferecer aquelas pequenas lembranças de Carnaval. Deu uma pequena caixa a dona Isabel e uma maior à Cló. As joias saíram dos escrínios e faiscaram orgulhosamente para todos os presentes deslumbrados. Para a mãe, um anel; para a filha, um bracelete.

— Oh, doutor! fez dona Isabel. O senhor está a sacrificar-se e nós não podemos consentir nisto...

— Qual, dona Isabel! São falsas, nada valem... Sabia que dona Clódia ia de “preta mina” e lembrei-me trazer-lhe este enfeite...

Cló agradeceu sorridente a lembrança e a suave boca quis fixar demoradamente o longo sorriso de alegria e agradecimento. E voltaram a tocar. Dona Isabel pôs-se ao piano e, como tocasse depois da sobremesa, hora da melancolia e das discussões transcendentais, como já foi observado, executou alguma coisa triste.

Chegava a ocasião de se prepararem para o baile à fantasia que os Silvas davam. As senhoras retiraram-se e só ficaram, na sala, os homens, bebendo uísque. André, impaciente e desatento; o velho lente, indiferente e compassivo, contando histórias brejeiras, com vagar e cuidado; o filho, sempre a procurar caminho para exhibir o seu saber em cousas carnavalescas. A conversa ia caindo, quando o velho disse para o deputado:



— Já ouviu a Bamboula, de Gottschalk²⁹, doutor?

— Não... Não conheço.

— Vou tocá-la.

Sentou-se ao piano, abriu o álbum onde estava a peça e começou a executar aqueles compassos de uma música negra de Nova Orleans, que o famoso pianista tinha filtrado e civilizado.

A filha entrou, linda, fresca, veludosa, de pano da Costa ao ombro, trunfa, com o colo inteiramente nu, muito cheio e marmóreo, separado do pescoço modelado, por um colar de falsas turquesas. Os braceletes e as miçangas tilintavam no peito e nos braços, a bem dizer totalmente despidos; e os bicos de crivo da camisa de linho rendavam as raízes dos seios duros que mal suportavam a alvíssima prisão onde estavam retidos.

Ainda pôde requebrar, aos últimos compassos da Bamboula, sobre as chinelas que ocupavam a metade dos pés; e toda risonha sentou-se por fim, esperando que aquele Salomão de *pince-nez* de ouro lhe dissesse ao ouvido:

“Os teus lábios são como uma fita de escarlata; e o teu falar é doce. Assim como é o vermelho da romã partida, assim é o nácar das tuas faces; sem falar no que está escondido dentro”.

O doutor Maximiliano deixou o tamborete do piano e o deputado, bem perto de Clódia, se não falava como o rei Salomão à rainha de Sabá dilatava as narinas para sorver toda a exalação acre daquela moça, que mais capitolosa se fazia dentro daquele vestuário de escrava desprezada.

29. Referência à ópera para piano Bamboula (1848) criada pelo pianista e compositor estadunidense Louis Moureau Gottschalk (1829–1869). Filho de uma mulher haitiana e de um comerciante inglês, nascido em New Orleans, na década de 1860 já era reconhecido como um dos maiores pianistas e compositores do mundo. Faleceu justamente no Brasil, vitimado por complicações decorrentes de uma febre amarela.

A sala encheu-se de outros convidados e a sessão de música veio a cair na canção e na modinha. Fred cantou e Cló, instada pelo doutor André, cantou também. O automóvel não tinha chegado; ela tinha tempo...

Dona Isabel acompanhou; e a moça, pondo tudo o que havia de sedução na sua voz, nos seus olhos pequenos e castanhos, cantou a “Canção da Preta Mina”:

— Pimenta de cheiro, jiló, quibombô; Eu vendo barato, mi compra ioiô!

Ao acabar, era com prazer especial, cheia de dengues nos olhos e na voz, com um longo gozo íntimo que ela, sacudindo as ancas e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se para o doutor André e dizia vagamente:

— Mi compra ioiô!

E repetia com mais volúpia, ainda uma vez:

— Mi compra ioiô!

Clara dos Anjos^{*}

A Andrade Murici

O carteiro Joaquim dos Anjos não era homem de serestas e serenatas, mas gostava de violão e de modinhas. Ele mesmo tocava flauta, instrumento que já foi muito estimado, não o sendo tanto atualmente como outrora. Acreditava-se até músico, pois compunha valsas, tangos e acompanhamentos para modinhas.

Aprendera a “artinha” musical na terra de seu nascimento, nos arredores de Diamantina¹, e a sabia de cor e salteado; mas não safra daí.

Pouco ambicioso em música, ele o era também nas demais manifestações de sua vida. Empregado de um advogado famoso, sempre quisera obter um modesto emprego público que lhe desse direito à aposentadoria e ao montepio², para a mulher e a filha. Conseguira aquele de carteiro, havia quinze para vinte anos, com o qual estava muito contente, apesar de ser trabalhoso e o ordenado ser exíguo.

^{*}. Publicado na coletânea de contos *Histórias e Sonhos*, de 1920

1. Cidade de Minas Gerais, localizada no Vale do Jequitinhonha, muito próspera na época colonial.

2. Um tipo de pensão, destinada à família de funcionários públicos, por ocasião da morte do funcionário ou invalidez.



Logo que foi nomeado, tratou de vender as terras que tinha no local de seu nascimento e adquirir aquela casita de subúrbio, por preço módico, mas, mesmo assim, o dinheiro não chegara e o resto pagou ele em prestações. Agora, e mesmo há vários anos, estava de plena posse dela. Era simples a casa. Tinha dois quartos, um que dava para a sala de visitas e outro, para a de jantar. Correspondendo a um terço da largura total da casa, havia nos fundos um puxadito que era a cozinha. Fora do corpo da casa, um barracão para banheiro, tanque, etc.; e o quintal era de superfície razoável, onde cresciam goiabeiras maltratadas e um grande tamarineiro copado.

A rua desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava que nem um pântano; entretanto, era povoada e dela se descortinava um lindo panorama de montanhas que pareciam cercá-la de todos os lados, embora a grande distância. Tinha boas casas a rua. Havia até uma grande chácara de outros tempos com aquela casa característica de velhas chácaras de longa fachada, de teto acaçapado, forrada de azulejos até à metade do pé-direito, um tanto feia, é fato, sem garridice, mas casando-se perfeitamente com as anosas mangueiras, com as robustas jaqueiras e com todas aquelas grandes e velhas árvores que, talvez, os que as plantaram, não tivessem visto frutificar.

Por aqueles tempos, nessa chácara, se haviam estabelecido as “bíblías”³. Os seus cânticos, aos sábados, quase de hora em hora, enchiam a redondeza. O povo não os via com hostilidade, mesmo alguns humildes homens e pobres raparigas simpatizavam com eles, porque, justificavam, não eram como os padres que, para tudo, querem dinheiro.

Chefiava os protestantes um americano, Mr. Sharp, homem tenaz e cheio de uma eloquência bíblica que devia

3. Sobre os “bíblías”, ver nota 48.



ser magnífica em inglês; mas que, no seu duvidoso português, se fazia simplesmente pitoresca. Era Sharp daquela raça curiosa de *yankees* que, de quando em quando, à luz da interpretação de um ou mais versículos da Bíblia, fundam seitas cristãs, propagam-nas, encontram adeptos logo, os quais não sabem bem por que foram para a nova e qual a diferença que há entre esta e a de que vieram.

Fazia prosélitos e, quando se tratava de iniciar uma turma, os noviços dormiam em barracas de campanha, erguidas no eirado da chácara ou entre as suas velhas árvores maltratadas e desprezadas. As cerimônias preparatórias duravam uma semana, cheia de cânticos divinos; e a velha propriedade, com as suas barracas e salmodias, adquiria um aspecto esquisito de convento ao ar livre de mistura com um certo ar de acampamento militar.

Da redondeza, poucos eram os adeptos ortodoxos; entretanto, muitos lá iam por mera curiosidade ou para deliciar-se com a oratória de Mr. Sharp.

Iam sem nenhuma repugnância, pois é próprio do nosso pequeno povo fazer um extravagante amálgama de religiões e crenças de toda sorte, e socorrer-se desta ou daquela, conforme os transe de sua existência. Se se trata de afastar atrasos de vida, apela para a feitiçaria; se se trata de curar uma moléstia tenaz e resistente, procura o espírito; mas não falem à nossa gente humilde em deixar de batizar o filho pelo sacerdote católico, porque não há quem não se zangue: Meu filho ficar pagão! Deus me defenda!

Joaquim não fazia exceção desta regra e sua mulher, a Engrácia, ainda menos.

Eram casados há quase vinte anos, mas só tinham uma filha, a Clara. O carteiro era pardo claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso.

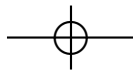


Na tez, a filha puxava o pai; e no cabelo, à mãe. Na estatura, ficara entre os dois. Joaquim era alto, bem alto, acima da média, ombros quadrados; a mãe, não sendo muito baixa, não alcançava a média, possuindo uma fisionomia miúda, mas regular, o que não acontecia com o marido que tinha o nariz grosso, quase chato. A filha, a Clara, tinha ficado em tudo entre os dois; média deles, era bem a filha de ambos. Habituada às musicatas do pai, crescera cheia de vapores das modinhas e enfumagara a sua pequena alma de rapariga pobre com os dengues e a melancolia dos descantes e cantarolas.

Com dezessete anos, tanto o pai como a mãe tinham por ela grandes desvelos e cuidados. Mais depressa ia Engrácia à venda de “seu” Nascimento, buscar isto, ou aquilo, do que ela. Não que a venda de “seu” Nascimento fosse lugar de badernas; ao contrário: as pessoas que lá faziam “ponto” eram de todo o respeito.

O Alípio, uma delas, era um tipo curioso de rapaz, que, conquanto pobre, não deixava de ser respeitador e bem comportado. Tinha um aspecto de galo de briga; entretanto, estava longe de possuir a ferocidade repugnante desses galos malaios de apostas, não possuindo — é preciso saber — nenhuma.

Um outro que aparecia sempre lá era um inglês, Mr. Persons, desenhista de uma grande oficina mecânica das imediações. Quando saía do trabalho, passava na venda, lá se sentava naqueles característicos tamboretos de abrir e fechar, e deixava-se ficar até ao anoitecer bebericando ou lendo os jornais do senhor Nascimento. Silencioso, quase taciturno, pouco conversava e implicava muito com quem o tratava por mister.



Havia lá também o filósofo Meneses, um velho hidrópico⁴, que se tinha na conta de sábio, mas que não passava de um simples dentista clandestino, e dizia tolices sobre todas as cousas. Era um velho branco, simpático, com um todo de imperador romano, barbas alvas e abundantes.

Aparecia, às vezes, o J. Amarante, um poeta, verdadeiramente poeta, que tivera o seu momento de celebridade em todo o Brasil, se ainda não a tem; mas que, naquela época, devido ao álcool e a desgostos íntimos, era uma triste ruína de homem, apesar dos seus dez volumes de versos, dez sucessos, com os quais todos ganharam dinheiro menos ele. Amnésico, semi-imbecilizado, não seguia uma conversa com tino e falava desconexamente. O subúrbio não sabia bem quem ele era; chamava-o muito simplesmente — o poeta.

Um outro frequentador da venda era o velho Valentim, um português dos seus sessenta anos e pouco, que tinha o corpo curvado para diante, devido ao hábito contraído no seu ofício de chacareiro que já devia exercer há mais de quarenta. Contava “casos” e anedotas de sua terra, pontilhando tudo de rifões portugueses do mais saboroso pitoresco.

Apesar de ser assim decente, Clara não ia à venda; mas o pai, em alguns domingos, permitia que fosse com as amigas ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, enquanto ele e alguns amigos ficavam em casa tocando violão, cantando modinhas e bebericando parati.

Pela manhã, logo nas primeiras horas, os companheiros apareciam, tomavam café, iam em seguida para o quintal, para debaixo do tamarineiro, jogar a bisca, com o litro de cachaça ao lado; e aí, sem dar uma vista d’olhos sobre

4. Pessoa que sofre de hidropisia, uma doença que causa inchaço em partes do corpo, devido ao acúmulo de líquidos.



as montanhas circundantes, nuas e empedrouçadas, deixavam-se ficar até à hora do “ajantarado” que a mulher e a filha preparavam.

Só depois deste é que as cantorias começavam. Certo dia, um dos companheiros dominicais do Joaquim pediu-lhe licença para trazer, no dia do aniversário dele, que estava próximo, um rapaz de sua amizade, o Júlio Costa, que era um exímio cantor de modinhas. Acedeu. Veio o dia da festa e o famoso trovador apareceu. Branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo, não tinha as tais melenas denunciadoras, nem outro qualquer traço de capadócio⁵. Vestia-se seriamente com um apuro muito suburbano; sob a tesoura de alfaiate de quarta ordem. A única pelintragem adequada ao seu mister que apresentava consistia em trazer o cabelo repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente pelo meio. Acompanhava-o o violão. A sua entrada foi um sucesso.

Todas as moças das mais diferentes cores que, aí, a pobreza harmonizava e esbatia, logo o admiraram. Nem César Bórgia⁶, entrando mascarado, num baile à fantasia dado por seu pai, no Vaticano, causaria tanta emoção.

Afirmavam umas para as outras:

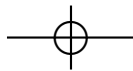
— É ele! É ele, sim!

Os rapazes, porém, não ficaram muito contentes com isto; e, entre eles, puseram-se a contar histórias escabrosas da vida galante do cantor de modinhas.

Apresentado aos donos da casa e à filha, ninguém notou o olhar guloso que deitou para os seios empinados de Clara.

5. Adjetivo que recebiam os rapazes brigões, valentões, conquistadores de mulheres.

6. César Bórgia (1475–1507), filho do Papa Alexandre VI, foi um sacerdote e líder militar dos mais importantes de seu tempo.



O baile começou com a música de um “terno” de flauta, cavaquinho e violão. A polca era a dança preferida e quase todos a dançavam com requebros próprios de samba.

Num intervalo Joaquim convidou:

— Por que não canta, “seu” Júlio?

— Estou sem voz, respondeu ele.

Até ali, ele tinha tomado parte no “remo”; e, repinicando as cordas, não deixava de devorar com os olhos os bamboleios de quadris de Clarinha, quando dançava. Vendo que seu pai convidara o rapaz, animou-se a fazê-lo também:

— Por que não canta, “seu” Júlio? Dizem que o senhor canta tão bem...

Esse — “tão bem” — foi alongado maciamente. O cantor acudiu logo:

— Qual, minha senhora! São bondades dos camaradas...

Concertou a “pastinha” com as duas mãos, enquanto Clara dizia:

— Cante! Vá!

— Já que a senhora manda, disse ele, vou cantar.

Com todo o dengue, agarrou o violão, fez estalar as cordas e anunciou:

— Amor e sonho.

E começou com uma voz muito alta, quase berrando, a modinha, para depois arrastá-la num tom mais baixo, cheio de mágoa e langor, sibilando os “ss”, carregando os “rr” das metáforas horrendas de que estava cheia a cantoria. A cousa era, porém, sincera; e mesmo as comparações estrambóticas levantavam nos singelos cérebros das ouvintes largas perspectivas de sonhos, erguiam desejos, despertavam anseios e visões douradas. Acabou. Os aplausos foram entusiásticos e só Clarinha não aplaudiu, porque, tendo sonhado durante toda a modinha, ficara ainda embevecida quando ela acabou...



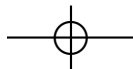
Dias depois, vindo à janela por acaso — era de tarde — sem grande surpresa, como se já o esperasse, Clara recebeu o cumprimento do cantor magoado. Não pôs malícia na cousa, tanto assim que disse candidamente à mãe:

- Mamãe, sabe quem passou aí?
- Quem?
- “Seu” Júlio.
- Que Júlio?
- Aquele que cantou nos “anos” de papai.

A vida da casa, após a festança de aniversário do Joaquim, continuou a ser a mesma. Nos domingos, aquelas partidas de bisca com o Eleutério, servente da biblioteca, e com o Augusto, guarda municipal, acompanhadas de copitos de cachaça, e o violão, à tarde. Não tardou que se viesse agregar um novo comensal: era o Júlio Costa, o famoso modinheiro suburbano, amigo íntimo do Augusto e seu professor de trovas.

Júlio quase nunca jantava, pois tinha sempre convites em todos os quatro pontos cardeais daquelas paragens. Tomava parte nas partidas de bisca, de parceirada, e pouco bebia. Apesar de não demorar-se pela tarde adentro, pôde ir cercando a rapariga, a Clara, cujos seios empinados, volumosos e redondos o fascinavam extraordinariamente e excitavam a sua gula carnal insaciável. Em começo foram só olhares que a moça, com os seus úmidos olhos negros, grandes, quase cobrindo toda a esclerótica, correspondia a furto e com medo; depois, foram pequenas frases, galanteios, trocados às escondidas, para, afinal, vir a fatídica carta.

Ela a recebeu, meteu-a no seio e, ao deitar-se, leu-a, sob a luz da vela, medrosa e palpitante. A carta era a cousa mais fantástica, no que diz respeito à ortografia e à sintaxe, que se pode imaginar; tinha, porém, uma virtude: não era copiada do Secretário dos amantes, era original. Contudo a missiva fez estremecer toda a natureza virgem de Clara



que, com a sua leitura, sentiu haver nela surgido alguma coisa de novo, de estranho, até ali nunca sentida. Dormiu mal. Não sabia bem o que fazer: se responder, se devolver. Viu o olhar severo do pai; as recriminações da mãe. Ela, porém, precisava casar-se. Não havia de ser toda a vida assim como um cão sem dono... Os pais viriam a morrer e ela não podia ficar pelo mundo desamparada... Uma dúvida lhe veio: ele era branco; ela, mulata... Mas que tinha isso? Tinham-se visto tantos casos... Lembrou-se de alguns... Por que não havia de ser? Ele falava com tanta paixão... Ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros estouravam de virgindade e de ansiedade de amar... Responderia; e assim fez, no dia seguinte. As visitas de Costa tomaram-se mais demoradas e as cartas mais constantes. A mãe desconfiou e perguntou à filha:

- Você está namorando “seu” Júlio, Clarinha?
- Eu, mamãe! Nem penso nisso...
- Está, sim! Então não vejo?

A menina pôs-se a chorar; a mãe não falou mais nisso; e Clara, logo que pôde, mandou pelo Aristides, um molecote da vizinhança, uma carta ao modinheiro, relatando o fato.

Júlio morava na estação próxima e a situação de sua família era bem superior à sua namorada. O seu pai tinha um emprego regular na prefeitura e era, em tudo, diferente do filho. Sisudo, grave, sério, ia até a imponência grotesca do bom funcionário; e não seria capaz de admitir que a namorada do filho dançasse na sua sala. Sua mulher não tinha o ar solene do marido, era, porém, relaxada de modos e hábitos. Comia com a mão, andava descalça, catava intrigas e “novidades” da vizinhança; mas tinha, apesar disso, uma pretensão íntima de ser grande coisa, de uma grande família. Além do Júlio, tinha três filhas, uma das quais já era adjunta municipal; e, das outras duas, uma estava na Escola Normal e a mais moça cursava o Instituto de Música.

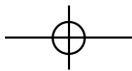


Tiravam muito ao pai, no gênio sobranceiro, no orgulho fofo da família; e tinham ambição de casamentos doutorais. Mercedes, Adelaide e Maria Eugênia, eram esses os nomes, não suportariam de nenhuma forma Clara como cunhada, embora desprezassem soberbamente o irmão pelos seus maus costumes, pelo seu violão, pelos seus plebeus galos de briga e pela sua ignorância crassa.

Pequeno-burguesas, sem nenhuma fortuna, mas, devido à situação do pai e a terem frequentado escolas de certa importância, elas não admitiriam, para Clara, senão um destino: o de criada de servir.

Entretanto, Clara era doce e meiga; inocente e boa, podia-se dizer que era muito superior ao irmão delas pelo sentimento, ficando talvez acima dele pela instrução, conquanto fosse rudimentar, como não podia deixar de ser, dada a sua condição de rapariga pobríssima. Júlio era quase analfabeto e não tinha poder de atenção suficiente para ler o trecho de uma fita de cinematógrafo⁷. Muito estúpido, a sua vida mental se cifrava na composição de modinhas

7. Nessa época, o cinema estava apenas começando a se desenvolver. Nas salas de cinema as imagens eram projetadas por um aparelho chamado “cinematógrafo” e os filmes, na linguagem popular, eram chamados de “fitas”, por conta das imagens ficarem registradas em rolos ou películas, formados por um material à base de tricetato de plástico, flexível e transparente. Nos jornais era comum aparecerem anúncios do tipo “uma fita extraordinária”, para fazer alusão a algum filme. Com tempo, o termo “fita” passou a fazer parte da linguagem metafórica, servindo de alusão a determinadas situações complicadas ou até mesmo a escândalos que surgiam nos jornais. Expressões do tipo “houve uma *fita* extraordinária na sessão da Câmara dos Deputados”, eram correntes na imprensa da época. Hoje em dia, o termo “fita” é utilizado e conhecido como uma “gíria”. Está muito presente nas letras de rap, como, por exemplo, no rap “Eu sou 157” dos Racionais MC’s, onde ouvimos uma parte que diz “Não vou te por em *fita* podre, aliado, a cena é essa, oh: fica ligado...”.



delambidas, recheadas das mais estranhas imagens que a sua imaginação erótica, sufocada pelas conveniências, criava, tendo sempre perante seus olhos o ato sexual.

Mais de uma vez, ele se vira a braços com a polícia por causa de defloração e seduções de menores.

O pai, desde a segunda, recusara intervir; mas a mãe, dona Inês, a custo de rogos, de choro, de apelo — para a pureza de sangue da família, conseguira que o marido, o capitão Bandeira, procurasse influenciar, a fim de evitar que o filho casasse com uma negrinha de dezesseis anos, a quem o Júlio “tinha feito mal”.

Apesar de não ser totalmente má, os seus preconceitos junto à estreiteza da sua inteligência não permitiram ao seu coração que agasalhasse ou protegesse o seu infeliz neto. Sem nenhum remorso, deixou-o por aí, à toa, pelo mundo...

O pai, desgostoso com o filho, largara-o de mão; e quase não se viam. Júlio vivia no porão da casa ou nos fundos da chácara onde tinha gaiolas de galos de briga, o bicho mais hediondo, mais repugnantemente feroz que é dado a olhos humanos ver. Era a sua indústria e o seu comércio, esse negócio de galos e as suas brigas em rinhadeiros. Barganhava-os, vendia-os, chocava as galinhas, apostava nas rinhas; e com o resultado disso e com alguns cobres que a mãe lhe dava, vivia e obtinha dinheiro para vestir-se. Era o tipo completo do vagabundo doméstico, como há milhares nos subúrbios e em outros bairros do Rio de Janeiro.

A mãe, sempre temendo que se repetissem os seus ajustes de contas com a polícia, esforçava-se sempre por estar ao corrente dos seus amores. Veio a saber do seu último com a Clara e repreendeu-o nos termos mais desabridos. Ouviu-a o filho respeitosamente, sem dizer uma palavra; mas, julgou da boa política relatar, a seu modo, por carta, tudo à namorada. Assim escreveu: “Queridinha confesso-te que ontem quando recebi a tua carta minha mãe viu e fiquei



tão louco que confessei tudo a mamãe que lhe amava muito e fazia por você as maiores violências, ficaram todos contra mim é a razão porque previno-te que não ligués ao que lhe disserem, por isso peço-te que preze bem o meu sofrimento. Pense bem e veja se estás resolvida a fazer o que lhe pedi na última cartinha. Saudades e mais saudades deste infeliz que tanto lhe adora e não é correspondido. O teu Júlio”.

Clara já estava habituada com a redação e ortografia do seu namorado, mas, apesar de escrever muito melhor, a sua instrução era insuficiente para desprezar um galanteador tão analfabeto. Ainda por cima, a sua fascinação pelo modineiro e a sua obsessão pelo casamento lhe tiravam toda a capacidade crítica que pudesse ter. A carta produziu o efeito esperado por Júlio. Choro, palpitações, anseios vagos, esperanças nevoentas, vislumbres de céus desconhecidos e encantados — tudo isso aquela carta lhe trouxe, além do halo de dedicação e amor por ela com que Clara fez resplandecer, na imaginação, as pastinhas do violeiro. Daí a dias, fez o prometido, isto é, deixou a janela do quarto aberta para que ele entrasse no aposento. Repetiu a façanha quase todas as noites seguidas, sem que ele se demorasse muito no quarto.

Nos domingos, aparecia, cantava e semelhava que entre ambos não havia nada. Um belo dia, Clara sentiu alguma coisa de estranho no ventre. Comunicou ao namorado. Qual! Não era nada, disse ele. Era, sim; era o filho. Ela chorou, ele acalmou-a, prometendo casamento. O ventre crescia, crescia...

O cantador de modinhas foi fugindo, deixou de aparecer a miúdo; e Clara chorava. Ainda não lhe tinham percebido a gravidez. A mãe, porém, com auxílio de certas intimidades próprias de mãe para filha, desconfiou e pô-la em confissão. Clara não pôde esconder, disse tudo; e aquelas duas humildes mulheres choraram abraçadas diante do irremediável... A filha teve uma ideia:



— Mamãe, antes da senhora dizer a papai, deixa-me ir até à casa dele, para falar com a sua mãe?

A velha meditou e aceitou o alvitre:

— Vai!

Clara vestiu-se rapidamente e foi. Recebida com alterneria por uma das filhas, disse que queria falar à mãe de Júlio. Recebeu-a esta ríspidamente; mas a rapariga, com toda a coragem e com sangue-frio difícil de crer, confessou-lhe tudo, o seu erro e a sua desdita.

— Mas o que é que você quer que eu faça?

— Que ele se case comigo, fez Clara num só hausto.

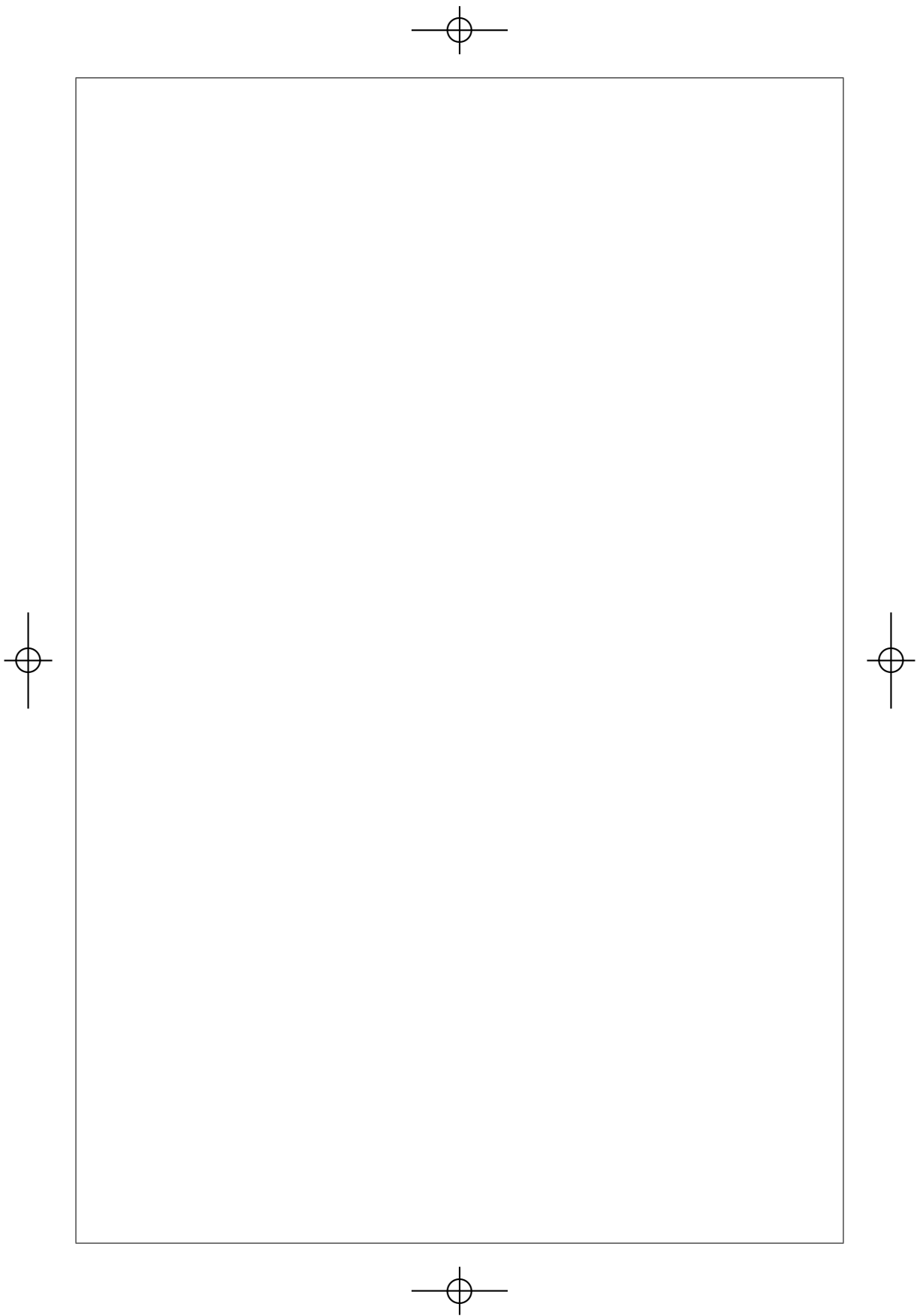
— Ora, esta! Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da laia de você! Ele não amarrou você, ele não amordaçou você... Vá-se embora, rapariga! Ora já se viu! Vá!

Clara saiu sem dizer nada, reprimindo as lágrimas, para que na rua não lhe descobrissem a vergonha. Então, ela? Então ela não se podia casar com aquele calaceiro, sem nenhum título, sem nenhuma qualidade superior? Por quê?

Viu bem a sua condição na sociedade, o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar a cousa mais simples a que todas as moças aspiram. Para que seriam aqueles cuidados todos de seus pais? Foram inúteis e contraproducentes, pois evitaram que ela conhecesse bem justamente a sua condição e os limites das suas aspirações sentimentais... Voltou para casa depressa. Chegou; o pai ainda não viera.

Foi ao encontro da mãe. Não lhe disse nada; abraçou-a chorando. A mãe também chorou e, quando Clara parou de chorar, entre soluços, disse:

— Mamãe, eu não sou nada nesta vida.



O Filho de Gabriela*

A Antônio Noronha Santos

*Chaque progrès, au fond, est un avortement
Mais l'échec même sert.*¹

GUYAU²

– Absolutamente não pode continuar assim... Já passa... É todo o dia! Arre!

– Mas é meu filho, minh'ama.

– E que tem isso? Os filhos de vocês agora têm tanto luxo. Antigamente, criavam-se à toa; hoje, é um deus nos acuda; exigem cuidados, têm moléstias... Fique sabendo: não pode ir amanhã!

– Ele vai melhorando, Dona Laura; e o doutor disse que não deixasse de levá-lo lá, amanhã...

– Não pode, não pode, já lhe disse! O conselheiro precisa chegar cedo à escola; há exames e tem que almoçar cedo... Não vai, não senhora! A gente tem criados pra que? Não vai, não!

– Vou, e vou sim!... Que bobagem!... Quer matar o pequeno, não é? Pois sim... Está-se “ninando”...

– O que é que você disse, hein?

*. Publicado junto à primeira edição de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em 1915.

2. Sobre o filósofo Guyau, ver nota 10.

2. Frase francesa que significa: “Qualquer progresso, no fundo, é um fracasso. Mas o fracasso em si é proveitoso”.



— É isso mesmo: vou e vou!

— Atrevida.

— Atrevida é você, sua... Pensa que não sei...

Em seguida as duas mulheres se puseram caladas durante um instante: a patroa — uma alta senhora, ainda moça, de uma beleza suave e marmórea — com os lábios finos muito descorados e entreabertos, deixando ver os dentes aperolados, muito iguais, cerrados de cólera; a criada agitada, transformada, com faíscas desusadas nos olhos pardos e tristes. A patroa não se demorou assim muito tempo. Violentemente contraída naquele segundo a sua fisionomia repentinamente se abriu num choro convulsivo.

A injúria da criada, decepções matrimoniais, amarguras do seu ideal amoroso, fatalidades de temperamento, todo aquele obscuro drama de sua alma, feito de uma porção de coisas que não chegava bem a colher, mas nas malhas das quais se sentia presa e sacudida, subiu-lhe de repente à consciência, e ela chorou.

Na sua simplicidade popular, a criada também se pôs a chorar, enternecida pelo sofrimento que ela mesma provocara na ama.

E ambas, pelo fim dessa transfiguração inopinada, entreolharam-se surpreendidas, pensando que se acabavam de conhecer naquele instante, tendo até ali vagas notícias uma da outra, como se vivessem longe, tão longe, que só agora haviam distinguido bem nitidamente o tom de voz próprio a cada uma delas.

No entendimento peculiar de uma e de outra, sentiram-se irmãs na desoladora mesquinhez da nossa natureza e iguais, como frágeis consequências de um misterioso encadear de acontecimentos, cuja ligação e fim lhes escapavam completamente, inteiramente...

A dona da casa, à cabeceira da mesa de jantar, manteve-se silenciosa, correndo, de quando em quando, o olhar



ainda úmido pelas ramagens do atalhado, indo, às vezes, com ele até à bandeira da porta defronte, donde pendia a gaiola do canário, que se sacudia na prisão niquelada.

De pé, a criada avançou algumas palavras. Desculpou-se inábil e despediu-se humilde.

— Deixe-se disso, Gabriela, disse Dona Laura. Já passou tudo; eu não guardo rancor; fique! Leve o pequeno amanhã... Que vai você fazer por esse mundo afora?

— Não senhora... Não posso... É que...

E de um hausto falou com tremuras na voz:

— Não posso, não minh'ama; vou-me embora!

Durante um mês, Gabriela andou de bairro em bairro, à procura de aluguel. Pedia lessem-lhe anúncios, corria, seguindo as indicações, a casas de gente de toda a espécie. Sabe cozinhar? perguntavam. — Sim, senhora, o trivial. — Bem, e lavar? Serve de ama? — Sim, senhora; mas se fizer uma coisa, não quero fazer outra. — Então, não me serve, concluía a dona da casa. É um luxo... Depois queixam-se que não têm aonde se empreguem...

Procurava outras casas; mas nesta já estavam servidas, naquela o salário era pequeno e naquela outra queriam que dormisse em casa e não trouxesse o filho.

A criança, durante esse mês, viveu relegada a um canto da casa de uma conhecida da mãe. Um pobre quarto de estalagem, úmido que nem uma masmorra. De manhã, via a mãe sair; à tarde, quase à boca da noite, via-a entrar desconfortada. Pelo dia em fora, ficava num abandono de enternecer. A hóspede, de longe em longe, olhava-o cheia de raiva. Se chorava aplicava-lhe palmadas e gritava colérica: “Arre diabo! A vagabunda de tua mãe anda saracoteando... Cala a boca, demônio! Quem te fez, que te ature...”

Aos poucos, a criança torrou-se de medo; nada pedia, sofria fome, sede, calado. Enlanguescia a olhos vistos e sua mãe, na caça de aluguel, não tinha tempo para levá-lo ao



doutor do posto médico. Baço, amarelado, tinha as pernas que nem palitos e o ventre como o de um batráquio. A mãe notava-lhe o enfraquecimento, os progressos da moléstia e desesperava, não sabendo que alvitre tomar. Um dia pelos outros, chegava em casa semiembriagada, escorraçando o filho e trazendo algum dinheiro. Não confessava a ninguém a origem dele; em outros mal entrava, beijava muito o pequeno, abraçava-o. E assim corria a cidade. Numa destas correrias passou pela porta do conselheiro, que era o marido de Dona Laura. Estava no portão, a lavadeira, parou e falou-lhe; nisto, viu aparecer a sua antiga patroa numa janela lateral. “– Bom dia minh’ama,” – “Bom dia, Gabriela. Entre.” Entrou. A esposa do conselheiro perguntou-lhe se já tinha emprego; respondeu-lhe que não. “Pois olha, disse-lhe a senhora, eu ainda não arranjei cozinheira, se tu queres...”

Gabriela quis recusar, mas Dona Laura insistiu.

Entre elas, parecia que havia agora certo acordo íntimo, um quê de mútua proteção e simpatia. Uma tarde em que Dona Laura voltava da cidade, o filho da Gabriela, que estava no portão, correu imediatamente para a moça e disse-lhe, estendendo a mão: “a bênção”. Havia tanta tristeza no seu gesto, tanta simpatia e sofrimento, que aquela alta senhora não lhe pôde negar a esmola de um afago, de uma carícia sincera. Nesse dia, a cozinheira notou que ela estava triste e, no dia seguinte, não foi sem surpresa que Gabriela se ouviu chamar.

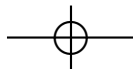
– O Gabriela!

– Minh’ama.

– Vem cá.

Gabriela concertou-se um pouco e correu à sala de jantar, onde estava a ama.

– Já batizaste o teu pequeno? perguntou-lhe ela ao entrar.



- Ainda não.
- Por quê? Com quatro anos!
- Por quê? Porque ainda não houve ocasião...
- Já tens padrinhos?
- Não, senhora.
- Bem; eu e o conselheiro vamos batizá-lo. Aceitas?

Gabriela não sabia como responder, balbuciou alguns agradecimentos e voltou ao fogão com lágrimas nos olhos.

O conselheiro condescendeu e cuidadosamente começou a procurar um nome adequado. Pensou em Huáscar, Ataliba, Guatemozim; consultou dicionários, procurou nomes históricos, afinal resolveu-se por “Horácio”, sem saber por quê.

Assim se chamou e cresceu. Conquanto tivesse recebido um tratamento médico regular e a sua vida na casa do conselheiro fosse relativamente confortável, o pequeno Horácio não perdeu nem a reserva nem o enfezado dos seus primeiros anos de vida. À proporção que crescia, os traços se desenhavam, alguns finos: o corte da testa, límpida e reta; o olhar doce e triste, como o da mãe, onde havia, porém, alguma coisa a mais — um fulgor, certas expressões particulares, principalmente quando calado e concentrado. Não obstante, era feio, embora simpático e bom de ver.

Pelos seis anos, mostrava-se taciturno, reservado e tímido, olhando interrogativamente as pessoas e coisas, sem articular uma pergunta. Lá vinha um dia, porém, que o Horácio rompia numa alegria ruidosa; punha-se a correr, a brincar, a cantarolar, pela casa toda, indo do quintal para as salas, satisfeito, contente, sem motivo e sem causa.

A madrinha espantava-se com esses bruscos saltos de humor, queria entendê-los, explicá-los e começou por se interessar pelos seus trejeitos. Um dia, vendo o afilhado a cantar, a brincar, muito contente, depois de uma porção de horas de silêncio e calma, correu ao piano e acompanhou-lhe

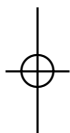


a cantiga, depois, emendou com uma ária qualquer. O menino calou-se, sentou-se no chão e pôs-se a olhar, com olhos tranquilos e calmos, a madrinha, inteiramente delido nos sons que saíam dos seus dedos. E quando o piano parou, ele ainda ficou algum tempo esquecido naquela postura, com o olhar perdido numa cisma sem fim. A atitude imaterial do menino tocou a madrinha, que o tomou ao colo, abraçando-o e beijando-o, num afluxo de ternura, a que não eram estranhos os desastres de sua vida sentimental.

Pouco depois a mãe lhe morria. Até então vivia numa semidomesticidade. Daí em diante, porém, entrou completamente na família do Conselheiro Calaça. Isso, entretanto, não lhe retirou a taciturnidade e a reserva; ao contrário, fechou-se em si e nunca mais teve crises de alegria.

Com sua mãe ainda tinha abandonos de amizade, efusões de carícias e abraços. Morta que ela foi, não encontrou naquele mundo tão diferente, pessoa a quem se pudesse abandonar completamente, embora pela madrinha continuasse a manter uma respeitosa e distante amizade, raramente aproximada por uma carícia, por um afago. Ia para o colégio calado, taciturno, quase carrancudo, e, se, pelo recreio, o contágio obrigava-o a entregar-se à alegria e aos folguedos, bem cedo se arrependia, encolhia-se e sentava-se, vexado, a um canto. Voltava do colégio como fora, sem brincar pelas ruas, sem traquinadas, severo e insensível. Tendo uma vez brigado com um colega, a professora o repreendeu severamente, mas o conselheiro, seu padrinho, ao saber do caso, disse com rispidez: “Não continue, hein? O senhor não pode brigar — está ouvindo?”

E era assim sempre o seu padrinho, duro, desdenhoso, severo em demasia com o pequeno, de quem não gostava, suportando-o unicamente em atenção à mulher — malquices da Laura, dizia ele. Por vontade dele, tinha-o posto logo num asilo de menores, ao morrer-lhe a mãe; mas a



madrinha não quis e chegou até a conseguir que o marido o colocasse num estabelecimento oficial de instrução secundária, quando acabou com brilho o curso primário.

Não foi sem resistência que ele acedeu, mas os rogos da mulher, que agora juntava à afeição pelo pequeno uma secreta esperança no seu talento, tanto fizeram que o conselheiro se empenhou e obteve.

Em começo, aquela adoção fora um simples capricho de Dona Laura; mas, com o tempo, os seus sentimentos pelo menino foram ganhando importância e ficando profundos, embora exteriormente o tratasse com um pouco de cerimônia.

Havia nela mais medo da opinião, das sentenças do conselheiro, do que mesmo necessidade de disfarçar o que realmente sentia, e pensava.

Quem a conheceu solteira, muito bonita, não a julgaria capaz de tal afeição; mas, casada, sem filhos, não encontrando no casamento nada que sonhara, nem mesmo o marido, sentiu o vazio da existência, a inanidade dos seus sonhos, o pouco alcance da nossa vontade; e, por uma reviravolta muito comum, começou a compreender confusamente todas as vidas e almas, a compadecer-se e a amar tudo, sem amar bem coisa alguma. Era uma parada de sentimento e a corrente que se acumulava nela, perdendo-se do seu leito natural, extravasava e inundava tudo.

Tinha um amante e já tivera outros, mas não era bem a parte mística do amor que procurava neles. Essa, ela tinha certeza que jamais podia encontrar; era a parte dos sentidos tão exuberantes e exaltados depois das suas contrariedades morais.

Pelo tempo em que o seu afilhado entrara para o colégio secundário, o amante rompera com ela; e isto a fazia sofrer, tinha medo de não possuir mais beleza suficiente para ar-



ranjar um outro como “aquele”. E a esse desastre sentimental não foi estranha a energia dos seus rogos junto ao marido para admissão do Horácio no estabelecimento oficial.

O conselheiro, homem de mais de sessenta anos, continuava superiormente frio, egoísta e fechado, sonhando sempre uma posição mais alta ou que julgava mais alta. Casara-se por necessidade decorativa. Um homem de sua posição não podia continuar viúvo; atiraram-lhe aquela menina pelos olhos, ela o aceitou por ambição e ele por conveniência. No mais, lia os jornais, o câmbio especialmente, e, de manhã passava os olhos nas apostilas de sua cadeira — apostilas por ele organizadas, há quase trinta anos, quando dera as suas primeiras lições, moço, de vinte e cinco anos, genial nas aprovações e nos prêmios.

Horácio, toda a manhã, ao sair para o colégio, lá avisava o padrinho atarraxado na cadeira de balanço a ler atentamente o jornal: “A bênção, meu padrinho!” — “Deus te abençoe”, dizia ele, sem menear a cabeça do espaldar e no mesmo tom de voz com que pediria os chinelos à criada.

Em geral, a madrinha estava deitada ainda e o menino saía para o ambiente ingrato da escola, sem um adeus, sem dar um beijo, sem ter quem lhe reparasse familiarmente o paletó. Lá ia. A viagem de bonde, ele a fazia humilde, espremido a um canto do veículo, medroso que seu paletó roçasse as sedas de uma rechonchuda senhora ou que seus livros tocassem nas calças de um esquelético capitão de uma milícia qualquer. Pelo caminho, arquitetava fantasias; seu espírito divagava sem nexos. À passagem de um oficial a cavalo, imaginava-se na guerra, feito general, voltando vencedor, vitorioso de ingleses, de alemães, de americanos e entrando pela Rua do Ouvidor aclamado como nunca se fora aqui. Na sua cabeça ainda infantil, em que a fraqueza de afetos próximos concentrava o pensamento, a imaginação palpitava, ti-



nha uma grande atividade, criando toda a espécie de fantasmagorias que lhe apareciam como fatos possíveis, virtuais.

Eram-lhe as horas de aula um bem triste momento. Não que fosse vadio, estudava o seu bocado, mas o espetáculo do saber, por um lado grandioso e apoteótico, pela boca dos professores, chegava-lhe tisonado e um quê desarticulado. Não conseguia ligar bem umas coisas às outras, além do que tudo aquilo lhe aparecia solene, carrancudo e feroz. Um teorema tinha o ar autoritário de um régulo selvagem; e aquela gramática cheia de regrinhas, de exceções, uma coisa cabalística, caprichosa e sem aplicação útil.

O mundo parecia-lhe uma coisa dura, cheia de arestas cortantes, governado por uma porção de regrinhas de três linhas, cujo segredo e aplicação estavam entregues a uma casta de senhores, tratáveis uns, secos outros, mas todos velhos e indiferentes.

Aos seus exames ninguém assistia, nem por eles alguém se interessava; contudo, foi sempre regularmente aprovado.

Quando voltava do colégio, procurava a madrinha e contava-lhe o que se dera nas aulas. Narrava-lhe pequenas particularidades do dia, as notas que obtivera e as travessuras dos colegas.

Uma tarde, quando isso ia fazer, encontrou Dona Laura atendendo a uma visita. Vendo-o entrar e falar à dona da casa, tomando-lhe a bênção, a senhora estranha perguntou: “Quem é este pequeno?” — “E meu afilhado”, disse-lhe Dona Laura. “Teu afilhado? Ahn! sim! É o filho da Gabriela...”

Horácio ainda esteve um instante calado, estatelado e depois chorou nervosamente.

Quando se retirou observou a visita à madrinha:

— Você está criando mal esta criança. Faz-lhe muitos mimos, está lhe dando nervos...

— Não faz mal. Podem levá-lo longe.

E assim corria a vida do menino em casa do conselheiro.

Um domingo ou outro, só ou com um companheiro, vagava pelas praias, pelos bondes ou pelos jardins. O Jardim Botânico era-lhe preferido. Ele e o seu constante amigo Salvador sentavam-se a um banco, conversavam sobre os estudos comuns, maldiziam este ou aquele professor. Por fim, a conversa vinha a enfraquecer; os dois se calavam instantes. Horácio deixava-se penetrar pela flutuante poesia das coisas, das árvores, dos céus, das nuvens; acariciava com o olhar as angustiadas colunas das montanhas, sympathizava com o arremesso dos píncaros, depois deixava-se ficar, ao chilreio do passaredo, cismando vazio, sem que a cisma lhe fizesse ver coisa definida, palpável pela inteligência. Ao fim, sentia-se como que liquefeito, vaporizado nas coisas era como se perdesse o feitio humano e se integrasse naquele verde escuro da mata ou naquela mancha faiscante de prata que a água a correr deixava na encosta da montanha. Com que volúpia, em tais momentos, ele se via dissolvido na natureza, em estado de fragmentos, em átomos, sem sofrimento, sem pensamento, sem dor! Depois de ter ido ao indefinido, apavorava-se com o aniquilamento e voltava a si, aos seus desejos, às suas preocupações com pressa e medo. — Salvador, de que gostas mais, do inglês ou francês? — Eu do francês; e tu? — Do inglês. — Por quê? Porque pouca gente o sabe.

A confiança saía-lhe a contragosto, era dita sem querer. Temeu que o amigo o supusesse vaidoso. Não era bem esse sentimento que o animava; era uma vontade de distinção, de reforçar a sua individualidade, que ele sentia muito diminuída pelas circunstâncias ambientes. O amigo não entrava na natureza do seu sentimento e despreocupadamente perguntou: — Horácio, já assististe uma festa de São João? — Nunca. — Queres assistir uma? — Quero, onde? — Na ilha, em casa de meu tio.

Pela época, a madrinha consentiu. Era um espetáculo novo; era um outro mundo que se abria aos seus olhos. Aquelas longas curvas das praias, que perspectivas novas não abriam em seu espírito! Ele se ia todo nas cristas brancas das ondas e nos largos horizontes que descortinava.

Em chegando a noite, afastou-se da sala. Não entendia aqueles folguedos, aquele dançar sófrego, sem pausa, sem alegria, como se fosse um castigo. Sentado a um banco do lado de fora, pôs-se a apreciar a noite, isolado, oculto, fugido, solitário, que se sentia ser no ruído da vida. Do seu canto escuro, via tudo mergulhado numa vaga semiluz. No céu negro, a luz pálida das estrelas; na cidade defronte, o revérbero da iluminação; luz, na fogueira votiva, nos balões ao alto, nos foguetes que espoucavam, nos fogaréus das proximidades e das distâncias — luzes contínuas, instantâneas, pálidas, fortes; e todas no conjunto pareciam representar um esforço enorme para espancar as trevas daquela noite de mistérios.

No seio daquela bruma iluminada, as formas das árvores boiavam como espectros; o murmúrio do mar tinha alguma coisa de penalizado diante do esforço dos homens e dos astros para clarear as trevas. Havia naquele instante, em todas as almas, um louco desejo de decifrar o mistério que nos cerca; e as fantasias trabalhavam para idear meios que nos fizessem comunicar com o Ignorado, com o Invisível. Pelos cantos sombrios da chácara pessoas deslizavam. Iam ao poço ver a sombra — sinal de que viveriam o ano; iam disputar galhos de arruda ao diabo; pelas janelas, deixavam copos com ovos partidos para que o sereno, no dia seguinte, trouxesse as mensagens do Futuro.

O menino, sentindo-se arrastado por aquele frêmito de augúrio e feitiçaria, percebeu bem como vivia envolvido, mergulhado, no indistinto, no indecifrável; e uma onda de pavor, imensa e aterradora, cobriu-lhe o sentimento.

Dolorosos foram os dias que se seguiram. O espírito sacolejou-lhe o corpo violentamente. Com afinho estudava, lia os compêndios; mas não compreendia, nada retinha. O seu entendimento como que vazava. Voltava, lia, lia e lia e, em seguida, virava as folhas sofregamente, nervosamente, como se quisesse descobrir debaixo delas um outro mundo cheio de bondade e satisfação. Horas havia que ele desejava abandonar aqueles livros, aquela lenta aquisição de noções e ideias, reduzir-se e anular-se; horas havia, porém, que um desejo ardente lhe vinha de saturar-se de saber, de absorver todo o conjunto das ciências e das artes. Ia de um sentimento para outro; e foi vã a agitação. Não encontrava solução, saída; a desordem das ideias e a incoerência das sensações não lhe podiam dar uma e cavavam-lhe a saúde. Tornou-se mais flébil, fatigava-se facilmente. Amanhecia cansado de dormir e dormia cansado de estar em vigília. Vivia irritado, raivoso, não sabia contra quem.

Certa manhã, ao entrar na sala de jantar, deu com o padrinho a ler os jornais, segundo o seu hábito querido.

— Horácio, você passe na casa do Guedes e traga-me a roupa que mandei consertar.

— Mande outra pessoa buscar.

— O que?

— Não trago.

— Ingrato! Era de esperar...

E o menino ficou admirado diante de si mesmo, daquela saída de sua habitual timidez.

Não sabia onde tinha ido buscar aquele desaforo imerecido, aquela tola má-criação; saiu-lhe como uma coisa soprada por outro e que ele unicamente pronunciasse.

A madrinha interveio, aplainou as dificuldades; e, com a agilidade de espírito peculiar ao sexo, compreendeu o estado d'alma do rapaz. Reconstituiu-o com os gestos, com os olhares, com as meias palavras, que percebera em tempos

diversos e cuja significação lhe escapara no momento, mas que aquele ato, desusadamente brusco e violento, aclarava por completo. Viu-lhe o sofrimento de viver à parte, a transplantação violenta, a falta de simpatia, o princípio de ruptura que existia em sua alma, e que o fazia passar aos extremos das sensações e dos atos.

Disse-lhe coisas doces, ralhou-o, aconselhou-o, aceitou-lhe com a fortuna, a glória e o nome.

Foi Horácio para o colégio abatido, preso de um estranho sentimento de repulsa, de nojo por si mesmo. Fora ingrato, de fato; era um monstro. Os padrinhos lhe tinham dado tudo, educado, instruído. Fora sem querer, fora sem pensar; e sentia bem que a sua reflexão não entrara em nada naquela resposta que dera ao padrinho. Em todo o caso, as palavras foram suas, foram ditas com sua voz e a sua boca, e se lhe nasceram do íntimo sem a colaboração da inteligência, devia acusar-se de ser fundamentalmente mau...

Pela segunda aula, pediu licença. Sentia-se doente, doía-lhe a cabeça e parecia que lhe passavam um archote fumegante pelo rosto.

— Já, Horácio? perguntou-lhe a madrinha, vendo-o entrar.

— Estou doente.

E dirigiu-se para o quarto. A madrinha seguiu-o. Chegado que foi, atirou-se à cama, ainda meio-vestido.

— Que é que você tem, meu filho?

— Dores de cabeça... um calor...

A madrinha tomou-lhe o pulso, assentou as costas da mão na testa e disse-lhe ainda algumas palavras de consolação: que aquilo não era nada; que o padrinho não lhe tinha rancor; que sossegasse.

O rapaz, deitado, com os olhos semicerrados, parecia não ouvir; voltava-se de um lado para outro; passava a mão pelo rosto, arquejava e debatia-se. Um instante pareceu

sossegar; ergueu-se sobre o travesseiro e chegou a mão aos olhos, no gesto de quem quer avistar alguma coisa ao longe. A estranheza do gesto assustou a madrinha.

— Horácio!... Horácio!...

— Estou dividido... Não sei sangue...

— Horácio, Horácio, meu filho!

— Faz sol... Que sol!... Queima... Árvores enormes... Elefantes...

— Horácio, que é isso? Olha; é tua madrinha!

— Homens negros... fogueiras... Um se estorce... Chi! Que coisa!... O meu pedaço dança...

— Horácio! Genoveva, traga água de flor... Depressa, um médico... Vá chamar, Genoveva!

— Já não é o mesmo... é outro... lugar, mudou... uma casinha branca... carros de bois... nozes... figos... lenços...

— Acalma-te, meu filho!

— Ué! Chi! Os dois brigam...

Daí em diante a prostração tomou-o inteiramente. As últimas palavras não saíam perfeitamente articuladas. Pareceu sossegar. O médico entrou, tomou a temperatura, examinou-o e disse com a máxima segurança:

— Não se assuste, minha senhora. É delírio febril, simplesmente. Dê-lhe o purgante, depois as cápsulas, que, em breve, estará bom.

O Pecado*

Quando naquele dia São Pedro despertou, despertou risonho e de bom humor. E, terminados os cuidados higiênicos da manhã, ele se foi à competente repartição celestial buscar ordens do Supremo e saber que almas chegariam na próxima leva.

Em uma mesa longa, larga e baixa, um grande livro aberto se estendia e debruçado sobre ele, todo entregue ao serviço, um guarda-livros punha em dia a escrituração das almas, de acordo com as mortes que Anjos mensageiros e noticiosos traziam de toda a extensão da terra. Da pena do encarregado celeste escorriam grossas letras, e de quando em quando ele mudava a caneta para melhor talhar um outro caráter caligráfico.

Assim, páginas ia ele enchendo, enfeitadas, iluminadas em os mais preciosos tipos de letras. Havia, no emprego de cada um deles, uma certa razão de ser e entre si guardavam tão feliz disposição que encantava o ver uma página escrita do livro. O nome era escrito em bastardo, letra forte e larga; a filiação em gótico, tinha um ar religioso, antigo, as faltas, em bastardo e as qualidades em ronde arabescado¹.

*. Publicado na edição de agosto de 1924 da *Revista Souza Cruz*.

1. *Bastardo*, *gótico* e *ronde* eram tipos de letras utilizadas pelos escrivães e monges copistas medievais, algo que conhecemos hoje como “fontes”, disponíveis nos editores de texto dos computadores e celulares.



Ao entrar São Pedro, o escriturário do Eterno voltou-se, saudou-o e, à reclamação da lista d'almas pelo Santo, ele respondeu com algum enfado (enfado do ofício) que viesse à tarde buscá-la.

Aí pela tardinha, ao findar a escrita, o funcionário celeste (um velho jesuíta encanecido no tráfico de açúcar da América do Sul) tirava uma lista explicativa e entregava a São Pedro a fim de se preparar convenientemente para receber os ex-vivos no dia seguinte.

Dessa vez ao contrário de todo o sempre, São Pedro, antes de sair, leu de antemão a lista; e essa sua leitura foi útil, pois que se a não fizesse talvez, dali em diante, para o resto das idades — quem sabe? — o Céu ficasse de todo estragado. Leu São Pedro a relação: havia muitas almas, muitas mesmo, delas todas, à vista das explicações apensas, uma lhe assanhou o espanto e a estranheza. Leu novamente. Vinha assim:

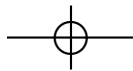
P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... Carregador, quarenta e oito anos. Casado. Casto. Honesto. Caridoso. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. E um justo.

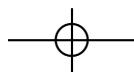
Deveras, pensou o Santo Porteiro, é uma alma excepcional; com tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, *per saecula saeculorum*², gozando a glória perene de quem foi tantas vezes Santo...

— E por que não ia? deu-lhe vontade de perguntar ao seráfico burocrata.

— Não sei, retrucou-lhe este. Você sabe, acrescentou, sou mandado...

2. Frase escrita em latim, que significa “pelos séculos dos séculos”.





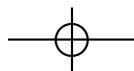
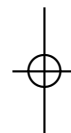
— Veja bem nos assentamentos. Não vá ter você se enganado. Procure, retrucou por sua vez o velho pescador canonizado.

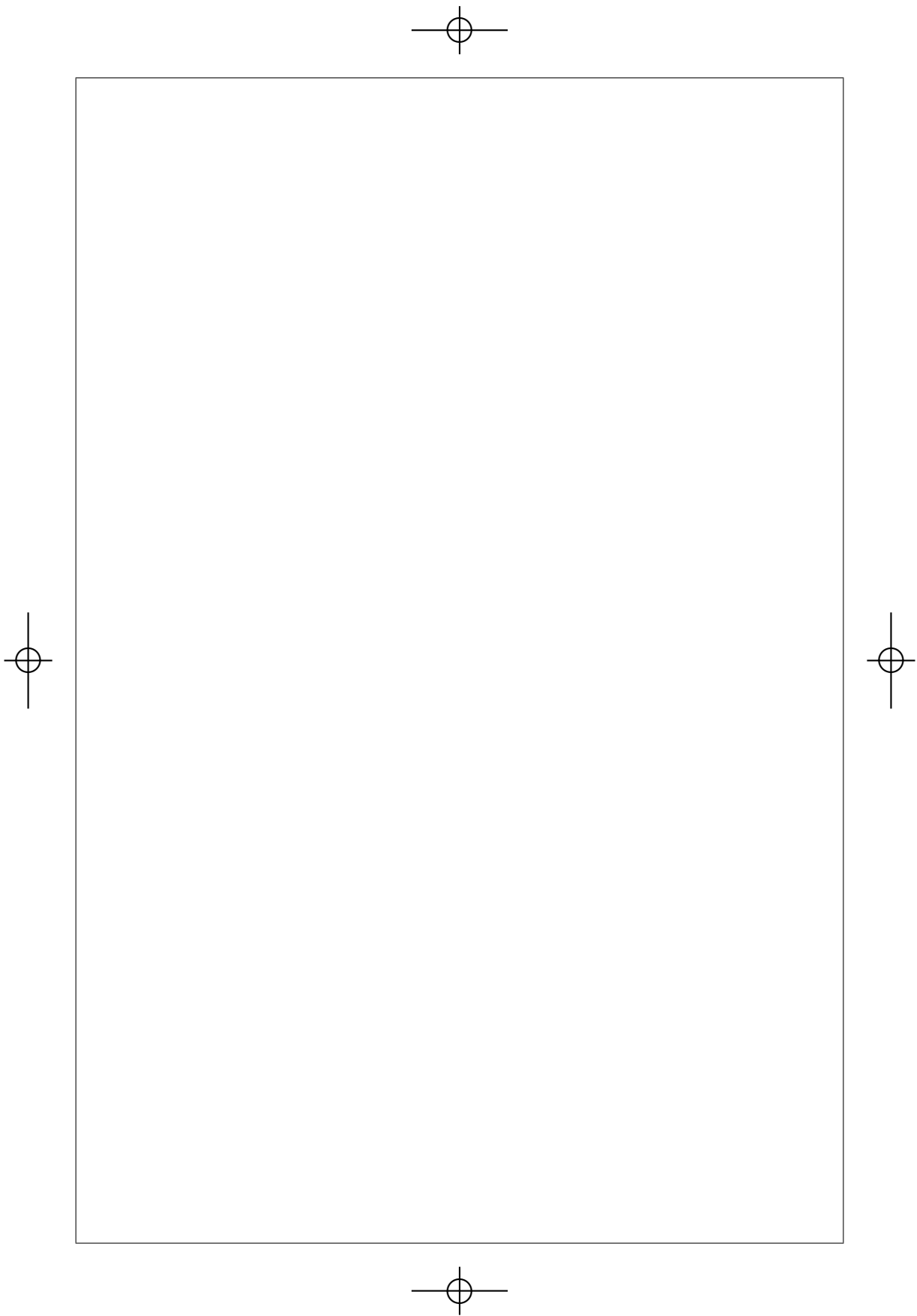
Acompanhado de dolorosos rangidos da mesa, o guarda-livros foi folheando o enorme Registro até encontrar a página própria, onde com certo esforço achou a linha adequada e com o dedo afinal apontou o assentamento e leu alto:

— P. L. C., filho de... neto de... bisneto de... Carregador. Quarenta e oito anos. Casado. Honesto. Caridoso. Leal. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. E um justo.

Levando o dedo pela pauta horizontal e nas “Observações”, deparou qualquer coisa que o fez dizer de súbito:

— Esquecia-me... Houve engano. E! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório.





O cemitério^{*}

Pelas ruas de túmulos, fomos calados. Eu olhava vagamente aquela multidão de sepulturas, que trepavam, tocavam-se, lutavam por espaço, na estreiteza da vaga e nas encostas das colinas aos lados. Algumas pareciam se olhar com afeto, roçando-se amigavelmente; em outras, transparecia a repugnância de estarem juntas. Havia solicitações incompreensíveis e também repulsões e antipatias; havia túmulos arrogantes, imponentes, vaidosos e pobres e humildes; e, em todos, resumava o esforço extraordinário para escapar ao nivelamento da morte, ao apagamento que ela traz às condições e às fortunas.

Amontoavam-se esculturas de mármore, vasos, cruzes e inscrições; iam além; erguiam pirâmides de pedra tosca, faziam caramanchéis¹ extravagantes, imaginavam complicações de matos e plantas — coisas brancas e delirantes, de um mau gosto que irritava. As inscrições exuberavam; longas, cheias de nomes, sobrenomes e datas, não nos traziam à lembrança nem um nome ilustre sequer; em vão procurei ler nelas celebridades, notabilidades mortas; não as encontrei. E de tal modo a nossa sociedade nos marca um tão profundo ponto, que até ali, naquele campo de mortos, mudo laboratório de decomposição, tive uma imagem dela, feita inconscientemente de um propósito, firmemente desenhada

^{*}. Publicado na edição de maio de 1924 da *Revista Souza Cruz*.

1. *Caramanchel* ou *caramanchão* é o nome dado a uma pequena construção, normalmente de madeira, coberto com folhas ou tenhas de barro, que serve de abrigo do sol ou da chuva.



por aquele acesso de túmulos pobres e ricos, grotescos e nobres, de mármore e pedra, cobrindo vulgaridades iguais umas às outras por força estranha às suas vontades, a lutar...

Fomos indo. A carreta, empunhada pelas mãos profissionais dos empregados, ia dobrando as alamedas, tomando ruas, até que chegou à boca do soturno buraco, por onde se via fugir, para sempre do nosso olhar, a humildade e a tristeza do contínuo da Secretaria dos Cultos.

Antes que lá chegássemos, porém, detive-me um pouco num túmulo de límpidos mármore, ajeitados em capela gótica, com anjos e cruzes que a rematavam pretensiosamente.

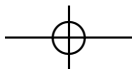
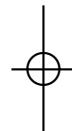
Nos cantos da lápide, vasos com flores de biscuit e, debaixo de um vidro, à nível altura da base da capelinha, em meio corpo, o retrato da morta que o túmulo engolira. Como se estivesse na Rua do Ouvidor, não pude sustentar um pensamento mau e quase exclamei:

— Bela mulher!

Estive a ver a fotografia e logo em seguida me veio à mente que aqueles olhos, que aquela boca provocadora de beijos, que aqueles seios túmidos, tentadores de longos contatos carnaais, estariam àquela hora reduzidos a uma pasta fedorenta, debaixo de uma porção de terra embebida de gordura.

Que resultados teve a sua beleza na terra? Que coisas eternas criaram os homens que ela inspirou? Nada, ou talvez outros homens, para morrer e sofrer. Não passou disso, tudo mais se perdeu; tudo mais não teve existência, nem mesmo para ela e para os seus amados; foi breve, instantâneo, e fugaz.

Abalei-me! Eu que dizia a todo o mundo que amava a vida, eu que afirmava a minha admiração pelas coisas da sociedade — eu meditar como um cientista profeta he-



braico! Era estranho! Remanescente de noções que se me infiltraram e cuja entrada em mim mesmo eu não percebera! Quem pode fugir a elas?

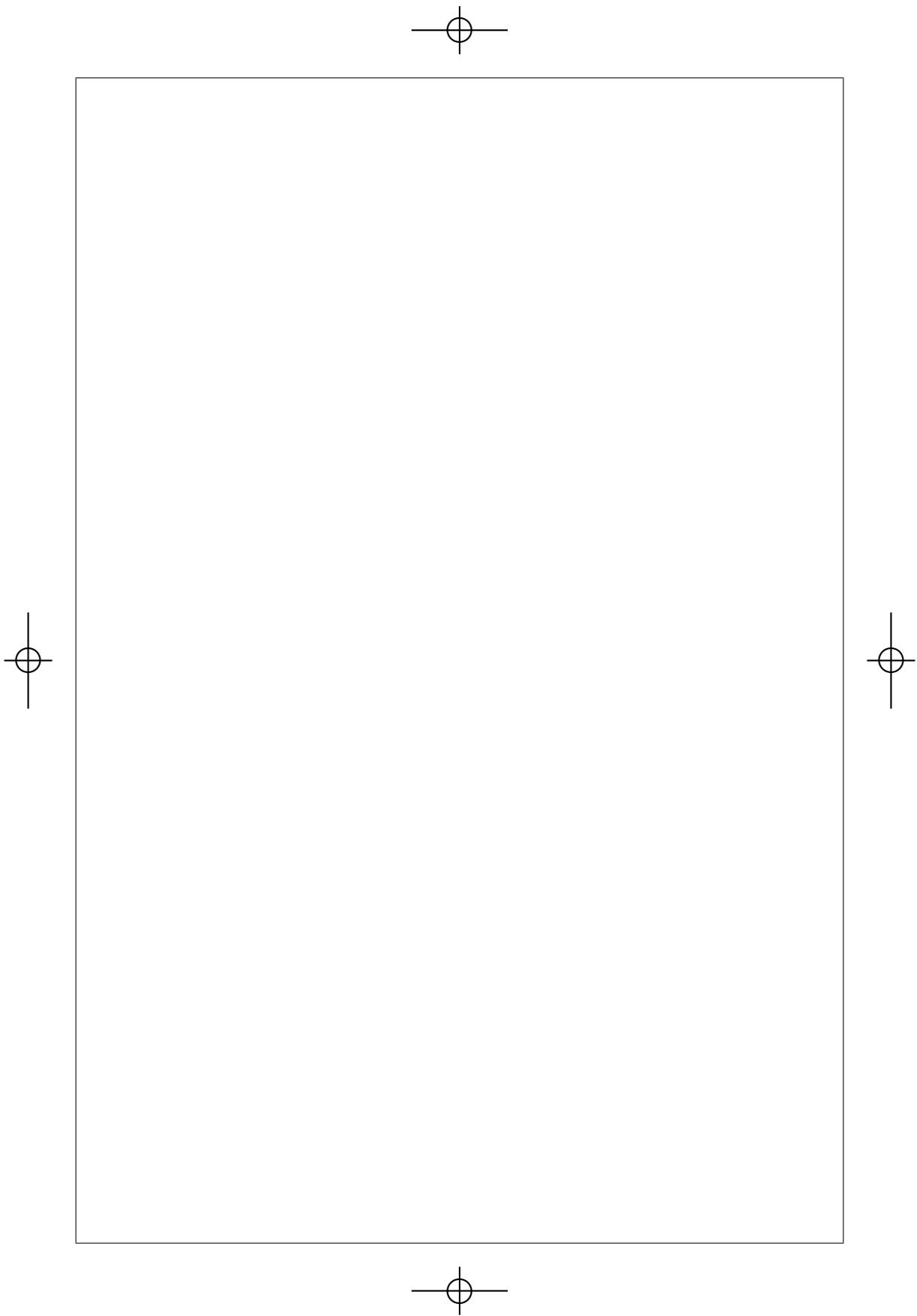
Continuando a andar, adivinhei as mãos da mulher, diáfanas e de dedos longos; compus o seu busto ereto e cheio, a cintura, os quadris, o pescoço, esguio e modelado, as espáduas brancas, o rosto sereno e iluminado por um par de olhos indefinidos de tristeza e desejos...

Já não era mais o retrato da mulher do túmulo; era de uma, viva, que me falava.

Com que surpresa, verifiquei isso.

Pois eu, eu que vivia desde os dezesseis anos, despreocupadamente, passando pelos meus olhos, na Rua do Ouvidor, todos os figurinos dos jornais de modas, eu me impressionar por aquela menina do cemitério! Era curioso.

E, por mais que procurasse explicar, não pude.



Milagre do Natal*

O bairro do Andaraí¹ é muito triste e muito úmido. As montanhas que enfeitam a nossa cidade, aí tomam maior altura e ainda conservam a densa vegetação que as devia adornar com mais força em tempos idos. O tom plúmbeo das árvores como que enegrece o horizonte e torna triste o arrabalde.

Nas vertentes dessas mesmas montanhas, quando dão para o mar, este quebra a monotonia do quadro e o sol se espadana mais livremente, obtendo as coisas humanas, minúsculas e mesquinhas, uma garridice e uma alegria que não estão nelas, mas que sê percebem nelas. As tacanhas casas de Botafogo se nos afigura assim; as bombásticas “vilas” de Copacabana, também; mas, no Andaraí, tudo fica esmagado pela alta montanha e sua sombria vegetação.

Era numa rua desse bairro que morava Feliciano Campossolo Nunes, chefe de secção do Tesouro Nacional, ou antes e melhor: subdiretor. A casa era própria e tinha na cimalha este dístico pretensioso: “Vila Sebastiana”. O gosto da fachada, as proporções da casa não precisam ser descritas: todos conhecem um e as outras. Na frente, havia um jardimzinho que se estendia para a esquerda, oitenta centímetros a um metro, além da fachada. Era o vão que correspondia à varanda lateral, quase a correr todo o prédio. Campossolo era um homem grave, ventrudo, calvo,

*. Publicado em anexo no volume *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, em 1949.

1. Bairro localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.



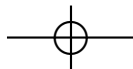
de mãos polpudas e dedos curtos. Não largava a pasta de marroquim em que trazia para a casa os papéis da repartição com o fito de não lê-los; e também o guarda-chuva de castão de ouro e forro de seda. Pesado e de pernas curtas, era com grande dificuldade que ele vencía os dois degraus dos “Minas Gerais” da Light², atrapalhado com semelhantes cangalhas: a pasta e o guarda-chuva de “ouro”. Usava chapéu de coco e cavanhaque.

Morava ali com sua mulher mais a filha solteira e única, a Mariazinha.

A mulher, Dona Sebastiana, que batizara a vila e com cujo dinheiro a fizeram, era mais alta do que ele e não tinha nenhum relevo de fisionomia, senão um artificial, um aposto³. Consistia num pequeno *pince-nez* de aros de ouro, preso, por detrás da orelha, com trancelim de seda. Não nascera com ele, mas era como se tivesse nascido, pois jamais alguém havia visto Dona Sebastiana sem aquele adendo, acavalado no nariz; fosse de dia, fosse de noite. Ela,

2. Lima Barreto faz uma metáfora para se referir aos bondes elétricos da época, pois o “Minas Gerais” era o nome de um couraçado (navio de guerra). Os primeiros bondes elétricos foram instaurados no Rio de Janeiro pela empresa canadense “Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company Limited”, ou simplesmente *Rio Light*. Era comum na época a referência aos “bondes da Light”. Para subir no bonde, as pessoas tinham que correr e fazer o movimento com a máquina em movimento, daí a dificuldade enfrentada por Campossolo, que além de estar sempre portando o guarda-chuva e as pastas, tinha as pernas curtas.

3. *Aposto* é um termo utilizado em estudos gramaticais. Trata-se de uma parte da frase ou oração cujo objetivo é dar ênfase, explicar melhor, anumerar ou dotar de qualidades algum segmento anterior. Por exemplo: “Lima Barreto, que foi um dos maiores escritores brasileiros, não conseguiu ser eleito para a Academia Brasileira de Letras”. O trecho que aparece em destaque, entre vírgulas (*que foi um dos maiores escritores brasileiros*), chama-se o “aposto” da frase.



quando queria olhar alguém ou alguma coisa com jeito e perfeição, erguia bem a cabeça e toda Dona Sebastiana tomava um entono de magistrado severo.

Era baiana, como o marido, e a única queixa que tinha do Rio cifrava-se em não haver aqui bons temperos para as moquecas, carurus e outras comidas da Bahia, que ela sabia preparar com perfeição, auxiliada pela preta Inácia, que, com eles, viera do Salvador, quando o marido foi transferido para São Sebastião. Se se oferecia portador, mandava-os buscar; e quando aqui chegavam e ela preparava uma boa moqueca, esquecia-se de tudo, até que estava muito longe da sua querida cidade de Tomé de Sousa.

Sua filha, a Mariazinha, não era assim e até se esquecera que por lá nascera: cariocara-se inteiramente. Era uma moça de vinte anos, fina de talhe, poucas carnes, mais alta que o pai, entestando com a mãe, bonita e vulgar. O seu traço de beleza eram os seus olhos de topázio com estilhas negras. Nela, não havia nem invento, nem novidade como — as outras.

Eram estes os habitantes da “Vila Sebastiana”, além de um molecote que nunca era o mesmo. De dois em dois meses, por isso ou por aquilo, era substituído por outro, mais claro ou mais escuro, conforme a sorte calhava.

Em certos domingos, o senhor Campossolo convidava alguns dos seus subordinados a irem almoçar ou jantar com eles. Não era um qualquer. Ele os escolhia com acerto e sabedoria. Tinha uma filha solteira e não podia pôr dentro de casa um qualquer, mesmo que fosse empregado de fazenda.

Aos que mais constantemente convidava, eram os terceiros escrivães Fortunato Guaicuru e Simplicio Fontes, os seus braços direitos na secção. Aquele era bacharel em Direito e espécie de seu secretário e consultor em assuntos difíceis; e o último chefe do protocolo da sua secção, cargo de extrema responsabilidade, para que não houvesse extra-



vio de processos e se acoimasse a sua subdiretoria de relaxada e desidiosa. Eram eles dois os seus mais constantes comensais, nos seus bons domingos de efusões familiares. Demais, ele tinha uma filha a casar e era bom que...

Os senhores devem ter verificado que os pais sempre procuram casar as filhas na classe que pertencem: os negociantes com negociantes ou caixeiros; os militares com outros militares; os médicos com outros médicos e assim por diante. Não é de estranhar, portanto, que o chefe Campos-solo quisesse casar sua filha com um funcionário público que fosse da sua repartição e até da sua própria secção.

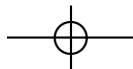
Guaicuru era de Mato Grosso. Tinha um tipo acentuadamente índio. Malares salientes, face curta, mento largo e duro, bigodes de cerdas de javali, testa fugidia e as pernas um tanto arqueadas. Nomeado para a alfândega de Corumbá, transferira-se para a delegacia fiscal de Goiás. Aí, passou três ou quatro anos, formando-se, na respectiva faculdade de Direito, porque não há cidade do Brasil, capital ou não, em que não haja uma. Obtido o título, passou-se para a Casa da Moeda e, desta repartição, para o Tesouro. Nunca se esquecia de trazer o anel de rubi⁴, à mostra. Era um rapaz forte, de ombros largos e direitos; ao contrário de Simpício que era franzino, peito pouco saliente, pálido, com uns doces e grandes olhos negros e de uma timidez de donzela.

Era carioca e obtivera o seu lugar direitinho, quase sem pistolão⁵ e sem nenhuma intromissão de políticos na sua nomeação.

Mais ilustrado, não direi; mas muito mais instruído que Guaicuru, a audácia deste o superava, não no coração de

4. Era costume as pessoas formadas em Direito usarem um anel de pedras, normalmente rubi, como uma marca de distinção.

5. Sobre o "pistolão", ver nota 120.



Mariazinha, mas no interesse que tinha a mãe desta no casamento da filha. Na mesa, todas as atenções tinha Dona Sebastiana pelo hipotético bacharel:

— Por que não advoga? perguntou Dona Sebastiana, rindo, com seu quádruplo olhar altaneiro, da filha ao caboclo que, na sua frente e a seu mando, se sentavam juntos.

— Minha senhora, não tenho tempo...

— Como não tem tempo? O Felicianinho consentiria — não é Felicianinho?

Campossolo fazia solenemente:

— Como não, estou sempre disposto a auxiliar a progressividade dos colegas.

Simplicio, à esquerda de Dona Sebastiana, olhava distraído para a fruteira e nada dizia. Guaicuru, que não queria dizer que a verdadeira razão estava em não ser a tal faculdade “reconhecida”, negaceava:

— Os colegas podiam reclamar.

Dona Sebastiana acudia com vivacidade:

— Qual o que. O senhor reclamava, Senhor Símplicio?

Ao ouvir o seu nome, o pobre rapaz tirava os olhos da fruteira e perguntava com espanto:

— O que, Dona Sebastiana?

— O senhor reclamaria se Felicianinho consentisse que o Guaicuru saísse, para ir advogar?

— Não.

E voltava a olhar a fruteira, encontrando-se rapidamente com os olhos de topázio de Mariazinha. Campossolo continuava a comer e Dona Sebastiana insistia:

— Eu, se fosse o senhor ia advogar.

— Não posso. Não é só a repartição que me toma o tempo. Trabalho em um livro de grandes proporções.

Todos se espantaram. Mariazinha olhou Guaicuru; Dona Sebastiana levantou mais a cabeça com *pince-nez* e tudo; Simplício que, agora, contemplava esse quadro célebre nas salas burguesas, representando uma ave, dependurada pelas pernas e fazendo *pendant*⁶ com a ceia do Senhor — Simplício, dizia, cravou resolutamente o olhar sobre o colega, e Campossolo perguntou:

— Sobre o que trata?

— Direito administrativo brasileiro.

Campossolo observou:

— Deve ser uma obra de peso.

— Espero.

Simplício continuava espantado, quase estúpido a olhar Guaicuru. Percebendo isto, o mato-grossense apressou-se:

— Você vai ver o plano. Quer ouvi-lo?

Todos, menos Mariazinha, responderam, quase a um tempo só:

— Quero.

O bacharel de Goiás endireitou o busto curto na cadeira e começou:

— Vou entroncar o nosso Direito administrativo no antigo Direito administrativo português. Há muita gente que pensa que no antigo regímen não havia um Direito administrativo. Havia. Vou estudar o mecanismo do Estado nessa época, no que toca a Portugal. Vou ver as funções dos ministros e dos seus subordinados, por intermédio de letra-morta dos alvarás, portarias, cartas régias e mostrarei então como a engrenagem do Estado funcionava; depois, verei como esse curioso Direito público se transformou, ao in-

6. Palavra francesa que significa “fazer par”, normalmente utilizada em referência a um objeto artístico que que forma par com outro.

fluxo de concepções liberais; e, como ele transportado para aqui com Dom João VI⁷, se adaptou ao nosso meio, modificando-se aqui ainda, sob o influxo das ideias da Revolução.

Simplicio, ouvindo-o falar assim dizia com os seus botões: “Quem teria ensinado isto a ele?”.

Guaicuru, porém, continuava:

— Não será uma seca enumeração de datas e de transcrição de alvarás, portarias, etc. Será uma cousa inédita. Será cousa viva.

Por aí, parou e Campossolo com toda a gravidade disse:

— Vai ser uma obra de peso.

— Já tenho editor!

— Quem é? perguntou o Simplicio.

— É o Jacinto. Você sabe que vou lá todo o dia, procurar livros a respeito.

— Sei; é a livreria dos advogados, disse Simplicio sem querer sorrir.

— Quando pretende publicar a sua obra, doutor? perguntou Dona Sebastiana.

— Queria publicar antes do Natal. Porque as promoções⁸ serão feitas antes do Natal, mas...

— Então há mesmo promoções antes do Natal, Felicianinho?

O marido respondeu:

— Creio que sim. O gabinete já pediu as propostas e eu já dei as minhas ao diretor.

— Devias ter-me dito, ralhou-lhe a mulher.

— Essas cousas não se dizem às nossas mulheres; são segredos de Estado, sentenciou Campossolo.

7. Sobre D. João VI, ver nota 37.

8. Promoção, nesse contexto, significa subir de cargo na hierarquia do funcionalismo estatal.



O jantar foi acabando triste, com essa história de promoções para o Natal.

Dona Sebastiana quis ainda animar a conversa, dirigindo-se ao marido:

— Não queria que me dissesse os nomes, mas pode acontecer que seja o promovido o doutor Fortunato ou... O “Seu” Simplício, e eu estaria prevenida para a uma “festinha”.

Foi pior. A tristeza tornou-se mais densa e quase calados tomaram café.

Levantaram-se todos com o semblante anuviado, exceto a boa Mariazinha, que procurava dar corda à conversa. Na sala de visitas, Simplício ainda pôde olhar mais duas vezes furtivamente os olhos topazinos de Mariazinha, que tinha um sossegado sorriso a banhar-lhe a face toda; e se foi. O colega Fortunato ficou, mas tudo estava tão morno e triste que, em breve, se foi também Guaicuru.

No bonde, Simplício pensava unicamente em duas coisas: no Natal próximo e no “Direito” de Guaicuru. Quando pensava nesta, perguntava de si para si: “Quem lhe ensinou aquilo tudo? Guaicuru é absolutamente ignorante”. Quando pensava naquilo, implorava: “Ah! Se Nosso Senhor Jesus Cristo quisesse...”.

Vieram afinal as promoções. Simplício foi promovido porque era muito mais antigo na classe que Guaicuru. O Ministro não atendera a pistolões nem a títulos de Goiás.

Ninguém foi preterido; mas, Guaicuru que tinha em gestação a obra de um outro, ficou furioso sem nada dizer.

Dona Sebastiana deu uma consoada à moda do Norte. Na hora da ceia, Guaicuru, como de hábito, ia sentar-se ao lado de Mariazinha, quando Dona Sebastiana, com *pince-nez* e cabeça, tudo muito bem erguido, chamou-o:

— Sente-se aqui a meu lado, doutor, aí vai sentar-se o “Seu” Simplício.



Casaram-se dentro de um ano; e, até hoje, depois de um lustro de casados ainda teimam.

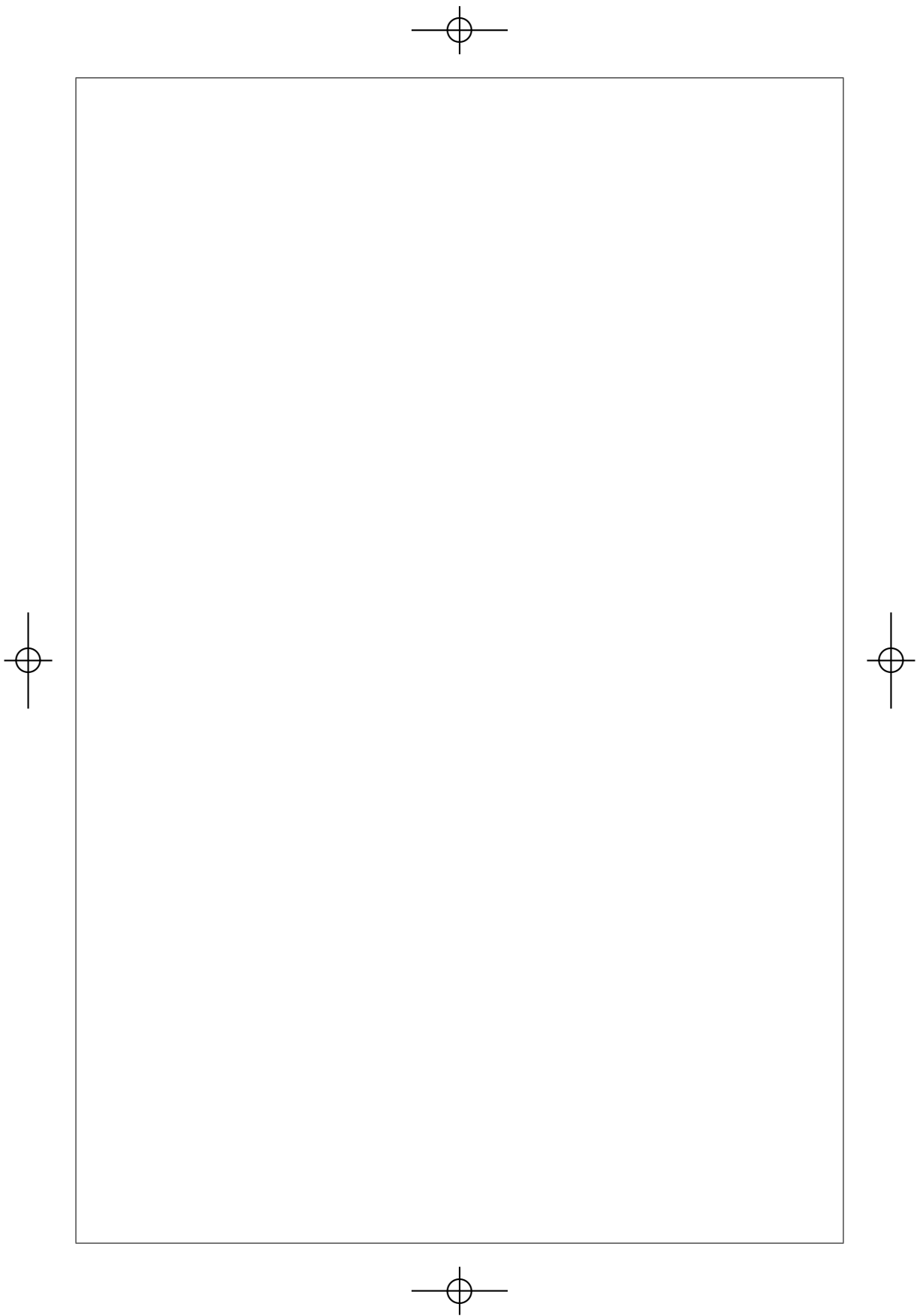
Ele diz:

— Foi Nosso Senhor Jesus Cristo que nos casou.

Ela obtempera:

— Foi a promoção.

Fosse uma cousa ou outra, ou ambas, o certo é que se casaram. É um fato. A obra de Guaicuru, porém, é que até hoje não saiu...



Quase ela deu o «sim»^{*}

João Cazu era um moço suburbano, forte e saudável, mas pouco ativo e amigo do trabalho.

Vivia em casa dos tios, numa estação de subúrbios, onde tinha moradia, comida, roupa, calçado e algum dinheiro que a sua bondosa tia e madrinha lhe dava para os cigarros.

Ele, porém, não os comprava; “filava-os” dos outros. “Refundia” os níqueis que lhe dava a tia, para flores a dar às namoradas e comprar bilhetes de tômbolas¹, nos vários “mafuás”², mais ou menos eclesiásticos, que há por aquelas redondezas.

O conhecimento do seu hábito de “filar” cigarros aos camaradas e amigos, estava tão espalhado que, mal um deles o via, logo tirava da algibeira um cigarro; e, antes de saudá-lo, dizia:

—Toma lá o cigarro, Cazu.

Vivia assim muito bem, sem ambições nem tenções. A maior parte do dia, especialmente a tarde, empregava ele, com outros companheiros, em dar loucos pontapés, numa bola, tendo por arena um terreno baldio das vizinhanças da residência dele ou melhor: dos seus tios e padrinhos.

*. Publicado em anexo no volume *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, em 1949.

1. *Tômbola* é um tipo de jogo de tabuleiro numerado, parecido com o bingo.

2. Sobre os “mafuás”, ver a crônica *Feiras e “mafuás”*, na seção COTIDIANO E VIDA NOS SUBÚRBIOS.



Contudo, ainda não estava satisfeito. Restava-lhe a grave preocupação de encontrar quem lhe lavasse e engomasse a roupa, remendasse as calças e outras peças do vestuário, cerzisse as meias, etc., etc.

Em resumo: ele queria uma mulher, uma esposa, adaptável ao seu jeito descansado.

Tinha visto falar em sujeitos que se casam com moças ricas e não precisam trabalhar; em outros que esposam professoras e adquirem a meritória profissão de “maridos da professora”; ele, porém, não aspirava a tanto.

Apesar disso, não desanimou de descobrir uma mulher que lhe servisse convenientemente.

Continuou a jogar displicentemente, o seu *football* vagabundo e a viver cheio de segurança e abundância com os seus tios e padrinhos.

Certo dia, passando pela porteira da casa de uma sua vizinha mais ou menos conhecida, ela lhe pediu:

— “Seu” Cazu, o senhor vai até à estação?

— Vou, Dona Ermelinda.

— Podia me fazer um favor?

— Pois não.

— É ver se o “Seu” Gustavo da padaria “Rosa de Ouro”, me pode ceder duas estampilhas de seiscentos réis. Tenho que fazer um requerimento ao Tesouro, sobre coisas do meu montepio, com urgência, precisava muito.

— Não há dúvida, minha senhora.

Cazu, dizendo isto, pensava de si para si: “É um bom partido. Tem montepio, é viúva; o diabo são os filhos!”. Dona Ermelinda, à vista da resposta dele, disse:

— Está aqui o dinheiro.

Conquanto dissesse várias vezes que não precisava daquilo — o dinheiro — o impenitente jogador de *football* e



feliz hóspede dos tios, foi embolsando os nicolaus³, por causa das dúvidas.

Fez o que tinha a fazer na estação, adquiriu as estampilhas e voltou para entregá-las à viúva.

De fato, Dona Ermelinda era viúva de um contínuo ou coisa parecida de uma repartição pública. Viúva e com pouco mais de trinta anos, nada se falava da sua reputação.

Tinha uma filha e um filho que educava com grande desvelo e muito sacrifício.

Era proprietária do pequeno *chalet*⁴ onde morava, em cujo quintal havia laranjeiras e algumas outras árvores frutíferas.

Fora o seu falecido marido que o adquirira com o produto de uma “sorte” na loteria; e, se ela, com a morte do esposo, o salvara das garras de escrivães, escreventes, meirinhos, solicitadores e advogados “mambembes”, devia-o à precaução do marido que comprara a casa, em nome dela.

Assim mesmo, tinha sido preciso a intervenção do seu compadre, o Capitão Hermenegildo, a fim de remover os obstáculos que certos “águias” começavam a pôr, para impedir que ela entrasse em plena posse do imóvel e abocanhar-lhe afinal o seu chalézito humilde.

De volta, Cazu bateu à porta da viúva que trabalhava no interior, com cujo rendimento ela conseguia aumentar de muito o módico, senão irrisório montepio, de modo a conseguir fazer face às despesas mensais com ela e os filhos.

Percebendo a pobre viúva que era o Cazu, sem se levantar da máquina, gritou:

— Entre, “Seu” Cazu.

3. *Nicolau* era uma gíria usada na época para se referir a dinheiro.

4. Palavra francesa aportuguesada para chalé, que significava na época uma casa pequena com um grande quintal.



Estava só, os filhos ainda não tinham vindo do colégio. Cazu entrou.

Após entregar as estampilhas, quis o rapaz retirar-se; mas foi obstado por Ermelinda nestes termos:

— Espere um pouco, “Seu” Cazu. Vamos tomar café.

Ele aceitou e ambos se serviram da infusão da “preciosa rubiácea”, como se diz no estilo “valorização”.

A viúva, tomando café, acompanhado com pão e manteiga, pôs-se a olhar o companheiro com certo interesse. Ele notou e fez-se amável e galante, demorando em esvaziar a xícara. A viuvinha sorria interiormente de contentamento. Cazu pensou com os seus botões: “Está aí um bom partido: casa própria, montepio, renda das costuras; e além de tudo, há de lavar-me e consertar a roupa. Se calhou, fico livre das censuras da tia...”.

Essa vaga tenção ganhou mais corpo, quando a viúva, olhando-lhe a camisa, perguntou:

— “Seu” Cazu, se eu lhe disser uma cousa, o senhor fica zangado?

— Ora, qual, Dona Ermelinda?

— Bem. A sua camisa está rasgada no peito. O senhor traz “ela” amanhã, que eu conserto “ela”.

Cazu respondeu que era preciso lavá-la primeiro; mas a viúva prontificou-se em fazer isso também. O *player* dos pontapés, fingindo relutância no começo, aceitou afinal; e doido por isso estava ele, pois era uma “entrada”, para obter uma lavadeira em condições favoráveis.

Dito e feito: daí em diante, com jeito e manha, ele conseguiu que a viúva se fizesse a sua lavadeira bem em conta.

Cazu, após tal conquista, redobrou de atividade no *football*, abandonou os biscates e não dava um passo, para obter emprego. Que é que ele queria mais? Tinha tudo...



Na redondeza, passavam como noivos; mas não eram, nem mesmo namorados declarados.

Havia entre ambos, unicamente um “namoro de caboclo”, com o que Cazu ganhou uma lavadeira, sem nenhuma exigência monetária e cultivava-o carinhosamente.

Um belo dia, após ano e pouco de tal namoro, houve um casamento na casa dos tios do diligente jogador de *football*. Ele, à vista da cerimônia e da festa, pensou: “Porque também eu não me caso? Porque eu não peço Ermelinda em casamento? Ela aceita, por certo; e eu...”.

Matutou domingo, pois o casamento tinha sido no sábado; refletiu segunda e, na terça, cheio de coragem, chegou-se à Ermelinda e pediu-a em casamento.

— É grave isto, Cazu. Olhe que sou viúva e com dois filhos!

— Tratava “eles” bem; eu juro!

— Está bem. Sexta-feira, você vem cedo, para almoçar comigo e eu dou a resposta.

Assim foi feito. Cazu chegou cedo e os dois estiveram a conversar. Ela, com toda a naturalidade, e ele, cheio de ansiedade e, apreensivo.

Num dado momento, Ermelinda foi até à gaveta de um móvel e tirou de lá um papel.

— Cazu — disse ela, tendo o papel na mão — você vai à venda e à quitanda e compra o que está aqui nesta “nota”. É para o almoço.

Cazu agarrou trêmulo o papelucho e pôs-se a ler o seguinte:

1 quilo de feijão	600 rs.
1/2 de farinha	200 rs.
1/2 de bacalhau	1.200 rs.
1/2 de batatas	360 rs.
Cebolas	200 rs.

Alhos	100 rs.
Azeite	300 rs.
Sal	100 rs.
Vinagre	200 rs.
.....	3.260 rs.
Quitanda:	
Carvão	280 rs.
Couve	200 rs.
Salsa	100 rs.
Cebolinha	100 rs.
tudo:	3.860 rs.

Acabada a leitura, Cazu não se levantou logo da cadeira; e, com a lista na mão, a olhar de um lado a outro, parecia atordoado, estuporado.

— Anda Cazu, fez a viúva. Assim, demorando, o almoço fica tarde...

— É que...

— Que há?

— Não tenho dinheiro.

— Mas você não quer casar comigo? É mostrar atividade meu filho! Dê os seus passos... Vá! Um chefe de família não se atrapalha... É agir!

João Cazu, tendo a lista de gêneros na mão, ergueu-se da cadeira, saiu e não mais voltou...

O Jornalista^{*}

A Ranulfo Prata

A cidade de Sant'Ana dos Pescadores fora em tempos idos uma cidadezinha próspera. Situada entre o mar e a montanha que escondia vastas vargens férteis, e muito próximo do Rio, os fazendeiros das planuras transmontanas preferiam enviar os produtos de suas lavouras através de uma garganta, transformada em estrada, para, por mar, trazê-los ao grande empório da Corte. O contrário faziam com as compras que aí faziam.

Dessa forma, erguida à condição de uma espécie de entreposto de uma zona até bem pouco fértil e rica, ela cresceu e tomou ares galhardos de cidade de importância. As suas festas de igreja eram grandiosas e atraíam fazendeiros e suas famílias, alguns tendo mesmo casas de recreio apalaçadas nela. O seu comércio era por isso rico com o dinheiro que os tropeiros lhe deixavam.

Veio, porém, a estrada de ferro e a sua decadência foi rápida. O transporte das mercadorias de "serra-acima" se desviou dela e os seus sobrados deram em descascar como velhas árvores que vão morrer. Os mercadores ricos a abandonaram e os galpões de tropa desabaram. Entretanto, o sítio era aprazível, com as suas curtas praias alvas que foram separadas por desabamentos de grandes moles de granito da montanha verdejante do fundo do vilarejo, formando aglomerações de grossos pedregulhos.

^{*}. Publicado na edição de julho de 1921 da *Revista Souza Cruz*.

A gente pobre, após a sua morte, deu em viver de pescarias, pois o mar aí era rumoroso e abundante de pescado de bom quilate.

Tripulando grandes canoas de voga, os seus pescadores traziam o produto de sua humilde indústria, vencendo mil dificuldades, até Sepetiba¹ e, daí, à Santa Cruz², onde ele era embarcado em trem de ferro até ao Rio de Janeiro.

Os ricos de lá, além dos fabricantes de cal de marisco, eram os taverneiros que, nessas vendas, como se sabe, vendem tudo, mesmo casimiras e arreios, e são os banqueiros. Lavradores não havia e até frutas iam do Rio de Janeiro.

As pessoas importantes eram o juiz de direito, o promotor, o escrivão, os professores públicos, o presidente da Câmara e o respectivo secretário. Este, porém, o Salomão Nabor de Azevedo, descendente dos antigos Nabores de Azevedo de “serra-acima” e dos Breves, ricos fazendeiros, era o mais. Era o mais porque, além disto, se fizera o jornalista popular do lugar.

A ideia de fundar *O Arauto*, — órgão dos interesses da cidade de Sant’Ana dos Pescadores — não fora dele e sim do promotor. Este veio a perder o jornal, de um modo curioso. O doutor Fagundes, o tal de promotor, começou a fazer oposição ao doutor Castro, advogado no lugar e, no tempo, presidente da Câmara. Nabor não via com bons olhos aquele e, certo dia, foi ao jornal e retirou o artigo do promotor e escreveu um descabelado de elogios ao doutor Castro, porque ele tinha suas luzes, como veremos. Resultado: Nabor, o nobre Nabor, foi nomeado secretário da Câmara e o promotor perdeu a importância de melhor jornalista local, que coube, daí por diante e para sempre, a Nabor.

1. Bairro litorâneo localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

2. Também localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Como já disse, este Nabor recebera luzes num colégio de padres de Vassouras ou Valença³, quando os pais eram ricos. O seu saber não era lá grande; não passava de gramaticazinha portuguesa, das quatro operações e umas citações históricas que aprendera com Fagundes Varela⁴, quando este foi hóspede de seus pais, em cuja fazenda chegara, certa vez, de tarde, numa formidável carraspana e em trajes de tropeiro, calçado de tamancos.

O poeta gostara dele e lhe dera algumas noções de letras. Lera o Macedo⁵ e os poetas do tempo, daí o seu pendor para cousas de letras e de jornalismo.

Herdou alguma coisa do pai, vendera a fazenda e viera morar em Sant'Ana, onde tinha uma casa, também pela mesma herança. Casou aí com uma moça de alguma pecúnia e vivia a fazer política e a ler os jornais da Corte⁶, que assinava. Deixou os romances e apaixonou-se por José do

3. Cidades localizadas no interior — região centro-sul — do estado do Rio de Janeiro.

4. O poeta Luís Nicolau Fagundes Varela (1841–1875) ou simplesmente Fagundes Varela nasceu e viveu boa parte da vida no Rio de Janeiro. Foi um dos principais poetas do nosso período romântico, embora tenha morrido prematuramente, aos 33 anos de idade. Teve fama de boêmio e andarilho e de principalmente ter passado os últimos anos de vida perambulando de fazenda em fazenda, no interior do estado do Rio.

5. Referência a Joaquim Manuel de Macedo (1820–1882), escritor, jornalista, dramaturgo, deputado. Foi dos maiores escritores brasileiros daquele período, ao lado de José de Alencar.

6. Antes da Proclamação da República, a capital do Império, na cidade do Rio de Janeiro, também era conhecida pela denominação de Corte.

Patrocínio⁷, Ferreira de Meneses⁸, Joaquim Serra⁹ e outros jornalistas dos tempos calorosos da abolição. Era abolicionista, porque... os seus escravos ele os tinha vendido com a fazenda que herdara; e os poucos que tinha em casa, dizia que não os libertava, por serem da mulher¹⁰.

O seu abolicionismo, com a Lei de 13 de Maio¹¹, veio dar, naturalmente, algum prejuízo à esposa... Enfim, após a República¹² e a Abolição, foi várias vezes subdelegado e

7. José do Patrocínio (1853–1905) foi escritor, jornalista e um dos principais líderes do Movimento Abolicionista Brasileiro. Era filho de Maria Justina, uma mulher que viera escravizada do continente africano. Seu pai era cônego. Patrocínio começou suas atividades contra a escravidão e a monarquia ainda no início da década de 1870, escrevendo poemas para o jornal *A República*. Já na década de 1880 propôs a criação da Confederação Abolicionista, que levava a campanha para as principais localidades do país.

8. José Ferreira de Meneses (1842–1881), não possui um registro seguro para seu nascimento. Segundo a pesquisadora Ana Flávia Magalhães, em sua Tese de Doutorado “Fortes laços em linhas rotas” (UNICAMP, 2014) o ano de nascimento de Ferreira de Meneses teria sido 1842. Assim como José do Patrocínio, era negro (*Filho do preto Joaquim Ferreira*) e foi um dos grandes abolicionistas. Formou-se em Direito, em São Paulo, na Academia do Largo de São Francisco. Foi grande amigo, desde a infância, de Fagundes Varela. Começou sua vida intelectual traduzindo e escrevendo algumas peças de teatro, na década de 1860, atividades que lhe trouxeram grande reconhecimento. Também teve uma atividade jornalística bastante intensa e produtiva.

9. Joaquim Maria Serra Sobrinho (1838–1888) nasceu em São Luís, no estado do Maranhão. Fez carreira como político, jornalista, homem de teatro, poeta. Viveu também no Rio de Janeiro, onde ocupou cadeira de Deputado por seu estado. Foi um dos mais contundentes abolicionistas e antiescravistas da propaganda pela Abolição.

10. É de se notar a nota crítica de Lima Barreto ao oportunismo do personagem Nabor, que se lançou no jornalismo abolicionista para se aproveitar da onda.

11. Sobre o 13 de Maio, ver nota 4.

12. Referência aos anos de 1888 (Abolição) e 1889 (Proclamação da República).

vereador de Sant'Ana. Era isto, quando o promotor Fagundes lembrou-lhe a ideia de fundar um jornal na cidade. Conhecia aquele a mania do último, por jornais, e a resposta confirmou a sua esperança:

— Boa ideia, “Seu” Fagundes! A “estrela do Abraão” (assim era chamada Sant'Ana) não ter um jornal! Uma cidade como esta, pátria de tantas glórias, de tão honrosas tradições, sem essa alavanca do progresso que é a imprensa, esse fanal que guia a humanidade — não é possível!

— O diabo, o diabo... fez Fagundes.

— Por que o diabo, Fagundes?

— E o capital?

— Entro com ele.

O trato foi feito e Nabor, descendente dos Nabores de Azevedo e dos famigerados Breves, entrou com o cobre; e Fagundes ficou com a direção intelectual do jornal. Fagundes era mais burro e, talvez, mais ignorante do que Nabor; mas este deixava-lhe a direção ostensiva porque era bacharel. *O Arauto* era semanal e saía sempre com um artigo laudatório do diretor, à guisa de artigo de fundo, umas composições líricas, em prosa, de Nabor, aniversários, uns mofinos anúncios e os editais da Câmara Municipal. Às vezes, publicava certas composições poéticas do professor público. Eram sonetos bem quebrados e bem estúpidos, mas que eram anunciados como “trabalhos de um puro parnasiano que é esse Sebastião Barbosa, exímio educador e glória da nossa terra e da nossa raça”.

Às vezes, Nabor, o tal dos Nabores de Azevedo e dos Breves, honrados fabricantes de escravos, cortava alguma coisa de valia dos jornais do Rio e o jornaleco ficava literalmente esmagado ou inundado.

Dentro do jornal, reinava uma grande rivalidade latente entre o promotor e Nabor. Cada qual se julgava mais inteligente por decalcar ou pastichar melhor um autor em voga.

A mania de Nabor, na sua qualidade de profissional e jornalista moderno, era fazer de *O Arauto* um jornal de escândalo; de altas reportagens sensacionais, de enquetes com notáveis personagens da localidade, enfim, um jornal moderno; a de Fagundes era a de fazê-lo um cotidiano doutrinário, sem demasias, sem escândalos — um *Jornal do Comércio* de Sant’Ana dos Pescadores, a “Princesa” de “O Seio de Abraão”, a mais formosa enseada do Estado do Rio.

Certa vez, aquele ocupou três colunas do grande órgão (e achou pouco), com a narração do naufrágio da canoa de pescaria — “Nossa Senhora do Ó”, na praia da Mabombeba. Não morrera um só tripulante.

Fagundes censurou-lhe:

— Você está gastando papel à-toa!

Nabor retrucou-lhe:

— É assim que se procede no Rio com os naufrágios sensacionais. Demais: quantas colunas você gastou com o artigo sobre o direito de cavar “tariobas”¹³ nas praias.

— É uma questão de marinhas e acrescidos; é uma questão de direito.

Assim, viviam aparentemente em paz, mas, no fundo, em guerra surda.

Com o correr dos tempos, a rivalidade chegou ao auge e Nabor fez o que fez com Fagundes. Reclamou este e o descendente dos Breves respondeu-lhe:

— Os tipos são meus; a máquina é minha; portanto, o jornal é meu.

Fagundes consultou os seus manuais e concluiu que não tinha direito à sociedade do jornal, pois não havia instrumento de direito bastante hábil para prová-la em juízo; mas, de acordo com a lei e vários jurisconsultos

13. Um tipo de molusco apreciado em localidades litorâneas do Nordeste e do Sudeste.

notáveis, podia reclamar o seu direito aos honorários de redator-chefe, à razão de 1:800\$000. Ele o havia sido quinze anos e quatro meses; tinha, portanto, direito a receber 324 contos, juros de mora e custas.¹⁴

Quis propor a causa, mas viu que a taxa judicial ia muito além das suas posses. Abandonou o propósito; e Nabor, o tal dos Azevedo e dos Breves, um dos quais recebera a visita do Imperador, numa das suas fazendas, na da Grama, ficou único dono do jornal.

Dono do grande órgão, tratou de modificar-lhe o feitio carranca que lhe imprimira o pastrana do Fagundes. Fez inquêritos com o sacristão da irmandade; atacou os abusos das autoridades da Capitania do Porto; propôs, a exemplo de Paris, etc., o estabelecimento do exame das amas-de-leite, etc., etc. Mas, nada disso deu retumbância a seu jornal.

Certo dia, lendo a notícia de um grande incêndio no Rio, acudiu-lhe a ideia de que se houvesse um em Sant'Ana, podia publicar uma notícia de "escacha"¹⁵, no seu jornal, e esmagar o rival — *O Baluarte* — que era dirigido pelo promotor Fagundes, o antigo companheiro e inimigo.

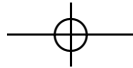
Como havia de ser? Ali, não havia incêndios, nem mesmo casuais. Esta palavra abriu-lhe um clarão na cabeça e completou-lhe a ideia. Resolveu pagar a alguém que atacasse fogo no palacete do doutor Gaspar, seu protetor, o melhor prédio da cidade. Mas, quem seria, se tentasse pagar a alguém? Mas... esse alguém se fosse descoberto denunciá-lo-ia, por certo. Não valia a pena... Uma ideia! Ele mesmo poria fogo no sábado, na véspera de sair o seu hebdomadário — *O Arauto*. Antes escreveria a longa notícia com todos os "ff" e "rr". Dito e feito. O palácio pegou

14. Sobre a unidade monetária da época, o *conto de réis*, ver nota 26.

15. Notícia de *escacha*, do verbo *escachar*, significa abrir caminho à força.



fogo inteirinho no sábado, alta noite; e de manhã, a notícia saía bem feitinha. Fagundes, que já era Juiz Municipal, logo viu a criminalidade de Nabor. Arranjou-lhe uma denúncia-processo e o grande jornalista Salomão Nabor de Azevedo, descendente dos Azevedos, do Rio Claro, e dos Breves, reis da escravatura, foi parar na cadeia, pela sua estupidez e vaidade.



O Número da Sepultura^{*}

Que podia ela dizer, após três meses de casada, sobre o casamento?

Era bom? Era mau?

Não se animava a afirmar nem uma cousa, nem outra. Em essência, “aquilo” lhe parecia resumir-se em uma simples mudança de casa.

A que deixara não tinha mais nem menos cômodos do que a que viera habitar; não tinha mais “largueza”; mas a “nova” possuía um jardimzito minúsculo e uma pia na sala de jantar.

Era, no fim de contas, a diminuta diferença que existia entre ambas.

Passando da obediência dos pais, para a do marido, o que ela sentia, era o que se sente quando se muda de habitação.

No começo, há nos que se mudam, agitação, atividade; puxa-se pela ideia, a fim de adaptar os móveis à casa “nova” e, por conseguinte, eles, os seus recentes habitantes também; isso, porém, dura poucos dias.

No fim de um mês, os móveis já estão definitivamente “ancorados”, nos seus lugares, e os moradores se esquecem de que residem ali desde poucos dias.

Demais, para que ela não sentisse, profunda modificação, no seu viver, advinda com o casamento, havia a quase igualdade de gênios e hábitos de seu pai e seu marido.

^{*}. Publicado na edição de março de 1921 da *Revista Souza Cruz*.



Tanto um como outro, eram corteses com ela; brandos no tratar, serenos, sem impropérios, e ambos, também, meticolosos, exatos e metódicos. Não houve, assim, abalo algum, na sua transplantação de um lar para outro.

Contudo, esperava, no casamento alguma coisa de inédito até ali, na sua existência de mulher: uma exuberante e contínua satisfação de viver.

Não sentiu, porém, nada disso.

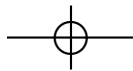
O que houve de particular na sua mudança de estado, foi insuficiente para lhe dar uma sensação nunca sentida da vida e do mundo. Não percebeu nenhuma novidade essencial...

Os céus cambiantes, com o rosado e dourado de arre-bóis, que o casamento promete a todos, moços e moças; ela não os vira. O sentimento de inteira liberdade, com passeios, festas, teatros, visitas — tudo que se contém para as mulheres, na ideia de casamento, durou somente a primeira semana de matrimônio.

Durante ela, ao lado do marido, passeara, visitara, fora a festas, e a teatros; mas assistira todas essas cousas, sem muito se interessar por elas, sem receber grandes ou profundas emoções de surpresa, e ter sonhos fora do trivial da nossa mesquinha vida terrestre. Cansavam-na até!

No começo, sentia alguma alegria e certo contentamento; por fim, porém, veio o tédio por elas todas, a nostalgia da quietude de sua casa suburbana, onde vivia à *négligé*¹ e podia sonhar, sem desconfiar que os outros lhe pudessem descobrir os devaneios crepusculares de sua pequenina alma de burguesa, saudosa e enfumaçada.

1. Expressão francesa que significa à vontade, sem preocupações, tranquilamente.



Não era raro que também ocorresse saudades da casa paterna, provocadas por aquelas chinfrinadas de teatros ou cinematográficas. Acudia-lhe, com indefinível sentimento, a lembrança de velhos móveis e outros pertences familiares da sua casa paterna, que a tinham visto desde menina. Era uma velha cadeira de balanço de jacarandá; era uma leiteira de louça, pintada de azul, muito antiga; era o relógio sem pêndula, octogonal, velho também; e outras bugigangas domésticas que, muito mais fortemente do que os móveis e utensílios adquiridos recentemente, se haviam gravado na sua memória.

Seu marido era um rapaz de excelentes qualidades matrimoniais, e não havia, no nebuloso estado d'alma de Zilda, nenhum desgosto dele ou decepção que ele lhe tivesse causado.

Morigerado, cumpridor exato dos seus deveres, na seção de que era chefe seu pai, tinha todas as qualidades médias, para ser um bom chefe de família, cumprir o dever de continuar a espécie e ser um bom diretor de secretaria ou repartição outra, de banco ou de escritório comercial.

Em compensação, não possuía nenhuma proeminência de inteligência ou de ação. Era e seria sempre uma boa peça de máquina, bem ajustada, bem polida e que, lubrificada convenientemente, não diminuiria o rendimento daquela, mas que precisava sempre do motor da iniciativa estranha, para se pôr em movimento.

Os pais de Zilda tinham aproximado os dois; a avó, a quem a moça estimava deveras, fizera as insinuações de praxe; e, vendo ela que a coisa era do gosto de todos, por curiosidade mais do que por amor ou outra coisa parecida, resolveu-se a casar com o escriturário de seu pai. Casaram-se, viviam muito bem. Entre ambos, não havia a menor rusga, a menor desinteligência que lhes toldasse a vida matrimonial; mas não existia também, como era de esperar,



uma profunda e constante penetração, de um para o outro e vice-versa, de desejos, de sentimentos, de dores e alegrias.

Viviam placidamente numa tranquilidade de lagoa, cercada de altas montanhas, por entre as quais os ventos fortes não conseguiam penetrar, para encrespar-lhe as águas imotas.

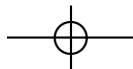
A beleza do viver daquele novel casal, não era ter conseguido de duas fazer uma única vontade; estava em que os dois continuassem a ser cada um uma personalidade, sem que, entanto, encontrassem nunca motivo de conflito, o mais ligeiro que fosse. Uma vez, porém... Deixemos isso para mais tarde... O gênio e a educação de ambos muito contribuíam para tal.

O marido, exato burocrata, era cordato, de temperamento calmo, ponderado e seco que nem uma crise ministerial. A mulher era quase passiva e tendo sido educada na disciplina ultra regrada e esmerilhadora de seu pai, velho funcionário, obediente aos chefes, aos ministros, aos secretários destes e mais bajuladores, às leis e regulamentos, não tinha assomos nem caprichos, nem fortes vontades. Refugiava-se no sonho e, desde que não fosse multado, estava por tudo.

Os hábitos do marido eram os mais regulares e executados, sem a mínima discrepância. Erguia-se do leito muito cedo, quase ao alvorecer, antes mesmo da criada, a Genoveva, levantar-se da cama. Pondo-se de pé, ele mesmo coava o café e, logo que estava pronto, tomava uma grande xícara.

Esperando o jornal (só comprava um), ia para o pequeno jardim, varria-o, amarrava as roseiras e craveiros, nos espeques, em seguida, dava milho às galinhas e pintos e tratava dos passarinhos.

Chegando o jornal, lia-o meticulosamente, organizando, para uso do dia, as suas opiniões literárias, científicas, ar-



tísticas, sociais e, também, sobre a política internacional e as guerras que havia pelo mundo.

Quanto à política interna, construía algumas, mas não as manifestava a ninguém, porque quase sempre eram contra o governo e ele precisava ser promovido.

Às nove e meia, já almoçado e vestido, despedia-se da mulher, com o clássico beijo, e lá ia tomar o trem. Assinava o ponto, de acordo como regulamento, isto é, nunca depois das dez e meia.

Na repartição, cumpria religiosamente os seus sacratíssimos deveres de funcionário.

Sempre foi assim; mas, após o casamento, aumentou de zelo, a fim de pôr a secção do sogro que nem um brinco, em questão de rapidez e presteza no andamento e informações de papéis.

Andava pelas bancas dos colegas, pelos protocolos, quando o serviço lhe faltava e se, nessa correição, topava com expediente em atraso, não hesitava: punha-se a “desunhar”.

Acontecendo-lhe isto, ao sentar-se à mesa, para jantar, já em trajes caseiros, apressava-se em dizer a mulher:

— Arre! Trabalhei hoje, Zilda, que nem o diabo!

— Por quê?

— Ora, por quê? Aqueles meus colegas são uma pinoia...

— Que houve?

— Pois o Pantaleão não está com o protocolo dele, o da Marinha, atrasado de uma semana? Tive que o pôr em dia...

— Papai foi quem te mandou?

— Não; mas era meu dever, como genro dele, evitar que a secção que ele dirige, fosse tachada de relaxada. Demais não posso ver expediente atrasado...

— Então, esse Pantaleão falta muito?

— Um horror! Desculpa-se com estar estudando direito. Eu também estudei, quase sem faltas.



Com semelhantes notícias e outras de mexericos sobre a vida íntima, defeitos morais e vícios dos colegas, que ele relatava à mulher, Zilda ficou enfronhada no viver da diretoria em que funcionava seu marido, tanto no aspecto puramente burocrático, como nos da vida particular e famílias dos respectivos empregados.

Ela sabia que o Calçoene bebia cachaça; que o Zé Fagundes vivia amancebado com uma crioula, tendo filhos com ela, um dos quais com concurso e ia ser em breve colega do marido; que o Feliciano Brites das Novas jogava nos dados todo o dinheiro que conseguia arranjar, que a mulher do Nepomuceno era amante do General T., com auxílio do qual ele preteria todos nas promoções, etc., etc.

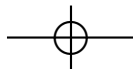
O marido não conversava com Zilda senão essas coisas da repartição; não tinha outro assunto para palestrar com a mulher. Com as visitas e raros colegas com quem discutia, a matéria da conversação eram coisas patrióticas: as forças de terra e mar, as nossas riquezas naturais, etc.

Para tais argumentos tinha predileção especial e um especial orgulho em desenvolvê-los com entusiasmo. Tudo o que era brasileiro era primeiro do mundo ou, no mínimo, da América do Sul. E — ai! — de quem o contestasse; levava uma sarabanda que resumia nesta frase clássica:

— É por isso que o Brasil não vai para adiante. O brasileiro é o maior inimigo de sua pátria.

Zilda, pequena burguesa, de reduzida instrução e, como todas as mulheres, de fraca curiosidade intelectual quando o ouvia discutir assim com os amigos, enchia-se de enfado e sono; entretanto, gostava das suas alcovitices sobre os lares dos colegas...

Assim ela ia repassando a sua vida de casada, que já tinha mais de três meses feitos, na qual, para quebrar-lhe a monotonia e a igualdade, só houvera um acontecimento



que a agitara, a torturara, mas, em compensação, espantara por algumas horas o tédio daquele morno e plácido viver. É preciso contá-lo.

Augusto — Augusto Serpa de Castro, tal era o nome de seu marido — tinha um ar mofino e enfezado; alguma coisa de índio nos cabelos muito negros, corredios e brilhantes, e na tez acobreada. Seus olhos eram negros e grandes, com muito pouca luz, mortícios e pobres de expressão, sobretudo de alegria.

A mulher, mais moça do que ele uns cinco ou seis anos, ainda não havia completado os vinte. Era de uma grande vivacidade de fisionomia, muito móbil e vária, embora o seu olhar castanho claro tivesse, em geral, uma forte expressão de melancolia e sonho interior. Miúda de feições, franzina, de boa estatura e formas harmoniosas, tudo nela era a graça do caniço, a sua esbelteza, que não teme os ventos, mas que se curva à força deles com mais elegância ainda, para ciciar os queixumes contra o triste fado de sua fragilidade, esquecendo-se, porém, que é esta que o faz vitorioso.

Após o casamento, vieram residir na Travessa das Saudades, na estação de * * *

É uma pitoresca rua, afastada alguma coisa das linhas da Central, cheia de altos e baixos, dotada de uma caprichosa desigualdade de nível, tanto no sentido longitudinal como no transversal.

Povoada de árvores e bambus, de um lado e outro, correndo quase exatamente de norte para sul, as habitações do lado do nascente, em grande número, somem-se na grota que ela forma, com o seu desnivelamento; e mais se ocultam debaixo dos arvoredos em que os Cipós se tecem.

Do lado do poente, porém, as casas se alteiam e, por cima das de defronte, olham em primeira mão a Aurora, com os seus inexprimíveis cambiantes de cores e matizes.



Como no fim do mês anterior, naquele outro, o segundo término de mês depois do seu casamento, o bacharel Augusto, logo que recebeu os vencimentos e conferiu as contas dos fornecedores, entregou o dinheiro necessário à mulher, para pagá-los, e também a importância do aluguel da casa.

Zilda apressou-se em fazê-lo ao carnicheiro, ao padeiro e ao vendeiro; mas, o procurador do proprietário da casa em que moravam, demorou-se um pouco. Disso, avisou o marido, em certa manhã, quando ele lhe dava uma pequena quantia para as despesas com o quitandeiro e outras miudezas caseiras. Ele deixou o importe do aluguel com ela.

Havia já quatro dias que ele se havia vencido; entretanto, o preposto do proprietário não aparecia.

Na manhã desse quarto dia, ela amanheceu alegre e, ao mesmo tempo apreensiva.

Tinha sonhado; e que sonho!

Sonhou com a avó, a quem amava profundamente e que desejara muito o seu casamento com Augusto. Morrera ela poucos meses antes de realizar-se o seu enlace com ele; mas ambos já eram noivos.

Sonhara a moça com o número da sepultura da avó — 1724; e ouvira a voz dela, da sua vovó, que lhe dizia: “Filha, joga neste número!”

O sonho impressionou-a muito; nada, porém, disse ao marido. Saído que ele foi para a repartição, determinou à criada o que tinha a fazer e procurou afastar da memória tão estranho sonho.

Não havia, entretanto, meios para conseguir isso. A recordação dele estava sempre presente ao seu pensamento, apesar de todos os seus esforços em contrário.

A pressão que lhe fazia no cérebro a lembrança do sonho, pedia uma saída, uma válvula de descarga, pois já excedia a sua força de contenção. Tinha que falar, que contar, que comunicá-lo a alguém...



Fez confidência do sucedido à Genoveva. A cozinheira pensou um pouco e disse:

— Nanhã: eu se fosse a senhora arriscava alguma cousa no “bicho”.

— Que “bicho” é?

— 24 é cabra; mas não deve jogar só por um lado. Deve cercar por todos e fazer fé na dezena, na centena, até no milhar. Um sonho destes não é por aí cousa à toa.

— Você sabe fazer a lista?

— Não, senhora. Quando jogo é o Seu Manuel do botequim quem faz “ela”. Mas a vizinha, Dona Iracema, sabe bem e pode ajudar a senhora.

— Chame “ela” e diga que quero lhe falar.

Em breve chegava a vizinha e Zilda contou-lhe o acontecido.

Dona Iracema refletiu um pouco e aconselhou:

— Um sonho desses, menina, não se deve desprezar. Eu, se fosse a vizinha, jogava forte.

— Mas, Dona Iracema, eu só tenho os oitenta mil-réis para pagar a casa. Como há de ser?

A vizinha cautelosamente respondeu:

— Não lhe dou a tal respeito nenhum conselho. Faça o que disser o seu coração; mas um sonho desses...

Zilda que era muito mais moça que Iracema, teve respeito pela sua experiência e sagacidade. Percebeu logo que ela era favorável a que ela jogasse. Isto estava a quarentona da vizinha, a tal Dona Iracema, a dizer-lhe pelos olhos.

Refletiu ainda alguns minutos e, por fim, disse de um só hausto:

— Jogo tudo.

E acrescentou:

— Vamos fazer a lista — não é Dona Iracema?

— Como é que a senhora quer?

— Não sei bem. A Genoveva é quem sabe.

E gritou, para o interior da casa:

— O Genoveva! Genoveva! Venha cá, depressa!

Não tardou que a cozinheira viesse. Logo que a patroa lhe comunicou o embarço, a humilde preta apressou-se em explicar:

— Eu disse a nhanhã que cercasse por todos os lados o grupo, jogasse na dezena, na centena e no milhar.

Zilda perguntou à Dona Iracema:

— A senhora entende dessas cousas?

— Ora! Sei muito bem. Quanto quer jogar?

— Tudo! Oitenta mil-réis!

— É muito, minha filha. Por aqui não há quem aceite. Só se for no Engenho de Dentro, na casa do “Halavanca”, que é forte. Mas quem há de levar o jogo? A senhora tem alguém?

— A Genoveva.

A cozinheira, que ainda estava na sala, de pé, assistindo os preparativos de tão grande ousadia doméstica, acudiu com pressa:

— Não posso ir, nhanhã. Eles me embrulham e, se a senhora ganhar, a mim eles não pagam. É preciso pessoa de mais respeito.

Dona Iracema, por aí, lembrou:

— É possível que o Carlito tenha vindo já de Cascadura, onde foi ver a avó... Vai ver, Genoveva!

A rapariga foi e voltou em companhia do Carlito, filho de Dona Iracema. Era um rapagão dos seus dezoito anos, espadaúdo e saudável.

A lista foi feita convenientemente; e o rapaz levou-a ao “banqueiro”.

Passava de uma hora da tarde, mas ainda faltava muito para as duas. Zilda lembrou-se então do cobrador da casa. Não havia perigo. Se não tinha vindo até ali, não viria mais.

Dona Iracema foi para a sua casa; Genoveva foi para a cozinha e Zilda foi repousar daqueles embates morais e alternativas cruciantes, provocados pelo passo arriscado que dera. Deitou-se já arrependida do que fizera.

Se perdesse, como havia de ser? O marido... sua cólera... as repreensões... Era uma tonta, uma doida... Quis cochilar um pouco; mas logo que cerrou os olhos, lá viu o número — 1724. Tomava-se então de esperança e sossegava um pouco da sua ânsia angustiosa.

Passando, assim, da esperança ao desânimo, prelibando a satisfação de ganhar e antevendo os desgostos que sofreria, caso perdesse — Zilda, chegou até à hora do resultado, suportando os mais desconfortáveis estados de espírito e os mais hostis ao seu sossego. Chegando o tempo de saber “o que dera”, foi até à janela. De onde em onde, naquela rua esquecida e morta, passava uma pessoa qualquer. Ela tinha desejo de perguntar ao transeunte o “resultado”, mas ficava possuída de vergonha e continha-se.

Nesse ínterim, surge o Carlito a gritar:

— Dona Zilda! Dona Zilda! A senhora ganhou, menos no milhar e na centena.

Não deu um “ai” e ficou desmaiada no sofá da sua modesta sala de visitas.

Voltou em breve a si, graças às esfregações de vinagre de Dona Iracema e de Genoveva. Carlito foi buscar o dinheiro que subia a mais de dois contos de réis. Recebeu-o e gratificou generosamente o rapaz, a mãe dele e a sua cozinheira, a Genoveva. Quando Augusto chegou, já estava inteiramente calma. Esperou que ele mudasse de roupa e viesse à sala de jantar, a fim de dizer-lhe:

— Augusto: se eu tivesse jogado o aluguel da casa no “bicho” você ficava zangado?

— Por certo! Ficaria muito e havia de censurar você com muita veemência, pois que uma dona de casa não...

— Pois, joguei.

— Você fez isto, Zilda?

— Fiz.

— Mas quem virou a cabeça de você para fazer semelhante tolice? Você não sabe que ainda estamos pagando despesas do nosso casamento?

— Acabaremos de pagar agora mesmo.

— Como? Você ganhou?

— Ganhei. Está aqui o dinheiro.

Tirou do seio o pacote de notas e deu-o ao marido, que se tornara mudo de surpresa. Contou as peijas muito bem, levantou-se e disse com muita sinceridade, abraçando e beijando a mulher...

— Você tem muita sorte. É o meu anjo bom.

E todo o resto da tarde, naquela casa, tudo foi alegria.

Vieram Dona Iracema, o marido, o Carlito, as filhas e outros vizinhos.

Houve doces e cervejas. Todos estavam sorridentes, palradores; e o contentamento geral só não desandou em baile, porque os recém-casados não tinham piano. Augusto deitou patriotismo com o marido de Iracema.

Entretanto, por causa das dúvidas, no mês seguinte, quem fez os pagamentos domésticos foi ele próprio, Augusto em pessoa.

Numa e a Ninfa^{*}

Na rua não havia quem não apontasse a união daquele casal. Ela não era muito alta, mas tinha uma fronte reta e dominadora, uns olhos de visada segura, rasgando a cabeça, o busto erguido, de forma a possuir não sei que ar de força, de domínio, de orgulho; ele era pequenino, sumido, tinha a barba rala, mas todos lhe conheciam o talento e a ilustração. Deputado há bem duas legislaturas, não fizera em começo grande figura; entretanto, surpreendendo todos, um belo dia fez um “brilhareto”, um lindo discurso tão bom e sólido que toda a gente ficou admirada de sair de lábios que até então ali estiveram hermeticamente fechados.

Foi por ocasião do grande debate que provocou, na câmara, o projeto de formação de um novo estado, com terras adquiridas por força de cláusulas de um recente tratado diplomático.

Penso que todos os contemporâneos ainda estão perfeitamente lembrados do fervor da questão e da forma por que a oposição e o governo se digladiaram em torno do projeto aparentemente inofensivo. Não convém, para abreviar, relembrar aspectos de uma questão tão dos nossos dias; basta que se recorde o aparecimento de Numa Pompílio de Castro, deputado pelo Estado de Sernambi, na tribuna da câmara, por esse tempo.

^{*}. Publicado em junho de 1911, no jornal *Gazeta da Tarde*.

Esse Numa, que ficou, daí em diante, considerado parlamentar consumado e ilustrado, fora eleito deputado, graças à influência do seu sogro, o Senador Neves Cogominho, chefe da dinastia dos Cogominhos que, desde a fundação da república, desfrutava empregos, rendas, representações, tudo o que aquela mansa satrapia possuía de governamental e administrativo.

A história de Numa era simples. Filho de um pequeno empregado de um hospital militar do Norte, fizera-se, à custa de muito esforço, bacharel em direito. Não que houvesse nele um entranhado amor ao estudo ou às letras jurídicas. Não havia no pobre estudante nada de semelhante a isso. O estudo de tais coisas era-lhe um suplício cruciante; mas Numa queria ser bacharel, para ter cargos e proventos; e arranjou os exames de maneira mais econômica. Não abria livros; penso que nunca viu um que tivesse relação próxima ou remota com as disciplinas dos cinco anos de bacharelado. Decorava apostilas, cadernos; e, com esse saber mastigado, fazia exames e tirava distinções.

Uma vez, porém, saiu-se mal; e foi por isso que não recebeu a medalha e o prêmio de viagem. A questão foi com o arsênico, quando fazia prova oral de medicina legal. Tinha havido sucessivos erros de cópias nas apostilas, de modo que Numa dava como podendo ser encontradas na glândula tireoide dezessete gramas de arsênico, quando se tratam de dezessete centésimos de miligrama.

Não recebeu distinção e o rival passou-lhe a perna. O seu desgosto foi imenso. Ser formado já era alguma coisa, mas sem medalha era incompleto!

Formado em direito, tentou advogar; mas, nada conseguindo, veio ao Rio, agarrou-se à sobrecasaca de um figura, que o fez promotor de justiça do tal Sernambi, para livrar-se dele.

Aos poucos, com aquele seu faro de adivinhar onde estava o vencedor — qualidade que lhe vinha da ausência total de emoção, de imaginação, de personalidade forte e orgulhosa —, Numa foi subindo.

Nas suas mãos, a justiça estava a serviço do governo; e, como juiz de direito, foi na comarca mais um ditador que um sereno apreciador de litígios.

Era ele juiz de Catimbau, a melhor comarca do Estado, depois da capital, quando Neves Cogominho foi substituir o tio na presidência de Sernambi.

Numa não queria fazer mediocrementemente uma carreira de justiça de roça. Sonhava a câmara, a Cadeia Velha, a Rua do Ouvidor, com dinheiro nas algibeiras, roupas em alfaiates caros, passeio à Europa; e se lhe antolhou, meio seguro de obter isso, aproximar-se do novo governador, captar-lhe a confiança e fazer-se deputado.

Os candidatos à chefatura de polícia eram muitos, mas ele, de tal modo agiu e ajeitou as coisas, que foi o escolhido.

O primeiro passo estava dado; o resto dependia dele. Veio a posse. Neves Cogominho trouxera a família para o Estado. Era uma satisfação que dava aos seus feudatários, pois havia mais de dez anos que lá não punha os pés.

Entre as pessoas da família, vinha a filha, a Gilberta, moça de pouco mais de vinte anos, cheia de prosápias de nobreza, que as irmãs de caridade de um colégio de Petrópolis lhe tinham metido na cabeça.

Numa viu logo que o caminho mais fácil para chegar a seu fim era casar-se com a filha do dono daquela “comarca” longínqua do desmedido império do Brasil.

Fez a corte, não deixava a moça, trazia-lhe mimos, encheu as tias (Cogominho era viúvo) de presentes; mas a moça parecia não atinar com os desejos daquele bacharelinho baço, pequenino, feio e tão roceiramente vestido. Ele não desanimou; e, por fim, a moça descobriu que aquele

homenzinho estava mesmo apaixonado por ela. Em começo, o seu desprezo foi grande; achava até ser injúria que aquele tipo a olhasse; mas, vieram os aborrecimentos da vida da província, a sua falta de festas, o tédio daquela reclusão em palácio, aquela necessidade de namoro que há em toda a moça, e ela deu-lhe mais atenção.

Casaram-se, e Numa Pompílio de Castro foi logo eleito deputado pelo Estado de Sernambi.

Em começo, a vida de ambos não foi das mais perfeitas. Não que houvesse rugas; mas, o retraimento dela e a *gaucherie*¹ dele toldavam a vida íntima de ambos.

No casarão de São Clemente², ele vivia só, calado a um canto; e Gilberta, afastada dele, mergulhada na leitura; e, não fosse um acontecimento político de certa importância, talvez a desarmonia viesse a ser completa.

Ela lhe havia descoberto a simulação do talento e o seu desgosto foi imenso porque contava com um verdadeiro sábio, para que o marido lhe desse realce na sociedade e no mundo. Ser mulher de deputado não lhe bastava; queria ser mulher de um deputado notável, que falasse, fizesse lindos discursos, fosse apontado nas ruas.

Já desanimava, quando, uma madrugada, ao chegar da manifestação do Senador Sofonias, naquele tempo o mais poderoso chefe da política nacional, quase chorando, Numa dirigiu-se à mulher:

- Minha filha, estou perdido!...
- Mas que há, Numa?
- Ele... O Sofonias...
- Que tem? que há? por quê?

1. Palavra francesa que significa pessoa “embaraçada”.

2. Referência à rua São Clemente, importante e valorizada localidade do bairro de Botafogo.

A mulher sentia bem o desespero do marido e tentava soltar-lhe a língua. Numa, porém, estava alanceado e hesitava, vexado em confessar a verdadeira causa do seu desgosto. Gilberta, porém, era tenaz; e, de uns tempos para cá, dera em tratar com mais carinho o seu pobre marido. Afinal, ele confessou quase em pranto:

— Ele quer que eu fale, Gilberta.

— Mas, você fala...

— E fácil dizer... Você não vê que não posso... Ando esquecido... Há tanto tempo... Na faculdade, ainda fiz um ou outro discurso; mas era lá, e eu decorava, depois pronunciava.

— Faz agora o mesmo...

— E... Sim... Mas, preciso ideias... Um estudo sobre o novo Estado! Qual!

— Estudando a questão, você terá ideias...

Ele parou um pouco, olhou a mulher demoradamente e lhe perguntou de supetão:

— Você não sabe aí alguma coisa de história e geografia do Brasil?

Ela sorriu indefinidamente com os seus grandes olhos claros, apanhou com uma das mãos os cabelos que lhe caíram sobre a testa; e depois de ter estendido molemente o braço meio nu sobre a cama, onde a fora encontrar o marido, respondeu:

— Pouco... Aquilo que as irmãs ensinam; por exemplo: que o rio São Francisco nasce na serra da Canastra.

Sem olhar a mulher, bocejando, mas já um tanto aliviado, o legislador disse:

— Você deve ver se arranja algumas ideias, e fazemos o discurso.



Gilberta pregou os seus grandes olhos na armação do cortinado, e ficou assim um bom pedaço de tempo, como a recordar-se. Quando o marido ia para o aposento próximo, despir-se, disse com vagar e doçura:

—Talvez.

Numa fez o discurso e foi um triunfo. Os representantes dos jornais, não esperando tão extraordinária revelação, denunciaram o seu entusiasmo, e não lhe pouparam elogios. O José Vieira escreveu uma crônica; e a glória do representante de Sernambi encheu a cidade. Nos bondes, nos trens, nos cafés, era motivo de conversa o sucesso do deputado dos Cogominhos:

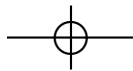
— Quem diria, hein? Vá a gente fiar-se em idiotas. Lá vem um dia que eles se saem. Não há homem burro — diziam —, a questão é querer...

E foi daí em diante que a união do casal começou a ser admirada nas ruas. Ao passarem os dois, os homens de altos pensamentos não podiam deixar de olhar agradecidos aquela moça que erguera do nada um talento humilde; e as meninas olhavam com inveja aquele casamento desigual e feliz.

Daí por diante, os sucessos de Numa continuaram. Não havia questão em debate na câmara sobre a qual ele não falasse, não desse o seu parecer, sempre sólido, sempre brilhante, mantendo a coerência do partido, mas aproveitando ideias pessoais e vistas novas. Estava apontado para ministro e todos esperavam vê-lo na secretaria do Largo do Rossio³, para que ele pusesse em prática as suas extraordinárias ideias sobre instrução e justiça.

Era tal o conceito de que gozava que a câmara não viu com bons olhos furtar-se, naquele dia, ao debate que

3. Localizado no centro da cidade do Rio.



ele mesmo provocara, dando um intempestivo aparte ao discurso do Deputado Cardoso Laranja, o formidável orador da oposição.

Os governistas esperavam que tomasse a palavra e logo esmagasse o adversário; mas não fez isso.

Pediu a palavra para o dia seguinte e o seu pretexto de moléstia não foi bem aceito.

Numa não perdeu tempo: tomou um tálburi, correu à mulher e deu-lhe parte da atrapalhação em que estava. Pela primeira vez, a mulher lhe pareceu com pouca disposição de fazer o discurso.

— Mas, Gilberta, se eu não o fizer amanhã, estou perdido!... E o ministério? Vai-se tudo por água abaixo... Um esforço... E pequeno... De manhã, eu decoro... Sim, Gilberta?

A moça pensou e, ao jeito da primeira vez, olhou o teto com os seus grandes olhos cheios de luz, como a lembrar-se, e disse:

— Faça; mas você precisa ir buscar já, já, dois ou três volumes sobre colonização... Trata-se dessa questão, e eu não sou forte. E preciso fingir que se tem leituras disso... Vá!

— E os nomes dos autores?

— Não é preciso... O caixeiro sabe... Vá!

Logo que o marido saiu, Gilberta redigiu um telegrama e mandou a criada transmiti-lo.

Numa voltou com os livros; marido e mulher jantaram em grande intimidade e não sem apreensões. Ao anoitecer, ela recolheu-se à biblioteca e ele ao quarto.

No começo, o parlamentar dormiu bem; mas bem cedo despertou e ficou surpreendido em não encontrar a mulher a seu lado. Teve remorsos. Pobre Gilberta! Trabalhar até àquela hora, para o nome dele, assim obscuramente! Que dedicação! E — coitadinha! — tão moça e ter que empregar o seu tempo em leituras árduas! Que boa mulher ele tinha!

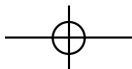
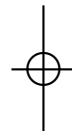


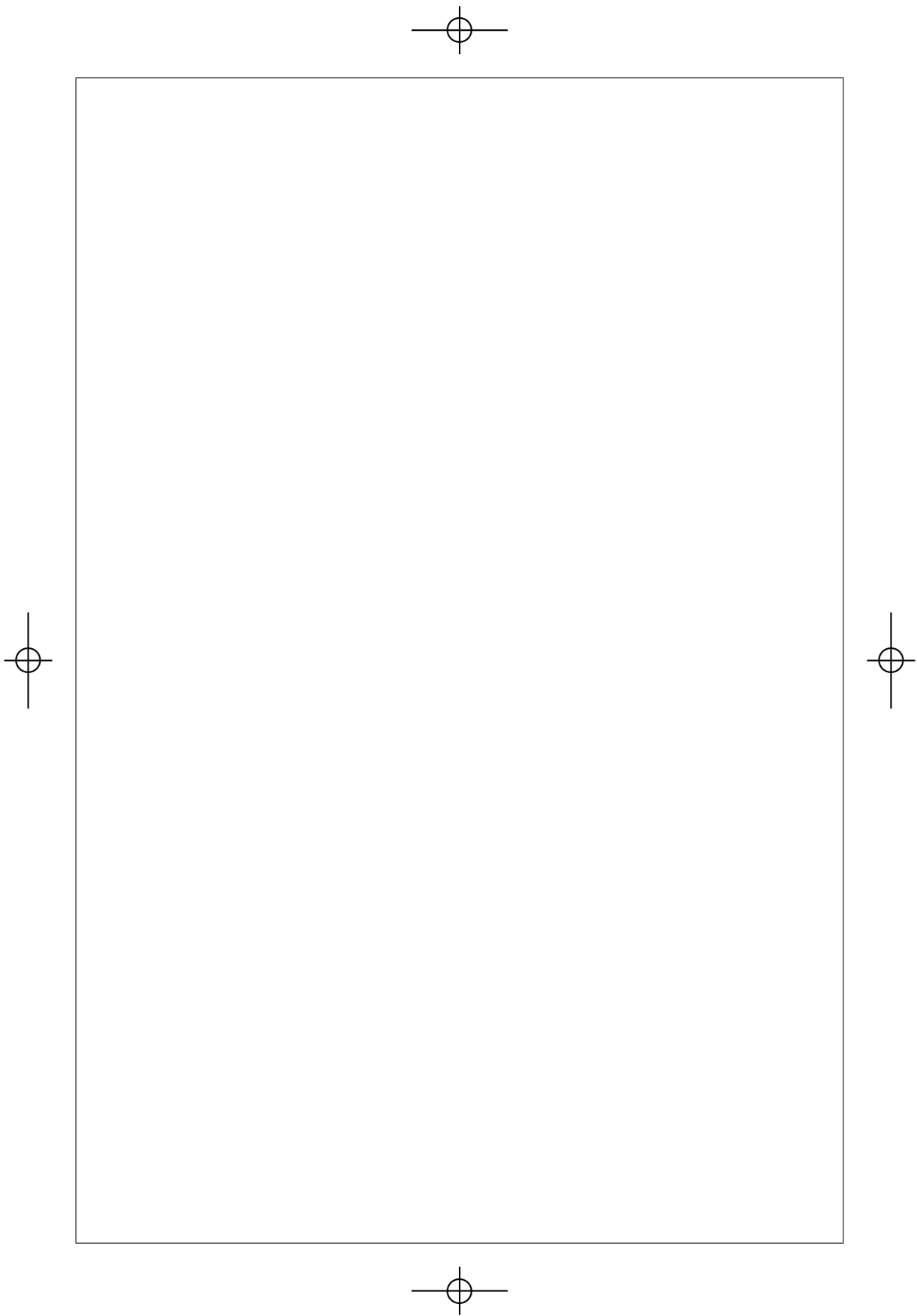
Não havia duas... Se não fosse ela... Ah! Onde estaria a sua cadeira? Nunca seria candidato a ministro... Vou fazer-lhe uma mesura, disse ele consigo. Acendeu a vela, calçou as chinelas e foi pé ante pé até ao compartimento que servia de biblioteca.

A porta estava fechada; ele quis bater, mas parou a meio. Vozes abaladas... Que seria? Talvez a Idalina, a criada... Não, não era; era voz de homem. Diabo! Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Quem era? Aquele tipo... Ah! Era o tal primo... Então, era ele, era aquele valdevinos, vagabundo, sem eira nem beira, poeta sem poesias, frequentador de chopos; então, era ele quem lhe fazia os discursos? Por que preço?

Olhou ainda mais um instante e viu que os dois acabavam de beijar-se. A vista se lhe turvou; quis arrombar a porta; mas logo lhe veio a ideia do escândalo e refletiu. Se o fizesse, vinha a coisa a público; todos saberiam do segredo da sua “inteligência” e adeus câmara, ministério e — quem sabe? — a presidência da república. Que é que se jogava ali? A sua honra? Era pouco. O que se jogava ali eram a sua inteligência, a sua carreira; era tudo! Não, pensou ele de si para si, vou deitar-me.

No dia seguinte, teve mais um triunfo.







Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas oficinas,
em 12 de fevereiro de 2021, em tipografia Formular e Libertine, com
diversos softwares livres, entre eles, Lua^ATeX, git & ruby.

